

TÁCITO BORRALHO
BENE MARTINS

TEATRO DO NORTE DO BRASIL

(V.1) COLETÂNEA
TEATRO DO MARANHÃO



EDUFMA

TÁCITO BORRALHO
BENE MARTINS

TEATRO DO MARANHÃO DO NOVO BRASIL

(V.1) COLETÂNEA
TEATRO DO MARANHÃO



TÁCITO BORALHO
BENE MARTINS

TEATRO DO NORTE BRASILEIRO

**COLETÂNEA TEATRO DO MARANHÃO
VOLUME I**



2019

Copyright © 2020 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatíel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Esnel José Fagundes
Profa. Dra. Inez Maria Leite da Silva
Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha
Profa. Dra. Andréa Dias Neves Lago
Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima
Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire
Prof. Me. Cristiano Leonardo de Alan Kardec Capovilla Luz
Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos
Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi

Coordenação Editorial – Tácito Borralho & Bene Martins

Produção Editorial – Bene Martins & Alana Lima

Projeto Gráfico – Bene Martins & Alana Lima

Capa – Anderson Araújo e Ruid Oliveira

Diagramação – Bene Martins & Alana Lima

Revisão de textos – Tácito Borralho & Bene Martins

Ficha catalográfica – Larissa Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

T253t

Teatro do norte brasileiro [E-book]: coletânea teatro do Maranhão / Tácito Borralho e Bene Martins, organização. – São Luís: EDUFMA, 2019.
279 p. : il. – (Coleção Teatro do norte brasileiro; v. 1).

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-7862-932-8 (E-book)

1. Teatro brasileiro - Maranhão. 2. Teatro (Literatura) - Maranhão. 3. Dramaturgia - Maranhão. I. Borralho, Tácito (org.). II. Martins, Bene (org.). III. Título. IV. Série.

23. ed. CDD 792.098121

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585



Cidade Universitária Dom Delgado
Editora da Universidade Federal do Maranhão
Av. dos Portugueses, 1966 _ Vila Bacanga
65.080-805 – São Luís, MA - Brasil



COLETÂNEA

TEATRO DO MARANHÃO

VOLUME 1

CONSELHO EDITORIAL

Série Teatro do Norte Brasileiro

Márcio Souza (AM)
Bene Martins (PA)
Tenório Telles (AM)
João de Jesus Paes Loureiro (PA)
Nereide Santiago (AM)
Olinda Charone (PA)
Wlad Lima (PA)
Jorge Bandeira (AM)
Ananda Machado (RR)
Tácito Borralho (MA)
Romualdo Rodrigues (AP)
Roberto Ferreira (MT)

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO

Tácito Borralho (UFMA)
Bene Martins (UFPA)
Fernanda Areias (UFMA)
Américo Azevedo Neto (AML)
Lio Ribeiro (IFMA)
Wilson Martins (COTEATRO)

SOBRES OS ORGANIZADORES



TÁCITO BORRALHO

Poéticas Cênicas – Visuais e Performativas da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho; Pedagogias do Teatro e Ação Cultural da Universidade Federal do Maranhão. É membro do Conselho Editorial da MÓIN-MÓIN – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas.

Mestrado em Teatro (USP). Doutorado em Artes (USP). É professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Docente do Curso de Licenciatura em Teatro e dos programas de Pós-Graduação, PROFARTES – MA e PPGAC (Teatro). É dramaturgo, membro da Associação de Dramaturgos do Nordeste. Diretor Teatral. Dirige a Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO. Atua como interprete em Teatro, Cinema e TV. Avaliador de peças Teatrais e Roteiros. Coordena Projetos de Extensão na área de Teatro de Animação. É Comendador do Mérito Timbira (Estado do Maranhão). Participa dos Grupos de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônida – Construção de Acervo Dramatúrgico, da Universidade Federal do Pará;



BENE MARTINS

Dramatúrgico. Editora e revisora de textos. Organizadora da obra completa do dramaturgo Nazareno Tourinho/2014; da Coletânea teatro do Pará/2015; Memória 1 dos Seminários de Dramaturgia Amazônida (1 ao 6-2017); Memória 2-VII Seminário/2017; Memória 3-VIII Seminário/2018; Memória 4/2019; E-books: Atos de Escritura 1/ 2017; Atos de Escritura 2/2018; Atos de Escritura 3/2019.

Mestrado em Teoria Literária (UFPA); Doutorado em Letras (UFMG); Pós-doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa). É professora associada da Universidade Federal do Pará. Atua na Escola de Teatro e Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes. Tem experiência na área de Letras e Artes, com ênfase em Literatura, teatro e cinema, com os temas: memória, dramaturgia, aspectos culturais da Amazônia, trocas interculturais, produção textual para cena, leituras dramatizadas. Avaliadora de peças teatrais, roteiros. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônida: Construção de Acervo

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, ao escritor/dramaturgo Márcio Souza, criador do Projeto TEATRO DO NORTE BRASILEIRO, junto com a professora Bene Martins. Aos autores das peças que as disponibilizaram para publicação nesta coletânea. Aos artistas, pesquisadores, amantes do teatro em geral e em particular, ressaltar aqui a prestimosa colaboração de autores e pesquisadores como Jucey Santos, Inaldo Lisboa, Franklin Carneiro Neto, o jornalista Benedito Buzar (presidente da Academia Maranhense de Letras), Wilson Martins, Carlos Eduardo Marques, Raimundo Barbosa Reis Filho e Rogério Vaz da Silva que contribuíram mais proximamente com esta edição.

COLETÂNEA TETRO DO MARANHÃO (Volume 1)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (Tácito Borralho)	7
A FAMÍLIA DE PRAXEDES (1932)	9
Mariana Luz	
ELEIÇÃO NO INFERNO (1960)	13
Jamil Jorge	
LANCES DE SÁBADO (1983)	37
Fernando Moreira	
BENTO E O BOI (1980)	51
Ubiratan Teixeira	
TEMPO DE ESPERA (1975)	80
Aldo Leite	
RESPEITÁVEL PÚBLICO (2018)	89
Américo Azevedo Neto	
VIVA EL REI DOM SEBASTIÃO (1998)	106
Tácito Borralho	
VELA AO CRUCIFICADO (1976)	133
Wilson Martins	
ALVOROÇO NO PALÁCIO (2007)	147
Lio Ribeiro	
TOILET (2007)	168
Charles Melo	
O FAROL MARANHENSE (2018)	189
Inaldo Lisboa	
ATENAS: MUTUCAS, BOI E BODY (2016)	221
Lauande Aires e Igor Nascimento	
GAROTO PROPAGANDA (2017)	259
Igor Nascimento	

APRESENTAÇÃO

Convidado pela Profa. Dra. Bene Martins¹ a colaborar com o projeto de pesquisa *Construção de Acervo Dramatúrgico* e a coleção *Teatro do norte brasileiro*² me propus a organizar a *Coletânea Teatro do Maranhão* (V. 1), saí em campo em busca de textos de autores maranhenses, (dramaturgos já falecidos e os que ainda produzem), procurando apresentar um material de qualidade e seguindo uma ordem cronológica quase precisa.

É necessário ressaltar que a presente coletânea não pretende incluir os dramaturgos clássicos maranhenses como Gonçalves Dias, Coelho Neto, Arthur Azevedo, Alfredo Brito, Américo Garibaldi de Azevedo, Antônio Rego, Augusto Brito, Bandeira Tribuzzi, Ferreira Gullar, Hugo Leal, Joaquim Serra, Josué Montello, Catulo da Paixão Cearense, Viriato Correia, dentre outros, cujas obras estão consagradas em publicações diversas.

Para minha surpresa, alguns dos mais famosos autores da dramaturgia popular do Estado (aqueles que se dedicaram a escrever sem nenhuma pretensão de eruditismo), não têm livros publicados e seus acervos de memória não são disponibilizados pelas famílias, porque seus descendentes já não residem mais no Maranhão ou por que não possuem nenhum texto, ou mesmo por não se prestarem a colaborar.

Estarão ausentes desta coletânea (volume 1), autores cujos textos poderão ser encontrados, com um pouco mais de paciência, como João Mohana, Camélia Viveiros, Bibi Geraldino, dentre outros. Mas levantamos nomes de dramaturgos da maior importância e continuaremos em busca dos seus textos.

Em uma sua coluna no *Jornal o Estado do Maranhão*, certa vez o acadêmico maranhense, escritor Joaquim Itapary escreveu:

É certo que ao longo do dia-a-dia da dramaturgia maranhense tem surgido texto de bom arcabouço. O “Sótão” de Ivan Sarney, “A Fábrica” de Fecuri

¹Professora pesquisadora da Universidade Federal do Pará. Atua na Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) e no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES). Doutorado em Letras (UFMG); Pós-doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa-PT). Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônica: Construção de Acervo Dramatúrgico.

²Coleção proposta por Márcio Souza e Bene Martins, para reunir e publicar Coletâneas de cada estado da região Norte. A primeira coletânea publicada foi: Teatro do Pará, v. 1, org. por Bene Martins e Zeffa Magalhães. Manaus: Reggo, 2015. A segunda, Teatro do Maranhão, v. 1, org. por Tácio Borralho e Bene Martins, 2019, em formato e-book.

Hellui, os textos escritos por Tácito Borralho, para a riquíssima fase inicial do Laborarte, são momentos de coruscante presença.

É certo, também, que se alguém, algum dia, voltar a escrever a história da dramaturgia maranhense (1), registradas serão as presenças de Dagmar Desterro, Jamil Jorge, Ivaldo Coimbra, José Bernardo Belo Tajra, Carlos Cardenas, José Bento Neves (que andou recebendo recentemente um prêmio literário da SCAM, com seu delicado ato *Amor de Abajur*), Kleber Fernandes, Assis Garrido, José Brasil, entre outros. Mas, os grandes e densos capítulos irão ficar mesmo com João Mohana, Fernando Moreira (desde que Arthur Azevedo é considerado carioca) e este precioso e inconfundível Aldo Leite (ITAPARY, 2008).

Parece que Itapary já se preocupava com a necessidade de se providenciar um registro dessa produção dramatúrgica e é o que pretendemos para um segundo volume. Neste agora, um desenho cronológico da dramaturgia maranhense, com espaços a ser preenchidos, é verdade, mas com um apanhado substancial da produção de escrituras teatrais.

A mostra selecionada para esta edição apresenta 13 textos, dentre os quais, os mais antigos são de autores nascidos em 1871, 1916, 1930, 1931, 1941, 1943. Sendo completada por textos de autores nascido em datas mais recentes. Convém informar que as datas listadas juntamente com a obra, correspondem ao ano em que elas foram escritas.

Vale ressaltar que esta coletânea não esgota a produção de outros tantos dramaturgos (as) maranhenses, o que indica a necessidade de outros parceiros para a busca e elaboração de outros volumes. Fica a registro e o convite!

Tácito Borralho

A FAMÍLIA DE PRAXEDES

(1932)

Mariana Luz

(Ambientada em Itapecuru-Mirim nos anos 30. Convívio familiar, austero, com características de comédia, tendo o pai como figura central).

PRAXEDES – o pai.

QUITÉRIA – a mãe.

JUSTINA – a cunhada solteira.

CLOTILDE E BELINHA – as filhas.

DONA COTINHA – a vizinha fofoqueira.

DONA COTINHA – Bom dia, vizinhas, as meninas já me falaram do grande baile que vocês vão dar. Vai ser uma maravilha. É só no que se fala em Itapecuru.

QUITÉRIA – Bons olhos a vejam, as meninas estão tentando convencer Praxedes...

DONA COTINHA – Ah! Você tem um marido exemplar, não é destes que se ver por aí, que não honram os compromissos de pai de família. Imagine que aquele nosso novo vizinho, só chega em casa de madrugada, e as filhas? Nem me fale, vivem com as caras tão pintadas que mais parecem macacas.

QUITÉRIA – Ah! Não tenho de que me queixar da sorte: meu marido é uma jóia, sempre bondoso, satisfaz todos os meus caprichos.

DONA COTINHA – Ele sempre foi assim. Um lar assim é invejável *(levantando-se)*. Quisera que os outros seguissem seu exemplo... Sinhá! Vamos: está ficando tarde, e teu pai já deve estar impaciente. Até depois de amanhã. *(Dirigindo-se à Justina)* e você que cor comprou seu vestido?

JUSTINA – Qualquer cor serve. Eu não virei às aulas, ficarei tomando conta da copa, se Quitéria concordar.

QUITÉRIA – Justina foi sempre retraída e pouco gostou de bailes.

BELINHA – Não foi como mamãe? Que se casou aos 13 anos.

DONA COTINHA – Nossa! Que Precocidade! Que assanhamento *(Fala Dona Cotinha a Sinhá, depois dos abraços)*. No nosso tempo...

PRAXEDES – (*Dirigindo-se a Quitéria*). Que invenção é esta de fazer festas? Agora me diga uma coisa: onde irei buscar dinheiro para pagar tantas despesas e encher a barriga de vagabundos? É tudo invenção sua! Que só pensa em vaidade.

QUITÉRIA – (*Cruzando a perna*). Mexa-se nos bolsos. O que o senhor faz com seu dinheiro?.

BELINHA – Papai, que linguagem! Que confusão é essa?

QUITÉRIA – É linguagem de caixeiro. É o que ele é. É um grosso.

PRAXEDES – (*Zangado*). Senhora, não me faça subir e mostrar o que fiz, senão não responderei pelo que possa acontecer, entendeu? Você não soube dar educação a seus filhos, e fico trabalhando feito burro de carga. A senhora é uma incompetente, inútil.

JUSTINA – O lar invejável...

CLOTILDE – Ó! Tia Justina, a senhora torna-se insuportável com seus apartes.

JUSTINA – Bem, neste caso retiro-me. (*Sai*). Resolvam vocês.

BELINHA – Amanhã iremos buscar os 15m organza na loja do Wady Fiquene e levá-los logo à costureira. (*Batendo no ombro do pai*). Mas não iremos sem os cobres, meu velho, tutu na mão aqui, ó! (*Mostrando a mão*).

CLOTILDE – E ainda precisamos de batom, *rouge* e esmalte.

QUITÉRIA – Não tem pra onde correr, mexa-se seu Praxedes, quem não pode com o pote...

BELINHA – Não põe a rodinha na cabeça. (*Neste momento sai, põe a mão à testa e grita*). Papai, o Juquinha tirou o seu chapéu novo, encheu de água e está arrastando pelo assoalho, dizendo: de quem é esse caminhão?

PRAXEDES – (*Apertando a cabeça entre as mãos*). Meu Deus! O que é isto? Será possível que o inferno se abriu e vomitou contra mim? Isto não é vida, é um inferno! Se eu tivesse me casado com a Justina, não viveria tão atormentado, porque ela, sensata como é, saberia educar os filhos e dirigir a casa.

QUITÉRIA – Está arrependido? E por que não se casou com ela? Por que me preferiu?

PRAXEDES – Por que a senhora, apesar dos seus 13 anos, era um verdadeiro corisco de saia. Agora ouçam o que vou dizer, mas é preciso que a Justina esteja presente. (*Chama-a*).

JUSTINA – (*Aparecendo à porta*). Chamaram-me?

PRAXEDES – Sim, chamei-a para que ouça o que vou dizer. A minha resolução é irrevogável. Vou viajar, sem rumo certo e o céu terá piedade de mim. Reconheço-me culpado porque como homem de negócios, passava a maior parte do tempo no escritório

e no armazém, não cuidando da educação dos meus filhos, entreguei a direção da casa a uma criatura irresponsável e leviana como é minha mulher.

QUITÉRIA – (*Vivamente*). Protesto!

PRAXEDES – (*Autoritário*). Cale-se. Como vêem, os meus filhos não me tratam com o devido respeito; em minha casa reina a discórdia e a anarquia, e assim resolvi a pôr em prática a minha resolução: vou viajar por tempo indeterminado, talvez seja mais feliz entre estranhos, do que entre os meus que tanto me têm amargurado a vida!

CLOTILDE – (*Para Belinha*). Não fala! O papai está nervoso?

BELINHA – Te cala, minha irmã, eu não sei o que está sentindo teu coração. Vai com calma.

JUSTINA – Cunhado, não aprovo a sua resolução. Nunca é tarde para se cumprir um dever. Pense no que vai fazer, o Venâncio é desajuizado, não dará conta da direção da casa. A educação moderna que infelizmente é adotada em muitos lares é a causadora de todo esse mal. Os adeptos dessa inovação taxam de ridícula educação antiga, sem se lembrarem que é a base da verdadeira felicidade. Aonde vão os tempos e dias em que os filhos pela manhã, beijavam a mão de seus pais que os abençoavam com tanto amor e carinho? Na hora suave do Ângelus quando toda a criação parece reconhecer um poder supremo, curvam humildemente a frente implorando uma graça ao céu com uma prece. As moças de hoje não rezam. Ou não sabem ou tem vergonha.

PRAXEDES – Reconheço a verdade em todas as suas palavras, cunhada, mas a minha resolução é irrevogável. Só um milagre poderá mudar. É impossível que esse baile seja levado a efeito e sua irmã não é da minha opinião.

JUSTINA – (*Sentando-se ao lado de Quitéria e abraçando-a*). Vamos, querida, lembro muitos de nossos pais, que bem e souberam criar os seus filhos. Lembra-se? Eu era mais velha e com apenas 12 anos, era chamada “*Refugium precatória*”, tudo resolvia evitando os castigos. Já lá se vão 25 anos. Ah! Choras? Então não está tudo perdido. Enxuga as lágrimas e diz ao Praxedes que uma nova aurora surgiu em vosso lar.

BELINHA – (*Aproximando-se*). Titia, a senhora é um anjo, deixe-me a beijá-la. (*Beija-a*).

CLOTILDE – Titia, o que acaba de passar-se aqui, reconheço que a senhora salvou o nosso lar! Que Deus a abençoe (*Beija-a*).

PRAXEDES – Reconheço tudo isso, mas como obstar a realização desse baile sem nos prejudicar?

QUITÉRIA – (*Aproximando-se carinhosa*). Direi que estou doente e... (*Neste momento o carteiro entrega um telegrama*).

PRAXEDES – (*Lendo o telegrama*). Meu Deus! Como sois sábios em vossos desígnios! Meu mano Luiz atacado de congestão está mal. Viajarei amanhã, para vê-lo. Realiza-se a viagem. Agora sinto que nova existência desperta para nós (*Pegando nas mãos da mulher*). Não é verdade, querida?

QUITÉRIA – Sim, meu amigo, e saberás desculpar e esquecer todas as amarguras que te causei. Sim?

CLOTILDE E BELINHA – E nós, com os conselhos e os bons exemplos da tia Justina prometemos nos tornar senão perfeitas pelo menos... Menos imperfeitas.

Fim

ELEIÇÃO NO INFERNO

(1960)

Jamil Jorge

(Sátira política)

(Três atos e três quadros).

PERSONAGENS

LÚCIFER – presidente do inferno

LUCIFERINA – esposa do Lúcifer

DEMÔNIO – ministro geral

SATANÁS – ministro de relações públicas

CAPETA – diabo vagabundo

MANECA – alma homossexual

ROSINHA – alma

MOCINHA – alma

POETA – alma alcoólatra

POLÍTICO – alma

JORNALISTA – alma

ESPIRITUALISTA – alma médium

(Guarda-roupa: diabos com roupas escuras, rabos e chifres, descalços, Lúcifer de paletó e gravata, sapato e bigode sem barba. Algumas com roupas brancas descalças ou de tênis branco).

(Cenário único: fundo preto, chamas e fumaça, móveis rústicos).

Nota: as palavras que se denominam PALAVRÕES, na imagem dos mal-intencionados, fazem parte do nosso dialeto e constam em todos os dicionários brasileiros).

PRIMEIRO ATO

(Começa com foco de Lúcifer em 100% e geral vermelho em resistência).

LÚCIFER – *(Sentado na sua poltrona de rei).* – Pois é, meu caro demônio. Aqui no inferno está duro desse roer. Depois dos nossos adversários, sem expressão, andam dizendo por aí que não ligo para nada. Que só quero invejar os brasileiros que, só gostam de “sombra e água fresca” ...

DEMÔNIO – Tudo é despeito e inveja, Exa. Mesmo – é uma hipótese – Vossa Exa. Não fazendo nada está melhor do que os mandões de lá da Terra, onde os maiores buracos estão nos bolsos dos seus dirigentes. V. Exa. Ainda faz muito conceder aposentadoria para os vagabundos.

LÚCIFER – Veja só, meu caro Demônio, os nossos adversários têm o cinismo de se queixarem do custo de vida. Enquanto no Brasil cortam os ZEROS, nós aumentamos para valorizar a nossa moeda. Lá já foi mil reais, pataca, vintém, cruzeiros, cruzados, centavos etc.etc. – Aqui no inferno só adotamos BRASA e FAGULHA. Desde quando fomos expulsos do céu. A nossa inflação não passa de 0,0. Aqui não se remarcar mercadoria e nunca faltou luz e nem água. Não temos um órgão como o SUNAB que o governo paga para enganar o povo. A constituição recente foi feita durante um ano ou mais, para não ser cumprida. A nossa foi feita em um minuto e, com um só capítulo: “o poder emana do povo” e o de lá é “o poder mana do povo”. (*Risos*)

DEMÔNIO – É isso mesmo, Exa. A medida do T nunca enche.

LÚCIFER – Até o nosso prefeito reclama que as verbas que dou à prefeitura não vale um peido.

DEMÔNIO – São insaciáveis. Se ao menos aplicassem as verbas. Mas não. Só querem é... (*Mete a mão no bolso*).

LÚCIFER – O único defeito do nosso povo, principalmente, dos políticos, é querer imitar os costumes dos humanos, principalmente, da América latina, onde os “ratos” são os mais privilegiados.

DEMÔNIO – Imagine, Exa. Que até o nosso delegado de Polícia se queixa de não ter nascido humano. Porque ele acha que, como delegado no Brasil, podia fazer fortuna à custa de ladrões, peritos em assaltos...

LÚCIFER – (*Rindo*). Ora, Demônio, se houvesse justiça no inferno, nem nós escaparíamos. Bem, meu fiel ministro, mudemos de assunto (*Levantando-se*). – Vou confiar ti uma missão secreta que, é muito importante para o nosso partido e, principalmente, (*Rindo*) para o nosso povo.

DEMÔNIO – As suas ordens serão cumpridas Exa. Ao pé da letra.

LÚCIFER – É o seguinte: você já tem dado provas de muita capacidade política, e sei que todos os teus trabalhos, até o momento, têm sido positivos, sem nenhuma falha. Você é de minha inteira e restrita confiança.

DEMÔNIO – Bem que V. Exa. Reconhece a minha eficiência. E fico grato por isso. V. Exa. É como se fosse um pai para mim.

LÚCIFER – (*Sorrindo e debochando*). – Quem sabe... (*Demônio ri*). Olha, eu não sou Cafeteira, lá do Maranhão, mas te prometo que se eu ganhar as próximas eleições, você vai ser o meu ministro de finanças.

DEMÔNIO – Que Deus não nos ouça! Vai ser uma dupla excelente, Exa. – (*Um pouco triste*). – Até que não era mal... Mas o que eu queria não era isso.

LÚCIFER – O que querias, fala.

DEMÔNIO – Eu queria uma licença e ir me encarnar em Cuba num recém-nascido que fosse do gênero feminino.

LÚCIFER – De mulher?

DEMÔNIO – Lá em Cuba as mulheres têm mais prestígio do que os homens.

LÚCIFER – Não pense tolice. Olhe, por mais que a mulher tenha prestígio, sempre “anda por baixo”. Se encarne num corpo masculino e escolha outro país.

DEMÔNIO – Bem, vou seguir o conselho de V. Exa. Neste caso vou preferir o Brasil, da malandragem.

LÚCIFER – Brasil, por quê?

DEMÔNIO – Porque para ser ladrão lá não é preciso fazer vestibular. O cara já nasce feito. Ali não tem pena de morte. Quem mata só vai para a cadeia se for preso na hora do crime. O ladrão rico é considerado “um elemento da fina sociedade”. Os honestos são taxados de comunistas; quem não se vira é burro e o vigarista é considerado um sabidão!

LÚCIFER – Vou te dar um conselho. Eu vou te permitir uma temporada lá na Terra, mas deixa essa mania de querer ser mulher. Mulher, principalmente no Brasil, sofre mais do que “sovaco de aleijado”. Você vai nascer no Maranhão, e vai ser um poeta, até o “tirador de caranguejo” é.

DEMÔNIO – Não tenho vocação, chefe.

LÚCIFER – Lá não é preciso ter vocação. Basta viver no porre, sonhar com a lua, com as estrelas, ser funcionário público só para assinar o ponto.

DEMÔNIO – Eu só quero que V. Exa. Me prometa uma coisa.

LÚCIFER – Qual é essa coisa?

DEMÔNIO – Que o meu lugar de ministro fique garantido, quando eu voltar.

LÚCIFER – O lugar será teu. (*Pausa*) – mas vamos ao que interessa. (*Com a mão sobre os ombros do Demônio*). – Olhe, lá no Brasil as coisas não vão bem. O presidente está sempre prometendo baixar o custo de vida que está pelo “olho da cara”. O arrocho salarial está acabando com os trabalhadores que, foram obrigados a suprimir de suas

refeições até o feijão que era um prato popular e hoje entrou para o cardápio dos marajás. A carne, por intermédio da SUNAB, a maior “quadrilha” maranhense, só é consumida por aqueles que têm o “ganhador aberto”, isto é, pelos falsos salvadores da pátria. Muitos senadores, deputados, ministros querem ver a caveira do presidente. Esse pobre homem inventou tudo o que pode, OTN, URL, PACTO, CRUZEIRO VELHO, NOVO etc. etc. E o coitado, convicto, vai a imprensa, a televisão e ao rádio dizer ao povo que está acabando com a pobreza. Foi a única verdade que ele disse na vida: a pobreza, de fato, está se acabando, morrendo de fome.

DEMÔNIO – Coitado do bigodão. Talvez, chefe, com a nossa ajuda ele consiga se livrar da arapuca em que se meteu.

LÚCIFER – Olha, Demônio, é como diz o ditado rasteiro: “não há cú de peruana que dê jeito”. Vamos ao que importa. Quero de você o seguinte. Tenho notado que no céu, segundo nosso agente secreto, tem entrado mais alma do que aqui no inferno. O nosso recenseamento está murchando e isso inflaciona o nosso mercado turístico. Você desce lá no Brasil, onde tem mais gente sem vergonha e provoque muitas mortandades, por atropelamento, assassinatos, envenenamentos, afogamentos etc. Só de pessoas que merecem a nossa eterna hospedagem. Nada de grã-finos que só querem “botar banca”, como se isto aqui fosse o “cú da mãe Joana”.

DEMÔNIO – Cumprirei as suas ordens, Exa.

LÚCIFER – Ah, ia me esquecendo, mande para cá uma daquelas. (*Gesto com a mão*) – Quero mudar de paladar.

DEMÔNIO – Duas, chefe. Eu, também, sou diabo.

LÚCIFER – Não se preocupe. “Onde come um, comem dois”. Agora traga à minha presença aquele marica que você me falou.

DEMÔNIO – É já. (*Concentra-se e balbucia algumas palavras, suspira e diz*). – Está chegando, chefe.

LÚCIFER – Chame, também, Luciferina, a minha esposa. (*Demônio faz a mesma cena anterior*).

DEMÔNIO – Pronto, chefe, estão chegando.

LUCIFERINA – (*Entrando*). – Estou às suas ordens. (*Dá um beijo em Lúifer e se senta no colo dele*). (*Capeta que entrou, fica de lado espetando vez para falar, cheio de gestos feminismos*).

LÚCIFER – Mande te chamar, meu bem, para pedir-te uma coisa.

LUCIFERINA – O que é que tu pedes que eu não dou?

LÚCIFER – Há um ditado, meu bem, que diz “um diabo prevenindo vale por dois”.

LUCIFERINA – Isso é verdade.

LÚCIFER – Sendo assim... A coisa que eu quero te pedir é...

LUCIFERINA – Não é preciso pedir, bem. Quem manda em mim és tu. E mais ninguém.

LÚCIFER – Eu sei que somos casados com separação de bens. Eu posso jurar por todo o fogo do inferno que não se trata de ciúme. É que não estou gostando de tuas intimidades com aquele turco, que chegou a pouco da Itália. Tu sabes, meu bem, que eu não quero ter mais chifres além desses dois na minha cabeça. Se fosse com outro, filho da nossa terra, eu não fazia questão. Tu sabes disso. Além do mais, quando eu arrumo um “extra” ...

LUCIFERINA – Não se fala mais nisso. Pronto. (*Beijando-o*). – Vou mandar o turco “jantar batatas”.

LÚCIFER – Sabes o que, também está me preocupando?

LUCIFERINA – O quê?

LÚCIFER – Poucas almas estão vindo para o inferno. Eu nos posso me conformar. Eu sei que a crise reina em muitos países e está morando muita gente. Estou desconfiado que muitas almas estão indo para o Céu clandestinamente. Será que Deus, sabido como é, mandou uma mensagem à Terra dando anistia aos pecadores, aos criminosos, aos salteadores e aos políticos que arruinaram as suas pátrias? Ou será que São Pedro está recebendo gorjeta para dar passagem aos que deveriam vir para cá?

LUCIFERINA – Como podes desconfiar disso?

LÚCIFER – Olha, luciferina, só no Brasil, terra de desnutridos, deveríamos receber, diariamente, cerca de mil almas. As notícias que nos chegam de lá é que muita gente lá tem morrido de fome, de febre amarela, de tuberculose, de desidratação, enforcados etc. e tal. E para onde vão essas almas?

LUCIFERINA – Aí tem jabotonga! (*Mudando*). – Bem, querido, deixa essa conversa para depois. Vamos falar de nossas eleições. Você vai se candidatar novamente?

LÚCIFER – Vou, sim. Quero que você continue a ser primeira dama do inferno. Só tenho receio de uma coisa.

LUCIFERINA – De que, meu amor?

LÚCIFER – (*Dando um beijo em Luciferina*). – Aqui temos, no inferno, as maiores colônias terrestres, que são Brasil, e Argentina. A maioria das almas do Brasil foi de políticos. Como tu sabes, a nossa lei permite estrangeiros se candidatarem. E se

alguns, ao menos um, tiverem essa pretensão estou fudido. Vai ser uma merda. Lá do outro lado a democracia não “é flor que se cheire”. Dizem os abelhudos que a alma de um famoso brasileiro, que entrou no céu sem passaporte, se candidatou a santo e a sua vitória foi expressiva. Prometeu fazer do céu um novo paraíso, como prometia na vida terrestre e até agora aquele lugar é tombado como patrimônio universal.

LUCIFERINA – Mas os teus métodos são outros. Prometes, mas não diz quando vais cumprir. (*Riem*). Olha, meu bem, eu te aconselho, procura um aliado brasileiro vivo e ele te orientará como se ganha uma eleição... honestamente (*Riem*).

DEMÔNIO – (*Que estava ao lado lendo um jornal vai à porta e traz o Capeta*). – B, chefe, aqui está o... (*Faz gesto com a mão*).

LÚCIFER – (*Ao Capeta*). – Aproxima-te.

LUCIFERINA – Bem, já vou indo. Até logo, querido. (*Se beijam e depois sai*).

LÚCIFER – (*Ao Capeta*). – Como é o teu nome, moleque?

CAPETA – Faísca. Na intimidade Capetinha.

LÚCIFER – Tua profissão?

CAPETA – Interessa?

LÚCIFER – Pelos gestos já sei.

CAPETA – Hum! Que mal tem isso? Foi Deus quem quis.

LÚCIFER – Cala a boca. Deus não manda nos meus habitantes. Você está como a gente lá da terra. Qualquer mal feito, “foi Deus quem quis”.

DEMÔNIO – (*Interrompendo*). – Exa. peço permissão para me retirar. Está quase na hora de minha viagem.

LÚCIFER – Vá e seja bem-sucedido. Quando voltares, tenho uma missão importante para você na Terra. E não se esqueça de minha encomenda! (*Gestos com a mão*).

CAPETA – (*Rebolativo*). – Pra que trazer de fora, se temos a “prata de casa”?

LÚCIFER – Não se meta onde não é chamado.

CAPETA – (*Batendo na boca*). – Não tá aqui mais quem falou.

DEMÔNIO – Fecha essa boca. S. Exa. Só gosta de coisas importantes.

CAPETA – Eu, hein?

LÚCIFER – Diz, o que você faz aqui no inferno?

CAPETA – Hum! Tu quer saber demais!

LÚCIFER – (*Alterando a voz*). – Respeite, moleque. Não me chama de tu. Eu sou o presidente desta porra.

CAPETA – Ainda mais esta. Olhe mocinha, o senhor não sabe com quem está faltando. Se tu pensas que eu sou como as outras que não pode ver um diabo de rabo grande, tá enganado.

LÚCIFER – Cria vergonha. Não sei onde estou que não te faço levar uma surra e te meter num xadrez só de marginais da tua espécie.

CAPETA – Mande meter. Meta. Pode meter. Pior eu tenho agüentado sabe Deus como.

LÚCIFER – Não me fale nesse nome aqui.

CAPETA – Desculpe. Eu também estou zangado com Ele, nem sabe o que perdeu.

LÚCIFER – Não quero saber. Ele é Ele. Eu sou eu. Comigo gemeu pau comeu.

CAPETA – Boas falas.

LÚCIFER – (*Gritando*). – Cala a boca já disse.

CAPETA – (*Batendo na boca*). – Cala-te boca.

LÚCIFER – Vou dar ordens ao meu Delegado acabar com a tua raça aqui no inferno.

CAPETA – Eu duvido-de-o-dó! Logo quem...

LÚCIFER – (*Levantando-se*). Será que o Cartão?

CAPETA – Tomara que o Sr. Saiba... Ele me adora!

LÚCIFER – Casado! Tem filhos! Não é possível!

CAPETA – O que tem o cu com as calças? Olhe, seu coisa, lá na minha zona tem diabo casado, com muitos filhos e tem filiais e agências em muitos lugares no inferno. Eu estou por dentro: quando há acordo entre marido e mulher, podem se virar de qualquer maneira.

LÚCIFER – (*Paga o Capeta pelo braço e levá-lo até a porta*). – Vou mandar te dar uma surra de pau até você desmaiar.

CAPETA – Iche! Ainda não existe pau para me fazer desmaiar.

LÚCIFER – Vamos! Vai fora, antes que eu me arrependa.

CAPETA – Olhe, cheiroso, quem “acaba com orgulho é coceira”. (*Sai*).

LÚCIFER – Aqui no inferno não se respeita mais. Deram para invejar tudo o que se faz lá embaixo.

SATANÁS – (*Entrando*). Preciso muito falar com V. Exa.

LÚCIFER – Já sei. É fuxico!

SATANÁS – Não é fuxico Exa. Como seu fiel ministro, quero lhe contra o que eu vi.

LÚCIFER – Contar o que Satanás?

SATANÁS – (*Olhando de lado para o outro*). – É sobre a esposa de V. Exa.

LÚCIFER – O que houve com a minha esposa?

SATANÁS – Eu vi a sua esposa entrar num motel, na rua do Fogo, ontem às onze horas da noite.

LÚCIFER – Ia sozinha?

SATANÁS – Ia com a minha esposa, acompanhada de duas almas masculinas da Terra.

LÚCIFER – E o que fizeste com a tua esposa?

SATANÁS – Nada.

LÚCIFER – Nada, como?

SATANÁS – O que V. Exa. Queria que eu fizesse?

LÚCIFER – Eu não queria nada. E o que você queria que eu fizesse com a minha?

SATANÁS – Pelo menos...

LÚCIFER – Olha Satanás, o que a minha esposa está fazendo faz parte de minha campanha eleitoral. E você sabe que aqui no inferno, isso de adultério não tem sentido. Isto é um preconceito que está se extinguindo por todos os países civilizados do mundo. O mal de tua esposa foi não te dizer nada. E mete na tua cabeça, a mulher diabólica, conforme os nossos costumes, quando vai trepar com diabo qualquer, se não combinar com o marido, é considerada infiel. Estes dois chifres que carregamos na testa não é por enfeite. É um emblema sagrado.

SATANÁS – Isso tudo o que V. Exa. Está dizendo é pura verdade. Mas me diga uma coisa, Exa. Por que na Terra não usam chifres?

LÚCIFER – Em muitos países ainda usam..., mas escondidos mentalmente. Só no Brasil não usam mais. Foram abolidos pela Nova constituição. O direito dos casais é igual. O marido, na nova lei, perdeu o direito de ser cabeça.

Fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

(Começa geral vermelha + foco Lúcifer).

LÚCIFER – Daqui a alguns dias, meu caro demônio, vamos ter eleições para presidente. Sei que vou ter um candidato terrível, mas não tenho medo. Confio nos meus fiéis diabos. Com a campanha que eu estou fazendo, como fez Jackson Lago lá no Maranhão, prometendo “mundo e fundos” a minha vitória é certa. Tenho, também, a adesão das almas do Brasil. A última prévia que fizemos, basta três mil eleitores para esmagarmos o nosso adversário. Olhe, demônio. Mande fazer mais camisinhas para distribuir para os nossos correligionários e para o sexo feminino sunguinhas, mas com o fio dental na frente.

DEMÔNIO – O nosso adversário, Cancão, fez um comício ontem na “ZONA” que foi um fracasso. Só vendo! (*Lembre-se*). – Ah. Chefe, já ia me esquecendo. Já trouxe da terra a sua encomenda. Parece até com a Xuxa.

LÚCIFER – A vez dela chega

DEMÔNIO – Essa que está aí é um filé (*Pega na orelha*). Morreu de cesariana. Vou mandar entrar. (*Vai à porta e traz a menina, foco porta das almas*).

LÚCIFER – (*Olhando-a de cima para baixo*). – Vem cá, meu bichinho de coco. Senta-te aqui no colo do papaizinho. (*Beijos e abraços e ela brinca com os chifres de Lúcifer*).

ROSINHA – Vocês aqui têm o rabo bonito. Curto e grosso.

LÚCIFER – Ainda não vistes nada, meu bem. Aqui vais ter uma vida de rosa. Como é teu nome mesmo?

ROSINHA – Rosa! Mas me chamam de florzinha!

LÚCIFER – Leva essa florzinha para a minha casa. Diga para a minha esposa Luciferina que ela vai ser nossa hospede...

DEMÔNIO – Pois não, chefe.

LÚCIFER – Pois bem, minha Rosinha. Daqui por diante vai ser minha protegida. Vou te fazer a alma mais feliz do inferno. (*Com muito carinho*). Já que lá na Terra fostes uma vítima do destino. A minha esposa Luciferina é muito ocupada e você vai ajudá-la em tudo.

ROSINHA – Em tudo mesmo? Eu não sei como lhe agradecer. Olhe, lá na Terra, matava a fome de um batalhão de soldados. Eu era cozinheira do 5º batalhão Nacional.

LÚCIFER – Mas aqui, meu bem, você vai matar a fome só de um.

DEMÔNIO – Se fosse só eu, Exa. Ele não estava aqui agora. Eu “tentei” o médico que estava extraíndo o filho da barriga dela e o bisturi foi rasgar mais abaixo do umbigo, no carburador. Deu hemorragia e... pronto!

LÚCIFER – Coitadinha!

ROSINHA – Estou doida para tomar um banho. O calor está infernal.

LÚCIFER – Água, temos à vontade. Aqui não é como no Maranhão, onde morre muita gente de sede e suja.

DEMÔNIO – Chefe, vamos cuidar?

LÚCIFER – (*À Rosinha*). – Quando eu chegar de noite em casa, você vai me contar tudo e me dizer o nome do “cara” que te botou terra nos olhos.

ROSINHA – E o que o senhor vai fazer com ele?

LÚCIFER – Vou fazer ele ganhar na loteria. Se não fosse ele... *(ao Demônio)*. Leve Rosinha para a minha casa.

DEMÔNIO – Exa. Ainda tem aí fora algumas almas que eu trouxe da Terra, para V. Exa. Determinar o destino delas.

LÚCIFER – Então, Rosinha, fica esperando no jardim. Depois convoque o nosso ministério para uma reunião hoje. Vamos tratar de um comício só para almas. As eleições estão próximas e é preciso tomarmos medidas severas. *(Demônio sai com a Rosinha e volta logo em seguida. Luz porta de saída)*.

DEMÔNIO – Exa. descobri que aqui no inferno tem uma alma brasileira e quer se candidatar.

LÚCIFER – Desse eu não tenho medo, já tapei a boca dele com quatro bilhões de brasas. Eu teria medo se fosse a alma do atual presidente do Brasil, se já estivesse aqui. Vamos torcer para que ele fique por lá até depois da nossa eleição de 15 de novembro. Dizem que ele é um perigo. É como morcego. Morde e abana ao mesmo tempo. E... *(rindo)* não perde tempo... é como pato. Taí uma pessoa que eu gosto muito, é de Ulisses, apesar de já estar cheirando a naftalina! Coitado! Ele está conseguindo tudo para reviver o PMDB para ver se fica peidando na cadeira o presidente da república por mais tempo.

DEMÔNIO – É, o Brasil é rico, mas infelizmente. Ninguém leva a sério o desenvolvimento que o país merece.

LÚCIFER – Olha, Demônio, a verdade é essa: as coisas mais sérias no Brasil é futebol, bumba-meu-boi, jogo de bicho e marginalização. Todos os dirigentes são “moleques de recado” dos empresários.

DEMÔNIO – *(Vai à porta e volta)*. – Exa. a alma está ali esperando. *(Luz rápida na porta das almas)*.

LÚCIFER – Que espere. O inferno não é “cu da mãe da Joana” que todos mandam. Pois é isso aí, Demônio, o que mais me incomoda é estrangeiro se meter nas nossas vidas. Você, por acaso já viu o presidente do Brasil falar em público? O homem é uma capacidade. Mente tanto, com tanta seriedade, que até parece Jesus Cristo *(Bate com dedo na mesa)* pregando na montanha aos seus discípulos, pobres apóstolos que, hoje, coitados, estão no céu aposentados e sem direito de fazeres milagres.

DEMÔNIO – *(Trazendo Mocinha pelo braço, luz porta das almas)*. – Pronto, Exa. Aqui está mais uma alma da caravana.

LÚCIFER – (*Sorrindo*). – Que gracinha. De que lugar você era bichinha, e, o que fazia?

MOCINHA – De São Luís do Maranhão, era bailarina do Reinaldo Faray.

LÚCIFER – Casada, virgem ou viúva?

MOCINHA – Virgem? Essa é boa! Na minha terra, como diz o pensador e teatrólogo Jamil Jorge, a mulher tem sua virgindade num lugar bem escondido, mas até cego acha.

LÚCIFER – Essa, não.

MOCINHA – Escute. Não me interessa quem me tirou o “tampo” e tenho raiva de quem sabe. Mesmo, meu chapa, se quisesse saber, não conseguiria. Foi uma curra. Foram dez marginais.

LÚCIFER – Famintos! Pois aqui não tem isso. Pode andar nua na rua.

MOCINHA – Só sendo, com o calor que faz aqui.

LÚCIFER – Vamos ao que interessa. Se você é bailarina, mostre suas qualidades.

MOCINHA – (*Sem compreender, suspende a saia*). – Sou normal!

LÚCIFER – Olha os modos. Eu quero dizer, qualidade na profissão de dançarina (*Ao demônio*). – Bota música para a dançarina. (*Demônio bate no rádio e a bailarina começa a rebolar no mesmo lugar e a fazer mímicas fora do compasso*). – Basta! Vai dançar assim na baixa da égua. Foi bom vir pra cá, estava acabando com o Reinaldo Faray. (*Ao demônio*). Leva essa bruxa daqui e ponha-a para servir de “aperitivo” aos guardas do palácio, antes das refeições.

MOCINHA – Eu quero saber. Aqui corre dinheiro?

LÚCIFER – Aqui existe o bastante. E não muda de nome, como lá no Brasil, como uma donzela muda de roupa. A nossa moeda chama-se BRAZA, que equivale a um cruzado de vocês e cinza equivale a um centavo.

MOCINHA – Aqui tem bancos?

LÚCIFER – Em cada esquina um.

MOCINHA – Tem poupança?

LÚCIFER – É o que mais tem. Mas afinal para que você quer saber tudo isso?

MOCINHA – Se lá na minha terra, no Brasil, soubessem disso, vinham logo para cá.

LÚCIFER – Para investirem?

MOCINHA – Não. Para assaltarem.

DEMÔNIO – Chega. Sente-se ali e espere para saber onde você vai ficar. (*Vai à porta e busca outra alma, luz porta das almas*). – Pronto Exa. Mais uma.

MANECA – (*Entra rebolando, é bicha, de short e camiseta*). – Que calor! Isto aqui parece o inferno!

LÚCIFER – Parece, vírgula. Aqui é o inferno mesmo.

MANECA – Eu logo vi.

LÚCIFER – (*Olhando Maneca de cima pra baixo*). – Olhe mocinho, eu aqui exijo respeito. Se comporte ou vai se dá mal.

MANECA – Ah, tu já quer demais.

LÚCIFER – Almas e diabos de tua espécie aqui têm demais (*Apontando para o capeta*). Olha aqui um dos teus colegas. Se tu pensas que vais fazer aqui no inferno o que fazias na Terra, está enganado.

MANECA – (*Com ênfase*). – E se tu pensas, também, que eu sou um qualquer está enganado. Pra teu governo, seu isso, eu era lá de dentro do palácio dos leões.

DEMÔNIO – (*À parte*) – O inferno está mudado! (*Suspirando*). – Transição democrática!

LÚCIFER – Tu és um descarado. Morrestes de Aids e ainda te julgas importante.

MANECA – Grandes coisas! Assim como se morre de parto pode-se morrer de qualquer coisa, também.

LÚCIFER – (*Zangado*). – Canalha! Cala essa boca fedorenta. (*Chamando*). – Demônio!

DEMÔNIO – Pronto Exa.

LÚCIFER – Leva esse fresco lá para o pátio e mande meter a vara nele.

MANECA – (*Dando uma guinada com o corpo*). – Pra mim é um grande prazer.

DEMÔNIO – (*À Maneca*) – Vamos e deixe de conversa fiada. (*Pega Maneca pelo braço e vai empurrando com violência*). – Vais ver o que é bom para tosse.

MANECA – Eu sei o que vocês querem! “Comigo se mijar fora do caco” não arrumam nada.

DEMÔNIO – Depois da surra vais levar vais levar um cristal de fogo com ácido sulfúrico! (*Saem*). (*Luz da porta de saída*).

LÚCIFER – Sim, senhor! Aqui no inferno se vê cada coisa! Aqui só levamos uma vantagem sobre o pessoal da Terra. Aqui não tem marginais da alta sociedade. Lá não! Marginalização, com exceção de algumas nações, a marginalidade é uma epidemia eterna. Os altos figurões que exercem cargos nas nações enriquecem com dólares dos empréstimos externos. 30% da dívida externa é canalizada da seguinte maneira: quem empresta leva logo seu quinhão. Quem recebe, tira logo a sua fatia. O intermediário já

entrega com o “dele” no bolso. E na hora de pagar, capital e juro, é o pobre com seu suor e sua miséria!

DEMÔNIO – (*Entrando, traz pelo braço o Poeta, muito embriagado*). – Pronto, Exa. Mais um. (*Luz porta de entrada*).

POETA – (*Com um livro e uma garrafa de cachaça, se dirige ao Lúifer*). – Meu bondoso... São Pedro.

LÚCIFER – Calma, meu rapaz. São Pedro mora no céu. Não me alegre! Eu sou o atual presidente do inferno.

POETA – (*Benzendo-se à parte*). – Deus me livre! Desculpe, foi engano. (*Vai querendo sair*).

LUCIFER – Volte. Você está no lugar certo. Se você fosse para o céu ia se arrepender. Lá não se bebe, não se fuma etc. e tal.

POETA – Mas os meus colegas onde estão?

LÚCIFER – Os da velha guarda, como Gonçalves Dias, Camões, Castro Alves, Casimiro de Abreu etc. etc. estão no céu... talvez, meu caro, arrependidos. Agora os que nasceram de 1922 para cá, estão todos aqui. Estão como querem. Eles só têm uma mágoa. Se queixam que muitos poetas do Brasil estão plagiando seus versos... francamente, não compreendo os poetas.

POETA – (*Bebendo*). – O senhor sabe que significa um poeta? Não sabe, pois vai saber... não é carne... não é espírito... nem osso... é uma coisa!... Faz tocar a alma da gente... e emociona... faz chorar... faz sonhar... é como se fosse um urubu voando... voando! Depois baixando, baixando... à procura de carniça. O poeta é um astronauta, porque vive aéreo!... Esquece, às vezes, de que existe. Sexo só mental.

DEMÔNIO – Ele está bom de morar com Nero, que já fez uma tonelada de versos aqui no inferno e passa a vida inteira tocando uma harpa que diabo nenhum entende.

POETA – Eu quero é morar com Gonçalves Dias, meu conterrâneo.

LÚCIFER – Gonçalves Dias está no céu! Você vai se dá bem com Nero!

POETA – Ele bebe?

DEMÔNIO – Morreu de bêbado e continua bebendo. Quantas obras você deixou na Terra poeta?

POETA – (*Bebendo*). Anh! Livros... uns vinte.

LÚCIFER – Tinha boa aceitação?

POETA – Porra! Vocês querem me confessar ou encher saco?

LÚCIFER – (*Zangado*). – Leve o poeta lá para dentro. Mande dar um banho de fumaça. Quando melhorar, traga-o aqui de novo. Ele vai ser útil na minha campanha eleitoral.

POETA – (*Bebendo*). – Que, eu? Pra isso eu sou bom... fui cabo eleitoral do Jacson Lago, em São Luís do Maranhão... Coitado do Guterres! Gastou tanto dinheiro..., mas também... com aquela cara de “quem comeu e não gostou” ...

DEMÔNIO – (*Ao poeta*). – Vamos. (*Pega-o pelo braço e vão saindo*).

POETA – Deixa primeiro eu recitar um de minhas poesias para o meu chefe!

LÚCIFER – (*Sentando-se*). – Seja breve.

POETA – (*Recitando*). – O meu coração é um cavalo
 Que mia nas labaredas da miséria
 As minhas lágrimas são risos antagônicos
 Que dão frutos empenhados de doçura!

LÚCIFER – Depois você vai me traduzir isso aí. Chega, poeta, por hoje.

DEMÔNIO – Vamos poeta! Depois você volta. (*Saem*). (*Luz porta de saída*).

LÚCIFER – O inferno está entupido de gente do Brasil, principalmente do maranhão, onde o povo, justiça se faça, é hospitaleiro, amável... Só tem um defeito, é preguiçoso. Só querem “sombra e água fresca”. Mas isso não é defeito, é esperteza.

DEMÔNIO – (*Entrando com o político*). – Mais um, chefe. (*Luz porta de entrada*).

LÚCIFER – Por hoje basta! Tenho uma reunião daqui a pouco com os nossos ministros.

POLÍTICO – (*Com uma pasta na mão, vai ao encontro de Lúcifer. É um elemento transtornado da mente*). – Bom dia, cavalheiro.

LÚCIFER – Qual era o seu nome lá na Terra?

POLÍTICO – Eu sou brasileiro, com muito orgulho! O meu nome é Pacífico dos Santos, vulgo Matraca. (*Mete a mão no bolso e tira um cartão e dá ao Lúcifer*).

LÚCIFER – (*Lendo o cartão*). – “Dr. Pacífico dos Santos, candidato a deputado federal pelo PMDM. Se eleito vou conseguir aposentadoria para quem nunca trabalhou”. (*Estende a mão ao Dr.*). – Parabéns. Se você fosse eleito, mas você está morto. É apenas alma. E veio, por merecimento, repousar, para sempre, no inferno. Só sai daqui com a minha ordem, assim mesmo para rever, invisivelmente, os parentes.

POLÍTICO – Mas tenho que voltar chefe. Eu estou em plena campanha eleitoral. Eu dormi e acordei aqui.

LÚCIFER – Você morreu de loucura. Estava falando num comício e Zás...

POLÍTICO – Isso foi traição da oposição. Eu fui assassinado! Como é mesmo o seu nome?

LÚCIFER – Lúcifer, o presidente do inferno.

POLÍTICO – (*Estendendo a mão para Lúcifer*). – Prazer? Pois fique sabendo seu coisa, os meus adversários, sabendo que iam ganhar a eleição, “me deram chá de sumiço”. (*Exaltando-se*). – Como, não sei. Sabe eu....

LÚCIFER – Pode me chamar de Exa., tu, você, aqui no Inferno a democracia é tão elevada, que a gramática perdeu a reputação.

POLÍTICO – Sabe, colega, qual era o meu plano lá em Teresina?

LÚCIFER – Não. Qual era?

POLÍTICO – Eu era candidato dos vagabundos. A classe é uma potência. Eu ia dar uma oportunidade aos que não trabalhavam. Eu ia ligar por esses infelizes...

LÚCIFER – Assim você ia fazer do seu estado um covil de malandros.

POLÍTICO – (*Se exaltando ainda mais*). – Só assim não teria mais na minha terra, miséria, famintos e crise de moradia. Eu ia apresentar um projeto na Câmara para a criação de uma verba mensal aos vagabundos, de acordo com a incapacidade de cada um. E os que tinham filhos, ganhavam mais.

LÚCIFER – Bravos! Assim, dentro de dez anos o Brasil ia crescer com a fabricação de filhos. Era mais quem queria fazer filhos para ganhar mais. Era o fim das camisinhas, das pílulas anticoncepcionais. A crise de desemprego era fatal. Os casamentos entre os marginais eram como chibé, hoje, na mesa do pobre. E aí, o Brasil saía da “tal apregoada fase de transição” para o perigo de “transação sexual”, isto é, fabricação de crianças... E o único a lucrar, meu filho, era o inferno, porque o Brasil passaria a ser o maior exportador de almas...

POLÍTICO – Alto lá. Pelo que eu vejo, o senhor é um despeitado. Os meus planos iriam me colocar na História.

LÚCIFER – Diga-me uma coisa, seu Pacífico. Qual era a sua profissão lá em Teresina?

POLÍTICO – Médico.

LÚCIFER – E a sua especialidade?

POLÍTICO – Tratava de sonecas mentais. Eu ia, também, depois de aleito apresentar na Câmara Federal, um projeto para os dois votarem.

LÚCIFER – Boa idéia! Mas, afinal, como alma, agora pertencente ao Inferno, o que pretende fazer?

POLÍTICO – Daqui eu quero distância. Mas se fosse possível voltar para minha pátria, a intenção era ajudar a pobreza. Gritar bem alto e a favor dos desempregados (*Como se estivesse discursando*). – fazer valer todos os meus projetos. Não seria como os outros deputados que se acomodam com migalhas arrancadas dos assalariados. O nosso atual presidente se confia muito nos seus ministros, que baixam a inflação, que está roendo o País, a bico de lápis. As taxas altas de juros, nas tabelas de preços que não funcionam, o dinheiro da dívida externa e interna e alguns trocados desviados, é a triste realidade de um país que anda de cócoras e procura enganar os tolos, que está na frente de uma pista de corridas, a fórmula I.

LÚCIFER – Não é tanto assim. Você está exagerando...

POLÍTICO – (*Como se estivesse terminando um discurso*). – Pois bem! Lá no meu país, descoberto por descuido por um português, temos duas categorias de gente: os ricos que são os dirigentes, os pobres, representados pelos trabalhadores. Tenho dito.

LÚCIFER – Tudo é fogo de palha, doutor. Quando eles vierem para cá, mal trazem a roupa do corpo. (*Ao demônio*). – Leve o Sr. Pacífico para o nosso laboratório de psiquiatria para um exame rigoroso. Se ele não for “bom da bola”, mande-o para o manicômio dos estrangeiros! Na volta, convoque o pessoal do nosso partido, e traga o próximo.

DEMÔNIO – (*Vai à porta, luz rápida na porta de saída/logo depois na porta de entrada, deixa o político e traz o Jornalista que, vem com um Jornal Estado do Maranhão aberto, mostrando o título*). – Pronto, Exa. Este aqui é um ex-jornalista lá de São Luís do Maranhão, terra onde nasceu o inventor da mentira.

LÚCIFER – Ah! Da terra do Cafeteira! Deve ser “boa bisca”. (*Para o Jornalista*). – Olhe, mocinho, a maior colônia daqui é de sua terra, o celeiro de poetas para todos os gostos. Assim, mesmo eu gostando de vocês. Vamos, sente-se aqui e conte-me como foi a sua vida lá embaixo.

JORNALISTA – Eu era jornalista deste jornal. Atualmente, o melhor e de maior circulação. A minha coluna era semanal. Tinha a missão de falar em política. Tinha dia que eu exagerava. Meu astral ficou, cada vez, mais alto...

LÚCIFER – “Quem muito se abaixa, alguma coisa aparece” ...

JORNALISTA – De fato. Subi de categoria na empresa. Fiquei tão treinando de dizer o que não acontecia...

LÚCIFER – E os outros não eram bons jornalistas?

JORNALISTA – De lá alguns se salvam. Jomar Moraes, o escafandrista histórico. José Chagas, o humorista elegante, o Azevedo, cronista cotidiano, de fino estilo, e, o meu amigo Ubiratan Teixeira, o mais lido pelas mulheres, a maioria de suas crônicas tem gosto de xiri.

LÚCIFER – E você demorou muito lá?

JORNALISTA – Um dia caí na besteira de dizer: se o finado Jânio Quadros fosse ainda aquele homem, nem Erundina agüentava ele. No dia seguinte, a minha demissão foi exigida.

LÚCIFER – Ingratidão. Não se preocupe. Você vai gostar daqui. (*Ao demônio*). – Leve esta alma penada para redação do meu jornal. Ele vai escrever somente de política. Promovendo a minha candidatura, é lógico. (*Ao Jornalista*). – Mãos à obra!

JORNALISTA – Porra. (*À parte*). – Eu não sabia que aqui também se cagava.

DEMÔNIO: Você vai se dar bem aqui. (*Pegá-lo pelo braço*). – Lá na redação todos são como irmãos. (*Saem. Luz na porta de saída*).

LÚCIFER – Essa gente do Maranhão, não é de se botar fora. O Maranhão em inteligência supera todos os estados do Brasil. Para provar o que digo, basta lembrar que o único nordestino que conseguiu ser presidente da república foi um maranhense. (*Luz na porta de entrada*).

DEMÔNIO – (*Voltando*). – Missão cumprida. Ele foi me perguntando pelo caminho se o jornal paga bem e se aceita vale! (*Trazendo o Médiun*). – Pronto, chefe, o último de hoje.

LÚCIFER – De onde você é?

MÉDIUM – Era de São Paulo.

LÚCIFER – E o que fazia lá?

MÉDIUM – Fugi de casa cedo. Para viver comecei a roubar. Fui preso várias vezes. Depois mudei de ramo. Fui ser sacristão de uma igreja.

LÚCIFER – Não se deu bem com a nova profissão?

MÉDIUM – Para mim não tinha coisa melhor.

LÚCIFER – E então?

MÉDIUM – Pegaram-me roubando nos cofres da igreja; deram-me uma surpresa e “com o pé na bunda”.

LÚCIFER – E depois disso?

MÉDIUM – Passei a me fingir de cego para tirar esmolas. Ganhei muito dinheiro, mas era obrigado a dividir com o policial de ronda. Depois do Plano Cruzado até as esmolas ficaram congeladas.

LÚCIFER – E agora qual foi a sua última tentativa?

MÉDIUM – Um vizinho meu descobriu que eu era médium e me levou para o Centro que ele fazia parte. Fiz sucesso. Mas uma trombose me transferiu para cá.

LÚCIFER – Como é mesmo o seu nome?

MÉDIUM – João de Deus.

LÚCIFER – (*Batendo com o dedo na mesa*). – Figa! Diga-me, João, você é capaz de receber um espírito da Terra para falar comigo?

MÉDIUM – É só o senhor querer.

LÚCIFER – Eu queria ter uma conversa com o Lula, aquele que quer passar de metalúrgico para Presidente da República.

MÉDIUM – Quer agora?

LÚCIFER – Se for possível...

MÉDIUM – Vou me preparar. (*Senta-se numa cadeira, fecha os olhos, se concentra, treme um pouco, depois abre os olhos, voltando ao natural*). – Chefe, o Lula está se preparando para dormir.

LÚCIFER – Quero isto pra já. Não me venha com tapeação.

MÉDIUM – Mas chefe. Ele já está de cuecas e a esposa na cama, só esperando...

LÚCIFER – Ela que espere. Safadeza não é gênero de 1º necessidade.

MÉDIUM – Pois bem. Vou tentar. (*Fecha os olhos etc.*).

DEMÔNIO – Chefe, vou indo. Tenho um comício marcado para daqui a uma hora.

LÚCIFER – Pode ir. Não se esqueça de dizer ao povo o nosso ideal.

DEMÔNIO – Não me esqueço. (*Rindo*). Até. (*Sai. Luz, porta de saída*).

MÉDIUM – (*Já encarnado*). – Boa noite! O que deseja de mim, meu futuro chefe?

LÚCIFER – Uma “conversa ao pé de ouvido”. Eu queria saber, antes de tudo, por que você quer ser presidente do Brasil?

MÉDIUM – Por duas razões. Primeiro, porque o Brasil é uma vaca leiteira. Segundo, Mamar na vaca!

LÚCIFER – Você não acha que o Brasil é um barco furado, vazando água por todos os lados?

MÉDIUM – A culpa não é minha. É dos barqueiros passados que, abriram os buracos e não taparam nenhum sequer. A minha tática vai ser diferente. Se eu abrir três, tapo

dois. E nem vou botar dinheiro na Suíça. Vou aplicar os meus “lucros” em propriedades nos países europeus.

LÚCIFER – E o povo como fica, você que tanto se orgulha em ser defensor?

MÉDIUM – Olha, seu Lúcifer – que ninguém nos ouça: o povo para o Governo é uma espécie de brinquedo na mão de criança. Nasceu para ser burro de carga e se conformar com capim que come.

LÚCIFER – E como vai segurar o povo para votar em você?

MÉDIUM – Com cachaça e merenda.

LÚCIFER – Estou satisfeito, seu Lula. Foi um prazer. Agora, eu sou franco e lhe dizer: muito cuidado com o Brizola, ele está querendo fazer um pacto conosco... Se chegarmos a um acordo, meta a viola no saco.

MÉDIUM – (*Treme, abre os olhos e desperta*). – Está satisfeito, chefe?

LÚCIFER – Esse Lula! Homem ganancioso. É um cachorro, come e depois lambe o prato.

DEMÔNIO – (*Luz na porta. Entra acompanhado com Satanás e Luciferina. Todos depois de cumprimentarem Lúcifer, se sentam em torno da mesa*).

LÚCIFER – Quero comunicar a todos vocês, e que isto fique aqui em segredo que, vou mandar Demônio para São Luís do Maranhão ocultamente, para aprender todos os truques que o governador de lá emprega para, com habilidade, ter êxitos em todos os seus atos, principalmente, quando ele quer ganhar uma das eleições que ele é candidato. Dizem que ele é um especialista.

SATANÁS – É bom de urna.

DEMÔNIO – Dizem que ele é como Deus, transforma até água em vinho.

SATANÁS – Não perde uma. (*Riem*).

LUCIFERINA – Nem parece... Era um simples funcionário de banco.

LÚCIFER – Nasceu de cu pra cima. Foi vereador, Deputado Estadual, Federal, Governador do Estado e agora... Está tramando ser Senador! E depois, presidente da República.

DEMÔNIO – Um desses é que estamos precisando aqui.

SATANÁS – E o que é do diabo “o bicho não come”. (*Riem*).

LÚCIFER – É duro na queda. Vai demorar... (*Mudando de assunto*). – Pensando bem, eu acho melhor deixá-lo por lá. Aqui é capaz de querer o meu lugar.

LUCIFERINA – Não é melhor Demônio ir acompanhado?

LÚCIFER – Com quem?

LUCIFERINA – Com Satanás.

LÚCIFER – Não. Preciso de satanás aqui. Demônio dá conta do recado. Ele vai e dentro de três dias me trará um relatório completo do que aprendeu com o mestre. Está encerrada a reunião. Vão em paz. Só Luciferina fica. (*Saem*).

LUCIFERINA – A coisa vai muito bem, meu amor. Tenho me desdobrado já campanha, só vendo. Prometo, para cumprir (*Rindo*) naturalmente, o que a “folhinha não marca”. Já entrei em contato com a colônia brasileira e tudo está certo como pé de coco!

LÚCIFER – Olha, minha filha, não vá com muita cede no pote. Brasileiros, principalmente, maranhenses, são sabidos. Lembra-te do que fizeram com o Guterres? Aquela cara de quem comeu e não gostou? – Do Satanás, o “já ganhou”? O povo se encheu da grana e depois votou para os adversários?

LUCIFERINA – Pode até ser, mas nem todos vão nos trair. As almas antigas são sinceras. Eu sei que Tiradentes, Virgulino, Maria bonita, Chapéu de Couro e Pedro Alvares Cabral e outros da mesma panela, estão firmes do nosso lado.

LÚCIFER – Vamos esperar o relatório do Demônio. Se ele conseguir de cafeteira o segredo com que ele adota para ganhar eleição e levar vantagem em tudo que mete o bedelho, estamos de parabéns.

LUCIFERINA – Demônio vai conseguir. Para isso ele é bom. Só não conseguiu nada foi com Ulisses, porque dois bicudos não se beijam.

LUCIFERINA – Já ia me esquecendo, meu bem, de te dizer... Estou grávida.

LÚCIFER – (*Com naturalidade*). De quem? De mim não é, tenho certeza.

LUCIFERINA – Teu amigo Demônio.

LÚCIFER – Tem graça. Eu, como teu esposo, sou o último a saber. Em todo o caso...parabéns! Quero ser o padrinho. O compadre da esposa. (*Riem*).

DEMÔNIO – (*Entrando*). – Estou interrompendo?

LUCIFERINA – Não morre cedo! Se é que diabo morre...

DEMÔNIO – Chefe, chegaram da Terra mil almas. São ex-soldados argentinos. Morreram em combate de um levante.

LÚCIFER – Argentinos? Hum! Não é flor que se cheire! Faça o seguinte. Trata-os bem. Consiga o voto deles para nós. Depois leve-os para o cadastro geral. Não é preciso interrogá-los, são “vinho da mesma pipa”. Só contam grandezas (*Mudando de assunto e batendo no ombro do Demônio*). – Vamos ser compadres, hein? E nem me disseram nada.

DEMÔNIO – Queríamos te fazer uma surpresa, dar-te um filho que tanto desejavas ter.

Fim do 2º ato

(Black-out)

TERCEIRO ATO – 1º QUADRO

DEMÔNIO – Está na hora do comício marcado. (*Vai ao proscênio e volta*). Veja, compadre. A praça está lotada.

LÚCIFER – (*Vai até a boca do proscênio e fala em tom de discurso*). – queridas almas! Boa noite. Em primeiro lugar agradeço o comparecimento de todos vocês a este comício. Como já é do conhecimento de todo o Inferno, sou candidato à presidência deste invejável e cobiçado mundo, o qual todos vocês amam como hóspedes eternos. Conto com a colaboração de todos vocês, para sufragar o meu nome, no dia 15 de novembro ao posto mais alto deste próspero e imenso território. Eu sou como o Cafeteira: prometo e cumprio.

Pois é isto, queridas almas! A minha palavra de político não tem dois caminhos, mas tem atalhos estratégicos em benefício de nossa população, sem discriminação de classe. Aqui nunca tivemos um Delfin Neto, que “mente para cachorro”. A única coisa que queremos de Deus é que ele leve para o Céu o time mais terrível do universo, composto de Funaro, Bresser, João Figueiredo, Galveia, Aureliano, Jânio Quadros, Afonsin e outros da mesma laia. São como jogadores de futebol que fazem gol contra. Aqui não se congela salário, não se morre de fome, de doença. A vida aqui não fim. O nosso símbolo de honestidade está no rabo (*Pega o rabo*) e o da bravura está nos chifres (*Pega os chifres*). –Tenho dito. (*Ao Demônio*). – Vou dar o meu ilhóis pra cachorro se eu perder essa.

(Black-out)

TERCEIRO ATO – 2º QUADRO

LÚCIFER – (*Depois de ler o relatório*). – Porra! Essa valeu! Este relatório vale ouro. Demônio é craque. Agora poderemos escolher para essa tarefa, quem?

SATANÁS – Para fazer esse tipo de campanha só duas almas peitudas.

LÚCIFER – O demônio que entende bem de rabo-de-saia, pode ajudar.

SATANÁS – Aí vem ele!

DEMÔNIO – Pronto chefe, às suas ordens.

LÚCIFER – (*Dando o relatório para o demônio*). –Guarda este relatório e parabéns mais uma vez.

DEMÔNIO – Isto vai ficar do nosso Museu Histórico!

LÚCIFER – O XIS do problema está na escolha das almas para essa missão. Você, meu futuro compadre, na qualidade de um bom especialista pode arrumar as duas.

DEMÔNIO – Deixa comigo! Tenho duas em vista. Com qualquer promessa, com licença do Cafeteira, elas tocam a parada.

LÚCIFER – Então não perca tempo, compadre, basta conseguir mais três mil votos. Na última prévia eu estava perdendo pela diferença de dois mil e quinhentos votos.

DEMÔNIO – Isso não vale nada. Sai na urina!

SATANÁS – (*Ao Demônio*). – Vou te dar uma idéia. No Quartel de nossa Infantaria, tem muitos soldados indecisos. Não têm candidatos.

DEMÔNIO – Nem que tivessem. Esse plano que tenho, pelo “homem do povo”, não vai falhar. Essa tática ele aplicou quando foi candidato a governador e deu certo. Bem, vou cuidar. (*Sai*).

LÚCIFER – Sabe o que eu desconfio, Satanás? Há muitos anos atrás, daqui do inferno desapareceu um diabo muito esperto e inteligente. Nunca mais voltou. Eu desconfio que ele estava procurando uma brecha para se incorporar em alguém. Eu acho que o espírito de Cafeteira é o dele.

SATANÁS – É bem possível.

LÚCIFER – Ah, quando ele vier de muda para cá... Vai ser bem servido, noite e dia, pela minha esposa Luciferiana!

SATANÁS – V. Exa, sabe se ele gosta de ser servido por mulheres?

LÚCIFER – Ora, Satanás, só há um ser que até hoje tem mágoas das mulheres.

SATANÁS – E quem é? Mora aqui no Inferno?

LÚCIFER – É o nosso maior inimigo – Deus. Só por causa de uma maçã.

(Black-out)

TERCEIRO ATO – 3º QUADRO

LÚCIFER – (*Todos em cena, menos Rosinha e Mocinha. Lúcifer impaciente anda de um lado para o outro, de vez em quando dá uma palmada, em um tubo plástico, que é o rádio*). – E essa apuração que não acaba!

DEMÔNIO – Não se avexe compadre ponto daqui a pouco saberemos o resultado.

LÚCIFER – Tenho a certeza de nossa vitória.

POETA – (*Com a garrafa na mão*). – No teu berço esculpido, vais ser o clarão bípede nas menstruações das pedras gravídicas!

MANECA – Não sei por que esse poeta não goza a vida como eu... no balanço!

RÁDIO – Atenção! Muita atenção! Vou comunicar aos amáveis ouvintes o resultado da eleição para presidente deste cobiçado e invejável território. Aqui, na zona eleitoral, está apinhada de diabos e almas de todos os continentes. Reina grande expectativa entre os dois partidos: “Venha Nós e Vai com Tudo”. Só quem está presente é o candidato da oposição, Cancão. A sua impaciência não tem limite, parece até o Brizola quando fica inquieto esperando o resultado de uma fraude! (*Desliga*).

DIABO – Esse locutor está querendo imitar o José Raimundo, da rádio Ribamar que mata pelo cansaço.

RÁDIO – É como eu ia dizendo. O vencedor vai ficar de boca aberta quando eu der o resultado. Só parece que houve feitiço, ou o candidato vencedor tem algum segredo de um político do Brasil para ganhar eleição, como num passe de mágica. (*Sai*).

LÚCIFER – Se o plano do meu mestre não falhar, estou de melé. E eu acho que não falha, como nunca falhou.

DEMÔNIO – Estou tão seguro na nossa vitória que nem me “bate a passarinha”.

MANECA – (*Rebolando*). – A esperança é a última que morre, Exa. Não se preocupe. Deixa estar que ainda vamos comemorar juntos mano.

LÚCIFER – Mano uma ova. Dobre a língua.

RÁDIO – Atenção e muita atenção. Anotem o resultado da eleição de dois candidatos que disputam a presidência do inferno: Lúcifer e Cancão. Dois temíveis adversários políticos e que prometem redemocratizar o inferno. (*Desliga*).

DEMÔNIO – Esse camarada já está “enchendo o saco”. Será que ele quer matar um dos dois candidatos com um infarto?

LÚCIFER – Se dessa vez não sair o resultado, mando prender esse locutor.

RÁDIO – Vou anunciar o resultado das eleições, dando os meus pêsames ao derrotado. É o seguinte:

Lúcifer: 600 trilhões de votos

Cancão: 599.997 trilhões de votos

Nulos: 1.100 votos

Abstenção: 2.000 votos

Lúcifer ganha com a diferença de 3.000 votos.

LÚCIFER – Sou o diabo mais feliz do mundo! (*Clima de alegria, cumprimentos e vivas, estrondar de foguetes, música etc.*).

LUCIFERINA – (*Rindo bastante*). Estou rindo de ter sabido que o Cancão está se cagando de raiva, insultando o Paulo Maluf que, em sonho, lhe deu um plano errado, para nos vencer.

DEMÔNIO – Logo quem, o Maluf! O campeão de muitas derrotas. Não querem se convencer. No Brasil só tem dois que acertam na mosca, um é governador e o outro é presidente.

MOCINHA – (*Entrando com a Rosinha, manquejando de pernas abertas*). – Aí ... Ai... Ai...

TODOS – Mas o que foi isso, o que aconteceu? Foram atropeladas?

ROSINHA – Antes fosse. Porque atropelamento dói, mas não arde. Conta para eles, conta.. aí ... Ai... Ai...

MOCINHA – (*Gesto com a mão*). – Foi uma dureza sem tamanho. No batalhão conseguimos os três mil votos... Tivemos que nos rebolar muito!

LÚCIFER – (*Sorridente*). – Mas valeu a pena.

AS DUAS – É, pimenta no rabo dos outros é refresco! (*Música infernal*).

Fim

LANCES DE SÁBADO

(1983)

(Comédia em um ato)

Fernando Moreira

PERSONAGENS

SANDRA – Vinte e quatro anos. Um certo quê de inocência que a acompanhará pelo resto da vida. Veste-se com simplicidade, mas valorizando o aspecto físico;

GINA – Quarenta anos, que não chegam a ser notados, pela preocupação em manter-se em forma e, sobretudo, pela agressividade permanente. Gina está sempre pronta a lutar pelos seus direitos, sejam eles quais forem.

CENÁRIO

(Sala-quarto de um apartamento conjugado. À esquerda, portas para a cozinha e o banheiro; à direita, duas janelas fechadas. No aposento, os móveis indispensáveis – sofá, mesinha, poltronas, um outro sofá, guarda-roupas, a mesinha com a televisão; tudo bastante simples, pobre mesmo, mas sobretudo desarrumado e descuidado. Deve sentir-se que é apenas o lugar onde moram duas pessoas temporariamente. Nenhum toque pessoal, como flores ou fotografias).

(A ação começa quando Gina sai do banheiro, só de calcinha, obviamente tendo acabado de tomar seu banho. Coloca desodorante e talco, examina o rosto e as pernas, enfia um vestido caseiro bastante surrado e vai começar a se maquiar quando entra Sandra. Durante as falas iniciais, Gina continuará com sua atividade).

SANDRA – Oi.

GINA – Oi. E aí?

SANDRA – Tudo bem.

GINA – E no salão?

SANDRA – A mesma morrinha de sempre.

GINA – Enedina ligou para confirmar a festinha na casa de Marcos. Homero vem nos apanhar depois das dez.

SANDRA – Pena eu não poder ir.

GINA – Não!!!

SANDRA – Não!

GINA – Ah, corta essa! A turma todinha vai estar lá; inclusive Artur.

SANDRA – Já tinha dito que hoje não iria dar!

GINA – Mas...

SANDRA – Ensaio, lindinha! Esqueceu? Hoje tenho ensaio!

GINA – Ensaio, ensaio, ensaio. Merda de tanto ensaio, Sandra! Será que estejas pensando mesmo que isso de teatro vá te levar a algum lugar?

SANDRA – Deixa comigo: problema meu.

GINA – Se ainda fosse televisão... Mas teatro!... Quem é que vai a teatro, nesta cidade?

SANDRA – E que futuro a televisão pode ter entre nós? E depois Gina, é bom não esquecer que a maioria do pessoal da televisão sai do teatro.

GINA – E não achas que já estás um pouco passada para ser a nova Regina Duarte?

SANDRA – Vai à merda, antes que eu me esqueça, tá? E não começa!!! (*Pausa*).

GINA (*Outro Tom*). – Não poderias ao menos faltar a porcaria desse ensaio de hoje?

SANDRA – Saí do salão mais cedo justamente por causa do ensaio! Perdi até dois clientes só para não chegar atrasada.

GINA – E ainda por cima perdendo dinheiro. Quero ver é no fim do mês, criatura...

SANDRA – Não enche, tá? O apartamento está alugado no nome de quem? No meu, não é mesmo? Paga tua parte e deixa o resto comigo. E não adianta impinimar que não vou faltar ao ensaio por causa de festinha nenhuma! (*Pausa. Noutro tom*). Será que tem alguma coisa nessa geladeira para se comer? Não lanchei; e não vai dar tempo de comer na rua.

GINA – Tem um pedaço de salame.

SANDRA (*Abrindo a geladeira e preparando um sanduíche*). – E a cerveja que tinha aqui?

GINA – Bebi!

SANDRA – Mentira! Hoje nem fez calor!

GINA – E desde quando só se tem sede quando faz calor? Fica fria que amanhã ponho outra no lugar.

SANDRA – Amanhã Inez é morta! Eu queria era agora.

GINA – Ah, Sandra; não vais querer agora que eu me vista e desça para comprar uma cerveja para ti! Come teu sanduíche e bebe Coca-Cola.

SANDRA – Coca-Cola, não posso; me dá gazes. Quero é minha cerveja.

GINA – Bebi chata! Bebi, pronto! Vai querer ágora torrar minha paciência por causa da porra de uma cerveja?

SANDRA (*Indo até a pia onde estão dois copos lavados*). – Pois tô achando é que não tomastes sozinha essa cerveja.

GINA – E daí?

SANDRA – Daí, que aqui estão dois copos; e lavados. E como tu nunca fazes nada nesta casa...

GINA – Sim; e daí?

SANDRA – Se lavastes esses copos é porque...

GINA – Agora virastes detetive ou estás ensaiando uma peça policial? E desde quando é que eu tenho de te dar satisfação da minha vida? Do que faço ou deixo de fazer?

SANDRA – Desde o momento em que vieste morar num apartamento alugado por mim; por mim e em meu nome...

GINA (*Cortando*) – ... Onde pago minha parte todos os meses o que me dá o direito de fazer o que bem quiser aqui dentro sem ser obrigada a dar satisfações de minha vida.

SANDRA – Não tem não, senhora! O apartamento está alugado para mim, em meu nome e não vou querer ser despejada sob a acusação de estar transformando o local em *rendez-vous*. Afinal este é um prédio onde moram famílias.

GINA – Famílias é? Como tem gente cega... Isto aqui, meu amor, só não é um puteiro oficializado porque tem cozinha em cada cubículo.

SANDRA – Se teu caso é macho, por que não te logo para a Vinte e Oito onde a prostituição é oficializada? Escuta aqui, filhinha, por mim tudo bem que não tenho nada que ver com a xereca de seu ninga; mas aqui dentro vamos manter a moral. Não quero, não quero mesmo saber de macho encafifado aqui dentro. Será que teus clientes não podem pagar um motel?

GINA – Porra, Sandra, ta a fim de me sacanear, é? Quem esteve aqui não foi nenhum cliente; foi o Evaristo.

SANDRA – Sim. Mas desde quando atendes de graça, seja lá quem for? Só que se tu queres tratar teus clientes a pão de ló, que não seja à custa de minhas cervejas.

GINA – Não já te falei que amanhã bem cedo devolvo tua cerveja? Duas, até!

SANDRA – Ah, criatura! A questão não é uma garrafinha de cerveja. Entende Gina! O problema é essa tua falta de respeito generalizada. Usas minhas roupas, consomes meus perfumes e agora bebes minhas cervejas. *Puts...* trabalho que nem uma cadela sem dono para ganhar umas merrecas sofridas que ser manicure em salão de barbeiro, vou te contar... Haverá coisa mais sofrida?

GINA – Não faturas mais porque és burra: ficas dando uma de cú doce p’ra cima dos caras! Porque oportunidade é que não te falta, bichinha. Ah! Se eu trabalhasse num salão de barbeiro...

SANDRA – A verdade é que gosto mesmo de Francisco e ele é bacana comigo.

GINA – Um subversivo; subversivo e duro ainda por cima.

SANDRA – E daí? Gosto dele e pronto! Mesmo com todos os defeitos que vocês colam nele, o problema é meu. E depois, ele não é subversivo coisa nenhuma: ele é idealista. Gosto dele assim como é e está acabado...

GINA (*Arremedando*). – Gosto dele, gosto dele, gosto dele. Só isso? E ele, gosta de ti! Gosta uma ova; o que o malandrinho quer é xereca de graça.

SANDRA – Isso é comigo! E não sou obrigada a ficar discutindo minha vida particular contigo.

GINA – Ninguém está discutindo vida de ninguém criatura; nem tão pouco me interessa saber de teus particulares. Só quero chamar tua atenção para essa tua burrice perdendo tempo com um João Ninguém. Aliás, essa tua fidelidade a Francisco é só gatimonha para os babacas: ou pensas que ninguém sabe de tuas escapadas nas caladas da noite? É só o cliente pagar bem...

SANDRA – Fazer o quê, não é mesmo? Tem as contas, os compromissos... Só que ele sabe, mas fica na moita, coitado: curtindo sua dor de corno consentido e culpando o sistema

GINA – Não; não dá para engolir. Homem que é homem não se submete a esse tipo de humilhação, consentindo que sua mulher fique trepando adoidada e botando a culpa no sistema capitalista.

SANDRA – Ôpa, opa, opa; vamos com calma. Primeiro porque não ando trepando adoidada com quem vai aparecendo. Depois Francisco não é desses machões antiquados. Se ele não pode me ajudar, tudo bem. Ele compreende que eu vou ter de me virar de outro jeito. Porque na cabecinha dele esse conceito de homem ser obrigado a sustentar a mulher está superado.

GINA – Por conveniência, não é, meu amor? Por conveniência; porque a natureza humana não vai mudando com a moda. Homem que é homem, em tempo algum se sujeita a certas humilhações. E no meu entender, macho que vive à custa do xiri da parceira não 40l de nada! Aposto como esse teu Francisco pega dinheiro teu; ou 40l enganada? (*Pausa onde elas se encaram*). Esse teu cabra, meu amor pode ser metido a intelectual, a revolucionário, a tudo; mas não passa de um requintado gigolô.

SANDRA – Gina, que horror! Tens o dom de sujar tudo; não só o banheiro, mas tudo em que tocas. Poderás me dizer, se for capaz, o que Francisco andou te fazendo para que tenhas tanto ódio dele?

GINA – Só uma coisa: ele é duro. Não tem nem no cu o que passarinho roa. E gente sem dinheiro, para mim, não ta de nada; não presta pra coisa nenhuma.

SANDRA – É um ponto de vista que eu respeito. Agora espero que as pessoas respeitem o meu. Gosto dele e temos conversado.

GINA – Ah, meu bem, esse tipo de argumento pega muito bem em fotonovela. Porque na vida real a música é bem diferente.

SANDRA – Ah, Gina quem te escuta falar essas coisas pensa que tua vida é um mar de rosas. Ah... Meu ensaio que estou esquecendo!

GINA (*Implorando*). – Sandrinha, não vai hoje... Vamos na festa do Marcos... Homero está vindo aí para nos levar com ele. Vai ser uma boa, criatura; bastante divertido, tenho certeza! O apartamento dele é uma gracinha.

SANDRA – Hoje não dá; não dá mesmo! Vamos ensaiar uma cena nova. Fica pra outra vez. Pego um táxi, aí em baixo.

GINA – Táxi?!! Desde quando acertastes na loteria para ficares nessa de táxi para ensaio de teatro?

SANDRA (*Ajeitando o cabelo em frente a um espelho*). – Fica fria, mocinha, que dou meu jeito.

GINA (*Voltando à festa em tom lamentoso*). – Sandra... o Artur vai estar na festa... Ele é gamado em ti!

SANDRA – E eu com isso?

GINA – Artur é rico. Quem sabe se não acaba se amarrando em ti. Só assim nosso... teus problemas financeiros estariam resolvidos.

SANDRA – Gina; é bom que fique bem claro que este nosso arranjo aqui é provisório.

GINA – E quem está dizendo o contrário? Quando uma de nós conseguir se arrumar... Só que... Pelo jeito, não vai ser você. Não tenho nada com tua vida, criatura. És de maior, vacinada, mas... esse negócio de teatro e esse teu caso com Francisco... Sei não; mas que podias estar bem melhor, podias! Puxa, se pintasse um Artur na minha vida, eu...

SANDRA – Que tu não gostas de Francisco estou farta de saber. Só não entendo essa tua implicância com o teatro.

GINA – Sem futuro. Acho pura perda de tempo. Nosso tempo é curto e não pode ser desperdiçado. Olha só: hoje um tremendo sábado, uma baita boca livre para se curtir, uma puta festa, homens interessantes para se curtir e a boneca vai ensaiar uma peça de teatro e ficar depois com um cara que só quer se aproveitar dela: metida num vestidinho suado, sambado, com que passou o dia todo trabalhando. Pelo menos um banho, Sandra; um banho, pelo menos!

SANDRA – Não dá mais tempo...

GINA – Marcos só vem nos apanhar depois das dez. Tens tempo de sobra. Dou um jeito no tu cabelo. Veste meu blusão de *cashmere* vermelho, que disfarça um pouco esse teu ar de cansaço...

SANDRA – Não insiste, que não posso faltar a esse ensaio.

GINA – Teu papel é tão pequeno... A gente passava por lá para pedir que não ensaiassem tuas cenas, hoje! Ou então liga pra teu Francisco dizendo que tivestes um mal-estar...

SANDRA – Não; não é justo. Não vou faltar. Me comprometi com eles; não vou faltar.

GINA – Vais pagar um táxi e ficar dura.

SANDRA – Gina; não insiste. Francisco...

GINA – Pensa em ti, criatura.

SANDRA – Como tu.

GINA – Como eu! Ninguém vale o sacrifício de ninguém. Francisco não vale o teu.

SANDRA – Nesse caso não seria só Francisco; é também o teatro. A turma toda garante que eu levo jeito. Quem sabe... Quero ser alguém, Gina. Não quero terminar minha vida como uma apagada manicure de salão de barbeiro.

GINA – E é essa pecinha aí que vai te fazer alguém? Um elenco sem expressão, dirigido por um cara sem nenhuma projeção? É essa gente sem nome que acha que tu levas jeito?

SANDRA – Acontece que eu acredito no meu talento e na minha capacidade.

GINA (*Questionando*). Tu? Ou isso está escrito nalguma dessas revistas lá no teu salão!? (*Outro Tom*). Ora menina, deixa de burrice. Vamos nos divertir, é que é. E vê se te acertas de uma vez por todas com o Artur; nele sim, é que está teu futuro.

SANDRA – Gina...

GINA – Vai tomar teu banho, cuida; que ligo para Francisco avisando que não estás te sentindo bem.

SANDRA – Ah, criatura mais insuportável.

GINA – É para teu bem. Deixa comigo que eu sei o que estou fazendo.

SANDRA – Mas eu não queria...

GINA – Cuida; vai te arrumar sem tugir nem mugir.

SANDRA – Tudo bem! Fazer o quê? Vou; vou na droga dessa tal de festa. Vai; liga para Francisco: fala que estou me sentindo mal e que na segunda feira falo com ele.

GINA – Podes deixar.

SANDRA – Vou tomar um banho rápido (*Entra para o banheiro*).

GINA (*Discando o telefone e falando em seguida*). – Alô?!!! Francisco, por favor! Ah, não sei! Só sei que é um cara que está numa peça que estão ensaiando aí... Está bem; espero. (*Tempo*). Francisco? Aqui é a Gina, meu amor; amiga da Sandra. Pois é; ela pediu para que eu te avisasse que ela não pode ir no ensaio de hoje. Inclusive que você pode procurar outra pessoa para aquele papel de droga que você deu para ela... Ela saiu. Saiu com uma paquera... Pois é, meu bem; se eu fosse você não ia insistir nesse romance, que ela está em outra; numa boa e muito boa.... Corta essa, cara!... Escuta; se você quiser perder seu tempo, tudo bem; problema seu. Mas eu acho que uma pessoa inteligente – e pelo que ela tem me falado você não é muito burro – deve saber a hora de tirar o time de campo. Ou talvez, no seu caso, melhor dizendo, sair de cena... Bem, o recado está dado... Pô, garoto, qual é? Tá a fim de me torrar?... O quê? O quê? Tá louco? Puta que pariu pra ti, veadão... (*Desliga com uma careta para o fone. Com ar de triunfo e cantarolando começa a tirar os bobs do cabelo passando a escová-los em seguida. Ao fim de alguns minutos, Sandra sai do banheiro: o rosto bem lavado e os cabelos molhados*).

SANDRA – E aí? Falou com ele?

GINA – Falei.

SANDRA – Que, que ele disse?

GINA – Não se importou muito. Falou que tu realmente... Bem, é melhor ser franca. Ele falou que é um alívio para todos, porque estavas atrasando a peça. “Estragando o espetáculo” foi o termo que ele usou. Falou que só não tinha ainda ti falado por causa da vida sexual de vocês, para não te magoar. Mas, já que destes um motivo... Ele se sente desobrigado.

SANDRA – Vou me entender com esse calhorda na segunda feira.

GINA – Se eu fosse tu evitarias um confronto. A gente tem que ter amor próprio. Francisco... Francisco foi um bocado grosso a teu respeito, sabe! Ele falou um montão

de bobagens... Bem, tu fazes o que achares melhor, é claro, mas eu, eu nunca mais olharia na cara dele.

SANDRA – O que mais ele te disse?

GINA – Ah, ele falou tanta besteira que nem vale a pena repetir. Tu irias ficar chateada e estragaria tua noite.

SANDRA – Estragada ela já está.

GINA – Ah, garota... Seja pobre, mas não seja burra.

SANDRA – Tem umas coisas que as pessoas não entendem: ele é importante para mim.

GINA – Era.

SANDRA – Gina; eu amo Francisco.

GINA – Sandra; estás com vinte e quatro anos e não com quatorze. Uma mulher na tua idade, na tua situação, não pode se dar ao luxo de amar. Tens é que pensar na tua vida. Artur...

SANDRA – E se falares novamente nesse nome aqui, não vou mais a merda de festa nenhuma. Qual é a tua, mulher? Artur está te pagando para me convenceres a ir para a cama com ele?

GINA – Dispensso esse tipo de grossura, queridinha. Acabas de levar uma puta dum fora do namoradinho, e agora quer descarregar em cima de mim? Eu, hein?

SANDRA – Gina; não tenho um pinga de confiança no que tu falas. Amanhã mesmo vou me entender com Francisco para tirar a limpo esse papo; não vou esperar chegar segunda-feira.

GINA – Eu, hein? Isso é contigo! És dona do teu nariz! Se quiseres bancar a palhaça a arena está armada.

SANDRA – E sou mesmo. Desde que madrinha morreu que respondo pelos meus atos. E vou mesmo acertar as coisas com ele. Sei que ele gosta de mim.

GINA – Ora, se não... Claro que gosta. Qual é o pilantrinha sem eira nem beira que não quer uma xoxotinha todo dia de graça!

SANDRA –Giiiiinaaa....

GINA – Vai! Fala com ele! Pede que ele te perdoe por seres burra! Vai morar com ele, vai! Mas evita ires em cana com ele, quando ele for preso, que cadeia é barra pesada: principalmente para subversivo nos tempos que correm.

SANDRA – Tu sabes muito bem que Francisco não é comunista. Que ele saca uma porção de coisa além de teatro, lê muito, donde ter idéia própria sobre a vida política e social deste país. Por exemplo, a posição da mulher no mundo moderno...

GINA – A posição da mulher no mundo moderno é deitada. Na cama é que se resolve tudo: ou, não é?

SANDRA – Só se for na tua cabeça para quem a vida é só de perna aberta.

GINA – E não é? A vida é segurança, é estabilidade, é entendimento. E onde é que as mulheres com inteligência conseguem tudo isso?

SANDRA – Estás querendo dizer que é na cama!

GINA – E onde mais, criatura! Onde mais?

SANDRA – Quer dizer então que te consideras uma perfeita idiota, considerando-se que até hoje não arranjastes nada!

GINA – Estou tentando. Um dia eu chego lá.

SANDRA – Torço para que isso aconteça; mas tô achando difícil. Esse teu modo de vida, os ambientes onde vives, essas tuas amigas...

GINA – Tua pinimba comigo é por que não tenho um endereço de trabalho, não é mesmo? Agora te pergunto: trabalhar como, se não sei fazer nada. E francamente que de empregada doméstica nem coberta de ouro, que essa atividade não faz minha praia.

SANDRA – Sei lá! Ainda podes aprender qualquer coisa... Cabeleireira, por exemplo; ou corte e costura. Sabes que levas jeito para cabeleireira?

GINA – Ah, Sandra; se eu tivesse tua idade, achas que eu estaria perdendo tempo com um pronto como Francisco?

SANDRA – Todo mundo passa por essa fase.

GINA – Sabe: não quero ficar me envolvendo com muitos homens e estou decidida: o dia que aparecer aquele que me dê sem grandes cobranças o que preciso... Por enquanto vou saindo com quem aparecer...

SANDRA – E se ele não te quiser?

GINA – Quem? O indivíduo. Quer... Vai querer sim, que eu me garanto. Conheço minhas qualidades (*Toca o telefone*). Deixa que eu atendo.

SANDRA – Não, pode deixar. (*Atendendo ao telefone*). Alô!... Meu filho é você?... Gina lhe disse? O que?... Não... Não é nada disso!...

GINA (*À parte, murmurando*). – Sujou.

SANDRA – Espera aí, querido... Não; eu explico... Francisco, não é nada disso! Eu cheguei pregada: foi um dia de cão lá no salão. Cheguei tarde, aqui; a condução deu problema; não ia dar, mesmo... Meu amor, não, não, não... Deixa comigo que eu vou dar um jeito nisso... Claro que quero! Ainda perguntas?... Amanhã, meu amor; amanhã é um ótimo dia para isso; não, não vou sair; vou estar o dia inteiro em casa... Pode

deixar... deixa comigo... Ô... fiquei tão alegre por teres ligado... tão feliz! Foi a melhor coisa que podia me acontecer neste começo de noite; vai ser muito bom... É sim; é isso mesmo. Compreendo... Está bem. Escuta, querido; foi muito bom, mas muito bom mesmo teres telefonado... Tchau, ternura; um beijão (*Desliga. Tempo. Sandra encara Gina, enquanto está cantarola nervosa*). Qual é, Gina; qual é a tua?

GINA – Tudo bem; melou. Vou me explicar. Vou explicar tudo, tim-tim por tim-tim.

SANDRA – A senhora não vai explicar porra nenhuma, sua piranha ordinária, sua puta de beira de cais.

GINA – Sandrinha!!! Tô te desconhecendo!

SANDRA – É isso mesmo ou queres mais? Não; não precisa mais. Não vou descer ao teu nível, muito embora eu devesse te mostrar tudo que passei de repente a pensar de ti a partir deste momento. Faça o favor de pegar seus paninhos de bunda e desempear a área: basta de tanta falsidade...

GINA – Não acredito!!! Tú estas me expulsando daqui?!!

SANDRA – Nem mais, nem menos; rua. Fora desta casa.

GINA – Como fora desta casa se estou pagando minha parte?

SANDRA – Quer o reembolso? Te reembolso até o menor centavo. (*Enquanto vai falando abre uma bolsa de onde tira uma carteira de cédulas, de onde saca algumas cédulas*). E vai arrumar tuas coisas que hoje não dormes mais aqui.

GINA – Mas Sandra!... Isso não se faz nem com o vira-lata mais pirento do mundo, quanto mais!

SANDRA – Quanto mais, o quê? E cachorro nenhum faz o que tu acabas de fazer comigo. És pior do que um animal; não vales nada...

GINA – Deixa eu te falar...

SANDRA – Deixo coisa nenhuma! Não tem nada o que falar. (*Terminando de conferir o dinheiro*). Não deu, está faltando oitenta reais.

GINA – Então não saio!

SANDRA – Sai sim. Por bem ou por mal, vais sair que não posso mais te olhar nem escutar o som de tua voz. Vai; vai sair, sim! Segunda-feira, bem cedinho, levo o resto do dinheiro que está faltando lá no teu salão: mas que vais sair agora, vais.

GINA – Estás me ameaçando?

SANDRA – Se for preciso, sim. Farei tudo, mas tudo que for preciso para me ver livre de uma vez para sempre de ti, (*Outro Tom*). Rua.

GINA – Sandra... Não podes me tratar dessa maneira!

SANDRA – Cuida. Não me azeda os cornos mais ainda. Vai arrumar tuas coisas antes que eu comece a jogar tudo pela janela.

GINA – Deixa eu ficar até amanhã, criatura... Amanhã bem cedo vou procurar outro canto para acomodar minhas coisas e me mudo.

SANDRA – Amanhã não dá. Amanhã Francisco vem para cá. Vamos morar juntos. Preciso desinfetar o ambiente, livrar o apartamento dessa tua inhaca, antes que ele chegue.

GINA – Então o gigolô conseguiu mesmo o que queria: xiri de graça, casa, comida e roupa lavada?

SANDRA – E se falares mais uma besteira dessas aí contra ele, quem vai sair voando pela janela até lá embaixo és tu.

GINA – Sandra... Terias mesmo essa coragem... De me tirares daqui para colocar no meu lugar um estranho! Criatura... onde estão teus sentimentos... Não tens mesmo... entranhas.

SANDRA – E daí? Não és nada para mim: nada mesmo estás lembrada? Nem mesmo amiga. Apenas temos... Ou melhor, tínhamos, um arranjo para dividir o aluguel deste apartamento; que está em meu nome. Mas esse arranjo não me convém mais; sendo assim, rua!

GINA – Quer tu queiras, quer não, continuo sendo tua mãe.

SANDRA – Borrou tudo, hein, nega? Melou. O medo bateu. Quem foi mesmo que proibiu que essa palavra fosse pronunciada entre nós?

GINA – Eu, para facilitar as coisas entre nós.

SANDRA – O que me irrita em você é a sua absoluta, descarada e total desonestidade. Um ladrão de feira teria mais... sei lá o quê. Mãe. Você sabe lá o que é isso? Você apenas me pariu e nada mais. E assim mesmo, acredito, é porque não encontrou alguém para fazer isso no teu lugar. Me criar, foi mais fácil; madrinha estava lá para isso.

GINA – Não podes falar em coisas que não vistes; que não sabes.

SANDRA – Não sei? Não sei? Não sei o quê?

GINA – Tu não sabes nada, Sandra.

SANDRA – Não sei o quê? O que é ficar grávida? O que é ter um filho? Ainda não sei; mas se Francisco quiser, estou pronta. Pronta mais do que tu nunca estiveste.

GINA – Mesmo assim continuo sendo tua mãe. Não podes me jogar no olho da rua, assim de repente, sem mais nem menos.

SANDRA – Não posso? Como não posso, se a rua é que é teu lugar? Fui te buscar lá, esqueceu? Tentei ter um relacionamento contigo – meu Deus, se eu não tivesse tanto medo dessa palavra, diria que procurei fazer com que fôssemos uma família: mas tu trouxeste a rua para dentro de casa. Me levaste a fazer programas, me impingiste amigos de teu nível, me induziste a fazer programas por dinheiro... Não foi por falta de conselho que eu não virei uma piranha como tu.

GINA – Só queria te ajudar. Quando chegastes do Norte, eras uma tança sem rumo. Palerma, palerma sem saber de nada. Tentei evitar que passasses pelas mesmas necessidades que passei. Era uma forma de te ajudar com a experiência de vida que eu já tinha.

SANDRA – Experiência de cama é isso? A única que tens; viver de cama em cama com as pernas escancaradas.

GINA – Cada um vive como sabe e como pode.

SANDRA – Ou como quer.

GINA – A verdade é que contigo não há entendimento; nada de acordos. O melhor que fazes, agora, é arranjar véu e grinalda para receber teu cara. Até filho já estás querendo!

SANDRA – É claro! E podes ter certeza que meu filho vai saber quem é o pai dele. Coisa que eu nunca soube. Se bem que assim foi bem melhor, muito embora sempre vivesse com medo que o cara que estava ao meu lado pudesse ser meu pai. Madrinha também nunca quis falar sobre isso.

GINA – Ela não sabia; nunca soube.

SANDRA – Agora podes ir. E espero sinceramente que nunca mais nos vejamos. *(Pausa. Outro Tom)*. Não queres mesmo me dizer quem é ele; ou era. Um nome, pelo menos...

GINA – Não, não posso.

SANDRA – Entre nós foi a única coisa que realmente sempre desejei saber. Não pra procurá-lo ou outra coisa qualquer; apenas para saber. *(Pausa)* – Vamos, me diz antes de sair.

GINA – Não. Não posso.

SANDRA – Tudo bem, se essa é a única forma que tens de te vingar de mim. Se não queres dizer, não diz! *(Outro Tom)*. Agora some daqui. E não me aparece nunca mais. Segunda-feira deixo o que falta do teu dinheiro na mão de seu Antônio, lá no teu serviço; recebe na mão dele. E por caridade, nunca mais fala comigo, tá?

GINA – Não estou me vingando de coisa nenhuma, Sandra. Apenas não posso te dizer quem é teu pai: eu mesma não sei; não faço a menor idéia de quem seja. Cada noite era um diferente, dois e até três, algumas vezes. Nem bola de cristal, para descobrir.

SANDRA – Descarada pervertida. Monstro.

GINA – Muito cômodo me chamar de monstro. E a filha que expulsa sua própria mãe de casa, para instalar o amante; o que é?

SANDRA – Que mãe? Onde está essa figura? Quede a mãe? Nunca me esqueço daquele dia em que me falastes que nunca teríamos um relacionamento mãe/filha. Tá esquecida disso? Que eu nunca deveria dizer pra quem quer que fosse que era tua filha. Sempre respeitei esse trato que tu mesma sempre rompias quando era de tua conveniência.

GINA – Não tem nada que ver o cu com as calças. És minha filha e está acabado; queiramos ou não queiramos a verdade é essa.

SANDRA – Emocionalmente não sou. É qualquer coisa aqui dentro de mim. Apenas me paristes; só isso.

GINA (*Perdendo a calma*). – Como queiras. É isso mesmo; apenas te pari. Te pari por acaso e te concebi por azar. E nem podes imaginas como fiquei transtornada quando descobri que estava prenha de ti. Ah, como eu odiava aquele feto crescendo a cada minuto, comendo minhas energias, se alimentando de minhas proteínas, se formando lá dentro, à minha custa! Tu foste a criatura mais odiada deste planeta.

SANDRA (*Cabisbaixa, humildemente*). – Um aborto. Teria sido tão fácil se livrar do feto? Com uma dose bem forte daqueles chás malignos que as mulheres amaldiçoadas usavam na época teria sido fácil se livrar de mim.

GINA – E eu não tentei? Não fiz tudo que era possível para te expulsar do meu útero? Fiz. Fiz tudo que era possível, mas estavas diabolicamente malignamente incrustada lá dentro. Quando nasceste minha preocupação era como me livrar de ti.

SANDRA – Ainda bem que não te devo nada; nada mesmo. Tu, sim, que me explorastes o tempo todo.

GINA – Eu te explorei!!! Não sei como?

SANDRA – Me usando. Empurrando em cima de mim aqueles homens nojentos para cobrar gordas comissões.

GINA (*Jogando roupas dentro de uma sacola*). – Sabes qual era minha intenção? Que tu pagasses os nove meses que ficaste dentro de mim. Queria te ver puta, rodando

bolsinha na Praça Benedito Leite, em frente ao Hotel Central. O que eu queria mesmo era te destruir.

SANDRA – Meu Jesus!... Quanto ódio? Por quê; por que esse ódio todo?

GINA – Sei lá. Talvez porque, até eu ficar prenha tenha tido uma existência normal. Transava muito com aqueles marinheiros bacanas que vinham de outras bandas... Pouca gente na cidade sabia. A gravidez mudou tudo; o barrigão era o documento de minha atividade... Bom; não tem mais importância. *(Fechando a sacola)*. Estou caindo fora.

SANDRA – Quer dizer então, sem fanfarronice, que te derrotei duas vezes.

GINA – Como assim?

SANDRA – A primeira quando não conseguistes me abortar e agora quando fracassa tua intenção de me afastar de Francisco. Parece que acabei ficando mais forte do que tu, minha velha!

GINA – Realmente, perdi duas batalhas, mas ainda não perdi a guerra. Esse coitado do Francisco não vai ficar muito tempo contigo.

SANDRA – Que seja. Mas um conforto eu terei: não vou ter que te aturar nunca mais. E queres saber de uma última coisa? Me deixas o teu exemplo. Toda vez que eu quiser escolher um atalho fácil é só pensar em ti; nisso que tu és.

GINA – Adeus.

SANDRA – Podia ter sido tão diferente...

GINA – Não, não podia. E não esquece meu dinheiro.

SANDRA – Tu vais para onde?

GINA – Pode deixar que eu me viro. *(Sai)*.

(Sandra permanece imóvel, por algum tempo. De repente, maquinalmente, começa a restaurar a bagunça deixada por Gina. Abre a janela; da rua sobe o barulho de buzinas de carros que passam, vozes, gritos de crianças).

Pano

BENTO E O BOI³

(1980)

Ubiratan Teixeira

(História muito inventiva, da criação do município de Pastos Bons, e a participação milagreira do Senhor São Bento, seu padroeiro).

ELENCO

NARRADOR

CANTADOR

ÍNDIO BATEDOR

CHEFE AMANAJÓS

PAGÉ

VAQUEIRO I

VAQUEIRO II

AMO

CORONEL

MOLEQUE

CANTADOR DO BOI

SANTO (O SANTO)

HOMEM I

MULHER

HOMEM

ÍNDIO I

³**PASTOS BONS, 28 de junho de 1980**

Este espetáculo foi montado na cidade de Pastos Bons, durante os festejos do Padroeiro da cidade, em junho de 1980, com os seguintes participantes:

Amélia do Petú; Maria do Lucas; Raimunda Cabelo; Genoveva; José Teixeira; Cândido; Francinetti; Antônia; Vitorina e outros

Integrantes do Bumba-boi

Chiico Rocha; Raimundo Liberato; Reinaldo Oliveira; Felisminoe outros.

O espetáculo foi dirigido por Maria Teixeira com a colaboração das senhoras Carmem Oliveira e Nazaré Gaspar. Gente corajosa e amiga, que sustentam a tradição dadivosa pela redução daquele pedaço do sertão maranhense.

FIGURANTES

ÍNDIOS AMANAJÓS – Adultos homens e mulheres e crianças

VAQUEIROS

TOCADORES DE PÍFANOS

COROS

ATO ÚNICO

(Pano fechado)

NARRADOR

(No estilo dos recitadores de romance de cordel em feira de cidade interiorana).

O que vocês vão olhar,
 escutar e assuntar,
 mulher, homens e padres,
 povo miúdo e graúdo
 pagantes ou penetrantes,
 gente crente e homem pagão,
 é o nascimento de um povo
 marcado desde as origens
 pelo guilhão da ganância –
 marca de morte
 e heresia –
 Padroeirado de um santo
 nascido em terras da Oropa,
 Milagreiro e valentão
 como todo bom cristão.
 A treta que vai ser narrada,
 mistura fé e ferrão
 contados e recriados
 para melhor ilusão
 e começar pelo santo
 É bom logo advertir:
 Com mil e quinhentos anos
 de vida obrada e vivida,
 O senhor Bento de Núrcia
 padrinho deste Rincão.

Foi quem deu luz, pasto e candeia
para este médio-sertão
E desde que o pasto era bom
mas de fé o povo arruinado
não havia melhor escolha
que a deste varão entronado,
acostumado que era
de surrar cristão errado
fosse de madrugada,
pois na vida que ele teve,
nas terras do outro lado,
nunca fez mais outra coisa
que o povo brabo amansar.

E não se assustem os presentes,
homem, menino ou mulhé,
se de repente um vivente,
dos 53latéirenitente,
que vive por entre a gente
se a figurar no São Bento
Nesta história faceirosa
que vai passar num repente.
Não vai se arte do cão, não,
que de São Bento o cão corre,
Mas é porque o teatrista,
que escreveu este “drama”,
é crente de fé e ferro,
que num qualquer de-repente
mesmo vivendo em pecado
home, mulher ou descrente
pode viver algum dia
nas côrtes do Frei São Bento.
Silêncio agora, meu povo,
velho, cachorro e aleijado,

cego, surdo, mudo ou doido,

que a peça vai começar.

Apelando o teatrista

poeta de grande valor,

para que todos cooperem.

(Diminuindo a teatralidade). (Tom normal.Imaginado os cenáriosda história no seu lugar).

(Pano abrindo).

Silêncio que o drama inicia

Nos séculos de criação

quando este chão era virgem

de branco ou qualquer ladrão,

palmilhado só por índio

que lhe dava animação.

E atenção p'ras coisas ditas

que são de alta valia

pro coração e pra cuca,

de quem vive em harmonia

com as coisas da mais valia

como da democracia

E quem não gosta se arretire,

mas vai deixando sua grana

por que mesmo, burro ou bêsta,

de prata é que nós precisa.

(Como anunciador de circo).

(A história começa com os donos da terra).

(Entra um grupo de pessoas, homens e mulheres louros. dançam, brincam transmitindo felicidade. São os Amanajós do idílico estado em que se encontravam antes da descoberta do país. Tambores marcam um ritmo alegre e frenético para aumentar o número de participantes da cena, alguns personagens podem carregar cabeças louras como fantoches de vara. Todas as figuras têm que ser agressivamente louras. Alguns lutam, rolam pelo chão. Outros passam pelo fundo do palco com cestos repletos de cereais, caça, objetos etc.).

CANTADOR (*Com viola*).

Quando Álvares Cabral
 Chegou no Porto Seguro
 Quem governava este chão
 era uma grande nação
 gente de porte e bom trato
 mostrando reta lição
 Esta gente guarani
 destra na flecho e no amor
 viu logo que a brancalhada
 Só vinha p'ra afuleimá
 trazendo um micróbio lesto
 Que mata, machuca e rouba
 que mete em canga o guerreiro
 que desfeiteia as cunhãs
 e de lambuje tomando
 suas terras e plantações
 para enricar seu bordão.

ÍNDIO BATEDOR (*Entra correndo, dirigindo-se ao cacique*).

Guerreiro-Chefe Amanajó, tão certo como o sol queima e a lua é fria vi os homens brancos vindo por cima de nossas terras há meia lua deste sol. Vem com malhada faminta e muitos irmãos cativos de outras nações. Homem branco e tupã muito mau, grande chefe.

(*A movimentação para*).

CHEFE AMANAJÓS

Tinha que acontecer um dia, chegou a hora, meu povo. A gente prepara a imburana, o aluá e as pinturas de guerra ou arribamos pras bandas donde o sol vem?

(*Reúnem-se em círculo*).

CANTADOR

Se arreunindo em conselho
 guerreiros, chefe e pajé,
 curumins, cunhas e velhas,
 galinha, porco e mulhé

concordaram a indiada
 não jantar aqueles brancos
 com medo de indigestão
 56latéia56 ou privação.

Conta a lenda do escritor,
 pessoa muito inventiva,
 que amanajós pesaroso
 de deixar sua terra rica,
 se transformou em urtiga,
 aninga e mandacaru,
 malícia, cupim de pasto,
 mato rateiro e malvado
 prumode observar
 por que vinha o invasor

CHEFE

E dá certo, pajé?

PAJÉ

Cuma não, se foi o velho avô do avô velho de meu bisavô que ensinou encantamento
 p'rosmanajós!!!

Índio vai se adispidir da terra e vai se plantar nela até ver as sete luas, setenta vezes
 passar.

(Começa o coro das incelenças).

ÍNDIA

Uma incelença, vai sair do paraíso. Adeus, meu chão, adeus, até o dia do juízo.

*(Os índios vão pegando os seus objetos, incluindo os adereços de cenário e carregando
 consigo, na roda que formam em torno do palco, no centro da cena estão o pajé e o
 chefe).*

TODOS

Duas incelenças p'ra quem deixa suas roça.

Adeus, meu chão, adeus, até o dia do juízo.

UMA ÍNDIA

Terceira incelença, p'ra quem deixa seus defuntos...

TODOS

Adeus p'ras planta adeus, até o dia do juízo.

OUTRA ÍNDIA

A quarta incelença, é p'ra quem parte sem destino

TODOS

Adeus pássaro adeus, até quando Deus quiser...

(Continuam apenas murmurando a melodia, o pajé sacode o maracá e faz um balé exótico: é o exorcismo).

PAJÉ *(Tocando seu maracá e fazendo uma cantilena monótona e ininteligível).*

Cebolinha do girau
 flor roxa do maracujá
 semente de uricuri
 pena de pato branco,
 dente de sucuri virgem
 povo de lua e do sol
 candeia de lampião

Se achegue p'ros nosso irmão.

CORO DOS ÍNDIOS *(No ritmo das incelenças).*

São as incelença
 do povo que tá indo...
 Adeus, meu Pai, Adeus.
 Até o dia do juízo

PAJÉ

Encantado dos bons ventos
 galho de arruda sabina
 malaguetinha ardelosa
 espuma de sapo-boi
 língua de surulina
 encanto de pombo-rôla
 dá-nos força, oh! Boa sombra
 do coqueiral nosso guia.

CORO DOS ÍNDIOS *(Cantando).*

Nossas incelença,
 pro povo que vigia,
 adeus irmão, adeus,

até o dia do juízo.

PAJÉ (*Enquanto vai falando seu encantado, vai salpicando água nos índios, com um galho de mato, de uma cuia que leva na mão*).

Urtiga do pé da cerca

Aninga de jatobá

cupim da crista do morro

mandacaru da chapada

abelha do mel azedo

malícia do mata-pasto

Reviral no tempo verde.

Amanajós, revirai.

CORO (*Saindo e cantando a incelença até a saída do último figurante*).

Adeus, irmão, adeus,

até o dia do juízo

CANTADOR

O encantamento foi forte

tão forte e tão violento

que até hoje se escuta

o chacoalhar do evento,

tem índio que ainda dorme

transformado em tronco bento

Mas no tempo do mistério,

nem se passou dias luas

chegou junto nesta terra

os cabra de vida dura

trazendo boi e novilha,

bicho de boa candura.

(*Escutam-se os chocalhos dos bois e o canto melancólico de um aboio. tempo. entram os vaqueiros com a manada; tudo cansado, tudo exausto*).

(**Nota** – A boiada é representada por um boi estilizado, feito com côfo de palha de palmeira, a cabeça um abano do mesmo material e pendurados nos ferrões dos boiadeiros miniaturas de “boi”, de cartolina).

(O cortejo dá uma volta pelo espaço cênico enquanto um vaqueiro canta uma toada em aboio).

*TEMPO***VAQUEIRO I**

Viemos de longas terras
 procurando onde assentar
 nosso gado pastador
 que já tava sem lugar
 onde mamar ou comer
 ou sua carne ofertar

VAQUEIRO II

Também com estes boizinhos,
 Vindo de terras baianas
 Viemos nós boiadeiros
 gente de boa missão
 porém todos fatigados
 de tanto chão vadear

VAQUEIRO I

Tamo cansado da seca
 de cangaceiro e de bugre
 valei-nos chão, dai-nos fartura...

CORO

Ê boi...ê boiada de setão...

AMO

Coronel, o gado não se guenta mais de fome, de sede e de cansado.

CORONEL

Tô vendo, vaqueiro. Já tô pressentindo nosso destino. Deveríamos ter ficado mesmo com os outros, lá no Piauí. Que lá havia muito campo de pasto bom e água suficiente para arrancharmos e construir acampamento.

AMO

A graminha por estas beradas até que não é das ruim: ta dando até para advertir o gado. Mas até onde que irá essa capa verdosa?

MOLEQUE

(Entrando montado na sua “burrinha”). Coronel, Coronel. Tem uma fonte boa p’raquelas bandas que penso que dá pro gado e pra gente beber.

CORONEL

Desde quando moleque-negro já pode “pensar”, hein cabra? Mas se já tivestes o desplante e a ousadia de pensar então acampamos aqui esta noite, amo.

E amanhã a gente sai por aí para melhor conhecer o sítio.

AMO

Tá palavreado, senhor meu coroné (*Dá suas ordens para os vaqueiros*).

Abôia o gado, meu povo que hoje nós arrancha mesmo aqui. Cutuca o gado pro bebedor.

NARRADOR

Foi uma noite feliz,
de cantoria e fartura
comeram uma rês inteira,
carne, osso e gordura,
sem pensar no que fariam
com tão tamanha ventura.

A névoa fria e sestrosa
daqueles dias de junho
cobriu então o forasteiro
que dormiu só de fartume
sonhando sonhos brejeiros
com um chão sem nó e ardume.

Mas cedo com o sol nascendo
por cima da morraria
coronel amo e vaqueiro
moleque peão e guia
saíram p’ros quatro canto
de brilhante astro do dia

(*Entra o coronel, amo 1º e 2º vaqueiros por lados diferentes do espaço cênico*).

CORONEL

Corri mais de dez léguas em direção ao sol meu povo, chegando próximo ao vão do Zuza e só dei com pastagem da boa e água da melhor.

Não fosse as touceiras de urtiga de rato, daquelas branconas e peçolhetas, até garantia que acabamos de chegar no paraíso. Mas isso é matinho sem muito incômodo, que a gente derruba com duas foiçadas.

VAQUEIRO I

Então o pasto é bom e a água benta mesmo. Porque fui além das dez léguas pela minha esquerda, até junto ao Baixão do Riacho Grande e de ruim só vi a tiririca do campo estouceirada com a malícia. Mas que não molestam a pastagem, jeito nenhum...

VAQUEIRO II

Tô também conferindo, coroné. Em rumo da direita até o Vão da Natureza, se não fosse um abelhal de mel azedo e picadura doida eu dizia que a terra é mesmo o paraíso de bom pasto.

AMO

Então, pelo visto e testemunhado, coronel, acho que não carece a gente ir mais p'ra riba ou mais e deriva daqui...

CORONEL

Sendo assim, então, reúne a boiada, os vaqueiros, guarnece, que a gente fica. O pasto é bom?

TODOS

Só Pastos Bons

AMO

(Sopra no apito, convocando os vaqueiros).

(Os vaqueiros entram tangendo o boi. Agora é o bumba-meu-boi, todo enfeitado, do auto popular. O acompanhamento é o tradicional de pandeirões e maracás).

CANTADOR DE BOI

Êta meu boi andeiro
que veio de outro sertão
pra povoar estas terras
de pastos bons e poção

CORO

Pra povoar estas terras
De Pastos Bons e Poção...

CANTADOR DO BOI

Segura o brilho da festa
Cabôco de boa feição.

Que a manada tá quente
e o cantador é bonzão
vamos plantar neste chão
com o amor do coração,
casa, capela e curral
e a cruz de nossa feição

AMO

(Apita estridente parando a cantoria e o bailado).

Falou bem o cantador, senhor meu coronel. Se nosso povo não é pagão e nem descrente de Deus, p'ra gente assentar curral, organizar o pasto, levantar casa Grande. Senzala e plantar pelourinho, tem que ter antes capela, oratório e nosso santo protetente.

VAQUEIRO I

O amo falou inspirado, senhor meu coronel. Nação de cristão crente e temente só viça com seu santo protetor.

CANTADOR *(Sacudindo o maracá).*

Quem vai querer
Santo forte e inspirador
Padroeirar nossa terra
e morar no nosso andor.
Gente da corte celeste,
coronéis e capitães,
do vasto reino de Deus
inspirados cidadãos...

CORONEL

O amo está com a razão e todos vocês também. Mas quem da corte celeste iria querer ser nosso padroeiro? Gonçalves.

AMO

Podia se Gonçalves que tem sangue português. Mas São Gonçalves gosta é de festa, de fuzarca e só trabalha na troca da “premissa”. E quem vai ter tempo, com tanto boi pra cuidar, de 62l fazendo baile pra São Gonçalves a cada monjolo parido? Que tal Pedro?

VAQUEIRO I

O porteiro do céu? Pedro, o primeiro papa? O Pescador que deu de rijo nos fariseus? O valentão, respondão, malcriado... Talvez Pedro fosse bom, mas Pedro 62l mais é ocupado com a fechadura do céu. Eu voto por São João.

VAQUEIRO II

Taí... João... Aquele do carneirinho, né?, que vivia no deserto, comendo gafanhoto? João seria pra lá de bom se não tivesse andado perdendo a cabeça pruma tal de Salomé. (*Pensa*). Não... João talvez não sirva. Ele gosta muito dessas coisas de foguetórios, rojões, ronqueiras, bichinhas, buscapés. Vai espantar nosso gado com sua zoadeira dos infernos. E também aquela coisa que ele andou ameaçando a gente: o tal do “pocalipsis”... Talvez Supriano...

AMO

Cipriano não, vaqueiro, que o pessoal da outra banda também usa do prestígio dele pra fazer pajelança nos terreiros pagãos. É um cara legal, de respeito, que entrou direitinho para a corte celeste mas diz que também faz favor pros anticristo.

VAQUEIRO I

Então, Onofre (*Risada geral*).

VAQUEIRO II

A gente não vai plantar canavial, colega...

AMO

Ninguém tá pensando em viver grogado o tempo todo. Santo Onofre é padroeiro é de pau d’água...

NARRADOR (*Em ritmo de cantador de cordel*)

Mesmo da corte de Deus,
 como na vida dos homens
 p’ra escolher um bom santo
 que seja de toda atenção
 é preciso muito tino
 para agradar o povão
 Discute, que mais discute,
 parlamenta sem cessar
 bode, boi, cabra e carneiro
 tudo quer seu “acho”, dar,
 mas foi um velho nelore
 que precisou no acertá.

Experiente de pastos
 raçador de boa fama

andeiro que nem corisco
infatigado vigia
o gado mugia certo
no coronel de vigia,
acertando as suas oiças
um nome de oligarquia

Foi assim, Bento de Núrcia
Santo varão das oropas
que assumiu sem tropeços
a padroagem da terra
dos Pastos Bons, sem demora.

CANTADOR (*Com sua viola*).

Ouvindo nome de Bento
Varão de grande valia
logo as vacas se acalmaram
e os bezerros sorriram
as brisas mais que ligeiro
a novidade anunciam...

Valente e muito de fé,
este monge que vivia
nas grutas de Subiaco
ou nos morros de Cassino
tinha nome e tinha peito
p'ra do povo ser padrinho

Concordando com os gados
os forasteiros aplaudiram,
e tão logo eletivaram
o Pai dos Monges de Cristo
alevantaram capela, torre, sino e eucaristia
Pagaram promessa alegre,
com festa que durou dias...

(Nota – a direção do espetáculo inclui aqui uma dança de caráter folclórico. O autor sugere uma “festa de caixa”).

BENTO

A festa está bonita irmãos, mas precisamos ir ao trabalho. Gosto também muito da festa, mas é preciso trabalhar. E antes do trabalho, a oração. Sem oração e sem trabalho o Reino do Senhor Deus não fica completo *(As pessoas começam a trabalhar, podendo ser na construção de um curral)*.

PARA A PLATEIA

“O serviço dos homens e o serviço de Deus são como as duas hastes da cruz. Quanto mais se deseja aumentar a horizontal, tanto mais fundo no solo deve penetrar a vertical”. No meio de tão intensas atividades profissionais, sociais, religiosas, políticas, não seria bom parar um pouco e se perguntar”? Como está a minha verticalidade? *(Apontando para alguém na plateia)*. Você já fez, alguma vez esse tipo de pergunta?

NARRADOR

Torno lembrar aos ouvintes
que vieram a esta função
que o escritor deste drama
padece desta invenção
de reviver quem 65l morto
de fazer gado cristão
mas tudo não são respeito
da nossa religião

(Entram tocadores de pífano e se sentam no meio do palco começando a tocar seus instrumentos. O tipo de trabalho muda, na execução e no ritmo da ação. transportam cestas, balaio, fardos, imitam a ação de quem cava a terra e semeia. em ritmo febril e quase dançando ao som da música. Ajudam-se uns aos outros, trocam cumprimentos).

HOMEM I

Assim é mais fácil, não é vizinha? Parece que a oração ajuda no trabalho.

MULHER

Não, Incréu... ajuda sim! A gente fica até com a impressão de que os anjos desceram do céu e ficam tocando “pife” pra gente nem sentir o tempo passar.

HOMEM

Êta padrinho de fé, porreta...

HOMEM I

Não ia ter outro melhor, ia companheiro?

MULHER

Trabalhador, orador, inspirado pelo santo, duvido muito.

(Continua a atividade).

BENTO *(Para a platéia).*

O trabalho se reveste de um valor divino porque pela oração o homem coloca sua mão na mão de Deus para o realizar *(Indicando alguém na platéia).*

E você, o que pensa sobre o trabalho? Para você, é apenas um meio de ganhar dinheiro?

MULHER *(Para Bento).*

É verdade que quando você estava na sua terra lá do outro lado do mundo, outra mulher como eu quebrou um dia um pote e só com sua oração ele se consertou sozinho?

BENTO *(Rindo).*

Dizem que foi minha oração, mas é engano. Quem consertou o vaso foi a fé da pobre criatura. A crença dela, com a força de nossa oração, foi quem juntou os pedaços do vaso.

(Os pífanos vão parando e, em seu lugar o acompanhamento do Bumba-meu-boi, só que doloroso, desta vez).

MULHER

Mas isso foi há muito tempo, não foi?

BENTO

Sim! Faz tempo...

MULHER

Será que hoje...

BENTO

...pudesse acontecer novamente? *(Adivinhando que ela pretende jogar o pote que traz na mão no chão, para ver um milagre).* Não. Não atire seu pote no chão que provocar a compaixão de Deus é pecado mortal. O que aconteceu naquele tempo, lá onde eu morava, foi um acidente natural e o vaso de grande estima e quase sagrado. Não vá quebrar o seu pote que você vai ficar sem ele. E mesmo hoje ninguém mais acredita em milagres. Tem gente que fala em milagres de tecnologia, milagres da ciência, milagre brasileiro, mas o que está mesmo havendo é uma volta ao tempo dos bárbaros.

(Os brincantes do boi entram constrangidos, cantando aquela toada conhecida):

o meu boi / morreu/ que será de mim ... *(O boi vem carregado).*

AMO

Morreu, meu santo. Aquele velho Nelore que se alembrou do sinhozinho, faleceu num de repente, assim, ó (*Faz um gesto significativo de que morreu do coração*). Morreu talvez de paixão, desprezado que vinha sendo por aquela novilhinha pedrez.

CORONEL

Era o único touro raçador do rebanho, padre...

MULHER (*Espalhafatosa*).

Morreu o testa branca? Tá morto o pai da malhada? Morto de morte morrida ou de morte matada, vaqueiro?

VAQUEIRO I

Morrida, siá. Morridinha de paixão pro mode a Rosinha, aquela novilhinha sardenta.

MULHER

E garrote tem desses luxos de bater o catolé só por despresamento de vaquinha sebenta?

CORONEL

Pois é, meu santo. Está no tempo do cio e ele queria principiar a raçadura pela novilhinha pedrez...

BENTO

E gado tem desses caprichos, também?

AMO

Se não tinha, passou pra ter, reverendo.

MULHER

Nosso melhor garanhão! (*Desesperada*). Valei-nos, senhor São Bento, nosso Santo padroeiro (*Implorando ao santo*). Boi não é barro, é carne. Mas segundo a santa Bíblia não veio tudo só de um barreiro?

BENTO

Do barro do homem não, mulher. Um boi é um boi, um homem é um homem. Um vaso de barro é um vaso de barro.

Só a fé de cada um em Cristo Nosso Senhor é que pode dar nova vida a esse boi de vocês.

MULHER

Fé? É pra já! Vamo lá, padroeirados do nosso milagreiro. Vai lá, meu santinho sacramentado...

BENTO

Vá lá... para a felicidade geral e das vaquinhas viúvas...

(Aproxima-se solenemente do boi enquanto os vaqueiros ficam em semicírculo, movimentando-se em câmara lenta).

CANTADOR

Faz mil e quinhentos anos
Na cidade onde nasceu,
lá em Núrcia da Itália
quando o milagre ocorreu
Bento ainda era Pixote
mas já transava com Deus

A mulher da vizinhança
havia emprestado a jarra
p'ruma serva de valia
de bons cuidados e mandados
recomendendo atenção,
pois o vaso era sagrado
O demo é coisa que existe,
quem duvidar que experimente
olhe pra frente ou pro lado
que ele tá rente com a gente
foi como ocorreu à ama
que num virar de repente
caiu-lhe o vaso da mão
virando caco de dente

NARRADOR

Mas o menino São Bento,
que sempre foi piedoso
olhando praquele estrago
do demônio tentador
Ficou com pena da ama
e da jarra os caco colou
Mas não foi cola ou cuspe
faço questão de afirmar
nem com magia de feira

que essas não são de altar,
mas na força da oração
como ele só, soube usar.

CANTADOR

Cantador que não descreve
os feitos do seu povão
se não é burro é abestado
ou cantador não é não
pois o fato assucedido
neste nosso Maranhão
com o velho touro morrido
correu por todo sertão
do Gurupi e Tutóia,
sem lhe faltar um cifrão.

*(O coro entoia uma ladainha dessas de “livrai-me da peste, meu santo varão...”
depois de um tempo o boi começa a se mexer, aos poucos a melodia da ladainha vai se
transformando em melodia de bumba-meu-boi. O povo comenta).*

- Tá mexendo
- Tá revivendo nosso raçador
- Tá ressuscitando, seu esse minino!
- Tava morto, mortinho.
- Toquei nele. Duro, encanelado
- Nem mais quicigenava

*(À proporção que o ato de crença vai se transformando em manifestação popular, o
personagem são bento vai se afastando discretamente enquanto uma forte alegria toma
de conta do grupo).*

MULHER (Gritando).

Milagre... milagre do nosso Bentinho milagrento... *(Sai correndo, gritando)* Milagre,
milagre, milagre.

AMO (Cantando).

Já urrou, já urrou
pai da malhada urrou

(Improvisar).

(Ele falará na volta do boi à vida, como normalmente acontece com o auto).

TEMPO

MULHER (*Entrando com o Coronel*).

Reviveu seu coronel. Taí, vivinha da silva, como se tivesse pulado agorinha mesmo de dentro de barriga da vaca sua mãe.

CORONEL

Milagre, então? Milagre do nosso santo padroeiro? Quéde o milagreiro (*Chamando um dos homens*). Vem cá, vaqueiro. Pega um dos novilhos mais gordos e vamos fazer uma festa de arromba pro nosso santo padroeiro. Chame um oficial carpinteiro e mande construir o mais bonito altar. Chame o cantador, o violeiro, o recitador, o rebequista, chame todo mundo e vamos festejar (*para a mulher*). Vai buscar o santo, mulher...

(*Todos saem para tomar as providências*).

NARRADOR

O povo todo correu

Ao saber do acontecimento pois muitos haviam visto o caro touro morrido

(*O personagem que vive são Bento entra tranquilamente trazendo duas folhas de palmeiras e vai se colocar sentado junto à boca de cena em atitude de oração, cobre-se com as folhas como se estivesse numa gruta*).

Procuraram a noite toda

pelo santo milagroso

mas quando raiou a aurora

e a madrugada desceu

viram que Bento foi embora

sem de seu rumo se ver

(*Alguns dos índios estão esverdeados. falam a respeito do encantamento. desenvolver um diálogo rápido a respeito do assunto e encerrar deixando-os se amontoar junto a Bento, como para sua proteção:*). “Vamos revirarnos nossos encantamentos irmãos, que lá vem branco”.

MULHER (*Entrando*).

Ingrato. Foi sem nada dizer

VAQUEIRO I

Nada, não dona Bovina. Corri do Saquinho à Vargem do Meio e galopei toda a serra do Azeitão, nem rastro do homem.

VAQUEIRO II

Também corri todo o vale do Guela e adentrei pelo Olha d'Água, vareei Bom Jardim, Ipoeiras e Angical... nem sombra do santo.

AMO

Sumiu

MULHER

No ar? Noutro milagre?

CORONEL

Quem sabe ofendemos o santo?

AMO

Não, vai ver que ele é encabulado ou não gosta de festa.

CORONEL

E como é que vamos fazer agora, sem o padroeiro?

MULHER

E se levaram ela pra outro povoado?

AMO

Pelo menos ele deixou uma mensagem, não deixou?

CORONEL

Sim. Aquilo de Ora e trabalha, reza e produz.

MULHER

Grande consolo... Sem santo a gente não vai ir pra muito longe.

Mas se é assim, pro mato, cambada.

(Saem todos).

(Entram dois índios com uma faixa).

Em seguida outros, acompanhados do chefe e do pajé.

ÍNDIO I

Já se passaram muitas luas, grande chefe, e os brancos continuam por aí mesmo.

ÍNDIO II

Tô cansado de viver no mato, chefe. Meu sangue já tá que é só verde.

PAJÉ

O homem branco veio mesmo foi pra ficar. E na vida do homem branco não há paz nem sinceridade pra índio. Na vida do homem branco não há lugar para ouvir as folhas crescendo ou o zumbido das asas dos insetos.

O que sobra da vida, se o homem não pode mais ouvir o delicioso canto do bem-te-vi ou as discussões noturnas das rãs em volta dos charcos? O índio prefere o som suave do

verde soprando sobre a face do lago, o cheiro próprio do vento lavado pela chuva ao meio dia ou perfumado pela flor do cajueiro ou da mangueira.

ÍNDIO I

Mas a terra é nossa, grande pajé!

PAJÉ

O grande chefe é quem resolve.

ÍNDIO II

A terra é nossa grande chefe, desde o tempo todo foi nossa.

MULHER (*Entrando, grita escandalosamente*).

Ai, socorro! Quem me socorre... Tão me comendo viva... Bárbaros, selvagens...

AMO

Valha-me Deus, acuda meu paizinho São Bento, que os bárbaros vão nos comer vivo...
(*Entra coronel acompanhado de vaqueiros*).

CORONEL

Que é que há? Quem são esses selvagens?

AMO

Não falam nada da língua da gente... Não sabem falar...

CHEFE ÍNDIO

Quem que não fala? Falamos sim essa tua língua
(*Formal*). Somos donos da terra, deste chão dos Amanajós. Estávamos esse tempo todo por aí, vendo e ouvindo nas urtigas, nas aningas, nas malícias do campo.

VAQUEIRO I

Quer dizer que eram vocês que ficaram esse tempo todo mordendo o couro da gente com aqueles picos danados?

PAJÉ

Amanajós queria saber o que queria homem branco, por isso virou encantado nos matinhos brabo, só p'ra assustar.

VAQUEIRO II

Ah, bando de pagãos fedorentos... Com que razão ficaram nos maltratando?

CHEFE ÍNDIO

A terra é nossa e a gente se defendeu como podia.

PAJÉ

Agora já passados os sete anos do encantamento, a gente voltou pra ficar na terra.

CORONEL

Que terra? Qual? Onde?

CHEFE ÍNDIO

Este mesmo, chefe branco. Esta terra onde sempre plantamos, colhemos e enterramos nossos mortos (*Os brancos zombam*) – “plantemo”, “coiemo”, “enterremodifuntos...”

CORONEL

E onde estão as escrituras, os papéis, os documentos provando que a terra é de vocês... (*Os índios correm todos para um canto e confabulam. os brancos fazem o mesmo*).

CHEFE ÍNDIO

Índio não tá sabendo o que é isso de documento, de inscritura. Mas pode perguntar para as juritis, p'ros caítus, p'ras avoantes se o chão não é dos Amanajós desde que o mundo existe.

PAJÉ

Quem são os amanajós, o vento pode dizer.

CORONEL

Nem vento, nem bicho, nem planta. Se foram dos bugres não importa. Agora sabemos é de quem vão ser.

AMO (*Conpreendendo a intenção, satisfeito*).

É isso mesmo, coronel. A gente bem que tá precisando.

CHEFE ÍNDIO

Tome tento homem branco no que você tá querendo fazer. Amanajós não é bicho que se trata com ferrão (*referindo-se ao boi que entrou dançando*). E tira essa fera d'aqui antes que eu use o bordão (*Pajé sacode seu maracá*).

CORONEL (*Começando a ficar desorientado*).

E o velho milagreiro, onde andará esta hora.

AMO

Não tem santo milagreiro nenhum para esses pagãos, seu coronel. O que a gente tá precisando é de escravo para cuidar dos campos e desenvolver nossa lavoura. Vamos perder a chance?

(*Os dois lados se preparam para a luta. Ora o boi toca melodia, ora os índios batem seus instrumentos. os grupos se defrontam, dançando em seus estilos característicos*).

NARRADOR

Foi dura a luta travada
entre o branco invasor
e os louros índios da terra

que Nossa Senhora lhe doou,
 morreu gente em português
 e em tupi faleceu,
 os matos gemiam triste
 as aves desaninharam
 e quando acabou a briga
 tava o índio engaiolado.

CORONEL

Sem carta de fórum, sem escrituras, sem documento, sem papel, sem nada...

VAQUEIRO I

É muita insolência, não excelência?

CORONEL

E do padroeiro, alguma notícia?

AMO

Nada. Parece que a terra se abriu e ele sumiu.

CORONEL

Faz mal, não. Esses santos estrangeiros são mesmo muito volúveis. A gente um dia vai acabar tendo um santo brasileiro, só nosso, nem que seja esse tal de Anchieta que vive também xeretando esses bugres lá pelo sul.

PAJÉ (*Para o chefe índio*).

Será que eles tão falando, é aquele velho desgarrado que tá vivendo lá no Exú?

CHEFE ÍNDIO

Aquele que tá tirando água das pedras? Bem possível...

AMO

Que qui é, amizade? Que é que tão confabulando?

PAJÉ (*Sacudindo seu maracá*).

Troíra lambe macaco, sariema rói candeia, bicho do mato é canguira, branco invasor é demente, xereta de coroné, fica surdo, cego e mente.

(*Os tambores dos índios batem nervosamente*).

AMO (nervoso)

Valei-me meu santo de fé. Quem apagou a luz do mundo?

CORONEL

Que é que está havendo com o amo? Que bicho que te mordeu, homem, responde.

(Amo não responde, está encantado, fica gesticulando e tentando galar sem conseguir. Também está sem enxergar).

CORONEL

Fala meu braço direito. Que é que te deu? *(Espantado)*. Tá cego... Não escuta e nem vê?... *(para o pajé)* Que é que vocês fizeram, pro amo da minha boiada?

CHEFE

Só um encantamentozinho, branco. Só um encantamentozinho passageiro.

CORONEL *(Agressivo)*.

Desmancha logo

PAJÉ

Só quando o rio correr do mar pra sua nascente e o cágado der de mamar pra quati.

CORONEL

Vou mandar matar então tudo que é bugre selvagem.

CHEFE ÍNDIO

Tem que parar, branco: parar para pensar.

NARRADOR

A mulher de nossa história
por nada se conformou
de ver o santo varão
de quem ela mais gostou
da terra se avaporar
sem nem ao menos lhe dar
o adeus da despedida
como convém no amar.
E saiu marcha batida
pelo mundo a procurar
andarilhou pelos vales
morro, chapada e caverna
esperando que só ele,
amansasse os corações
dos brancos e da indiada
que tavam mais irritado
que caititu acuado.

MULHER

Desde então, pus-me a caminho
 pelos lugares mais êrmos,
 sem nunca tê-lo encontrado,
 de gruta em gruta, buscando...
 foram-se as luas e sóis,
 mirindiba já florou
 vento virou duas vezes
 quando cansada e sem forças
 em Exú fui descansar.
 Foi então que aconteceu
 o milagre do encontrão
 Numa gruta protegida
 Imóvel, Bento rezava
 Não sei em que meditava
 Mas, de repente, voltou-se
 Tapando os olhos em seguida
 com suas mãos descarnadas
 atirou-se de repente
 num espinhal desgraçado

CANTADOR

Bento não tava fugindo
 Nem de mulher, nem de gente;
 tava somente arrumando
 sua alma de temente
 pra melhor servia a Deus
 neste mundo penitente.

(O personagem se levanta do local onde se encontrava o tempo todo).

BENTO

O que estás querendo de mim, mulher de tentação?

MULHER

Oh, meu venerado padroeiro, não machuca tua pobre temente.

BENTO

Então, por que vieste me tirar de minhas meditações?... Estou sabendo de tudo o que
 está acontecendo; só que agora os bárbaros são mesmo os brancos.

MULHER

Apareceram uns selvagens querendo comer a gente...

BENTO

Não mintas... Aqueles selvagens é que são os donos da terra. Ocorre é que dias mais negros vão cair sobre este lugar, onde o irmão vai comer irmão, filho pai, marido mulher.

MULHER

Então livrai-nos disso, meu santinho milagreiro...

BENTO

Há tanta gente que anda e corre! Saberão todos para onde vão e por onde estão a caminho?

(Apontando para a plateia).

E você, que todos os dias passa por tantas ruas, você já pensou que há um tempo para partir e um tempo para chegar? Você já perguntou a si mesmo se o seu caminho é o certo, aquele que permite mesmo chegar – não em qualquer lugar – mas onde, finalmente, seu coração estará em paz?

NARRADOR

Mesminho como ocorreu,
há mil e quinhentos anos
em Subiaco, Núrsia e Casino
por onde Bento Passou
plantando amor e trabalho,
ensinando a humildade
assim mesmo o velho monge
aqui no nosso sertão,
padroeiro da cidade
milagre de fé obrou

CANTADOR

Embora os muitos milagres,
desde santo milagreiro
mesmo assim não se livrou
dos danados dos grileiros
que furtaram da indiada
roça, terra e seu dinheiro

p'ra não ficar só nisso
nosso velho padroeiro
viu de cima do altar
político velho matreiro
enganar seus eleitores
usurpando seus direitos
(*Coronel entra com o amo cego*)

E o escritor deste drama
quis mostrar todo o poder
do coroné de caboco
que manda até no saber
por um canto seu valor
até nos que sabe ler

CORONEL

Bento. E meu amo?

BENTO

A terra é dos Amanajós. Ele só vai enxergar quando estiver liberto o último índio e devolvido o último pedaço de terra.

CORONEL

E a lavoura? Quem vai trabalhar na lavoura?

BENTO

Reza e trabalha

CANTADOR

Libero os donos da terra
p'routas terra foram dar
e se mil vezes pousaram
duas mil foram roubados
matadas e violentados
que índio não pode plantar,
e dos branco que aqui focaram,
que é que se pode contar?
Entrou pelo bico do pinto,

saiu pelo cu do pato,
Quem souber de outra verdade,
que fique no meu lugar...

Fim

TEMPO DE ESPERA⁴

(1975)

Aldo Leite

PERSONAGENS

MÃE

PAI

FILHO

FILHA

PARTEIRA

ROTEIRO

Interior de um casebre feito de palha de babaçu, à beira de uma estrada nordestina. Um cômodo, apenas, servindo de quarto, cozinha... No quarto, à esquerda, uma rede rasgada e suja; à direita, a porta que dá para o quintal. Nesta parede da direita uma mesa com utensílios de cozinha, bastante gastos. Pilão, caldeirão na tacuruba (*fogão*), chaleira etc. Trapos rasgados e encardidos jogados na parede do fundo. Um tamborete, um urinol, dois copos. Os elementos descritos deverão ter a aparência de bastante usados, sujos... latas etc. que porventura venham a ser utilizados, não deverão conter rótulos dos produtos. Uma corda deverá ser fixada na parede do fundo – Black out – Entram um homem de 40 anos, roupas maltrapilhas, barba por fazer, aparência doentia. Deitado, enrola-se com os trapos da rede, acometido de malária e tuberculose. Uma mulher de 35 anos, grávida de 9 meses, aparência doentia. Saia e blusa encardidas. Estará catando a palha do arroz junto ao pilão, ao acender as luzes. Refletores com gelatina amarela: mais três com focos brancos, para posterior utilização. A maquiagem dos atores deverá ser cuidadosamente elaborada a fim de dar a aparência suja, suada, doentia.

Ao mesmo tempo em que as luzes se acendem (*já em cena, o homem na rede e a mulher no pilão*), ouve-se a transmissão de um programa transmitido pelo Serviço de Alto-

⁴Estreia: dezembro de 1975 – Teatro Arthur Azevedo – São Luís – MA. Elenco: Leda Nascimento, José Inácio Moraes Rego (FecuryHelluy), Cosme Jr., Fátima Moraes (WaldetteCantareli), Zezé Lisboa, Ana Teresa (Estrelinha), Lizete Ribeiro (Lola Maia, Ana Mineu, Laura Victor). Direção. Cenário e Figurino: Aldo Leite.

falante *A Voz da Cidade*, localizado na praça da vila próxima da casa onde transcorre a ação. Consta este programa de mensagens de amor, avisos, recados, enfim, uma série de comunicados, sem nenhuma intenção crítica. Apenas a narração característica (*Que por si só, criará o clima de contraste entre o cotidiano do casebre e a aparente felicidade narrada na programação do alto-falante*).

A mulher no pilão executa sua tarefa... (*O homem da rede dá sinais de cansaço, agonia*). A lentidão dos gestos deverá ser gritante. O tempo de ação de cada personagem, não será determinado. Cada ator encontrará seu *tempo*. Por exemplo, na próxima cena, a mulher deve, ao perceber o mal-estar do marido, sua tosse e vômitos, parar com a atividade do pilão, olhar para o marido, andar em sua direção, parar junto da rede e apanhar o urinol para *jogar fora* o seu conteúdo no quintal. A cena inicia na primeira música: *Quem eu quero, não me quer*, com Raul Sampaio. Esta sequência será encenada pela atriz. A marca é: o homem tosse, a mulher encaminha-se para ele para prestar-lhe assistência – Os olhares, as paradas, serão criados pelo tempo da atriz, que não deve esquecer a lentidão, fundamental para caracterizar a inanição. Assim também, o homem na rede tem como marca a tosse, o vômito. A duração desta sequência será determinada pelo ator. Sai a mulher com o urinol pela porta da direita. O homem acomoda-se com seus trapos na rede. Pela mesma porta que sai a mãe, entra simultaneamente a filha, com o um pote d'água na cabeça. Jovem de 16 anos, roupas igualmente encardidas, cabelos em desalinho, suada, olhos vivos, tempo diferente. O seu andar, gestos, diferem um pouco dos demais. Não fica alheia ao que se passa dentro da casa, mas acompanha apenas com o olhar diferente... Entra, deposita o pote ao lado direito da mesa na cozinha, põe a rodilha na parede, encaminha-se ao centro da cena, onde estão revistas espalhadas!... Senta-se à vontade, arruma – (*A mulher já entrou com o urinol limpo, coloca-o embaixo da rede, tem um gesto de carinho com o marido! Aqui também o gesto deverá ser cuidado para não ser piegas – Uma parada, um olhar para a filha, volta ao pilão*). – As suas revistas, passa a folheá-las.

(*Nova mensagem do Serviço de Alto-falante. Apenas a mocinha ouve, interessa-se. Parada. Olhar distante. Em todas as mensagens, a menina ficará atenta, assim como também em determinadas músicas, para sua atividade e se liga na letra de música. Reação!...*).

(*Nas paredes algumas fotos coloridas. A menina escolhe novas!... Estas fotos não representam o ídolo da TV, o cantor. Ela não conhece TV, não sabe ler!... As fotos são*

o bonito lá fora! Este lá fora poderá ser uma paisagem, uma roupa bonita, um rosto etc. Ter cuidado de não colar fotos recentes de revistas, fotos que identifiquem algum caso recente. São revistas velhas deixadas pelo motorista de algum caminhão).

Música: *Poema* – Renato Guimarães. Início da música: a mocinha já escolheu a primeira foto para colar na parede. – Um certo devaneio diante das fotos. – Não esquecer de estar sempre atenta às mensagens. Entra o filho: 19 anos, calça arregaçada, sem camisa, chapéu de palha, uma rede de pesca (*seca*) no ombro, um cofo vazio na mão, facão na cintura. Mesmo tempo da mãe, mesma apatia, olhar mortício. Entra pela latéia vindo da pesca que não houve – *...tem vez que a gente bazuga a tarrafa no rio e trás um peixinho!... Mas tem dia que a preguiça não deixa!... (Trecho das entrevistas).* As entradas e saídas para fora do casebre, dar-se-ão sempre pelo lado direito da cena – do lado da cozinha. Ele entra no início da música com passos lentos, põe o chapéu no canto da parede (*a mãe no pilão, para e observa*), dirige-se à mãe, toma-lhe a benção, encaminha-se para o centro esquerdo da parede do fundo, onde pendura a sua tarrafa (*A irmã, observa-o por um instante*). Pendurada a tarrafa, acomoda o facão e o cofo no canto e vai ao pote tomar água. Toma e, em seguida, enche um outro copo para a mãe, atendendo a um olhar desta. Dirige-se então para a extrema esquerda do palco, acocora-se e começa a fazer o seu cigarro de maconha em papel de embrulho. Fuma olhando para fora, olhar vazio!...

Nova mensagem. Reação da mocinha!... Música: *Castiga-me*, com Roberto Muller. O rapaz continua a fumar o seu cigarro, a mãe na sua tarefa de socar o arroz, retirar a palha, renovar o arroz no pilão. A mocinha com suas revistas. O homem da rede respira com dificuldade, pouco participa das atividades das demais!... Mensagem: nova música. *Justiça de Deus*, com Waldick Soriano.

Ao iniciar a música, o rapaz estará terminando de fumar o seu cigarro. O homem da rede começa a tossir forte até chegar a um princípio de vômito. Todos estarão ligados nele. O rapaz, mesmo acorado se volta um pouco! A mulher da porta que dá para o quintal, para de catar a palha do arroz no balaio, observa a filha que se levanta e, com um certo mal-estar, aproxima-se do pai e retira o urinol. Simultaneamente, a mulher sai da porta e volta à mesa; o rapaz dirige-se ao canto esquerdo para consertar sua tarrafa. A mocinha volta com o urinol e, com relutância, aproxima-se da rede para depositar o urinol junto desta. Em seguida, recomeça a folhear suas revistas e colocar mais uma foto na parede de palha. Tempo:

O filho, após o concerto vai para a extrema esquerda refazer seu cigarro de maconha. Próximo ao pilão, acorado, fuma olhando para o infinito. Mensagem: música: *Perdida*, com Silvinho. O olhar da mocinha acompanha os movimentos da mãe, numa evocação de uma possível ligação entre a letra da música e o seu dia-a-dia. Tempo: outra foto colocada na parede...

Na mesa, a mulher num gesto para agachar-se, sente um princípio de dor!... Geme, apoia-se na mesa e continua. A mocinha percebe e fita-a. mensagem encerrando o programa... Silêncio! Tempo: as atividades continuam durante a interrupção do programa do alto falante... Ouve-se então o ruído de um caminhão que passa. A filha levanta-se rápida, tentando arrumar os cabelos. Vai sair, porém percebe o olhar fixo da mãe que apoiada na mão de pilão encara-a firmemente. Um instante e logo a filha abaixa os olhos e volta a folhear as revistas com certa revolta. A mãe soca o arroz e logo sente uma dor muito forte. Quase caindo, apoia-se no pilão, cabisbaixa, enquanto um novo ruído de caminhão que passa desperta novamente a filha, que observa logo a mãe. Como esta não se dá conta em virtude da dor, a menina sai da casa e na extrema direita vê o caminhão que freia bruscamente. Risonha, abre a blusa deixando o busto à mostra. Num gemido muito forte, a mãe cai. Ao mesmo tempo, o filho e a filha voltam-se para a mãe, percebendo o momento do parto. Entreolham-se e, a um só impulso saem correndo pela direita (*entrada*) à procura do socorro. Silêncio apenas cortado pelos gemidos da mulher no chão, tentando equilibrar-se nos cotovelos. O homem da rede tenta sentar-se, esforça-se, tosse e, aos poucos, com bastante dificuldade, consegue sair da rede. Cai! Um tempo para recompor-se do esforço! A mulher praticamente no mesmo lugar onde caiu, geme, contorce-se, de costas para o marido, percebendo o seu esforço, estica-se tentando aproximar-se deste. Após um tempo, ambos, com bastante dificuldade, chegam a se dar as mãos, deitados. Os filhos voltam então com a parteira. Primeiro entra correndo o rapaz. Notando o pai no chão, ajuda-o a deitar-se. Volta-se para a mãe. A filha com a parteira já estão ao seu lado – (*A parteira, uma preta velha, traz uma trouxa com um banquinho baixo, cuia, vidros com xaropes, tesoura, cordão, um ovo e folhas verdes*). Na cintura, uma corda. Roupas surradas, porém limpas, uma sombrinha. Agachada junto à mulher, observa suas unhas, põe a mão na testa da mulher. Com um olhar para o rapaz, levanta-se, e os três, filho, filha e parteira, arrastam a mulher para a parede do fundo. Enquanto os filhos amparam a mulher, a parteira abre a trouxa, retira o banquinho e, juntos, sentam a mulher. Num gesto rápido, a parteira procura entre os trapos, uma corda fixa. Esta estará atrás da mulher. A filha ampara a mãe. O rapaz

recebe da parteira as folhas e rápido vai ao fogão preparar um chá; continua ligado na ação. Com ajuda da parteira, a mulher segura firme na corda e faz força! A parteira com um olhar rápido, observa se a criança está nascendo a mulher perde o equilíbrio. Novo esforço na corda. A parteira põe na cuia um xarope e dá a mulher. Esta rejeita. Aponta o marido na rede, a filha ajuda a parteira a dar o xarope. Ânsia de vômito, esforço, a mulher toma o xarope. O filho vem rápido do fogão e fica ao lado, tenso. Novamente a corda é usada, novamente a parteira observa entre as pernas da mulher. Não há sinal de parto. Olhar da parteira para os filhos. A filha pega rápido um trapo e o estende no meio da cena; volta-se e, juntamente com os dois, deita a mulher (*Os filhos tensos, cansados, a parteira rápida, sem expressão de sofrimento. A mulher contorcendo-se de dor. O velho, na rede, observa tudo com sofrimento*). A parteira arruma a trouxa a seu lado; vidros, tesoura, tudo para ser usado. O filho, em pé, junto à cabeça da mãe. A filha, agachada, ao lado; a parteira, entre as pernas da mulher, dobra-as apoiando a saia para melhor trabalhar. Atenção: antes de agachar-se entre as coxas da mulher, a parteira segura com força a sua barriga, pressionando-a para baixo. Reação da mulher. A parteira levanta-se, passando para o filho essa tarefa. Estando já entre as pernas, torna a pressionar com força a barriga. (*Observando sempre o parto*). Faz força! Arruma as pernas da mulher, dobrando-as e abrindo-as. Novo esforço com as mãos. Retira então a corda da cintura e dá uma laçada na barriga da mulher. As pontas das cordas entrega aos filhos. Continua pressionando. Com as mãos entre as coxas da mulher, começa a fazer o parto. A mulher geme forte, os filhos tensos; a parteira volta sempre a arrumar as pernas da mulher, abrindo-as. Aos poucos a criança vai nascendo. Um gesto mais brusco, um grito forte, a criança nasce morta. (*A colocação da saia da mulher, assim como a posição da parteira, não deixam visível a criança*). A filha, num gesto automático, levanta-se e apanha um trapo na parede, jogando-o ao lado da parteira. Esta, que tem ao seu lado a trouxa, pega o cordão e amarra o umbigo da criança morta. Em seguida, joga a tesoura no chão. Com o ruído da tesoura, a mulher se dá conta que o filho nasceu morto. Tem um gesto de sentar-se, erguer-se, o filho a ampara. Geme! A parteira pega o trapo que a filha jogou a seu lado, embrulha a criança e vai saindo em direção à porta do fundo. A mulher, deitada, dá um grito mais forte e estende a mão, tentando tocar na criança. Segura na saia da parteira que por um momento para e olha-a firme. Continua andando e desaparece na porta do fundo com a criança morta. O filho cabisbaixo, tenso, sai de perto da mãe e senta-se no pilão. A filha sai para a outra extremidade, lívida. Lágrimas nos olhos, tensa, chega ao prosccênio! Paralelamente a

parteira volta e, acorada, faz a mulher tomar um ovo cru na cuia. Levanta-se e procura um novo trapo para terminar de tirar a placenta. – Ruído de caminhão na estrada, desperta o torpor da mocinha! Um olhar de surpresa, olha para o lado de onde vem o ruído, volta-se rápido para a mãe (*que ainda está deitada e semimorta*) olha-a e corre saindo pela outra extremidade do palco. Apenas o pai, na rede, vê e reage com um gesto à saída da filha; com esforço, senta-se na rede para cair deitado novamente com acesso de tosse. A parteira já retirou a placenta, colocando-a pela porta do fundo. Volta e entrega ao filho o restante das folhagens. O rapaz sai do pilão e acorado prepara novo chá. A parteira enxuga as pernas da mulher, arruma sua roupa, deixa-a em posição relaxada. Pega sua trouxa, põe em ordem os vidros etc. amarra-a, retira a corda da cintura da mulher e guarda consigo. Levanta-se e, ao sair, olha firme para a mulher que lhe estende a mão. Apertam as mãos! A parteira retira da parede sua sombrinha e vai saindo. Passando pelo filho acorado no fogão, toca-lhe no ombro; este levanta-se e acompanha-a até a saída.

No momento em que a parteira está esticando as pernas da mulher, o Serviço de Alto-falante volta a funcionar (*antes da parteira sair*). – Mais ou menos nesse momento é que a parteira está saindo de cena! – O leilão não para! Simultaneamente, os atores vão desempenhando suas tarefas. Tão logo a parteira saia, o filho põe o chá em uma caneca e leva para a mãe tomar. Levanta-lhe a cabeça. Em seguida, procura um outro trapo, estende-o no chão em pouco mais à frente e segurando a mãe pelos braços, deita-a neste novo trapo, enquanto o anterior é enrolado em um cesto no canto. O rapaz procura então seu cigarro e vai fumar no canto à direita! Lentamente, acorado, fuma olhando para o infinito.

A mulher, deitada, depois de acomodada pelo filho, tenta aos poucos apoiar-se nos cotovelos; cai, torna a tentar até conseguir. Com o tórax apoiado nos cotovelos, olha à sua volta. Quando, mudando de posição, toca com as mãos nas revistas da filha, vira-se para todos os lados, à procura desta! Cai novamente e com um forte impulso levanta o tórax dá um gemido forte, abraçando-se com as revistas. O rapaz volta-se rápido, ampara a mãe, percebe o seu gesto, olha à sua volta, corre a um canto e num gesto brusco empunha o facão, correndo para a saída da esquerda. Com o braço levantado empunhando o facão, rosto contraído, para. Respiração forte! Por alguns segundos parado, deixa cair, aos poucos, o braço e, desanimado, lente, deixa o facão sobre a mesa. Olha para a mãe e volta para o canto, para continuar a fumar acorado.

A partir do momento em que o filho corre com o facão, a mulher sai arrastando-se em direção da esquerda da parede do fundo. Apoia-se no mocho, ergue-se e consegue arrastar-se. Sentada, levanta as mãos rasgando as figuras coloridas presas pela filha. Na extrema direita da parede volta-se e, ainda sentada, amarrota entre as mãos uma foto qualquer, totalmente angustiada, cabisbaixa (*Luz*).

Apenas dois focos dirigidos. Um para o filho fumando, agachado, outro para a mãe sentada no mocho, até o final da transmissão do leilão. Quando a última música tocar, a mulher já sentou no banco, os focos já estarão dirigidos. Ao término da música, o último pregão: “*dou-le uma, dou-le duas, dou-le três*”! (*Blackout*).

LEILÃO – (*Locução em off do alto-falante*).

...Serviço de Alto-falante – *A voz da Cidade*, transmitindo da praça matriz. E vamos começar o leilão. E atenção, muita atenção, o Senhor Vigário avisa a todos que os batizados serão feitos logo que ele descanse um pouco. E atenção, minha gente, vamos colaborar com o nosso padroeiro! Olha que belezão, minha gente! Olha que beleza de capão!... Veio lá do sítio de Dona Mundoca! Que beleza!... Quem vai dar o primeiro lance?... Capão bonito de danar... 1 conto! 1 conto!... Quanto? 2 *conto* no capão. Quem dá mais!... 5 *conto*!... Quem dá mais?... Quanto?... 10 contos no capão. Quem dá mais?... 11 e 500... 12 contos... É o leilão para ajudar o nosso padroeiro! Atenção: *dou-le 1, dou-le 2 e dou-le 3*! Pronto! Tá arrematado ali para o compadre! Cabra bom... E agora menino, olha que beleza: um prato de filhós, um prato de filhós feito com amor e carinho por Dona Divina. Quem vai dar mais?... Vamos ao primeiro lance:... olha o prato de filhós! 5 *conto* pra começar! (*Vozes*)... 6 *conto*... 7 contos, *dou-le 1*... 8 conto... 8 e 200... Quem dá mais? 8 e 600... É o leilão pra ajudar a nossa matriz. 9 *cruzeiro*... 9 *conto*, subiu, atenção, 10 contos, *dou-le 1*, 10 contos *dou-le 2*, 10 contos *dou-le 3*, pronto! Arrematado. Vamos aplaudir o compadre aí! O homem tem dinheiro para arrematar tudo!... (*Vozes*)... Êta cabra danado de bom!... Arre égua!... E atenção: nós vamos agora apresentar pros nossos amigos, deixa eu caçar uma coisa boa aqui pros nossos amigos! Temos aqui!... O quê? Quem é que 86l com sono aqui? Atenção! Atenção, minha gente!... Êta maçã pai d'égua de bonita!... Veio lá da casa do compadre Tunico! Tá vermelhinha como as bochechas dele!... E cheirosa! Dá pra comer por uns 8 dias!... Arre égua!... Ei compadre Tunico, sua maçã vai ser arrematada. Quem dá mais? 2 contos! Êta leilão danado! 6 e 500 é quanto você vai pagar... Ôba... 7 *conto*... 7 e 200, *dou-le 1, dou-le 2 e dou-le 3*! Pronto 86l arrematada! É isso aí, minha gente! (*Vozes*). Vamos dar sequência ao nosso leilão; é o leilão para homenagear nosso padroeiro! Êta

que coisa mais cheirosa!... *Tá* mais cheirosa que cangote de moça solteira!... Olha só este quanto de leitoa, *tá* mais gordo do que mulher de resguardo, arre égua!... Quem vai dar o primeiro lance? 2 *contopra* começar! 10 contos... Subiu, subiu o lance! A leitoa é do compadre Zé Raimundo!... 12 *conto*! 12 contos e 500... (*Vozes*). Pronto, subiu pra 15. O quê? 20 *conto*... 20 e 500! Pronto comadre, *dou-le 1, dou-le 2 e dou-le 3*, o quarto da leitoa é seu! ... Olha agora mais essa beleza!... Não se pode parar... Vamos continuar! Olha só, 3 litros de mel de abelha! ... Quem dá mais? Isso é bom pra tudo. Até pra prisão de ventre!... Ai, meu Jesus Cristo!... Bom pros pulmões!... Quem começa? Iche!... O moço ali parece que acordou agora! 5 pra começar! Ave Maria, isso com Pitu é bom demais... 3 litros de mel... Oba, 10 *conto*! 10 e 500 (*Vozes*). 12 *conto*, 12 *conto*, quem dá mais? *Dou-le 1, dou-le 2 e dou-le 3*!... Arrematado. E agora essa penca de manga rosa!... Mas essa quem vai ficar sou eu!... Mas só por causa da filha de quem mandou pro santo!... É comadre, eu sou sacristão, mas sabe como é!... Eu vou dar logo 5 *conto* e ficar com as mangas... Nós vamos continuar! Nós vamos agora botar a musiquinha do Lindomar Castilho, vamos oferecer essa música pros compadres e pras comadres que *tão* aqui com a gente e que deram a sua contribuição! Nós vamos agora ouvir o disco do Lindomar Castilho, esse cabra que canta pros corações apaixonados!... E logo depois nós vamos fazer o leilão do disco! Atenção! O disco é novinho em folha! Pra começar 7 *conto*!... Quem dá mais? (*Entra a música: A minha vida mudou, depois que você foi embora...*).

MENSAGENS: SERVIÇO DE ALTO-FALANTE – A VOZ DA CIDADE

...Serviço de Alto-falante – *A voz da Cidade*, uma emissora a serviço da informação e da comunicação! E atenção, muita atenção povo desta modesta porém decente cidade! Estamos transmitindo da praça da matriz em homenagem ao santo padroeiro que está em festa. Venham todos para a praça agradecer ao nosso padroeiro os milagres que ele nos fez durante todo o ano. E atenção porque esta é a primeira mensagem que recebemos hoje: não esqueçam que por 2 *conto*, mandaremos aquela música e aquele abraço ao escolhido do seu coração! E atenção, muita atenção J. S. recebe esta linda gravação da festa passada. Aí está Raul Sampaio, *Quem eu quero não me quer...* (*Música*).

A voz da Cidade mandando brasa da praça do santo padroeiro. E não esqueçam minha gente, que o padre pede a todos os moradores, que mandem até antes da missa, as suas lembranças para o grande leilão que vamos fazer logo após a missa. Aí já estão chegando umas cambadas de coisas que o fazendeiro Oliveiros mandou pro santo.

Mandem logo, gente! E olhem só que novidade: esta mensagem estão mandando lá pra capital! Será que se ouve por lá a *Voz da Cidade*? Claro, minha gente, os americanos mandaram os homens pra lua, pra facilitar as coisas pra nós todos. E aí vai a mensagem que Maria do Rosário vai receber lá na capital!... Alô, alô, tá me ouvindo Maria? Se *tiver* dormindo pedimos que transmitam esta mensagem de amor e saudade. Mando junto um beijo, assina, PR. A música é de Renato Guimarães. *Poema... (Música)*.

Serviço de Alto-falante a serviço da informação! Estamos hoje na praça do santo padroeiro, dando uma ajuda ao senhor vigário nas transmissões das notícias mais importantes de hoje!

E atenção Mundiquinho Gouveia, te segura porque tem aqui um recado que nem tu nem ninguém da tua casa vai gostar. Teu vaqueiro tá aqui te dizendo que tu *venha* depressa te encontrar com ele aqui. É que as piranhas comeram os bicos do peito da tua vaca de estimação. Ele te espera aqui no estúdio. E olha o leilão do santo!... Quem não mandar a sua oferta o santo se sente chateado. E atenção, mamãe! Quem te oferece esta música é teu filho mais velho como prova de estima e respeito que tem pela senhora! Assina Bertoldo da Purificação. A música é com Roberto Muller. *Catiga-me... (Música)*.

Serviço de Alto-falante – *A Voz da Cidade*... É muita gente chegando aqui no estúdio. Venham também quem estiver mais longe e traga a prenda do santo. Mais uma mensagem: desta vez é do seu Anísio pro seu compadre Filomeno que morreu no ano passado mas que deve estar nos escutando lá no céu! *Justiça de Deus... (Música)*.

E atenção CCJ receba esta mensagem pela passagem do seu natalício, transcorrido no mês passado. Quem te oferece, não pode dizer... Silvinho canta *Perdida... (Música)*.

E atenção, muita atenção. Serviço de Alto-falante- *A Voz da Cidade*, vai interromper as suas transmissões para o nosso vigário rezar a missa do nosso padroeiro. Aproveitamos para pedir a todos que fechem suas barracas e suas brincadeiras de largo até o fim da missa, quando terá início o leilão, que este ano promete ser muito gordo para a matriz. Quem vai gritar o leilão é o sacristão.

Fim

RESPEITÁVEL PÚBLICO

(2018)

Américo Azevedo Neto

CANÇÃO: MÚSICA DE ABERTURA

AUTOR – Respeitável público, boa noite, muito boa noite. É com imenso prazer e – por que não dizer? – muita honra que apresentaremos agora o nosso espetáculo já visto pelas maiores e melhores platéias do mundo, sempre recebendo os mais calorosos e entusiasmados aplausos.

Aqui não será diferente, pois sabemos que esta platéia é composta pela mais fina flor da inteligência nacional.

Sendo assim, aqui e agora, alegremente, faremos nossa já internacionalmente consagrada apresentação. Portanto, divirtam-se muito e tenham todos um bom espetáculo.

(Ele troca o tom e se dirige a alguém que está nas coxias).

E aí? É assim ou devo melhorar?

DONO DO CIRCO *(Entrando)*. – Deve melhorar. Não é que tenha sido ruim, mas ainda pode melhorar. Aliás, deve, deve melhorar.

AUTOR – É a situação. Estou com a cabeça quente. Mas fica tranquilo, vou fazer de novo. *(Recomeça)* Respeitável público, boa noite, mui...

DONO – *(Interrompendo)*. Não, não precisa dizer de novo. Vai ensaiar antes.

AUTOR – Está bem, vou, mas está difícil. São os problemas. *(Ameaça sair)*.

DONO – Espera aí. Que problemas são esses? Nossa situação, por exemplo?

AUTOR – *(Interrompendo a saída)*. Isso é o principal, mas tem também a Isaurinha, o Gusmão, o Moreno, a Neusa, o...?

DONO – E quem é esse povo?

CANÇÃO: Quem são esses?

ISAURINHA – Eu sou Isaurinha. Na verdade, eu não existo. Sou uma personagem. *(Estática)*.

GUSMÃO – Assim como eu. Eu sou Gusmão, noivo de Isaurinha. *(Estática)*.

MORENO – Noivo arranjado, casamento forçado, pois ela gosta mesmo é de mim. *(Estática, mas recompõe-se rapidamente)*. Ah, eu sou Moreno.

NEUSA – E eu sou Neusa. Pretendente ao elenco. Qualquer papel. (*Estática*).

AUTOR – É isso aí. É com esses elementos que quero fazer o espetáculo. É possível que apareçam outros, mas esses aí, se vierem, virão conforme a estória for andando. (*Pausa*). Mas tem um problema: não sei como começar.

CANÇÃO: AFINAL, COMO COMEÇO ESTA PORRA?

GUSMÃO – Quer começar? Começa pelo começo, ora.

MORENO – É mais fácil.

NEUSA – É lógico.

AUTOR – Explica aqui: és personagem ou atriz?

NEUSA – Atriz.

AUTOR – E o personagem?

MORENO – Ainda não entrou. Uma das regras básicas de teatro diz: o ator nunca entra em cena, quem entra é o personagem.

AUTOR – Sei disso.

ISAURINHA – Então? Se a atriz está é porque o personagem não está.

AUTOR – (*Já irritando-se*). Ah isso é claro, porra!

GUSMÃO – E isto ainda não é uma cena.

NEUSA – E é o que?

AUTOR – (*Já irritado*). Por favor! Parem com isso. Estão fazendo apenas confusão.

ISAURINHA – Larga de frescura, cara. Só estamos tentando ajudar.

AUTOR – Mas desse jeito vocês não estão ajudando resolver porra nenhuma.

NEUSA – (*Insinuando-se*). Que tipo de ajuda tu queres? (*Oferecendo-se*). Diz.

MORENO – E qual é o teu problema?

AUTOR – Achar um jeito de salvar esta merda da falência.

MORENO – Qual merda? Este circo?

AUTOR – Sim, este circo.

GUSMÃO – Pra isso o espetáculo?

AUTOR – É, é pra isso.

ISAURINHA – E é aí que entramos?

AUTOR – É, é aí.

CANÇÃO: É AÍ QUE ENTRO

(*Após a canção, a cena é refeita*).

ISAURINHA – Eu sou Isaurinha, a pretendida...

GUSMÃO – Eu sou Gastão, o arranjado.

MORENO – Eu sou Moreno, o querido...

NEUSA – Eu sou Neusa, a pretendente

PAI – (*Entrando*). – Eu sou o pai de Isaurinha.

MORENO – Pai?! Pai pra que? Precisa?

PAI – E tu achas que Isaurinha é filha da puta, rapaz? Ela tem pai sim, cara. Eu.

GUSMÃO – Tá bom: pai, pai. Tem pai. Pronto: tem pai. Vamos.

MÃE – (*Entrando*). – E mãe.

MORENO – A mãe vem também?

MÃE – E tu achas que ela nasceu como? Cegonha trazendo?

GUSMÃO – O que é que ainda tem para entrar? Por acaso a Isaurinha tem cachorro? Periquito? Papagaio? (*Pausa*). Já não basta essa daí (*Aponta Neusa*) forçando entrar num espetáculo onde ela não cabe?

NEUSA – Te lixa, rapaz! Isso quem sabe é o autor. E ele ainda não me descartou.

ISAURINHA – Não, não descartou.

MORENO – Não descartou eu sei por quê.

GUSMÃO – Teste do sofá?

NEUSA – Me respeita, porra.

AUTOR (*Entrando*). – Eu sou solteiro, ela também, se a gente ficasse, o que é que vocês teriam com isso?

ISAURINHA – Nada, nada mesmo. (*Para Neusa*). Vocês são adultos e livres, portanto...

MÃE – Neusa está desempregada. Estamos procurando um jeito dela encaixar no espetáculo.

PAI – Estamos?

MÃE – Sim estamos. Ela é minha amiga e não pode ficar de fora.

AUTOR – Isso quem decide sou eu.

NEUSA – E decide quando?

AUTOR – (*Apenas gesticula*).

MORENO – Está bem, gente, vamos ensaiar.

PAI – Ótimo. Vamos.

ISAURINHA – Eu sou Isaurinha...

NEUSA – Eu sou Neu...

AUTOR – De novo? Vão repetir isso: eu sou este, eu sou aquele, eu sou aquele outro? Todo mundo já sabe disso. (*Noutro tom*). Vamos começar.

MORENO – Mas isso não está no texto?

ISAURINHA – Está.

MÃE – E então?

AUTOR – É só para poupar tempo.

GUSMÃO – E eu digo o que?

NEUSA – Por enquanto, nada. Espera. (*Ao autor*). Não é?

PAI – É, espera.

GUSMÃO – Espera o que?

MORENO – (*Óbvio*). O espetáculo.

5 – CANÇÃO: O ESPETÁCULO NÃO VAI DEMORAR

PAI – Isaura.

ISAURINHA – Diga, pai.

PAI – Você vai casar.

ISAURINHA – Casar?! Eu? Como casar, se nem namorado eu tenho?

MÃE – (*Entrando*). Teu pai *arranjou* um noivo.

ISAURINHA – Sem falar comigo?

NEUSA – (*Espantada*). Arranjou?! (*Cheia de esperanças*). E onde ele arranhou esse, tem mais?

PAI – Te aqueta, Neusa. Isto é coisa séria.

NEUSA – E o senhor acha que minha pedra não é coisa séria? Estou na pedra, comandante. Pedra braba.

ISAURINHA – O que é isso, pequena!? Te sossega.

NEUSA – Sossega? Sossega porque não é contigo. Há muito tempo que só abro as pernas para montar em cavalo.

MÃE – Não sabia que tu tens cavalo.

NEUSA – Não, não tenho. Portanto, nem pra isso estou abrindo perna.

PAI (*Irritado para Neusa*). – Para de dizer besteira, menina.

NEUSA – (*Para o pai*). Ora, arranja, por favor, arranja.

MÃE – (*Para Neusa*). Arranjar? Estás pensando que isso é fácil?

NEUSA – (*Argumentando*). Mas se ele achou um, pode perfeitamente achar dois.

MÃE – Bom, mas ele só arranhou um. (*Aponta Isaura*). E esse um é pra ela.

ISAURINHA – Pra mim?! Estão ficando malucos? Um noivo?!

MÃE – Sim, um noivo.

PAI – Fiz isso porque sei que não está fácil.

NEUSA – Disso eu sou testemunha: eu sei que está difícil. Oh se sei!

ISAURINHA – (*Ponderando*). Mas arranjado assim, sem nem eu ter encomendado um? Não é esquisito?

PAI – Que esquisito nada. E precisava encomendar?

MÃE – Não foi encomendado, está certo, não foi encomendado, mas apareceu. Apareceu e teu pai aproveitou.

ISAURINHA – Eu não quero noivo arranjado assim.

NEUSA – Eu quero, comandante, eu quero. E não faço nenhuma exigência.

PAI – (*Para Isaurinha*). Queira, minha filha, está difícil. E eu estou pensando só em tua felicidade.

MÃE – Eu avisei ele: isso é doideira, mas ele não me ouviu.

ISAURINHA – Desculpa, mas comigo não vai dar..

PAI – É pra teu bem, pequena teimosa.

ISAURINHA – Pra meu bem? Pra meu bem uma droga! Que doidice é essa, papai?

NEUSA – (*Para ninguém*). E ela ainda esnoba. Oh meu Deus!

MÃE – (*Para Neusa*). Estás vendo? Ganha um, (*ênfatisa*) ganha, mas desdenha. (*Para Isaurinha*). Tu acha que isso de noivo hétero está fácil?

ISAURINHA – Eu sei que não está, eu sei, mas não precisa exagerar. Deixa que eu mesmo acho.

PAI – Só pensei em ti, minha filha.

MÃE – Tu conhece teu pai: quando ele mete uma coisa na cabeça não tem quem tire.

ISAURINHA – Ah, mas essa coisa ele vai ter que tirar. (*Outro tom*). E quem é esse doido que topou essa idéia?

NEUSA – (*Excitada*). Sim, quem é? Cadê?

GUSMÃO – (*Entrando*). Eu, senhoritas. Eu: Gusmão. (*À Isaura*). Gusmão ao seu dispor.

ISAURINHA – Dispor?! Dispor uma porra! Não precisa se dispor pra nada, camarada. (*Outro tom*). E além do mais, eu vou lá casar com um sujeito que ainda me chama de senhorita? Ah, faz favor!

NEUSA – Só por isso?

PAI – E é pra chamar como?

ISAURINHA – Não chama, não chama. Pronto: não chama.

MÃE – Minha filha, calma.

PAI – Primeiro ouça

ISAURINHA – Ouvir o que?

MÃE – O que teu pai tem pra te dizer.

ISAURINHA – Já ouvi. Ele quer que eu case como esse moço, um cara que eu nunca vi antes. Não é isso?! (*Outro tom*). Nem falar o cara fala! Todo o tempo aí, caladão. (*Outro tom*). Vocês estão ficando doidos, isso é que é. (*Pausa*). E ainda me chama de senhorita.

NEUSA (*A Gusmão*). – Quanto a mim, pode chamar do que quiser.

CANÇÃO: CASA OU NÃO CASA

MÃE – O que vamos fazer?

PAI – Vamos conversar com ela. (*Chama*). Isaura!

ISAURINHA – Diga, papai.

NEUSA – Posso entrar também?

PAI – Para quê?

NEUSA – Tenho um certo interesse.

MÃE – Que tipo de interesse?

NEUSA – Vai que Isaurinha relaxe mesmo...

ISAURINHA – Relaxe o quê? E aí? Vocês me chamaram. Pra quê?

MÃE – É o casamento.

ISAURINHA – De quem?

PAI – Teu.

ISAURINHA – Oh pai, ainda? Não já lhe disse que isso é impossível?

NEUSA – (*Realmente espantada*). Impossível?! Porra!

MÃE – (*Ponderando*). Mas tu nem conheces o rapaz, nem conversaste com ele.

ISAURINHA – Não é aquele que me trouxeram outro dia?

PAI – É, é esse mesmo.

NEUSA – Fofinho, ele.

ISAURINHA – (*À Neusa, desdenhando*). Fofa, ora fofa. (*Para os pais*). Olha, pra não dizer depois que eu não colaborei, vou conversar com ele. Cadê ele?

NEUSA – Isso. Chama a fera para o reconhecimento. Limpa, limpa o terreiro. Vamos avaliar o bicho.

MÃE – Não te animes. O negócio é com ela.

NEUSA – Um ménage é sempre possível.

PAI – Larga de assanhaço, menina.

NEUSA – (*Contemporizando*). Brincadeirinha, brincadeirinha.

ISAURINHA – *(Interferindo)*. Besteira, gente. Larguem a Neusa. *(Para a mãe)*. Chama o moço. É Gusmão, não é?

PAI – É, é isso: Gusmão.

ISAURINHA – Então, chama.

MÃE – Vou buscar.

NEUSA – Vai logo, dona.

CANÇÃOVOU BUSCAR O NOIVO

(Sai e volta com Gusmão. Ficam todos parados sem saber o que dizer. Não ficam sérios e nem riem. Estão visivelmente encabulados).

ISAURINHA – Oi

GUSMÃO – Oi

PAI – Oi

MÃE – Oi

NEUSA – Oi

(Retomam o silêncio).

ISAURINHA – E então?

GUSMÃO – Pois é.

PAI – Tudo bem?

MÃE – Tudo bem.

NEUSA – Pode melhorar.

PAI – *(Para Neusa)*. Não te metas. *(Para a mãe)*. E não és tu quem diz “tudo bem”. É ele. *(Aponta Gusmão)*.

GUSMÃO – Eu?

PAI – Sim tu.

GUSMÃO – Perguntaram o quê?

NEUSA – *(Absorta)*. Ele só vê Isaura.

MÃE – Ele perguntou: tudo bem?

GUSMÃO – *(Reconhece o lapso)*. Ah, sim. *(Outro tom)*. Tudo bem.

(Retorna o silêncio).

ISAURINHA – Bom, vai ficar nisso?

GUSMÃO – É minha timidez, moça.

ISAURINHA – Você é tímido?

NEUSA – Isso se resolve.

PAI – Não estás vendo?

MÃE – E timidez é defeito?

NEUSA – Não, não é. Claro que não é.

GUSMÃO – Sou tímido sim. Um pouco, mas sou. Além do mais, a senhorita há de convir que esta situação está bastante constrangedora.

ISAURINHA – Concorde, mas não fui eu quem inventou isto.

GUSMÃO – Agora sou eu que concordo, foi seu pai.

NEUSA – Foi. Foi ele.

PAI – Para o bem dela, minha gente, para o bem dela.

MÃE – Isso, minha filha, para o teu bem.

GUSMÃO – Foi o que pretenderam: seu bem, senhorita.

ISAURINHA – E quem sabe o que é que é meu bem?

NEUSA – Só tu.

ISAURINHA – Isso: eu, só eu é que sei. (*Noutro tom para Gusmão*). E por favor, para de me chamar de senhorita. Fico achando que estou no início do século XX.

GUSMÃO – E lhe chamo como?

ISAURA – Isaura. Isaurinha, como todos me chamam.

NEUSA – Se cansar de chamar Isaura, pode chamar Neusa.

GUSMÃO – (*Saboreando a palavra*). – Isaurinha.

ISAURINHA – (*Objetiva*). Quer dizer então que tu queres casar comigo?

GUSMÃO – Sim, quero. Aliás, é o que mais quero.

ISAURINHA – E quem botou isso na tua cabeça?

GUSMÃO – Ninguém. Eu mesmo. Eu, eu quando lhe vi. Aí falei com seu pai.

ISAURINHA – Tinha que falar era comigo, cara. Não desconfiou disso?

GUSMÃO – Já lhe disse: sou tímido.

NEUSA – Mas era com ela que devia falar. E isso não é burrice, é atraso.

PAI – Quando ele falou, concordei de saída.

MÃE – Naquela hora eu também achei que era o mais certo.

ISAURINHA – E a noiva aqui, perguntaram pra ela o que ela pensava sobre o assunto?

GUSMÃO – Faltou esse detalhe.

NEUSA – Porra! Detalhe?!

ISAURINHA – Detalhe uma droga, cara, é o principal. É o mérito da questão.

PAI – (*Entusiasmado-se*). Falou bonito. Essa é minha garota.

GUSMÃO – Por favor, senhorita.

MÃE – Larga esse negócio de senhorita. Que troço mais chato! Eu também já estou achando isso muito do enjoado.

PAI – Eu acho bonito. É respeitoso.

NEUSA – O senhor acha?

PAI – É, acho. Hoje já não existe respeito

ISAURINHA – Que bonito nada, papai. E respeito é outra coisa. Isso aí é um saco. (*A Gusmão*). E eu já te disse pra não me chamar assim.

NEUSA – Respeitoso não chega a ser, mas que tem um certo charme lá isso tem. (*Sonhadora*). Senhorita!

GUSMÃO – (*À Isaurinha*). Sim, sim, já ouvi. Desculpe. Não chamo mais. Saiu num impulso. Foi sem querer.

ISAURINHA – Ora sem querer!

NEUSA – O que sai no impulso é peido. E na maioria das vezes dá pra controlar. Portanto, faz como ela disse: controle-se.

GUSMÃO – Sim, vou me controlar.

AUTOR (*Entrando*). – Bom, bom. Está indo bem. Vamos repassar.

ISAURINHA – Repassar?!

AUTOR – Sim, vamos passar a cena novamente.

PAI – De novo não. Dá um descansozinho.

MÃE – Só o tempo de água e xixi. (*Sai*).

GUSMÃO – Eu estou achando esse texto bobo.

MORENO – E eu entro quando?

AUTOR – A gente vai passar a tua cena agora. (*A Gusmão*). Bobo como?

GUSMÃO – (*Como se fosse óbvio*). Bobo.

PAI – O que tu queres?

GUSMÃO – Intriga, discussão, conflito. (*Concluindo*). Emoção.

MÃE – Amor? Amor, talvez fosse interessante.

MORENO – Amor, romantismo, sublimação.

AUTOR – Assim!? Esse amor é difícil. Falar e sentir. Não sei, é difícil.

PAI – Confunde-se tudo, né?

ISAURINHA – Confunde-se como?

AUTOR – Na verdade é tudo muito misterioso. Acho que o poeta tem razão.

MORENO – E o que o poeta diz?

AUTOR – Ele diz:

(Troca clima. Certo toque de lirismo).

Cuidado!

Muito cuidado, quando dizes que me amas.

Desconfio que,

na verdade,

inconscientemente,

o que dizes é que te amas.

Defendes não a mim, mas a ti;

buscas não meu prazer, mas teu gozo.

Não meu gozo, mas tua sublimação.

Cuidado!

Muito cuidado,

quando dizes que me amas.

CANÇÃO:AMOR, CUIDADO

GUSMÃO – *(Pensativo)*. Não sei bem se é assim.

AUTOR – Ouve o resto:

Se tu me chamas de meu,

tu não me amas.

Se me amasses

não te assenhorearias de mim.

Se prendes um sabiá é porque não o amas:

queres somente seu canto.

Se o chamas de meu,

se lhe negas asas e vôos,

se lhe roubas horizontes e distâncias,

indiferente à sua necessidade de azul,

desculpa-me, mas não o amas.

Por isso, se me amas

não me chames meu

nem me queiras teu.

9 – CANÇÃO:NÃO ME CHAMES DE TEU

GUSMÃO – Continuo achando esse espetáculo bobo.

AUTOR – Bobo é a puta que te pariu!

CANÇÃO:VAI TE LASCAR

MÃE – Esse negócio de amor, não sei... ou melhor, sei.

MORENO – Sabe o quê?

MÃE – Olha safado, eu já estou entendendo onde tu queres chegar.

MORENO – Entendendo porra nenhuma. Tu estás é vendo chifre em cabeça de cavalo.

MÃE – Conheço esse jogo, camaradinha.

MORENO – Bom, se tu sabes, não atrapalhes.

AUTOR – Parem com esse papo. Isso não vai nos levar a lugar nem um. (*Em outro tom*). Vamos ensaiar é que é.

(*Troca luz*).

MORENO – Eu te amo.

ISAURINHA – Que isso, rapaz! Te comporta. Sabes que sou comprometida.

MORENO – Compromisso bobo.

ISAURINHA – Mas é compromisso.

MORENO – Assumido por teu pai. Não por ti. E além de tudo o compromisso é da personagem.

ISAURINHA – Mas eu sou a personagem.

MORENO – Agora não é.

ISAURINHA – Estás ficando doido? Estás fazendo uma confusão enorme. Estás misturando tudo.

MORENO – Não estou fazendo confusão nenhuma. Eu te amo.

ISAURINHA – Estamos ensaiando?

MORENO – Tudo é ensaio.

ISAURINHA – Bobagem.

MORENO – Bobagem nada! A vida é o ensaio de um espetáculo que não sabemos onde nem quando será montado...

ISAURINHA – Que besteira! Filosofia mais barata, cara!

MORENO – (*Continuando*). ...e a estréia é a morte.

AUTOR (*Entrando*). – Ok, ok. Vamos parar por aqui. Por hoje é só. Amanhã se volta a ensaiar.

MORENO – Mas eu não estava ensaiando.

ISAURINHA – Acho que estás confundindo as coisas.

MORENO – Não estou confundindo nada.

ISAURINHA – Quem quer casar com Isaura é o personagem.

MORENO – Estou falando pelo ator.

ISAURINHA – Não mistura os dois.

MORENO – Mas eu e o personagem coincidimos nesse ponto.

NEUSA – (*Entrando*). – Cuidado! Não vai fazer como o personagem que tentou o compromisso sem falar com ela

MORENO – (*À Neusa*). Não te metas. (*À Isaura*). Mas estou falando contigo, poxa.

MÃE – (*Entrando*). – Estava na coxia. Ouvi a conversa. Vai rolar?

PAI (*Entrando também*). – Rolar o quê?

MÃE – Tu estavas lá também. Não ouviste?

PAI – Estava lendo o texto. Não ouvi.

GUSMÃO – (*Idem*). Mas eu ouvi. E não gostei.

PAI – O que, gente? O que é que ouviram?

MÃE – A declaração dele pra ela.

PAI – Declaração? De amor?

GUSMÃO – Sim, de amor.

CANÇÃO: TENHO QUE DIZER QUE TE AMO

DONO – Gente, temos que fazer uma reunião.

AUTOR – Sobre?

DONO – Sobre nossa situação. A situação do circo. Está difícil.

NEUSA – Sempre esteve.

DONO – Mas piorou. Piorou muito.

MÃE – O que podemos fazer?

AUTOR – Nós estamos fazendo um espetáculo.

DONO – Pra vender para algum patrocinador?

MORENO – Sim. Pelo menos é um produto novo.

DONO – Como é o nome do espetáculo?

ISAURINHA – Respeitável Público.

DONO – Presta?

PAI – Não sabemos.

GUSMÃO – E o nosso espetáculo tradicional?

DONO – Ofereci para aquela empresa que sempre nos patrocinou, mas não responderam. Já completou dois meses.

GUSMÃO – Já teve tempo pra resposta.

PAI – Já, já teve.

DONO – Acho que não vão querer mais parceria conosco.

CANÇÃO: ABANDONADOS

AUTOR – Não tem um, então vamos atrás de outro.

GUSMÃO – E se só tem tu, vai tu mesmo.

NEUSA – Vamos que vamos.

ISAURINHA – É teatro, gente, é teatro. Está pensando o que, que é fácil?

MÃE – Vamos tocar, vamos tocar!

MORENO – Isto é como bicicleta: se parar, cai.

PAI – Recomeçemos, então.

GUSMÃO E NEUSA – Vamos, vamos começar de novo.

CANÇÃO:ORA, VAI ROLAR

TODO O ELENCO EM CENA.

AUTOR – Por favor, vamos começar.

(Muito burburinho. Frases soltas, risos, perguntas, gargalhadas, galhofas).

AUTOR – Por aqui. Assim. *(Porta-se como se inicia a arrumar uma cena).*

DONO – *(Entra. O elenco para. Pergunta a todos).* E o espetáculo?

AUTOR – Estávamos ensaiando quando atrapalhaste.

DONO – Aquilo era ensaio?

AUTOR – Era.

DONO – Ah, desculpem. Então continuem. *(Sai).*

AUTOR – Onde estávamos?

NEUSA – Alguém não queria casar com alguém.

PAI – As vontades existem.

MÃE – Os pares é que estão errados.

GUSMÃO – *(Para Neusa).* Eu te quero.

ISAURINHA – *(Para Gusmão).* Eu quero aquele.

MORENO – *(Para Neusa indicando Isaurinha).* Que quero aquela.

NEUSA – *(Para Moreno indicando Gusmão).* Que quero esse daí.

PAI – Fodeu.

MÃE – *(Recriminando).* Que é isso, cara? Não tem outro nome?

PAI – Tem, claro que tem, mas no texto está esse aí: fodeu.

MÃE – E agora?

DANÇA DA CONFUSÃO

(Essa dança deve ter a duração de quinze a vinte segundos. É praticamente uma fanfarra).

DIÁLOGO ENTRE ISAURINHA E GUSMÃO

GUSMÃO – E nós?

ISAURINHA – Nós o quê?

GUSMÃO – O casamento.

ISAURINHA – Que casamento, cara?

GUSMÃO – O nosso.

ISAURINHA – Não dá. Eu gosto é de Moreno.

GUSMÃO – Moreno gosta é de Neusa.

ISAURINHA – Nada disso. Quem andou ficando com Neusa foste tu.

GUSMÃO – Eu!?

ISAURINHA – Sim, pensa que eu não soube? Aliás, todo o mundo sabe.

GUSMÃO – Mas tu me relaxaste... E eu estava na pedra.

ISAURINHA – Fica com Neusa.

DANÇA DA CONFUSÃO

DIÁLOGO ENTRE MORENO E NEUSA

MORENO – Ficaste com Gusmão?

NEUSA – Foi o jeito.

MORENO – Mas não vives dizendo que gostas de mim?

NEUSA – Isso antes de ficar com Gusmão.

MORENO – E agora?

NEUSA – Agora é ele.

MORENO – Mas ele gosta é de Isaura.

NEUSA – Gostava, querido, gostava.

MORENO – Gostava?!

NEUSA – Claro. Não sabes dos meus segredos, meu filho. Aqui é fogo!

MORENO – Fica com ele então, porra.

DANÇA DA CONFUSÃO

DIÁLOGO ENTRE PAI E MÃE

PAI – Estou gostando desses nossos papéis de pai e mãe.

MÃE – Não bota caraminholas em tua cabeça.

PAI – Já botei. O problema é tirar.

MÃE – Mas tira, ora.

PAI – Não posso.

MÃE – E que novidade é essa?

PAI – Novidade? Não vês como te abraço nas cenas?

MÃE – Pensei que fosse força de interpretação.

PAI – Um pouco, mas aquilo é mais verdade que representação.

MÃE – Bobagem.

PAI – A gente tenta?

MÃE – Não custa, não é?

DANÇA DA CONFUSÃO

DIÁLOGO ENTRE O DONO E O AUTOR

DONO – Já percebeste o que está acontecendo nas coxias?

AUTOR – Já. Cada qual procurando seu cada qual.

DONO – O circo pode até fechar, mas eles vão se abrir.

AUTOR – Já se abriram.

DONO – E tu?

AUTOR – Eu?

DONO – Sim, tu.

AUTOR – Estou por aí.

DONO – Vais jantar só?

AUTOR – Vou. Como sempre.

DONO – Por que não jantas comigo?

AUTOR – Porque não me convidaste.

DONO – Se eu te convidar, tu aceitas?

AUTOR – Claro.

DONO – Pois o convite está feito.

AUTOR – Aceito com muito gosto. Obrigado

(Os quatro se buscam desenhando um quadrado: 1 (Gusmão) busca 2 (Isaura); 2 (Isaura) busca 3 (Moreno); 3 (Moreno) busca 4 (Neusa) e 4 (Neusa) busca 1(Gusmão). A busca inicia lenta, cresce em velocidade e diminui. Ela inicia no sentido horário e os personagens se dirigem aos que estão na frente e que são seus objetivos. Às vezes, eles se dirigem para os que vem atrás. Aí a roda se mexe no sentido anti horário. isso – ida e volta – deve acontecer três vezes. Ao fim, eles estão quase gritando, pois o dizer do texto – improvisado – veio crescendo em intensidade.

PAI *(Num grito)* – Parem! *(Todos param)*. Estão doidos? Dessa forma não vamos chegar a lugar nem um.

AUTOR – Claro. A gente estava só rodando, rodando, rodando...

DONO – E ninguém pegava ninguém.

MÃE – E não pegava mesmo. Assim correndo não pega. Vocês têm é que conversar. *(Eles se aglomeram. Todos falam alto ao mesmo tempo. Começa um borburrinho enlouquecedor que não permite nenhuma conclusão).*

AUTOR – Esperem.Por favor. *(Todos ficam atentos).* Vocês enlouqueceram mesmo. Estávamos ensaiando um espetáculo. Tudo ia muito bem, mas vocês confundiram personagens com os atores e embolou tudo. Se vocês já estavam enrolados no texto, se enrolaram mais ainda fora do texto. Agora nem eu sei mais o que é fictício e o que é realidade. Estou confuso, muito confuso.

NEUSA – *(Distraída).* – Com quem?! Estás com fuso? Quem é fuso?

AUTOR – Quem o que, idiota! Confuso, confuso, confuso de confusão.

NEUSA – Há.

AUTOR – Então vamos voltar a ensaiar, que é o que devíamos estar fazendo.

TODOS – Vamos. Ótimo. Tudo bem.

AUTOR – Ok. Começemos então.

ISAURINHA – Eu sou Isaurinha, a pretendida...

GUSMÃO – Eu sou Gastão, o presumido...

MORENO – Eu sou Moreno, o querido...

NEUSA – Eu sou Neusa, a pretendente.

MÃE – Eu sou a mã...

DONO – *(Entrando).* Esqueçam. Esqueçam esse espetáculo novo. Nosso antigo parceiro respondeu: ele vai continuar nos patrocinando.

(Palmas, gritos, aplausos, risos).

AUTOR – Estamos salvos.

MÃE – Então estabeleçamos a verdade.

ISAURINHA – *(Para Moreno).* Eu fico contigo.

MORENO – *(Para Isaurinha).* – Eu contigo.

GUSMÃO – *(Para Neusa).* – Eu contigo.

NEUSA – *(Para Gusmão).* E eu contigo.

MÃE – *(Para pai).* – E nós?

PAI – Nós? Nós é nós.

CANÇÃO: VIVA O AMOR VERDADEIRO

(A dança, feita pelos casais e assistida pelos donos e autor, repentinamente, cessa).

AUTOR – *(No silêncio).* – Ainda tem o jantar?

Dono – Claro. E com vinhos.

(Dá uma rebanada jogando os fictícios cabelos e, puxando o autor, entram juntos na dança que recomeça).

Fim

VIVA EL REI, D. SEBASTIÃO

(1998)

Tácito Borralho

(Músicas de Josias Sobrinho, Tácito Borralho e recolhidas da cultura popular).

PERSONAGENS

1. D. SEBASTIÃO (O cavaleiro Misterioso)
2. PAI FIRMINO (Pai-de-Santo)
3. VELHA LIBANHA (Mãe-pequena)
4. MESTRE GURIJUBA
5. MÃE-DE-SANTO (Albina, dos Lençóis)
6. PÉ-DE-ESSE
7. TRÊS GIGAS
8. PISA BRASA
9. PACA MIJADA
10. CALDO GROSSO
11. CALÇA JUSTA
12. CAVEIRA-DA-DESGRAÇA
13. CAIXEIRA 1
14. CAIXEIRA 2
15. CAIXEIRA 3
16. FILHA-DE-SANTO 1
17. FILHA-DE-SANTO 2
18. FILHA-DE-SANTO 3
19. COREIRO/Abatazeiro 1
20. COREIRO/Abatazeiro 2
21. COREIRO/Abatazeiro 3
22. PAJEM/ Figuração 1
23. PAJEM/ Figuração 2
24. PAJEM/ Figuração 3
25. PAJEM/ Figuração 4
26. PAJEM/ Figuração 5

27. PAJEM/ Figuração 6

PARTE I**CENÁRIO**

(QUANDO EM PALCO ITALIANO, este deverá estar no princípio do espetáculo, totalmente no escuro. Aparentemente sem nenhum elemento cênico. No desenrolar da ação, serão introduzidos os componentes do cenário).

(QUANDO EM ARENA OU PRAÇA PÚBLICA, ainda sem a luz de cena, um grande praticável servindo de palco com escadaria em duas extremidades (frente e costa) tendo ao centro um praticável/base para o mastro do barco e o toldo do barco).

PRÓLOGO (Opcional).

(Quando em palco italiano):

(Ao terceiro sinal, as luzes da platéia caem em resistência até à penumbra. Pai Firmino entra pela direita da cena e caminha até o centro do palco. Ao mesmo tempo, um contrarregista entra pelo lado oposto empurrando uma “arara” com roupas de cena de Pai Firmino que está trajando apenas roupas de baixo. Enquanto vai se vestindo dirige-se para a platéia).

PAI FIRMINO – Boa noite. Peço desculpas por esta situação um tanto constrangedora. Mas como quase ninguém se dá ao trabalho de ler os longos textos dos programas de espetáculos, o autor pede que situemos os senhores e as senhoras no contexto deste espetáculo. E ele promete ser rápido. Coube a mim fazer este prólogo. *(Vai se vestindo)*. Falaremos hoje aqui de Sebastianismo, do mito *Del Encobierito*. Sim, de D. Sebastião. Mais exatamente da lenda tal como se conta – e como se acredita – no Maranhão, aquele pedacinho do Brasil, lá no Norte, onde as terras de encantamento se acham em abundância. No arquipélago de Maiaú, na Ilha dos Lençóis, bem em frente à Ilha de Bate-vento, se crê que habita encantado o Rei Sebastião de Portugal. Na noite de São João ele é um touro negro com uma estrela de prata na testa. Às vezes, durante o dia, ele é o cavaleiro misterioso com armadura prata reluzente, que aparece aos pescadores para comprar víveres para seus empregados. Quase sempre vem na forma de três vagas – as três ondas fortes da baía de Lençóis, terror dos embarcadouros. Tudo isso são variações da mesma lenda. Mas há um detalhe curioso: Lençóis é habitada por uma população de albinos. São chamados “filhos da lua” porque só enxergam bem à noite. Eles também são chamados “filhos do dono”, do dono da praia, e o dono da praia é o Rei Sebastião. E assim esta história vai ficando mais misteriosa ao longo do tempo.

Conta a lenda: “quem desencantar Lençóis põe abaixo o Maranhão”. E liberta o Rei que voltará para governar Portugal e o Brasil em toda sua glória... São Luís vai ao fundo e Queluz surgirá das praias de Lençóis.

Bom, aproveitem para ler o programa calmamente depois do espetáculo. Mas, chega de conversa. Preparem-se. Vamos dar início ao nosso espetáculo de desencantamento.

(Black-out. O ator retira em silêncio a “arara”).

PRÓLOGO (opcional).

(Quando em praça pública):

(As luzes sobre o grande praticável acendem em resistência e vão executando um balé sobre o palco, enquanto em BG ouve-se música e a voz de um locutor narra o prólogo):

NARRADOR – Boa noite. *(Segue-se a apresentação dos créditos de realizadores e patrocinadores e outras inserções necessárias)* – Agora, muita atenção!

O autor desta peça pede que situemos os senhores e as senhoras no contexto deste enredo. Falaremos hoje aqui de Sebastianismo, do mito *delEncobierito*. Sim, de D. Sebastião. Mais exatamente da lenda tal como se conta – e como se acredita – no Maranhão, este pedacinho do Brasil, aqui no Norte, onde as terras de encantamento se acham em abundância. No arquipélago de Maiaú, na Ilha dos Lençóis, bem em frente à Ilha de Bate-vento, se crê que habita encantado o Rei Sebastião de Portugal. Na noite de São João ele é um touro negro com uma estrela de prata na testa. Às vezes, durante o dia, ele é o cavaleiro misterioso com armadura prata reluzente, que aparece aos pescadores para comprar víveres para seus empregados. Quase sempre vem na forma de três vagas – as três ondas fortes da baía de Lençóis, terror dos embarcadiços. Tudo isso são variações da mesma lenda. Mas há um detalhe curioso: Lençóis é habitada por uma população de albinos. São chamados “filhos da lua” porque só enxergam bem à noite. Eles também são chamados “filhos do dono”, do dono da praia, e o dono da praia é o Rei Sebastião. E assim esta história vai ficando mais misteriosa ao longo do tempo.

Conta a lenda: “quem desencantar Lençóis põe abaixo o Maranhão”. E liberta o Rei que voltará para governar Portugal e o Brasil em toda sua glória... São Luís vai ao fundo e Queluz surgirá das praias de Lençóis.

Preparem-se. Vamos dar início ao nosso espetáculo de desencantamento.

(As luzes do praticável/palco se apagam).

CENA 1 – palco escuro. Cai a luz da platéia até o black-out. Um solo feminino *(Voz de uma caixeira velha)*.

BENDITO 1

– Senhora da Luz

Ó virgem das Candeias
Quando o mar abaixa
No céu alumeia (*bis*).
Senhora da Luz
Bendito seja o manto
E o santo nome de Jesus

(Uma candeia (lamparina) vem subindo do fundo do palco até o centro).

(Outra caixeira velha entoa).

BENDITO 2

– Acendei, ó acendei

acendei a vela mestra,
é assim que a festa começa,
é assim que começa a festa,
Aiê!!!

(Rufar de caixas do Divino ao Findar o 2º Bendito. Um mastro votivo vai sendo levantado e a luz da candeia que ficará em sua ponta (ou mastaréu) vai-se espalhando por ele todo). (Quando em praça pública, um contrarregra traz uma lamparina até o praticável/base enquanto outro contrarregra e os cenotécnicos, de traje preto, trazem o mastro e colocam-no no suporte acendendo a luz do mastaréu).

(Um grupo de caixeiros vai entrando pela plateia, cantando as loas em louvor à Bandeira do Divino).

BANDEIRA VERME;LHA

Eu vou salvar a bandeira
Bandeira de todo ano
Salve a bandeira vermelha
bandeira vermelha
do Divino Espírito Santo

Divino Espírito Santo
Que no mundo me mandou
para eu salvar a ele
Bandeira vermelha
Divino consolador

BARCO DE BELEZA

Vou chegando e vou salvando
Ai este barco de beleza
Também salvo Espírito Santo
Com toda sua nobreza.

MARINHEIRO XURURÉ

Lá vem marinheiro nas ondas do mar

Meu barco é veleiro me ajuda a remar.
Lá vem marinheiro, marinheiro xururé,
me ajuda marinheiro na vazante da maré.

(Elas antecedem um grande séquito formado por um Pai-de-Santo sob um pálio, um grupo de 6 filhas-de-santo da Mina, algumas brincantes de Tambor de Crioula, 3 coreiros, os demais personagens e coreutas do espetáculo. Ao chegarem ao palco a bandeirinha do mastaréu do grande mastro vai sendo desfraldada até virar uma grande vela de barco. Como se chegasse a uma rampa de embarque, o cortejo se desfaz e apronta-se para o embarque, O palco vai tomando forma de um grande convés de barco à vela. O barco “Fé-em-Deus”).

PAI FIRMINO – Ê, nas horas de Deus, amém! Estamos prontos, meu santo. A careira é para um ponto só. Lençóis. E vamos nós, na graça de Deus.

TODOS – Amém!

(Tripulação e passageiros embarcam na algazarra comum de romaria marítima. Tem início uma “marcha de tambor” que marca o ritmo da viagem).

MARCHA DE TAMBOR – As Ondas do Mar se Vão.

ESTRIBILHO

Eu vou viajar, vou tocar tambor no mar,
Mamãe eu vou viajar, vou tocar tambor no mar.
Tava na beira da praia
(eu vou viajar)
Vieram me avisar

.....

Coreira tá me chamando

.....

Tambor não pode esperar

.....

ESTRIBILHO:

Meu mestre deu a partida

(eu vou viajar)

Ô, no balanço do mar

.....

Eu sou pior que a guariba

.....

Se pega, não quer largar.

VELHA LIBANHA – Graças a Deus! E vamos indo em paz! Nem quero falar, pra não dá azar.

(A marcha de tambor arrefece e entra música composta, em BG, para dar impressão de que a viagem segue por um longo tempo – música 1).

CENA 2 – *(Como se o barco estivesse aportando).*

MESTRE GURIJUBA – Mangunça abeirando!... Pisa Brasa, baixa o pano!

PISA BRASA – Olha o pau na tua cabeça, Calça Justa!

MESTRE GURIJUBA – Arreia o ferro, Paca Mijada. *(Tirando da boca um tarugo de charuto para emborcar uma lambada de cachaça).* – Vai uma talagada, meu pai?

PAI FIRMINO – Nas horas! *(Emborca um pouco também, não sem antes ofertar um gole para o “santo”).* – Por que paramos em Mangunça, mestre?

MESTRE GURIJUBA – Pra apanhar mais água doce. Daqui em diante vamos pegar mar brabo. Maré já tá alta. Dá pra puxar uma boa vela. Meu pai vai mesmo desencantar Lençol?

PAI FIRMINO – Com os poderes de Deus! É a vontade do Santo! D. Sebastião me acompanha de crôa. Ele diz que alguém tem que enfrentar o Touro e desencantar Lençol.

MESTRE GURIJUBA – E não corre o risco de desencantar ele?

PAI FIRMINO – Quá! Ele é o Santo. Ele sabe o que faz. Mas cuido que o encantamento dele maior, E que ele quer é acabar com essas desventuras do povo dele.

MESTRE GURIJUBA – Mas e se desencantar Lençol não põe abaixo o Maranhão? Quer dizer, São Luís não vai pro fundo?

PAI FIRMINO – Isso é lá sua ciência. Nós não compreendemos. Que vai ser, vai ser. Mas de que jeito, nós não sabemos.

MÃE-PEQUENA – *(Chega-se aos dois).* – Meu pai é homem de muita coragem, mestre. Mesmo assim o Santo insistiu muito com ele. Isso lhe asseguro.

MESTRE GURIJUBA – Da coragem de Pai Firmino eu não duvido, dona Libanha. Eu só não sei é se eu e meus homens vamos dar conta. Nunca fizemos uma viagem com esse destino.

MÃE-PEQUENA – Qual? Lençóis?

MESTRE GURIJUBA – Não. Quer dizer, sim. É que pra Lençóis já fui muitas vezes. Só que não foi com esse propósito.

PAI FIRMINO – Eu acho que o mestre não deve se preocupar demais. Mesmo porque o Santo foi quem decidiu dia e hora.

MÃE-PEQUENA – Até o barco foi ele que recomendou.

MESTRE GURIJUBA – E foi? Então... Meu Deus! Acho que não tinha outra saída. Tinha que ser eu mesmo.

PAI FIRMINO – E agora? Mais consolado ou fico com medo?

MESTRE GURIJUBA – Arre! Que eu lá tenho medo de mar? Siô! Eu só devia era ter me preparado mais e melhor. Se eu soubesse...

MÃE-PEQUENA – ... Não teria vindo, era mestre?

MESTRE GURIJUBA – Desconjuro, dona Libanha. Isso não. É que se eu soubesse apurava mais o barco. Quem sabe, pintura nova.

PAI FIRMINO – Se o Santo fez a escolha é porque lhe agrada como é.

FILHA-DE-SANTO 1 (*Interrompendo*). – Minha mãe, as meninas queriam descer um pouquinho. A senhora não quer vir também? E o senhor, meu pai? Não quer recostar um pouco?

PAI FIRMINO – Não minha filha. Aqui está bem. Vá, Mãe-Pequena, daqui a pouco a gente vai seguir viagem, enquanto isso a senhora descansa um pouco.

MÃE-PEQUENA – Não, meu pai. Vai minha filha. Vão vocês todas. Depois eu desço. (*O tráfego de barris para o barco se completa*).

PÉ-DE-ESSE – Pronto, mestre. Tá carregado!

MESTRE GURIJUBA – Vai no mará até puxar pra fora, Pé-de-Esse! Vigia o pano, Caveira! Pai Firmino, vamos botar pra chegar nos Lençóis. É só varar os furos.

PAI FIRMINO – Mas tem muita água pra puxar...

(*As Filhas-de-santo, os coreiros, os abatazeiros e demais coreutas se recolhem sob toldo do barco “Fé-em-Deus” e saem pelas coxias. No palco (convéns do barco) ficam apenas a Mãe-Pequena, Pai-de-Santo, a tripulação e o Mestre Gurijuba. A parte do elenco que saiu do palco, desenvolve as cenas de apoio à sequencia da viagem*).

MESTRE GURIJUBA – Ê, ventinho bom. Solta a vela, Paca Mijada! E vamos nós!... (*O barco avança e a viagem se enfia num oceano de mistérios*).

VELHA LIBANHA – (*Mãe-Pequena*). – Ô, minha Senhora da Boa Viagem, meu São José... Ô, minha Nossa Senhora do Livram...

CAVEIRA DA DESGRAÇA – Esperem!... Esperem! Parece que estão cantando nas praias...

TRÊS GIGAS – Escutem! Escutem!

PISA BRASA – (*Baixinho*). – É na praia mesmo!

PACA MIJADA – Mas na praia não mora ninguém, Pisa Brasa.

PISA BRASA – Só pescadores. Aqueles que topamos em viagem e dizem que...

CALDO GROSSO – São os filhos do Dono da praia, Pisa Brasa.

CAVEIRA DA DESGRAÇA – Dono da praia? Caldo Grosso... (*Como quem vai desdenhar*).

CALÇA JUSTA – Sim. Tu não vê, Caveira, que somente eles aqui são fogoiós e esgazeados?

PACA MIJADA – Nem olham pra gente direito, Calça Justa.

CALÇA JUSTA – Não olham pra riba, Paca Mijada. Só pra baixo, como se estivessem procurando alguma coisa, Só enxergam bem mesmo, é de noite.

PISA BRASA – Mas esses pescadores não são lá dos Lençóis, Calça Justa?

PACA MIJADA – São. Mas tão em todo lugar, Pisa Brasa. São os filhos do Dono.

PÉ-DE-ESSE– (*Vindo de um canto*). – E o Dono, é dono de todas as praias! Viu, Paca Mijada? E ouvi dizer que são pescadores do... Parece que estou ouvindo?!

CAVEIRA DA DESGRAÇA – É uma cura!

CALÇA JUSTA – Cura?!

PAI FIRMINO – É, mais ou menos debaixo daquele morro acolá. Ali no meio, Caveira-da-Desgraça!

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – É, no fundo da praia.

TRÊS GIGAS – Ai, minha mãe!

(*A tripulação, o Pai-de-Santo e a Mãe-Pequena, correm de um lado para o outro do convéns enquanto a voz cavernosa de uma pajé, acompanhando de um coro de mães-d'água, entoam curas*).

PAJÉ (Voz) [BG]–

Ô nessa crôa o meu penacho vira,
 Ô meu mergulho é na preamar
 Sou da marinha das águas do fundo,
 Ô quebro o vento nas ondas do mar.
 Ô arrebenrta a croa grande e desce
 Ô no banzeiro te deixa subir
 Que é pra ver se teu espelho brilha
 Além da pedra de Itacolomi.

CALÇA JUSTA – É bem o cavaleiro misterioso que está cantado...

PAJÉ (Voz). –[BG]

Vem, vem, Laurinda. Vem, vem, Laurinda, ...
 No pegar do maracá
 Vem cumprir a tua sina

PISA BRASA – Será que ele tá falando é de Laurinda que desapareceu, faz tempo, banhando na “pancada” de Guajeritua?!

CALÇA JUSTA – É, já faz uns três anos...

PISA BRASA – *(Como se avistasse alguém sobre as ondas).* – Mas não me conformo! É ela, não é outra. Que é que eu faço? Me atiro na água e vou lá? Vou já ver de perto esse pajé. Ai, meu Deus! E agora?

TRÊS GIGAS – Porra, Pisa. Tu ainda não esqueceu aquela fêmea? Depois de três anos! Cruz-credo!

CALÇA-JUSTA – Vai ver ela fazia um bom xodó, Três Gigas.

PISA BRASA – Calem a boca e escutem. E, olha o respeito...

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA– *(Do outro lado).* – Ih! Olha aquilo ali! As mães-d'água!

PAJÉ (Voz). [BG]– É, minha gente, quem vem acolá!

É a mãe-d'água de cabelos loiros,

Rainha dojuçará!

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA *(Excitado)*. – Víge! Olha, minha gente!

Estão dançando!...Mas... Não!... Não estão nuas... nem vestidas de ouro...

TRÊS GIGAS- Onde compadre?

(Em um ponto do palco sob iluminação especial, dá-se a coreografia das mães-d'água que culmina com a súbita eclosão e acontece o incêndio das águas. E numa coreografia, as mães d'água astuciosamente se escondem).

CAVEIRA DA DESGRAÇA – Que fêmeas! Que peixes de corpo! Que dois esporões de uriacica, os seus peitos! Ah! Agora eu sei por que Sina-Braba se jogou certa vez para dentro de uma farra dessas!...*(Debruça-se mais sobre a borda da embarcação)*. Estão batendo com as mãos prá mim, olha! Olha como vem bem perto de mim! Elas me querem! Só eu... Eu só!... Eu vou! *(Ouvem um baque)*.

PÉ-DE-ESSE– *(Do outro lado)*. – Foi Caveira-da-Desgraça que caiu dentro d'água!

TODOS – Caveira?

(Mestre Gurijuba, diante do acontecimento, manda fundear o barco).

MESTRE GURIJUBA – Vai abeirando depressa. Pisa Brasa. Logo ali tem uma crôa. Manda largar o ferro. Fundeia o barco, depressa. Quem desce comigo? *(O Mestre pula para dentro de um casco fictício do lado de fora do barco)*.

PÉ-DE-ESSE – Eu!

PACA MIJADA – Eu também, Mestre Guri.

PISA BRASA – E eu?

MESTRE GURIJUBA- Não Pisa Brasa, toma conta do barco com Calça Justa. E vocês, pulem pra dentro do casco. Depressa!

VELHA LIBANHA – Coitado! Era tão bonzinho! Mas... bem que lhe ralhei por causa d’umas coisas ruins que andou dizendo. O “tinhoso” está sempre em toda parte, de tocaia, esperando a gente...

CALÇA JUSTA – Eu não sei não. Mas vocês começaram a falar que o Dono da praia é o Santo... Só acho que ele não ia se prestar pra isso.

CALDO GROSSO – Essa viagem já tá começando a me aporrinhar... Já começa ficar visagenta... E esse Caveira nem bebeu, nem fumou e começa a ver coisas!

CALÇA JUSTA – Isso não. Porque que eu também vi. Olha só os meus cabelos como estão em pé!

CALDO GROSSO – (*Olhando atentamente para o lado em que o casco seguiu*). – Eu não disse? As coisas estão se complicando lá pra lado deles. Quem tiver pena do diabo, fique no lugar dele.

TRÊS GIGAS – É isso mesmo.

CALDO GROSSO – Que ainda vamos fazer aqui?

CALÇA JUSTA – Espere!...

CALDO GROSSO – Caveira-da-Desgraça, uma hora dessas, já morreu afogado. O Demo, já faz muito tempo, carregou para as “profundas dos infernos”, prum caldeirão de breu... e...

VELHA LIBANHA – Vige, nossa Senhora! Cala essa boca, menino! Vigia o o que aconteceu com o outro!

CALDO GROSSO – Caveira-da-Desgraça foi só uma isca pegar um e pegaram três, de uma só vez.

CALÇA JUSTA – Dizem que o Caveira era empautado?

PISA BRASA – (*Aparteando*). – Empautado é tua mãe, filho de uma égua, que é empautada com meu pai!

CALÇA JUSTA – Escutem!... barulho de remo ai do lado!

CALDO GROSSO – Manobra um pouco pra proa, Pisa Brasa.

CALÇA JUSTA – Ê, Gurijuba (*Expectativa*).

CALDO GROSSO – É um casco! E vem ligeiro nessa direção!

CALÇA JUSTA – Vem cortando água ligeiro mesmo!

CALDO GROSSO – Manobra mais esse barco, Três Gigas!

CALÇA JUSTA – Ê, Gurijuba!

MESTRE GURIJUBA – Oi!

CALÇA JUSTA – Acharam?

MESTRE GURIJUBA – Sim!

CALÇA JUSTA – Tá vivo?

PÉ-DE-ESSE (*Em tom de brincadeira*). – Não!

(*Todos no convés se entristecem*).

CALDO GROSSO (*Rompendo*). – Mas antes ele do que eu!

PÉ-DE-ESSE – Calça Justa, Pisa Brasa, cheguem mais pra beira.

TODOS (*Acorrendo às bordas do barco*). – Caveira-da-Desgraça! Caveira!...

PISA BRASA – Morreu mesmo?

MESTRE GURIJUBA – Não.

(*Colocam o corpo de Caveira no convés*).

PACA MIJADA – Iche! Esse sujeito pesa!

CALÇA JUSTA – Só Pecado!

PISA BRASA – Bicho de Sorte!

TRÊS GIGAS – Nasceu outra vez!

CALDO GROSSO – (*Apavorado de medo, salta para trás apoiado por Pico de Jaca*).

– Por que diabos não enterraram logo essa Caveira lá onde as patas tomam?

VELHA LIBANHA(*Chegando-se ao corpo de Caveira*). – Isso é falar de renegado, filho. Não é de cristão. (*Debruçando-se*). Pobrezinho!...

CALÇA JUSTA – Ele está vivo minha velha.

PISA BRASA – Se a maré estivesse vazando... adeus, Caveira!

VELHA LIBANHA – Hum! Tá ardendo em febre...!

CALÇA JUSTA – Com febre?!

PISA BRASA – Com todo banho frio que pegou?

TRÊS GIGAS – Devera que ainda tá com sede, com esse poço na barriga!

CALÇA JUSTA – Isso... é coisa de gente do fundo...!

PÉ-DE-ESSE – E de mãe-d'água!

VELHA LIBANHA – E se foi da Preta!...Hum-hum! Só Deus!

TRÊS GIGAS – Eu acho que foi mãe-d'água porque eu andei ouvindo uns assovios...

PACA MIJADA – Eram as “vovós” que estavam passeando.

VELHA LIBANHA – Isso é encantamento pra pajé desfazer, mas eu acho que um bom Pai-de-Santo resolve. (*Gritando*). Pai Firmino! Só meu pai pra acudir o homem...

PAI FIRMINO (*Como se saísse de um longo transe, vem para junto do corpo de Caveira, acompanhado de Mestre Gurijuba*). – Eu vi tudinho, tudinho... Mas meu santo me amarrou num canto... Calou minha boca... Mas acho que agora me dá licença prá

cuidar desse infeliz. Veja meu maracá. Mãe-Pequena. Mestre, me arranje um pouco dos seus aprepapos. (*Para Pé-de-Esse*). E tu, meu filho, me vê uma cabeça de alho. Vamos cuidar do cristão.

MESTRE GURIJUBA (*Trazendo um charuto de diamba e uma garrafa de tiquira*). – T’aquí, meu pai.

PAI FIRMINO (*Acendendo o charuto e dando umas baforadas sobre o corpo, depois prende a fumaça e resmunga umas preces. Toma um gole da tiquira e outro bocado, asperge sobre o corpo. Quebra os dentes de alho e esfrega em cruz no peito de Caveira. Recebe o maracá de ritual, desenrola-o e põe a toalha branca – que o envolvia – sobre a cabeça de Caveira. Toca o maracá, cantando uma cura – toada recolhida do folclore religioso maranhense*).

PAI FIRMINO (*Terminando o ritual, ordena aos presentes*). – Agora, embrulhem o corpo do homem em levem para baixo do toldo. A febre passa logo. Deixem ele descansar e vamos em frente.

MESTRE GURIJUBA (*Batendo no ombro do Pai-de-Santo*). – Não lhe falei, meu pai, que os homens não estão preparados?

PAI FIRMINO (*Enérgico*). – Preparados pra quê? O mestre pensa que tem preparo para as coisas do destino? O homem não está vivo? Então?

MESTRE GURIJUBA – Mas meu pai...

PAI FIRMINO – Olhe mestre. Não amoleça, pelo amor de Deus. Eu não sabia como ia ser. Mas Já esperava algum acontecimento. Cuido que vamos ter muitas provações até chegar ao nosso destino. Mas confio no Santo.

MESTRE GURIJUBA – Não duvido do Senhor. Já que eu topei, vou até o fim. Mas, meu pai vai ter que dá muita força pra nós. Quando embarcamos era só mais uma viagem. Agora estou achando que é uma aventura.

PAI FIRMINO – Cruz-credo! Homem, não perca a fé. Cuide de levar o barco no caminho certo que eu vou procurar cuidar do resto.

MESTRE GURIJUBA – Mas meu pai ficou entaladinho inda agora, parecia uma estátua.

MÃE-PEQUENA (*Aproxima-se*). – São os mistérios do Santo, Mestre. Mas não fique tão aporrinhado. Meu pai vai saber nos segurar.

MESTRE GURIJUBA – Tenho fé Em Deus, dona. Tenho fé em Deus.

PAI FIRMINO – Isso, mestre. A gente dará conta direitinho. (*Encaminha-se para um dos barris e apara água num copo. Lava a testa e as mãos e depois volta para perto do mestre*).

MESTRE GURIJUBA (*Assumindo o comando*). – Puxa o ferro, Paca Mijada.

PACA MIJADA – Já tá puxando, meu mestre. Não tamos mais fundeado.

MESTREGURIJUBA – Iça o pano, Pisa Brasa.

PISA BRASA – Muito bem, Mestre Guri!

TRÊS GIGAS – Ê, Caldo Grosso!

CALDO GROSSO (*Acordando*). – Que foi?

MESTRE GURIJUBA – Solta a bujarrona, Três Gigas.

TRÊS GIGAS – Já estamos viajando!

VELHA LIBANHA (*A um canto, sonolenta, reza*).

– Santo Antônio disse missa

Jesus benzeu o altar,

Assim benza meu caminho

Que eu estou a viajar.

CENA 3

(*O Fé-em-Deus veleja solto. Tripulação atarefada. Pai-de-Santo, Mestre Gurijuba e Mãe-Pequena, na proa. As caixeiros saem do toldo para o convés. Conversa alegre até outro sinal de mistério no mar. Nova expectativa*).

PAI FIRMINO – Corre ligeiro e macio, hein, Mestre?

MESTRE GURIJUBA – Se é. Mas escute os batuques. São os banheiros de Maracanã.

PAI FIRMINO – Tô ouvindo, o batuque das ondas no tambor das croas...

(*Os tambores tocam nas coxias e vão aumentando o volume até alcançar o coro das caixeiros que saíram de toldo e estão no convés*).

CAIXEIRAS –

“Ê! Rufa tambor-de-mina, tamboeiro,

Ê! Rufa tambor-de-mina, tamboeiro”

Eu sou a mãe-d’água preta, tamboeiro,

Da croa de Maracanã, tamboeiro,

Sou a mãe-d’água das ondas, tamboeiro,

Eu danço até de manhã, tamboeiro,

Bis – refrão.

PAI FIRMINO – Mas na verdade, nem sinal de Maracanã, hein, Mestre? Apesar de se está viajando muito!

MESTRE GURIJUBA – Quando, meu pai, tu aprende a língua do mar? (*Fixa o olhar num ponto que vai seguindo sem parar. De repente*). Vigie! Vem vindo contra a proa. Tá fora de rota e do canal. Olha pai! Como se fosse varar a gente, em direção da terra! (*A figura do barco iluminado se torna visível*).

PAI FIRMINO – É a barca de D. João que vagueia também por estas águas.

PISA BRASA (*Do outro lado*). – Olha um navio iluminado!

PAI FIRMINO – Cala a boca, rapaz! O que se vê no mar não se diz...

(*Outra vez o navio cruza o barco pela popa e é visto por mais gente*).

PISA BRASA – Ele quer porfiar!

PACA MIJADA – Ele está desafiando o Mestre, Pisa Brasa. Já sabe o destino desta empreitada e quer atrapalhar.

PAI FIRMINO – Já disse para calarem a boca. (*Reforça*). O que se vê no mar, não se diz!

PISA BRASA – Desculpa meu pai. Mas é que parece que os encantados deste lado, tudinho, já sabem o que se vai fazer em Lençóis.

PACA MIJADA – Daí essa visagem toda.

PISA BRASA – É bem alguma visão que está passeando.

PACA MIJADA – Passeando, o quê!

PISA BRASA – É...Ele está é procurando a gente pra levar também!

MESTRE GURIJUBA – E essa visão tem força! (*Corre para o leme*). Vigie Maria! O barco vai seguindo o navio!

CALÇA JUSTA – Firma o leme, Mestre!

PAI FIRMINO – Não se vê nem sombra de Maracanã! Ô, nas horas de Deus!

(*O barco, como se freasse, dá um cambada muito forte para o lado contrário. O pano vira junto*).

VELHA LIBANHA [*mãe-pequena*]. (*Acordando assustada*). – Valei-me, minha Santa Virgem! É tanta luz! Tanto banzeiro!

UMAS DAS CAIXEIRAS – Meu Divino Espírito Santo! Minha Santa Mãe de Deus, valei-nos!

VELHA LIBANHA [*mãe-pequena*] – Quem sabe o “Ofício” aí, minhas filhas? Vamos puxar: Em nome do Pai, do Filho, do “Espírito” Santo, amém!

UMAS DAS CAIXEIRAS – Deus vos salve, filha de Deus, Pai!

OUTRA CAIXEIRA – Deus vos salve, Mãe de Deus Filho!

OUTRA CAIXEIRA – Deus vos salve, Esposa do Espírito Santo!

OUTRA CAIXEIRA – Deus nos salve, sacrário da Santíssima Trindade!

CORO FEMININO

– Agora lábios meus,
dizei e anunciai
os grandes louvores
da Virgem mãe de Deus.
Sede em meu favor,
Virgem soberana,
Livrai-me do inimigo,
como vosso valor.
Glória seja ao Pai,
ao Filho, amor também,
que é um só Deus
em pessoas três,
agora e sempre
e sem fim, amém.

CORO MASCULINO

– Deus vos salve, Virgem,
Senhora do mundo,
Rainha dos céus
e das virgens, Virgem.

OS DOIS COROS

– Ouvi, Mãe de Deus,
minha oração,
toque em vosso peito
os clamores meus.
– Sede em meu favor,
Virgem soberana,
livrai-me do inimigo,
como vosso valor.

CORO FEMININO

– Deus vos salve, relógio
Que andando atrasado,
Serviu de sinal
ao Verbo encarnado.
Sois lírio formoso
Que cheiro respira
Entre os espinhos.
Da serpente, a ira,
vós aquebrantais.
Com vosso poder,
os cegos errados,
vós iluminais.

CORO MASCULINO

– Pois sois esperança
 Dos cegos errantes
 e seguro porto
 dos navegantes.
 Estrela do Mar
 e saúde certa
 e porta que estás
 para o céu aberta.

TODOS

– Ouvi, Mãe de Deus
 Minhas orações,
 Toquem em vosso peito
 os clamores meus.

VELHA LIBANHA [*mãe-pequena*]

– Humildes, oferecemos a vós, virgem Pia, estas orações. Porque, em nosso guia, vades adiante e, na agonia, vós nos animeis, ó doce Maria, amém!

TODOS – Amém!

(A visão do navio some. Calma no mar, entre tripulação e passageiros).

PAIFIRMINO – Bem lembrado, Mãe-Pequena

MESTRE GURIJUBA – Olhe bem, pai, já passamos de Maracanã e nem nos demos conta.

PAI FIRMINO – Tá amanhecendo...

TRÊS GIGAS – Tava cagando osso, hein, Pisa Brasa?

PISA BRASA – Besteira, homem! Eu sou é macho de culhão roxo!

CALÇA JUSTA – Esse aleive é pro teu saco! *(Afasta-se do grupo e prepara algo, a um canto).*

PISA BRASA *(Cantando de dentro do toldo).* [*toada de Boi da Ilha*]

– Cantadô, que morreste apaixonado!
 Eu sei que a paixão te martratava...
 Eu vi o teu nome inscrito,
 no arto da mangueira,
 aonde o vento dava! *(Bis)*

MESTRE GURIJUBA – Ih, gente! Pisa Brasa tá se alebrando da filha de Trinta-de-fevereiro!

CALÇA JUSTA *(Impaciente, voltando ao grupo).* – Vamo'mbora, gente, que a cabaça já tá pronta.

VELHA LIBANHA – Vou cuidar de um café, com as meninas *(Sai para o toldo).*

PAI FIRMINO – Chegamos nos furos de Cururupu, Lençóis tá vizinho! Vou começar a me preparar. (*Vai saindo de costas. Bate três vezes na testa com as duas mãos. Antes de entrar para o toldo, olha para cima e bate com força com a mão direita no chão do convés*).

CENA 4

(*A tripulação do “Fé-em-Deus” se acocora em volta da cabaça. O barco entra nos furos. Manguezal alto dos dois lados. Carreira lenta. Dia claro. Pano arriado. Música especial e coreografia nas laterais, com bichos e aves*).

CALÇA JUSTA – Ô diamba, filha velha mutamba!

PISA BRASA (*Se ajeitando na roda*).

– Ronca, cabaça. Pipoca, semente!
Vai dizer pro teu dono
Que eu estou doente
De uma grande dor de dente!
Calça Justa – Tu... Turu... Tutu,
Bicho velho é caititu
De careira, eu pego ema,
De chôto, em pego nambu,
Quebro cabeça de negro,
Prá comer miolo cru!

PISA BRASA – Cala a boca, burro!

CALÇA JUSTA – Burro é a tua mãe, filho de uma égua!

(*Caveira-da-Desgraça sobe para o convés, ainda se espreguiçando*).

CALÇA JUSTA – Quer dar um tapa, Pé-de-Esse?

PÉ-DE-ESSE – Credo! Diamba é arte do Diabo, prá agarrar a gente!

CALÇA JUSTA – Sê besta! Taí, Pisa Brasa. Taí agora esse fresco!

PÉS-DE-ESSE – É por isso que vocês começam a ver visagem. Caveira-da-Desgraça foi até o inferno se empanturrar...

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Não foi não, Pé-de-Esse. Olha que mesmo muidinho como estou, ainda posso te quebrar no pau.

PÉ-DE-ESSE – Só se for no meu (*Sorri debochado*).

CALÇA JUSTA – Não mexe com ele, Pé. Depois daquela suruba doida, o homem deve 122l molinho, molinho!

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Vão caçoando. Vão caçoando. Quero ver é quando der pro couro de vocês.

PISA BRASA – Pra riba de nós? Vê se a gente anda atrasado como tu, Caveira.

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Vocês tão é tudo “xilado” (*Vai para um canto*).

MESTRE GURIJUBA – Bota sentido, gente. Estamos saindo dos furos. Vamos entrar pra baiazinha perigosa.

PISA BRASA (*Resmungando*). – Baiazinha, pro senhor!

TRÊS GIGAS – Das vezes que eu vim aqui, quase sempre a gente correu risco de se alagar.

PISA BRASA – Essa é baia pequena, mas é danisca de famosa

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Se já passamos por duas marmotas, ainda falta uma terceira.

TRÊS GIGAS – Mas tunão te aguenta mesmo, hein, Caveira? Tu chamar aquilo tudo de marmota, já é falta de respeito.

PISA BRASA – É, Caveira, tu escapaste por pouco.

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Nem me lixo! Quem mandou eu vim nessa empreitada? Isso é como cutucar o bicho com vara curta.

TRÊS GIGAS – Mas o homem que encomendou essa viagem não enganou ninguém. Tu veio sabendo o que ia enfrentar.

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Não to reclamando não, siô. Vim porque quis. Só não sabia que se ia mexer com muita coisa.

PISA BRASA – O Pai Firmino deve saber o que faz. Depois, o Santo de crôa dele é quem guia os caminhos. A gente só vai tocando o barco.

MESTRE GURIJUBA – Deixem de prosa aí que já estamos entrando.

CENA 5

(O cenário é arrumado, muda o ritmo e “Fé-em-Deus” chega aos Lençóis. Todos vêm para o convés, menos o Pai-de-Santo).

MESTRE GURIJUBA – Ergue o pano! Ergue o pano, ligeiro! (*Todos descem, movimento de tripulação com o pano, cordas, etc. Expectativa*).Êêê! Primeira onda! (*Dá um tempo. Passada a primeira onda, todos dão sinal de alívio, nova arrumação, nova expectativa*).Êêê! Segunda onda! (*Outro tempo, nova arrumação, nova expectativa*).Êêê! Terceira onda! (*Outro tempo*). atraca, moçada! Pisa Brasa, baixa o ferro. Calça Justa, arreia o pano.

(Mal o barco ancora, uma visão reluzente ao sol alto, encosta na praia. Saindo das espumas um cavaleiro de armadura prateada, todo de branco sobre um cavalo branco com barras de espumas).

CAVALEIRO MISTERIOSO – O que leva aí?

MESTRE GURIJUBA – Além da tripulação, só gente como passageiro.

CAVALEIRO MISTERIOSO – E além do lastro pesado, o que tem para negociar?

MESTRE GURIJUBA – Só farinha d'água!

(Todos do convés acorrem ao diálogo, estupefatos).

CAVALEIRO MISTERIOSO – Precisamente do que estou necessitando. Faltou farinha para meus trabalhadores. Quer o senhor vender o carregamento?

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA *(Que é o dono da farinha)*. – Sim, senhor! Se bem que era prá vender pro povo de Bate-Vento.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Quanto quer?

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Nhô branco faça o preço... Quem leva a farinha, meu senhor?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Cambe para o mar.

CAVEIRA-DA-DESGRAÇA – Mas não vejo nenhuma canoa!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Cambe, não lhe mandei?

(A tripulação começa a jogar os paneiros de farinha no mar enquanto seis pajens, trajados como brincantes de cordão – do tipo boi de Pindaré – todos em branco e prata, com pernas-de-pau, vão subindo no palco e coreograficamente vão levando os paneiros de farinha, arrastando em grande rede de pesca).

FILHA-DE-SANTO 1 *(Chamando as outras duas e correndo para um canto)*. – Olhem pra mim. Não paro de tremer.

FILHA-DE-SANTO 2 – E eu, mulher?! Tô quase não me aguentando em pé.

FILHA-DE-SANTO 3 – Quem poderá ser essa figura, assim na luz do dia, que anda a cavalo sobre as águas. Quem...

FILHA-DE-SANTO 2 – Ora quem poderá ser! O Dono da praia. Só pode.

FILHA-DE-SANTO 1 – E agora? Será que meu pai vai fazer diferente do que disse prá nós? Vai encarar logo assim, de proa, e na frente de todo mundo?

FILHA-DE-SANTO 3 – Se tiver de ser, será. Mas do jeito que ele falou era diferente.

FILHA-DE-SANTO 2 – Tenho medo que seja logo e ele não esteja preparado.

FILHA-DE-SANTO 1 – Mas que não está, tenho certeza. Ainda não deu tempo. E mesmo a hora não era essa. E nem no sol quente.

FILHA-DE-SANTO 3 – É. Tem que ser no nascer da lua.

FILHA-DE-SANTO 2 – E não pode ser assim na frente de todo mundo,

FILHA-DE-SANTO 1 – Se bem que eu acho que nem estão vendo. Parece que todo mundo está entalado!

FILHA-DE-SANTO 3 – Parece que só Mãe-Pequena está se dando conta.

FILHA-DE-SANTO 1 – E nós só nos mexemos porque estamos protegidas. Mas mesmo assim... Ó, espia!

FILHA-DE-SANTO 2 – Vamos correr pro toldo e ajudar o pai. (*Vão se dirigindo para o toldo quando são interrompidas pela voz do Cavaleiro Misterioso*).

CAVALEIRO MISTERIOSO – Agora, quem vai receber o dinheiro?

(*Silêncio sepulcral. Saindo do toldo, semi-paramentado, o Pai-de-Santo quebra resolutivo o silêncio*).

PAI FIRMINO – Eu vou!

(*Todos se entreolharam e viram-se para o Pai que vai abrindo passagem para perto da Mãe-Pequena e do Mestre Gurijuba*).

PAI FIRMINO – Eu vim foi pra isso mesmo. Estou pronto!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Então vamos! Monte cá, na minha garupa!

(*Pai Firmino obedece e sobe na garupa do cavalo branco. O Cavaleiro Misterioso cavalga pela praia, sobe numa duna e se enfia no mar do outro lado, às vistas de todos que vão descendo do barco “Fé-em-Deus”, guiados pelo Mestre e Mãe-Pequena. O cenário vai-se transformando, o barco some e fica só praia e mar*).

VELHA LIBANHA [mãe-pequena] – Valei-nos, meu santo! D. Sebastião!

TODOS – Aiê!

II PARTE

(*Segue um cortejo para dentro da praia e som nas coxias da direita. No palco a imagem do mar e o Cavaleiro Misterioso e Pai-de-Santo cavalgando. As luzes no palco projetam as riquezas do reino encantado do fundo do mar*).

CAVALEIRO MISTERIOSO – Este é o Jardim dos Sete Sonhos! Esta é a cidade da estrela, guarde bem. A estrela de cinco pontas – Dalva, e de prata!

(*A cavalgada e os enfeites continuam até os umbrais do palácio. Apeiam ante um pórtico monumental*).

CAVALEIRO MISTERIOSO – Entre!

PAI FIRMINO (*Estupefato*) – Tudo isso é seu, meu amo?

CAVALEIRO MISTERIOSO (*Continuando a andar até um ambiente do palácio. Aponta para uma arca*) – Veja!

PAI FIRMINO – Tudo isso é dinheiro?

CAVALEIRO MISTERIOSO – É sim, senhor!

PAI FIRMINO – Vige Maria! É dinheiro que nem ladrão acaba!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Apanhe aquele saco. Encha de dinheiro. Metade é da farinha e a outra é sua.

PAI FIRMINO – Minha? Quá! Meu amo tá é mangando.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Não, senhor! (*Meditando*).– O senhor é homem de coragem?

PAI FIRMINO – Sou, meu amo!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Quer o senhor então fazer-me um grande favor?

PAI FIRMINO – Faço, meu amo.

CAVALEIRO MISTERIOSO – É o seguinte. Preste bem atenção. Quero que me faça uma viagem, quero que vá até a capital. Quando o senhor chegar à São Luís, dirija-se imediatamente à Catedral, onde nessa hora estão celebrando uma missa solene. Não fique espiando da porta. Entre. Nem fique também atrás, perto da porta. Entre bem para dentro, lá pro fundo da igreja, bem na frente do altar. Você tem mesmo coragem?

PAI FIRMINO – Tenho, meu amo! Mas sou um Pai-de-Santo e com estas roupas, não vou ser muito bem visto numa missa!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Se está com medo, não vá!

PAI FIRMINO – Eu vou, dê no que der!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Então vamos. Não se preocupe, porque na volta você receberá o dinheiro.

PAI FIRMINO (*Meio sem jeito*). – Não meu amo, nem estou pensando nisso

CAVALEIRO MISTERIOSO –(*Parando em um ponto do palco*). Aqui é a estrada por onde se vai a São Luís. Apesar de longa, você chegará primeiro que “Fé-em-Deus”.

PAI FIRMINO – Como? Então Mestre Gurijuba não me esperou? Já levantou ferro de Lençóis? Mas ele sabe da minha missão... Ele conhece o meu destino!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Esperou. Está esperando. Sua missão já começou, você é um predestinado. Ninguém vai poder interromper nada.

PAI FIRMINO – Então... (*Mudando de atitude*). Então meu amo é quem é? Quer me por à prova?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Não é bem isso...

PAI FIRMINO – Então está querendo me confundir. Porque foi que apareceu de repente, em pleno dia e me arrastou mar adentro?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Eu não preciso lhe provar nada. Só quis me mostrar como sou.

PAI FIRMINO (*Irritado*). – Ora, meu amo. Não manguê. Se o senhor é que é, por que essa brincadeira?

CAVALEIRO MISTERIOSO (*Solene*). – Não brinco no meu reino. Não tenho por que ter alegria. (*Em outro tom*). Você mesmo vê. Não tenho vassalos. Só um grande tesouro que precisa ser distribuído.

PAI FIRMINO – E os pajens? E pra quem vai tanta farinha?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Você pergunta demais.

PAI FIRMINO – Quero saber... Preciso saber.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Você parece mais atrevido do que corajoso.

Pai Firmino – Queira desculpar. Mas embarquei nessa viagem com um propósito. E se o senhor é que é, só pode é estar querendo me tirar do caminho. Se lhe faço o favor que me pediu, me afasto dos Lençóis...

CAVALEIRO MISTERIOSO – Quem sabe se o que é preciso ser feito não é em São Luís?

PAI FIRMINO – Ô, meu amo, não venha variar a história. Todos sabem com ela é. E de muito tempo.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Todos sempre pensam que sabem tudo.

PAI FIRMINO – Não aceito. Não acredito no que está se passando comigo. Está tudo sendo invertido. Chega me dá uma agonia. Parece que é mais uma provação. Mas meu povo merece...

CAVALEIRO MISTERIOSO – Seu povo! Não seja pretensioso. Eu já pensei assim no passado. Hoje eu vejo que pode ser diferente.

PAI FIRMINO – Como?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Quando um povo almeja, quando ele quer, nós passamos a lhe pertencer. Não é ele que nosso.

PAI FIRMINO – É muito complicado para eu entender. Mas eu fui chamado. Fui o escolhido.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Cuidado.

PAI FIRMINO – Vou tomar. Mas não tenho medo.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Então, por que toda essa falação? Quem tem coragem enfrenta os mistérios, muda as coisas. E você parece que não quer enfrentar uma situação nova. Quer seguir só o que considera previsto.

PAI FIRMINO – Não duvide de mim. Não vim até aqui prá desistir de nada. Só que o novo é desconhecido. E eu não me preparei para isso.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Você se acha preparando...

PAI FIRMINO – Para o que vou enfrentar, estou.

CAVALEIRO MISTERIOSO (*Sorrindo*). – Veremos.

PAI FIRMINO – (*Refletindo em voz alta*). É difícil acreditar, mas não dá pra duvidar muito. Aqui o tempo, as coisas parecem muito diferentes de lá de cima.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Você tem razão. Lá em cima é outro tempo. Outra forma de acreditar. Outro jeito de ver as coisas.

PAI FIRMINO – Mas eu sou de lá de cima. E do jeito que as coisas são lá é que eu compreendo.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Mesmo assim, quer me fazer o favor que pedi?

PAI FIRMINO – Quero. Não vou arredar.

CAVALEIRO MISTERIOSO – Então, quando chegar bem na frente do altar, no momento em que o padre alevantar o Santíssimo, grite bem alto, três vezes: - “Viva o Rei, Dom Sebastião! Viva o Rei, Dom Sebastião! Viva o Rei, Dom Sebastião!” – Você fará isso?

PAI FIRMINO (*Aturdido*). – Então era isso. O senhor é quem é?!

CAVALEIRO MISTERIOSO – Você parece surpreso demais.

PAI FIRMINO – Não é pra menos. No terreiro...

CAVALEIRO MISTERIOSO – Proíbo-lhe de falar sobre isso por aqui.

PAI FIRMINO – Desculpe. É que eu não sabia desse caminho...

CAVALEIRO MISTERIOSO – Perdeu a coragem?

PAI FIRMINO – Não, meu amo. Eu tenho palavra. Mas...

CAVALEIRO MISTERIOSO – Pois prove que tem. Apresse-se.

PAI FIRMINO – Certo, meu amo. E quem vai comigo?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Ninguém. Não há errada.

PAI FIRMINO – Ninguém, meu amo?

CAVALEIRO MISTERIOSO – Ninguém, repito. E não diga nada a ninguém!

(Como se uma porta mágica se fechasse, some a visão e o mar. Apagam-se as luzes ligeiramente e o palco é preparado para aparentar um grande conjunto de dunas. Todo o cenário é praia e o Pai-de-Santo está desmaiado sobre a areia. Mãe-Pequena e as Filhas-de-Santo cobrem-lhe com um grande lençol branco e levantam-no, levando-o para fora do palco).

MÃE-PEQUENA (*Quando o Pai-de-Santo fica de pé, ainda meio tonto*). – Ô, meu pai! Que viagem foi essa? Por onde meu pai andou?

PAI FIRMINO – E demorei?

MÃE-PEQUENA – Um bocado, meu pai. Que terras e que águas o senhor viu? Por que voltou?

PAI FIRMINO – É um grande mistério. Ciência do Santo. Me pôs à prova. Duvidou de mim...!

MÃE-PEQUENA – Mas, então...

PAI FIRMINO – Estou aqui, não estou? Então, é porque ele quer. Vou me preparar. A noite está chegando. O tempo está encurtando. *(Sai do palco seguido por Mãe-Pequena).*

FILHA-DE-SANTO 1 – Vigie! Estou toda arrepiada!

FILHA-DE-SANTO 2 – E não é pra menos.

FILHA-DE-SANTO 3 – Eu pensei que meu pai não voltasse mais.

FILHA-DE-SANTO 1 – Que tivesse se encantado?

FILHA-DE-SANTO 2 – Isso mesmo!

FILHA-DE-SANTO 3 – Mas esse tempo que ele esteve fora, que entrou mar a dentro na garupa daquela visão, não já dava pra resolver isso tudo? Pra desvendar o mistério?

FILHA-DE-SANTO 2 – Desde que chegamos que me sinto mareada. Não é medo, eu sei. Mas meu juízo estremece só de pensar quando vai ser a hora.

FILHA-DE-SANTO 1 – A hora é a hora. E se meu pai está pronto, se Mãe-Pequena não arredou, nós três que fomos as escolhidas não podemos fraquejar.

FILHA-DE-SANTO 2 – Vejam como o mar está sereno. Espiem. Enquanto meu pai não chegava era só banzeirão.

FILHA-DE-SANTO 1 – Parece que quando aonde forte vomitou ele na praia, a baía se aquietou.

FILHA-DE-SANTO 3 – Tudo parece preparado. É muito mistério, meu Deus!

FILHA-DE-SANTO 2 – Parem de reclamação! O que está decidido está. Cuidem é de se aprontar pro tambor. Antes da façanha, meu pai e nós temos que cumprir a obrigação no tambor.

FILHA-DE-SANTO 1 – Então vamos logo que Mãe-Pequena está sozinha.

FILHA-DE-SANTO 3 – Êh, nas horas de Deus. Amém. *(Saem).*

CENA 6

(As luzes, em efeito, vão transformando gradativamente o espaço cênico num poente e depois no anoitecer. Apenas luzes e música marcam esse tempo com o palco vazio. Como se uma duna fosse afastada, o cenário toma outro aspecto no mesmo plano,

deixando ver a cena seguinte: Noite. Um “trabalho” é realizado na praia. No tambor, a Mãe-de-Santo do local é um albina (Filha-da-lua, filha do Dono da praia e “carrega” o próprio D. Sebastião). (Pai Firmino, paramentado devidamente, dança no terreiro da praia).

MÃE-DE-SANTO (*Canta doutrina do “chefe da casa”*).

PAI FIRMINO (*Sustenta a doutrina da Mãe-de-Santo e se manifesta*). – Ôôô! (*Fica imóvel*).

MÃE-DE-SANTO – Não tenha medo! Então, o senhor não cumpriu sua palavra. O senhor deixou de fazer um inestimável benefício para cristão. Nem todos me vêem, mas tudo tenho para que todos me livrem desta prisão, onde, apesar de ser rei, vivo como escravo. (*O Pai-de-Santo rodopia, o tambor esquentando. A “mãe” para e o coro, continua*). – Arquejo e a minha dor agita o mar. E me transformo em vaga... (*Pai Firmino contorce-se. O coro baixa o volume*). Acompanham-me neste passeio diário, minha mulher e minha filha. Cada um de nós, uma vaga. E confundidos com as outras vagas, cavalgamos o mar...

PAI FIRMINO – Mas...

MÃE-DE-SANTO – Quando me encantei nas areias de Alcácer-Quibir, quis buscar um areal igual. O palácio que aqui está, é maior e de mais esplendor do que o de Queluz! Tu mesmo viste... Mas sei que o meu povo daqui e de além-mar ainda espera minha volta para reinar sobre eles. Eu, minha mulher e minha filha...

PAI FIRMINO – Mas...

MÃE-DE-SANTO – Nós somos os três Cavaleiros dos Lençóis, as três grandes vagas, pavor de Gurijuba e todos os mestres. Eu sou a última vaga (*O coro aumenta o volume e o ritmo para*). Meu povo espera por mim!

PAI FIRMINO (*Já um tanto senhor de si*). – Mas, meu santo, como é sua graça?

MÃE-DE-SANTO – Eu sou o rei, D. Sebastião!

PAI FIRMINO – Me perdoa, meu rei, mas vosmicê não é um touro? Como pode ser uma vaga? Uma onda?

MÃE-DE-SANTO – Não, senhor...

PAI FIRMINO – Um touro negro de chifres de ouro, com uma estrela de prata de cinco pontas, na testa!...

MÃE-DE-SANTO (*Cambaleando, como triste*). – Um touro? Não senhor, Eu... Eu... não quero recordar... A causa que me obriga a cumprir esta triste sina!...

PAI FIRMINO – Mas...

MÃE-DE-SANTO – No entanto, dir-lhe-ei que nessa forma, que me reduz a um touro e que me faz correr endiabrado pela praia em noite de lua cheia, arrastando grossa corrente, tocado por agulhões invisíveis, após a última vaga, meu sofrimento é maior. Espojo-me em contorções, pela praia, até que um dia um cristão crave um punhal virgem no meio da estrela e dê também os três gritos.

(A doutrina mudada por Mãe-Pequena sobe alto).

MÃE-PEQUENA

– Rei, Rei, Rei.
Rei, D. Sebastião,
quem desencantar Lençol
Põe abaixo o Maranhão.

PAI FIRMINO – Pois eu sou homem de coragem, meu rei. E eu vim aqui pra isso. E vou cumprir minha missão.

MÃE-DE-SANTO – Não se atreva!

PAI FIRMINO – Pois eu desafio o senhor. Vou estar lá, lhe esperando.

MÃE-DE-SANTO – Nunca faltei meus compromissos. É minha sina! *(E sai do transe. O pai-de-Santo cai, de joelhos. A luz cai em resistência até o black-out).*

CENA 7

(O cenário é todo de dunas alvíssimas. No centro, à frente do palco, ritual de vestir o Pai-de-Santo que está nu e vai sendo untado e benzido até a última veste. Mãe-Pequena lhe traz um punhal sobre uma almofada. Ele segura. Saem todos, ficando apenas as Filhas-de-Santo e Mãe-Pequena que dialoga com o pai).

MÃE-PEQUENA – A lua logo sai. As vagas já batem forte na beirada... Meu pai tá decidido?

PAI FIRMINO – Não tem volta.

MÃE-PEQUENA – É um grande passo!

PAI FIRMINO – Meu povo espera por isso, mesmo sem saber, se a promessa dele se cumprir, acaba a miséria da nossa gente.

MÃE-PEQUENA – Mas o touro é um touro!

PAI FIRMINO – A luta é feroz, eu sei. Mas o touro é dele. E tanto eu como ele, sabemos o que queremos.

MÃE-PEQUENA – E, se São Luís for pro fundo? Se, se põe abaixo o Maranhão? E, se isso aqui desencantar de verdade? Como vai ser, meu pai?

PAI FIRMINO – Minha filha, vou cumprir minha sina. Agora sou eu ou o touro. Mas lhe digo uma coisa: talvez o encantamento se desfaça de outro jeito. Quem sabe se,

como ele é escrito e é falado, não é uma forma de mistério? Eu acho que as palavras do santo querem dizer muitas coisas. Outras coisas diferentes do que se escuta.

MÃE-PEQUENA – Queira Deus!

PAI FIRMINO – Estou certo de que não vou matar um touro. Vou desencantar uma estória. Seja pro povo parar de sofrer, seja pra acabar a miséria, seja pro povo esquecer e ser feliz... Mas este punhal cumpre o seu destino e volto pro meu povo.

MÃE-PEQUENA – Aiêêê, meu pai!

PAI FIRMINO – Estou pronto. A lua nasce!

(Mãe-Pequena e as filhas correm para fora do palco).

CENA 8

(Iluminação adequada, pancada forte de vaga quebrando, ruídos característicos de corrente. No palco, o Pai-de-Santo empunha o punhal, enquanto a sombra do touro toma todo o espaço e vai diminuindo até o tamanho normal de um boi. Dá-se uma coreografia de luta, homem e sombra).

PAI FIRMINO – Duvidou, meu santo?... Venha todo! Mostre-se de frente! Não tenha medo, estou pronto! É a nossa hora!... Ou meu santo é só isso? Uma sombra?... Venham meu rei, não me negue o valor da façanha. Não se esconda de novo. Já esperamos muito. Não dá mais pra esperar. Agora é a hora! O tempo é este! Venha! Lute comigo! *(Irritado arremete-se sobre a sombra)*. Descubra-se, ó encoberto! *(Ouve-se grande esturro e a sombra posta-se por trás do Pai-de-Santo e vai cobrindo o seu corpo até a cabeça do touro fique projetada na cabeça do homem)*. É agora, meu rei! Sou eu!... O senhor!... O que vai suceder? Serei o que for preciso... É agora, meu santo!... Que seja! *(Toma o punhal e fere a testa em cruz, A sombra desaparece e apenas um foco detalha a incisão. O sangue que marca a testa do Pai-de-Santo em cruz, recebe um efeito de luz que parte daí, em vermelho, e inunda todo o palco. Os pajens do Cavaleiro Misterioso passam ao fundo e todo o elenco passa pela frente levando consigo o Pai-de-Santo e suas vestes. O cenário vai subindo do chão, como se torres de castelos de areia em forma de cone fossem levantadas. O palco fica vazio e vermelho por mais dois segundo. Trocam-se abruptamente as luzes vermelhas por brancas. Mais dois segundos e dá-se um black-out*”).

Fim

VELA AO CRUCIFICADO

(Adaptação livre do conto de Ubiratan Teixeira)

(1976)

Wilson Martins

PERSONAGENS

GERENTE – empresário

CARDOSO – assistente

LUCIANO – operário

CLARICE – esposa de Luciano

CARLINHOS – filho mais velho

ANDRÉ – filho mais novo(oculto)

FIRMINA – vizinha do casal

CUSTÓDIA –vizinha.

EXTRAS: 1 – 2 – 3 e 4 (homens e mulheres)

ATO I

(Ambiente: Escritório de uma empresa privada).

(Em cena – Cardoso trabalha folheando alguns documentos).

(Alguns minutos depois, entra o Gerente da empresa).

GERENTE – Bom dia, Cardoso! *(Retira o paletó que trás sobre os ombros e coloca sobre o espelho da cadeira. Folga a gravata esenta-se)..*

CARDOSO – Bom dia, chefe! Tá com uma cara de quem madrugou no tempo.

GERENTE – Tá na cara, não é? Essas mulheres me acabam.

CARDOSO – Aposto que dessa vez a presa foi a morena da bijuteria da esquina, não foi?

GERENTE – Perdeu dessa vez. Foi a lourinha, tesoureira da gráfica do Ronaldo. Mas fica na tua, não vai bater com a língua nos dentes, senão eu perco a “boca”, sabe como é?

CARDOSO – Essa é boa. Quando acaba o Ronaldo diz que santo de casa não faz milagres.

GERENTE – Não faz milagres pra ele! *(Sorrindo).* Bem, agora vamos ao que interessa: quais são as novas das últimas horas?

CARDOSO – Chegou hoje o material que você requisitou. Do pouco dinheirinho que entrou ontem eu tive que retirar para pagamento do frete. Estamos quase zerados. Do jeito que as coisas vão, acho bem difícil pagar a primeira prestação desse material. Por outro lado, parte da folha de pagamento deste mês está comprometida. Como nós vamos fazer se não está entrando serviço?

GERENTE – Eu também não sei.

CARDOSO – E como foi na abertura da licitação, vai dar pra ganhar a concorrência?

GERENTE – Credo rapaz, não é que eu esqueci.

CARDOSO – Mas Gerente, como nós vamos fazer agora, se nem as caras a gente dá numa reunião dessas? Vão logo dizer que não temos interesse.

GERENTE – Mas eu vou ficar ciente e jogar minha cartada. Temos gente lá dentro que dá pra mexer com os pauzinhos. É só soltar uma ponta. E aí é que eu entro e jogo um preço abaixo do mercado.

CARDOSO – Duvido se alguém já não ofereceu essa mesma proposta pra ganhar a concorrência.

GERENTE – Mas Cardoso, nós temos dinheiro na rua. Já contratei um corretor-cobrador. O diabo é que os nossos maiores devedores são o Estado e Municípios, que custam a pagar e depois dão até sumiço em processos só para atrasar pagamentos. A minha esperança é que pelo menos no final deste exercício eles paguem tudo.

CARDOSO – Mas esperar até o fim do exercício... E as despesas do material, encargos sociais, pagamento de pessoal, água, luz, telefone?... O pessoal lá dentro já está me acochando e eu não sei nem o que dizer pra eles. Querem que, pelo menos, você arranje um vale para eles.

GERENTE – Vale nada, rapaz. É só choro, produção nada.

CARDOSO – Pelo menos o vale é uma forma de acalmar a fúria dos homens. A folha do mês está pronta.

GERENTE – Segura aí. Se pintar algum dinheiro, melhor pra eles.

CARDOSO – Mas chefe, você tem que estar aqui para autorizar.

GERENTE – E eu sou besta?... Por falar em dinheiro, prepara aí um saque de quinhentos para mim.

CARDOSO – Já?... Torrou bastante ontem, não?

GERENTE *(Sorrindo)*. – E tu achas que com uma mulher daquela não era para torrar tudo? *(Luciano entra em cena e ouve o resto da conversa)*. É a vida meu rapaz, quem não goza nesta vida, morre gozado.

CARDOSO – E aí, Luciano, chegando tarde hoje, não é? O que foi desta vez?

LUCIANO – Eu gostaria de trocar algumas palavras com o gerente...

GERENTE – Vai lá rapaz, fala rápido que eu não tenho muito tempo. Luciano – Meu chefe... (*Aproxima-se da mesa do Gerente*).é o seguinte...

GERENTE – Não perca tempo meu amigo, se for dinheiro pode ir tirando o cavalinho da chuva porque as coisas aqui estão brabas. (*Cardoso entrega o cheque para o Gerente*).

LUCIANO – Mas chefe, é que eu tô com meu filho mais novo no meio da casa... Morreu ainda há pouco. Eu só queria que o senhor me adiantasse aí um dinheirinho pra que eu possa fazer o enterro da criança.

GERENTE – (*Falando com Cardoso*).Mas, será que esse pessoal pensa que a firma está nadando em dinheiro? (*Virando-se para Luciano*).É muito fácil chegar aqui e dizer que quer dinheiro para isso e aquilo.

LUCIANO – Mas chefe, eu trabalho é aqui e é aqui que tenho que recorrer. Minha situação é muito séria e eu não tenho nem pra comprar uma vela pro bichinho.

GERENTE – (*Põe a mão sobre o ombro de Luciano*).Olha rapaz, aceite os meus pêsames, eu sinto muito, muito mesmo, faço dos seus sentimentos os meus, mas infelizmente eu não vou poder fazer nada para você desta vez. Quer um conselho? Faça uma daquelas listinhas de ação de graças, peça pra Cardoso bater o texto aí pra você, que aquilo sim, dá dinheiro, não é mesmo Cardoso? Agora vá, pode ir tranquilo que o seu ponto de hoje já está justificado, certo?

LUCIANO – Mas chefe, você não entendeu. Eu não estou pedindo esmolas. Só quero que você mande adiantar aí algum dinheiro, ou mesmo um empréstimo pra ser descontado do meu ordenado.

CARDOSO – E você acha que alguém vai colocar um punhado de dinheiro assim na sua mão?

LUCIANO – (*Mostra-se nervoso*).Então o senhor acha que o menino deve ficar guardado no armário até eu conseguir o dinheiro suficiente pra poder fazer o enterro?

GERENTE – (*Esmurrando a mesa*).Ora bolas! E o que é que você quer que eu faça? Eu já expliquei a situação da firma, já dei os meus pêsames, a idéia da listinha de ação de graças, mandei justificar o seu ponto...

CARDOSO – Acho que aqui estás perdendo tempo. É melhor agir logo enquanto está cedo e o corpo do menino está quente.

LUCIANO – Mas até você, Cardoso?

CARDOSO – Eu reconheço teu problema Luciano, só que não é com uma listinha de ação de graças, correndo aqui e ali, que tu vais conseguir enterrar o teu filho.

LUCIANO – Mas Cardoso, é verdade que eu não vou poder pagar tudo de uma vez, mas vocês vão descontando aos poucos do meu ordenado, sabe como é?

GERENTE – Cardoso, onde está meu talão de cheques?

CARDOSO – Está na primeira gaveta da direita.

LUCIANO – Mas então me digam o que eu devo fazer... Me digam!

GERENTE – Se vire meu rapaz, se vire.

CARDOSO – Acho melhor tu não perder tempo, funeral é coisa séria.

LUCIANO – (*Irritado*). Vocês acham que eu tô pedindo esmola? Poucas vezes eu vim aqui pedir vales pra vocês.

GERENTE – Você já está me enchendo o saco e eu não estou aqui para derramar um pinga de lágrimas pelo seu filho.

LUCIANO – Eu sei, aqui é só papo sério e salário de miséria.

CARDOSO – (*Separando a papelada*). Nesse ponto Luciano, você não tem razão. A firma paga o que a lei determina.

LUCIANO – E a lei manda você explorar a gente? O que gozamos aqui? Por acaso temos carteira assinada, férias proporcionais, gratificação por serviço prestado, pagamento de horas extras, décimo terceiro salário?

GERENTE – É só procurar os teus direitos.

LUCIANO – Manda a gente procurar os nossos direitos e logo ameaça a ficar sem emprego, não é? Qual é o direito que o senhor respeita aqui? Chame aí o resto do pessoal e faça a mesma pergunta pra ver que idéia eles têm do senhor.

CARDOSO – Tenha calma Luciano. Você está confundindo as coisas.

GERENTE – Com referência ao salário, sei perfeitamente que quanto mais ganhassem melhor seria, tanto para vocês quanto pra firma, mas acontece que o lucro está indo todo em benefício de vocês mesmos.

LUCIANO – O quê? Em nosso benefício ou do bolso de vocês?

GERENTE – Escuta aqui, rapaz, aqui o pagamento é feito de acordo com as categorias. Você não poderá ganhar o mesmo que Cardoso. É o que determina a lei e não fui eu quem a fez. (*Pausa: Luciano age com moderação, aproximando-se da mesa*).

LUCIANO – Eu sei que o senhor pode pagar até mais se quisesse. Mas agora, eu só queria que o senhor se colocasse diante de minha situação de assalariado. A minha situação agora é essa: meu filho está lá no meio da casa e tenho que fazer o enterro. Não

posso guardar o corpo dele enquanto levanto o dinheiro suficiente pra fazer o enterro. Diante disso, simplesmente vocês me dão pêsames e dizem pra eu fazer uma listinha de ação de graças. Pelo amor de Deus, tenham piedade. Meu filho não tem nenhuma culpa, não pediu pra nascer, sofrer e morrer. Eu que estou pedindo pra que possa fazer o enterro da criança, entenderam?

CARDOSO – Claro que o chefe entende Luciano.

GERENTE – Mas roubar não podemos. O que você precisa é recuperar o tempo que já perdeu aqui.

CARDOSO – *(Batendo no ombro de Luciano).* Vai meu amigo. Procura teus vizinhos, a associação de moradores, o clube de mães, tua comunidade; tenho certeza que eles vão poder te ajudar. Eu também tenho filhos e sei como é a luta.

LUCIANO – Então é isso, não é? *(Mostra-se nervoso).* Quando a gente mais precisa, vocês se negam. Tudo em nome da firma. É a firma, a firma, a firma, a gente vive em função da firma e a firma não vive a situação da gente, não é?

GERENTE – Meu amigo, o incomodado é o que se muda. Se for isso, pode pedir pra sair.

LUCIANO – Então é isso? Pois é isso mesmo que eu vou fazer. *(Avança sobre o Gerente pegando-lhe pelo colarinho e empurra-o contra a parede e alguns móveis, tentando espancá-lo. O Gerente clama por socorro e é acudido por Cardoso, que tenta desvencilhá-lo da agressão).* E quer saber mais, soque sua empresa, seus pêsames, seu dinheiro, sua lista de ação de graças e reze pra que os urubus sintam nojo de sua carcaça e o diabo tome conta de sua alma, seu miserável, sacana! *(Dois outros personagens entram e conseguem separar a briga, tirando Luciano de cena. O Gerente mostra-se temeroso e recompõe-se).*

GERENTE – Poxa, será que esse cara tá louco? Eu vou registrar queixa na delegacia por agressão física, danos morais e materiais. Vou botar ele na cadeia.

CARDOSO – Eu nunca tinha visto Luciano assim tão agressivo. Ele até que é um cara pacato, ponderado...

GERENTE – Que nada rapaz! Dia após dia ele aparece aqui dizendo que o pai morreu, a mulher pariu, a filha, o cachorro de estimação... e nós, onde vamos parar com isso? Mas eu vou dar uma cadeia nele, isso ele vai ver.

CARDOSO – Deixe isso pra lá Gerente, o rapaz está abalado, transtornado com a perda do filho. Depois ele vai cair em si, voltar aqui e pedir desculpas.

GERENTE – Desculpas? Rapaz com essa gente não se deve discutir. É cadeia mesmo.

CARDOSO – Deixe que eu falo com ele. Pelo que eu conheço, talvez ele nem volte, só de vergonha.

GERENTE – Volta sim, rapaz. Quando a tripa do desgraçado der o primeiro nó, ele volta sim com a cara de piedade, eu te mostro.

CARDOSO – Mas chefe, uma coisa eu lhe digo: realmente esse cara não está numa boa.

GERENTE – E o que nós temos com isso? Quantas vezes ele já esteve aqui pedindo adiantamento pra resolver problema de saúde do filho dele?

Cardoso – Nem tanto meu chefe. Ele é um cara trabalhador, cumpridor de seus deveres e é um bom profissional.

GERENTE – Ora Cardoso, não me venha com essa. Ainda estás naquela de receber uma bofetada e oferecer a outra face? Eu vou registrar queixa contra ele e já estou indo.

CARDOSO – Já pegou o cheque?

GERENTE – Já está aqui (*Bate no bolso*). Vou trocar na baiúca do Bira.

CARDOSO – E a lourinha, vai está lá?

GERENTE – Sem dúvida, agora é rala e rola. Até logo mais, Cardoso (*Sai correndo*).

CARDOSO – Vai com Deus, chefe.

(Black-out)

ATO II

AMBIENTE – *Um quarto humilde tendo como mobília na parte baixa do palco um fogareiro com uma panela. No lado oposto um pote coberto por uma tampa de alumínio. Embaixo um pano sujo. Sobre a tampa do pote, um copo de alumínio, emborcado. Ao lado, um banco pequeno. Ao centro, no chão, a silhueta de um corpo de uma criança envolto com panos. No fundo, alguns jornais amassados.*

(EM CENA – Clarice, sentada sobre um tamborete, abana com um pedaço de papelão a figura do pequeno corpo. Em outro tamborete, do lado oposto, Luciano cabisbaixo).

CLARICE – (*Para de abanar o corpo e interroga*). Mas escuta aqui, Luciano, o que tu 138l esperando pra tomar uma providência? Ficar aí sentado, esperando que alguém faça alguma coisa por nós, é perder tempo.

LUCIANO – Mas o que tu queres que eu faça? Eu já tentei de tudo, minha velha. A única coisa que eu arranjei foram essas velas, que seu Berto, o quitandeiro da beira da baixa, me deu.

CLARICE – Vela, só vela?... Não sei não. Tá certo que o menino não pode ser

enterrado sem luz, mas só com vela tu não vais fazer o enterro.

LUCIANO – Enxota as baratas de cima dele, que é. (*Guarda uma vela no bolso*).

CLARICE – Algum dia desses, essas baratas ainda acabam comendo a gente. Passo quase a noite inteira abanando os meninos e quando resolvo pegar no sono, acordo com elas pipinando meus dedos.

LUCIANO – Deixa de exagero Clarice, noite inteira não. Tu mais dormes do que enxota. Eu é que dou plantão, pensando a noite inteira como vamos sair dessa miséria. Quanto mais me esforço para melhorar de vida, sempre vem uma desgraça, como essa agora. Mas sabe Clarice, acho melhor a gente dormir menos, e ter mais cuidado. Uma barata dessas não é tão perigosa quanto um rato, mas aperreia a vida da gente.

CLARICE – Elas são nojentas, isso sim. Tu já reparaste de onde elas vêm?

(*Entra o filho mais velho do casal batendo com o chinelo no chão, simulando matar baratas*).

LUCIANO – Elas estão sempre disputando o espaço, as vasilhas, a comida e o corpo da gente.

CARLINHOS – Besta! Besta! (*Mostrando o chinelo ao pai*). Viu pai, matei mais essa.

CLARICE – (*Passando a mão sobre o corpo do morto*). O Andrezinho é que sempre espocava elas. Quantas ele alcançasse. Agora ele está aqui, morto. Parece até que elas estão festejando, se vingando das vezes que ele tentava matar elas. (*Volta a abanar com o papelão*). Xô, baratas!... xô, xô danadas! (*Debruça-se em prantos sobre o corpo do filho*).

LUCIANO – Clarice tem calma. Não chora. Eu não posso te ver sofrendo assim. Sabe de uma coisa, faz uma prece pra ele enquanto eu vou fazer mais uma tentativa de arranjar um caixãozinho pra ele. (*Luciano sai e Carlinhos aproxima-se de Clarice*).

CARLINHOS – Mãe é por causa do Andrezinho que a senhora está chorando?

CLARICE – Não, claro que não. Não tenho mais nada pra chorar. Vem cá meu filho.

(*Abraça o filho*.) A mãe está só cansada, só isso, besteira.

CARLINHOS – Mãe, e eu?... Eu também vou morrer?

CLARICE – Não sei meu filho. Tudo nesse mundo que nasce, morre. Até Jesus morreu. O jeito é ir vivendo e rezando pra não sofrer tanto assim. (*O filho tosse e escarra*). Não, pelo amor de Deus, já chega. Vai vomitar lá fora, vai. (*Enquanto o filho sai tossindo, ela se levanta e comprime o ventre*). Que dor, meu Deus! Parece até que foi coisa feita. Parece que meu ventre só gera podridão. Primeiro foi esse anjinho. Acho que assim que o capim crescer na cova deste, logo vai o mais velho. Será a mesma sina

deste inocente aqui. (*Pressiona o ventre*). Coitados dos meus filhos. Esse aí morreu como nasceu: pobre, humilde e como nada mais faltasse, ainda botando golfadas, vomitando tudo. (*Pega o chinelo e sai gritando, desesperada, batendo no chão*). Desgraçadas, imundas, xô baratas, xô suas miseráveis, não comam meu filho, suas infelizes, xô! Larguem o menino. (*Debruça-se sobre o cadáver e chora*). Meu filhinho adorado... Oh, meu amado Deus, tende piedade denós!

LUCIANO – (*Entra com uma flor na mão e observa o desespero da esposa. Depois intervém*). Clarice!...

CLARICE – Oh, Luciano! (*Corre para ele e o abraça, chorando*). Eu não suportei mais, meu velho. As baratas... As baratas queriam comer a criança. Eu quase morri de medo e vergonha. Vamos embora daqui, vamos.

LUCIANO – Mas pra onde, Clarice?

CLARICE – Não sei. Eu não agüento mais Luciano. Parece que as baratas estão nos escutando, rindo, debochando da gente. Quer ver? Escuta...

LUCIANO – Não chora, meu bem. Já são seis horas. Daqui a pouco, quando escurecer mais um pouco, eu levo o menino.

CLARICE – E tu não conseguiste nada? E o vereador lá de cima, que veio aqui pedir voto pra gente? (*Luciano acena negativamente*). Ele disse que o que a gente precisasse era só pedir pra ele.

LUCIANO – Nada. Nem me recebeu.

CLARICE – E o presidente da União de Moradores?

LUCIANO – Nada.

CLARICE – Tu foste no Clube das Mães do bairro? Luciano – O presidente mandou dizer que sentia muito. Clarice – E o seu Berto, da mercearia do canto?

LUCIANO – Nada, Clarice. Escutaram toda a história com cara de piedade, e só. Mas eu não vou deixar ele apodrecer em cima da terra. Isso não. Eu trouxe uma flor pra enfiar na sepultura dele.

CLARICE – Mas que sepultura, Luciano?

LUCIANO – Não te preocupa. Eu levo ele. Vou rezando o tempo todo. Você fica. É melhor assim, senão vai dar na vista. Vamos. Começa a ajeitar tudo. Forra o corpo do menino, embrulha num pano que eu faço o resto do serviço.

CLARICE – Luciano, eu não quero discutir contigo, mas tu achas justo a criança ter um enterro desta natureza? Ele que já sofreu tanto em vida, agora vai ter que ser enterrado assim? Isso não é justo, não é decente.

LUCIANO – E o que é decente? Clarice, esse negócio de decência... Se fosse por mim, nem o André, nem o Carlinhos que tá se aniquilando, morreriam. Pela minha vontade eu não faria o enterro de nenhum de vocês. Mas eu tenho que fazer alguma coisa que acabe com tudo isso de uma vez. Vamos, já é tarde. Arranja aí uns jornais velhos, uma toalha, prepara o corpo enquanto eu vou lá fora passar uma água no rosto. *(Luciano sai de cena. Carlinhos vê Clarice ir até o fundo, onde ela recolhe o resto dos jornais e enrola o corpo).*

CARLINHOS – Mãe, quando eu morrer vou também assim como o meu irmão?

CLARICE – Não sei, Carlinhos. Já não sei de mais nada.

CARLINHOS – Se for, meu pai vai ter um trabalho danado. Ele não vai poder me carregar como pode com o André. Eu já vou tá bem grandinho.

CLARICE – Menino te afasta de cima desse outro. Vai te deitar, vai. Não dormiste quase nada ontem à noite. Foi só tossindo. Fica aí em cima do teu irmão e vai terminar pior.

CARLINHOS – Mãe, deixa eu ver o meu irmão ir embora, deixa.

LUCIANO – Pra quê? Pra mais sofrimento? Não, Carlinhos, já chega. Não me aperreia mais do que já tô. Sai, vai pra dentro te deitar, vai. *(Carlinhos sai tossindo. Do fundo, ouve-se a voz de Luciano).*

LUCIANO – Clarice, deixa que eu mesmo faço o pacote. *(Entra espalhando o cabelo molhado).* Tu nunca soubeste fazer um embrulho direito. Êpa que a água tava fria como o quê! Deixa que eu faço o embrulho.

CLARICE – Então, tá. *(Joga o pano aos pés dele, que se mostra surpreso).*

LUCIANO – Não te zanga, Clarice. É triste, isso eu sei. Mas não podemos fazer mais do que isso. Não podemos contar mais com ninguém e nem podemos ficar com ele. Vai acabar apodrecendo e aí é que vai ser muito pior.

CLARICE – Eu ainda acho que dava pra agüentar um pouco mais, não sei. Vamos esperar mais um pouco.

LUCIANO – Não dá mais, minha velha. Vou fazer o que tem que ser feito e tem que ser agora. Fica descansada que eu não vou deixar que fique parecendo como o lixo que o povo joga no monturo. O final vai ser decente, eu te prometo. *(Arrumando o filho).*

CLARICE – Faz isso por mim, meu velho.

LUCIANO – Faço sim, Clarice, por ti, por mim e por ele. *(Envolve mais um pano na silhueta do corpo).* Tá vendo? Tá parecendo uma trouxa de roupa limpa e bem cuidada. Está decente como se tivesse num caixão de um político, de um fazendeiro, ou de um

milionário qualquer.

CLARICE – Eu não me conformo. (*Abafando o choro*). Carlinhos vem cá. (Entra o filho mais velho). Ajoelha aqui. Vamos rezar ao menos uma Ave Maria pra ele (*Enquanto Clarice e Carlinhos simulam rezar, Luciano muda de camisa, toma um pouco da água do pote, pega mais uma vela e a caixa de fósforos*).

LUCIANO – Isso é pra eu acender na sepultura dele. (*Põe a flor, a vela e a caixa com fósforos no bolso da camisa*). Agora minha gente, me deixa ir. (*Afasta a família, pega o pacote e põe debaixo do braço*). Acho que assim vai bem, não?

CLARICE – (*Abraçando o filho mais velho*). Luciano vê primeiro se a rua está deserta, se não tem ninguém.

LUCIANO – Não te preocupa. Dá um pouco de chibé de farinha d'água pra esse daí e bota ele pra dormir. Acho que ainda tem um pão na sacola. Não te preocupa comigo. Pode comer tudo. Deixa eu ir logo. (*Luciano aproxima-se do proscênio e antes que desça para a platéia, ouve a voz de Firmina em meio à plateia*).

FIRMINA – Seu Luciano! Eu soube da triste sina do seu filho. Coitado! Mas foi melhor pra ele. Descansou, o anjinho. O senhor sabe, devido a dor na coluna, nos joelhos, eu não posso mais fazer quarto hoje em dia, por isso não fui ao velório, mas ao enterro eu vou. Vai ter carro pra levar a gente, não vai? Pois eu vou.

LUCIANO – Como é que é?

FIRMINA – O enterro, homem de Deus, vai ter carro, não vai? Vai ser a que horas, Seu Luciano?

LUCIANO – (*Gaguejando*). Vai... vai ser...

FIRMINA – (*Cortando*). Sim, mas eu quero saber a que horas vai ser o enterro.

LUCIANO – Agora (*Volta-se para a família e depara com Clarice surpresa*).

FIRMINA – Como é que é?

LUCIANO – Eu disse que está sendo agora.

FIRMINA – O que você está dizendo? (*Entra em cena do lado oposto D. Custódia e observa a conversa*).

LUCIANO – Agora, não está vendo? Já tô levando ele aqui.

CUSTÓDIA – Então o que você leva aí é o pequeno André?

LUCIANO – É sim, D. Custódia.

CUSTÓDIA – Isso não é roupa suja, Seu Luciano?

FIRMINA – Não venha me dizer que o senhor leva aí debaixo do braço é um cristão.

LUCIANO – É um cristão mesmo, se é que as senhoras querem saber.

CUSTÓDIA – Não, você só pode tá brincando. Funeral é coisa séria, meu senhor.

LUCIANO – É por isso mesmo que eu já tô levando ele aqui.

FIRMINA – (*Aos gritos*). Esse homem é um monstro, um bruto sem coração.

CLARICE – É, não é?... Mas a senhora é muito pior do que a gente.

FIRMINA – E essa cadela da Clarice ainda apoia isto.

CLARICE – Cadela é a senhora.

CUSTÓDIA – Seu Luciano, seu sem-vergonha, volta e dá um caixão decente pro teu filho.

FIRMINA – Deixa de ser miserável, Luciano.

CUSTÓDIA – Isso não é só miserabilidade, é sem-vergonhice, mesmo.

CLARICE – E o que vocês têm a ver com isso?

FIRMINA – (*Gritando para a platéia*). Venham ver minha gente!... Olhem o que esse homem está fazendo com o filho dele!

CUSTÓDIA – Será possível que vocês não têm compaixão?

(*Outros personagens surgem em meio à platéia*).

EXTRA 1 – Seu verme, seu cão imundo!

(*Personagens seguem em direção a Luciano, que recua para o fundo do palco*).

LUCIANO – E vocês, que pensam que são? Vocês são piores do que nós. Vocês só aparecem pra criticar, nem sequer nos dão bom dia, nem querem saber da saúde da família, dos nossos filhos...

EXTRA 2 – Não tem desculpas. Volta e procura um caixão pro teu filho.

EXTRA 3 – Esse homem é um monstro!

EXTRA1 – Sacana, caboclo escroto, sujeito cretino!

LUCIANO – Deixem eu seguir em paz!

FIRMINA – E que paz tu vais dar pra esse anjo, mesmo depois de morto?

EXTRA 2 – Volta e enterra teu filho como deve ser enterrado.

(*Extras aproximam-se mais ainda*).

CUSTÓDIA – Mandem esse homem pro inferno! Extra 3 – Filho da puta, volta com esse pacote. Extra 1 – Agora tu vais voltar mesmo.

FIRMINA – Tu vais voltar e fazer ao menos uma caixa de madeira pra enterrar teu filho.

EXTRA 2 – É isso mesmo! Não deixem ele passar.

LUCIANO – É melhor vocês pararem com isso.

EXTRA 3 – O enterro assim não segue.

FIRMINA – É isso mesmo. Daqui não passa.

LUCIANO – O filho é meu, quem fez foi eu e eu vou enterrar do jeito que eu quiser, entenderam?

EXTRA 1 – Mas não este. Tu vais voltar e vai dar um jeito num caixão nem que pra isso tenhas que pegar porrada até criar vergonha. *(Luciano aproxima-se do tri-pé e retira uma das pedras que apoiam a panela e ameaça).*

LUCIANO – Vocês querem saber de uma coisa? Mato o primeiro sacana que tentar me barrar. Tô avisando! *(O coro recua).* Vocês não têm nada com a minha vida. Isso é um problema meu, só meu.

CUSTÓDIA – Como só teu, infeliz?

LUCIANO – Vou enterrar o meu filho do jeito que eu bem entender. O primeiro filho duma égua que tentar me barrar eu sou bem capaz de matar. Eu tô avisando! *(Luciano aproxima-se mais do proscênio e o coro recua para a platéia).* Saiam logo da minha frente! *(Gritando).* Como é que é, vão ou não vão me deixar passar?

EXTRA 2 – Deixem ele passar.

FIRMINA – Como é que é?... Vocês vão permitir isso?

LUCIANO – Eu já avisei.

EXTRA 3 – Esse homem tá louco.

EXTRA 1 – Ele é capaz de tudo!

EXTRA 1 – Como é que é, tu tá esperando o quê desgraçado?
(O coro continua recuando, abrindo passagem para Luciano).

CUSTÓDIA – Passa cão imundo!

LUCIANO – Eu lasco essa pedra no primeiro que tentar...

EXTRA3 – Passa porco de merda, passa.

FIRMINA – Mas isso não é possível, peguem esse homem! Luciano – Pois venha você me barrar, sua velha rabugenta!

EXTRA 1 – Deixa de criar problema rapaz, anda, passa logo.

(Lentamente Luciano passa em meio à platéia, sempre ameaçando com a pedra, sendo acompanhado por outros personagens, que o insultam até a saída de cena).

ATOIII

CENA – No canto do palco o filho mais velho brinca com uma caixa de fósforos, como se fosse carrinho de brinquedo. No centro do palco Clarice chora sentada em um tamborete. Luciano entra e para, observando a esposa. Ao perceber a presença do marido, Clarice corre ao seu encontro, abraçando-o.

CLARICE – Luciano, meu bem, como senti medo. *(Ele acalma a mulher e a conduz ao centro do palco).*

LUCIANO – Não chora. Fica calma. Tudo já passou.

CLARICE – Meu Deus, como tudo isso é cruel! Conta aí, como foi lá?

LUCIANO – Como tinha que acontecer.

CLARICE – Eu pensei que eles iam te linchar.

LUCIANO – Eu também pensei. Quando me vi longe daquelas feras, abracei o corpo do meu filho e senti que ia desmaiar. Meus ombros estalavam como se eu tivesse carregando um peso muito grande, cem vezes maior do que o peso do menino. Era como se carregasse uma enorme cruz de ferro. Sabe como é? Caminhei mais cansado ainda. É que a cruz parecia crescer em tamanho e peso. Cheguei no cemitério e quando percebi que não tinha ninguém, arriei o corpo na terra fria... *(Pausa)*. Sei lá. Foi como se arriasse um fardo-pesado demais pra uma só pessoa. Parecia até que eu estava carregando o peso de todo mundo, entende Clarice? Abri um buraco no espaço entre uma sepultura e outra e enterrei o meu filho. Depois tentei rezar uma prece, não me lembro qual. *(Pausa)*. Estranho tudo isso...

CLARICE – Mas. Estranho o quê, Luciano?

LUCIANO – Não sei por que a reza passou pela minha cabeça e eu tive que lembrar logo do chefe da empresa, do Seu Cardoso; do político que nos prometeu tanta coisa; do Seu Berto da quitanda que me deu a vela; de D. Firmina, Seu Hipólito, D. Custódia, do pessoal que trabalha comigo, de todo mundo do bairro. Na minha mente eles estavam todos ali, em volta da sepultura do meu filho. Todos eles ali, assistindo tudo e pedindo perdão pro garoto. Senti pena deles, sabe?... Pena mesmo. Cheguei até a chorar, não pelo menino nem por nós, mas por eles, por todos eles. Nunca pensei que isso fosse acontecer comigo.

CLARICE – Eu entendo meu velho. Eu entendo. *(Acaricia os cabelos do marido).*

LUCIANO – Coloquei o menino no fundo do buraco e rezei uma prece. Não lembro a oração. Sei que rezei, por ele e pelo pessoal. Senti essa necessidade.

CLARICE – E a vela, Luciano. Fala homem de Deus, tu acendeste a luz pro menino?

LUCIANO – Eu tentei Clarice, eu bem que tentei.

CLARICE – Não, não é possível. Eu tanto que te pedi pra não deixar o menino sem luz e tu foi logo esquecer a vela...

LUCIANO – Eu não esqueci Clarice, eu tentei acender. Não foi culpa minha. Eu tentei.

CLARICE – Mas nem uma vela?

LUCIANO – Eu tentei. Juro que tentei. Os primeiros palitos de fósforo riscados foram perdidos. Depois de muito, consegui acender a vela e as primeiras gotas de cera quente pareciam chorar por nós, queimando a terra sem piedade. Depois, veio o vento impiedoso e forte, soprou várias vezes, até que eu fiquei sem fósforos e condições de dá uma luz pro nosso filho. Peguei a flor, amarrei uns gravetos em forma de cruz e enterrei-os na sepultura. *(Pausa)*. Foi o único jeito Clarice. Me perdoa, mas eu juro que tentei.

CLARICE*(Resignada)* – Eu sei Luciano *(Abraça-o)*. Eu sei. Fizeste o que foi possível fazer. *(Luciano afasta-se. No fundo do palco fica o filho mais velho abraçado à Clarice. Luciano dirige-se lentamente até o proscênio e ajoelha-se. Foco de luz centrado sobre ele)*.

LUCIANO – Senhor meu Deus, pai e meu feitor em Cristo. Trago os ombros cansados do teu poder. Até aqui eu carreguei a cruz que vós me confiastes. Agora vos peço Senhor, pelas sete espadas de dor cravadas no peito de Maria, Mãe Santíssima e a coroa de espinhos com que Jesus foi coroado, eu vos peço meu Pai... *(Clama em prantos, braços abertos)* me ajude a carregar essa cruz... Dê-me forças Senhor para que eu possa resistir a tanto sofrimento e continuar carregando esse fardo que me dói até a alma. Só com a Vossa ajuda meu Pai, vou poder suportar o peso que me confiastes. *(Luz em resistência)*. Pois eu já não agüento mais Senhor.

(Black-out)

(Do fundo do palco, surge o coro, cabisbaixo, trajando batas brancas e, trazendo nas mãos (em forma de conchas), um foco de luz de vela, na altura do peito. Dirige-se lentamente até o proscênio, postando-se atrás de Luciano, tomando a largura do palco. Luciano permanece de joelhos, estático, de braços abertos. Finda a música e o coro, num só tom, exclama):

AMÉM!

(...e sopra as velas).

F i m

ALVOROÇO NO PALÁCIO

(2007)

Lio Ribeiro

(Peça teatral em ato único)

AOS ENCENADORES

(Esta peça é a Segunda parte de um conjunto de peças dedicado a discutir relações de poder. Compreende dois episódios “Alvorço no Palácio” e “Procurando um Rei”. Os dois são independentes entre si, mas integrados. Cada um dos episódios pode funcionar como uma peça autônoma).

(A critério dos encenadores poderão ser encenados em conjunto. Exclusivamente a título de sugestão podem ser levadas à cena em dias diferentes, por exemplo, uma no sábado e outra no Domingo. Dessa forma, possibilita aos espectadores acompanharem a rotina dos personagens vivenciando duas tramas diferentes, mas complementares. Este recurso é muito comum na dramaturgia universal de todos os tempos e, mais recentemente, nos seriados televisivos ou nas continuações cinematográficas. O recurso possibilita que os personagens tenham uma vida mais longa e adquiram características mais humanizadas, tornando-os mais próximos das pessoas comuns, os espectadores).

(Embora sabidamente por todos como personagens de ficção, a possibilidade de os mesmos viverem em dias diferentes “aventuras” ou situações diferentes daquelas já conhecidas pelo público no dia anterior imprime um aspecto mais próximo da realidade, pois os personagens têm a possibilidade de engendrar recursos diferentes, buscar alternativas para solucionar novos problemas e conflitos. Destaque-se que os personagens são os mesmos, mantendo suas características fundamentais inalteradas).

PERSONAGENS

ARAUTO

MINISTRO I

MINISTRO II

MINISTRO III

MINISTRO IV

CENA UM – primeiro momento

(Quando o público entra no teatro, os atores já estão colocados em cena. Em vários pontos, espalhados, como se estivessem em pontos distintos do palácio real. Os personagens individualmente, cada qual no seu pequeno espaço cênico, podem desenvolver pequenas ações que deixem bem marcadas para o público suas características pessoais, traços que os acompanharam durante todo o desenrolar da encenação. É importante que neste momento inicial os ministros não contracenem entre si, é um momento muito particular de cada um, como se cada um estivesse em seus aposentos pessoais dentro da imensidão do palácio. É como se o público, de posse de uma lente grande-angular, estivesse bisbilhotando a intimidade dos personagens. Estes devem estar absolutamente absortos nas pequenas ações do momento, alheios ao mundo exterior).

CENA UM – segundo momento

(Cena em silêncio. um ambiente de calma).

(Neste momento o Arauto é o único que pode, discretamente, passear pelos mundos dos ministros, sem que estes percebam. É um momento de bisbilhotice palaciana, onde todos podem estar sendo observados, vigiados pelos agentes do poder central, galhofeiramente traduzido na figura histriônica do Arauto).

(Quando todo o público já estiver acomodado, do ponto em que estiver colocado, o Arauto inicia a função).

CENA UM – terceiro momento

(Procurando demonstrar ao público descobriu algo de muito estranho durante o seu passeio secreto entre os ministros, bisbilhotando o que cada um fazia, o Arauto chega até o proscênio e se dirige ao público e com grande estardalhaço circense o arauto inicia a função).

ARAUTO – Crianças e Crianças, Senhoras e Senhores, Respeitável público: Boa Tarde, Boa Noite, Bom Dia, Qualquer Dia!! Atenção! Prestem muita atenção no que vai se passar hoje por aqui. Arregalem bem os olhos, abram os ouvidos e escancarem os seus corações, para escutar, porque: O Espetáculo Vai Começar!! *(Faz barulhos e acrobacias. Pula, canta e dança).* Distinto público, minha querida platéia, pessoas: Vejam, ouçam, percebam. Vocês já notaram que há uma certa calma no palácio real. *(Espia em vários cantos).* Cada ministro está no seu canto quieto. Isso é muito estranho... muitíssimo estranho... estranhíssimo... Por que tanto silêncio... Pra quê? O que será que está acontecendo? O que pode estar se passando? *(Outro tom).* O que esses

velhacos estarão tramando?? Vocês querem saber? Eu também! Acho que vou dar umas voltas por aí, pra ver se descubro esse mistério... (Sai).

CENA DOIS

(Ministros vão entrando em cena, um a um e ao “descobrirem a presença dos outros” vão se confraternizando dois a dois até todo o grupo se completar. É um ambiente festivo e espalhafatoso onde, naturalmente, incluem o arauto. Eles se confraternizam por se encontrarem todos juntos. Cantam “nós somos os ministros do rei”. Depois se reúnem para traçar seus planos.

(Ministros cantam)

“Nós somos os ministros do rei”

“Nós somos os ministros do rei”...(Melodia: as cantoras do rádio).

Levamos a vida a brincar

De dia enganamos o rei

De noite nós vamos lhe roubar!... Roubar!... Roubar!...

Ministros do rei, jogavam caxangá...(Melodia: escravos de 149l).

Tiram, botam

Deixam o tal do rei ficar (Pobre!)

Ministros com ministros

fazem zig – zig- záz!

Ministros com ministros

só sabem é enrolar,

Ministros com ministros

fazem zig – zig- já!!!

CENA TRÊS

(Os ministros espalham-se pelos quatro cantos do palácio, visivelmente esgotados. Milhares de coisas jogadas por todo o cenário denunciam uma noitada de grande farra. A bagunça é geral. Ainda sob efeito da noitada, aos poucos cada um dos ministros vai se recobrando e, como que por cumprir o ritual de um hábito secular, vão-se recompondo e apresentando-se ao público. Cada um dos ministros deve apresentar-se com salamaleques próprios que os caracterize individualmente. Cada um pode esboçar uma pequena melodia e um pequeno ensaio “coreográfico” como sua marca particular. Os passos e trejeitos devem evidenciar características da personalidade de cada um dos ministros).

MINISTRO I – *(Fazendo um pequeno ensaio coreográfico, dando saltinhos e risinhos espalhafatosos que combinem com suas características e evidenciem suas*

particularidades).Ai que vontade de comer uma pipoquinha. Alguém tem uma pipoca aí? Não? Ninguém? Assim não é possível! Não pode ser! Há muitos e muitos anos, quando o meu ministério fazia a distribuição de milhares e milhares de saquinhos de pipocas para as crianças do reino, isso não acontecia. Afinal, era uma causa bastante nobre... Mas o nosso reizinho, mandão do jeito que ele só, acabou com tudo! Aquele malvado transformou o meu lindo Ministério num tal de Ministério do Plim-Plim. Sabe pra quê? Pra cuidar da imagem real dele, o reizinho; sabe como? Desde a hora do café até a hora de dormir, sem falar na hora em que sua real malvadezinha, o tal reizinho ia fazer xixi... Mas afinal, por que eu estou me reclamando tanto? Nós os Ministros demos um jeitinho nisso! E eu continuo sendo Ministro do mesmo jeito e, como Ministro, eu posso fazer tudo que quiser, digo, quase tudo, né?

MINISTRO II – *(Fazendo um pequeno ensaio coreográfico, dando saltinhos e risinhos espalhafotosos que combinem com suas características e evidenciem suas particularidades)*.Ooooh que vida, que vidinha meu Deus! Esse nosso reizinho era mesmo uma pestinha, Deus que me livre! Antigamente, eu vivia no bem bom, no meu Ministério das Artes, da Cultura, da Festa e da alegria. Ooooh(*Dança*).Adoro festa!!! Ooooh(*Quase desmaia*). Um dia, só pra me maltratar, aquele reizinho mandão acabou com o meu Ministeriozinho e me botou num tal de Ministério da Obesidade. Nem sei por que, afinal eu nem sou tão gordo assim, sou? Respondam! Eu sou obeso, gordo, balofo? Claro que não, seus insolentes, mal-educados, magrelas!... (*Outro tom*). Mas nós os Ministros demos um jeitinho nisso. E pelo menos eu continuo sendo Ministro e posso fazer tudo, é... quase tudo... oooohh(*Desmaia*).

(Entre as pequenas apresentações individuais de cada um dos ministros eles podem provocar com gestos e insinuações os outros que já estiverem em cena. Coisas rápidas como joguinhos de gato-rato. tudo com o propósito de imprimir maior dinamismo às cenas e criar um clima de cumplicidade entre os personagens e destes com o público presente. Neste momento, com a devida sabedoria pode até haver pequenas cenas no meio da plateia).

MINISTRO III – *(Fazendo um pequeno ensaio coreográfico, dando saltinhos e risinhos espalhafotosos que combinem com suas características e evidenciem suas particularidades)*.Uau, que sono! Ser Ministro do Trabalho era um saco. Além do mais, não acontecia nada, nadinha por aqui, nem uma manifestação, um piquete, uma greve, nada! Afinal nosso povo não tem tempo pra essas coisas. Mas saibam vocês que muitos anos antes, pra trás de antigamente não era assim. Eu era o Ministro da Democracia.

Todos gostavam de mim e eu tinha um vidão daqueles. Mas chegou um dia que sua majestade, o reizinho mandão, a malvadeza em pessoinha, aquele magrelinha, resolveu acabar com a democracia, Pode?... Ai que raiva. Que raiva. Que raiva!!! (*Outro tom*). Se bem que teve um dia... que nós, os Ministros, inteligentes, fenomenais (*Solta uma gargalhada sinistra*), demos um jeitinho nisso. E eu ainda sou Ministro, e como Ministro eu posso fazer tudo... er... quase tudo... quase tudo... (*Solta mais uma gargalhada sinistra*).

(*Entre as pequenas apresentações individuais de cada um dos ministros eles podem provocar com gestos e insinuações os outros que já estiverem em cena. Coisas rápidas como joguinhos de gato-rato. Tudo com o propósito de imprimir maior dinamismo às cenas e criar um clima de cumplicidade entre os personagens e destes com o público presente. Neste momento, com a devida sabedoria pode até haver pequenas cenas no meio da plateia*).

MINISTRO IV – (*Fazendo um pequeno ensaio coreográfico, dando saltinhos e risinhos espalhafotosos que combinem com suas características e evidenciem suas particularidades*). Gente, gente, vocês sabem da última? Não? Não, mesmo? Não acredito! E os Ministros, vocês viram os outros Ministros por aqui? Ainda bem que eles já foram, Eles são muito, muito curiosos, curiosíssimos, assim eles não me pedem pra contar as novidades. Eu, hein?! Eles são meus amigos, sabe?!, mas são tão fofoqueiro!... Aliás, não sei se vocês estão sabendo, não é querendo me gabar-me a mim mesmo, mas eu, euzinho da silva sauro, sou a pessoa mais bem informada deste reino, informadíssima! (*Com pompa*). Eu sou o Ministro do Ministério da Vida Alheia. (*Muda o tom*). Mas antes não. Antes, antigamente, antes de antes mesmo, eu era, eu era... (*Empolga-se*) o Ministro da Solidariedade, do Progresso, da Ecologia, da Igualdade, Fraternidade e Liberdade Ainda que Tardia... Mas teve um dia, (*Com raiva*) a sua Majestade, o reizinho mandão, a malvadezinha, zinha, zinha, em pessoa e pernas curtas, n..não gostou. Ele não gostou; disse que meu Ministério era muita coisa junta, etc. e tal... e por isso, aquele pestinha resolveu acabar como o Meu Ministério, pode? Aí, ele me deu esse novo Ministério da Vida Alheia. Eu não gostei, briguei, fui lá e enfrentei o homenzinho. Mas não adiantou. Daí, fazer o que, né? Depois eu até que gostei, porque eu fiquei sabendo de tudo que acontece por aqui, por aí, por acolá, pra além de acolá, quá, quá... (*Outro tom*). Mas, aí, teve um dia, sempre tem, né?... (*Em tom de fofoca*). que nós, os Ministros, demos um jeitinho nisso, um jeitinho, sabe?! (*Riso maroto*). Um

jeitão daqueles... Aí, a situação mudou e eu, eu continuo sendo Ministro e, como Ministro, eu posso fazer tudo, er...quase tudo... quase tudo...

(Durante as pequenas apresentações individuais de cada um dos ministros pode haver interferência musical com instrumentos simples como apitos, pandeiros, maracás, gaitas e outros instrumentos simples de percussão para acrescentar ao clima de algazarra e total alheamento ao mundo exterior, deixando evidenciado que o clima vivenciado no palácio distancia-se bastante do mundo real lá fora, onde as pessoas comuns enfrentam dificuldades para sobreviverem, etc. Neste momento os ministros também podem mostrar surpresa e admiração pelas pessoas comuns- o público- detalhes de suas roupas, adereços, etc.).

CENA QUATRO

(Todos devidamente recuperados da gandaia anterior, rapidamente arrumam o cenário e recriam o ambiente palaciano. Feito isso, confraternizam-se brincam, pulam, cantam e dançam como se há muito não se vissem. Um encontro de velhos amigos. Na realidade, nada mais que o dia-dia palaciano, uma vez que desde o sumiço do rei, são eles que dão as cartas. Nesse momento, irrompe o arauto, com sua trapalhadas e peraltices costumeiras).

ARAUTO*(Entra correndo e imitando o som de ambulância).* – Uó, uó, uóóóóóóóóóó!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

MINISTROS*(Refeitos do susto inicial).*– Pare já com isso!

MINISTRO I – Arauto Uó!

MINISTRO II – Uósíssimo!!

MINISTRO II – Síssissimíssimo!!!

MINISTRO IV– Síssisssssinho!!!

(Os três soltam gargalhadas espalhafatosas. Debocham).

ARAUTO*(Berrando aos prantos, ofendido).* – Buuuuáááá!!!! Sniff!!! Buáááá!!!! Cáin, cáin, cáin....

(Ministros tentam consolar. arauto cala, e logo abre o berreiro. o joguinho repete-se até todos cansaram – inclusive o público).

MINISTRO I – Chega! Cansei!

MINISTRO II – Pára, ô!

MINISTRO III – Assim não dá

MINISTRO IV – Num tô entendendo nada!....

ARAUTO – Tá bom, eu paro.

MINISTRO I – Tá, então fala!

ARAUTO – Tá bom, eu falo!

MINISTRO I – Fala logo, ignóbil!

MINISTRO II – Fala logo, imbecil!

MINISTRO III – Fala logo, indecente!

MINISTRO IV – Fala logo, Saci Pererê de Marre Desci dos Anzóis Pereira de Oliveira Quatro!!

(Todos olham surpresos e repreendem o ministro IV, que protesta fazendo caretas. Então todos revidam, num verdadeiro festival de caretices e garatujas).

MINISTRO I *(Interrompendo)*. – Basta, imbecis! Que palhaçada! *(Dirige-se ao Arauto)*. E você, idiota que negócio é esse de entrar bagunçando nossa super, hiper, importantíssima reunião ministerial? *(Os outros apoiam)*. E no fim não falar nada?!!

ARAUTO – É quê, sabe...

MINISTROS – Fala logo!

MINISTRO – Saci... *(Os outros cortam)*.

ARAUTO – É que tenho uma notícia muito grave, *(misterioso)* gravíssima!

MINISTRO I – O que foi? A vaca foi pro brejo?

ARAUTO – Não!

MINISTRO II – E o brejo não estava lá?

ARAUTO – Não!

MINISTRO III – O brejo veio até a vaca??

ARAUTO – Não!

MINISTRO IV – Já sei! A vaca morreu, o brejo secou e a chuva, a chuva... Será que vai chover??

TODOS – Cala a boca!!

MINISTROS *(Para o Arauto)*. – Fala logo!

ARAUTO – É que ele, sabe, ele, aquele, aquelezinho...

MINISTRO I – Quem João Ninguém!?

MINISTRO II – João Vintém?

MINISTRO III – João Tostão?

MINISTRO IV – Já sei! O Saci Pererê! *(Todos avançam, ministro IV foge, depois vai voltando devagarzinho)*.

MINISTROS – FALA LOGO!

ARAUTO – Ele está voltando! O reizinho está voltando! E a rainha também! E aquela fofura, o insuportável cachorrinho poodle também!!! (*Festeja*). Ôoba!! (*Canta, pula, dança, sai comemorando*).

(*Os ministros ficam indignados e apreensivos. ministro II desmaia, os outros praguejam, ministro IV ensaia uma valsa, alheio à gravidade da situação. Os outros avançam em sua direção, ele foge*).

CENA CINCO

MINISTRO II(*Acordando do desmaio*). – Oooohh!! Onde estou? Quem sou eu? Que dia é hoje? Quantos anos se passaram? Qual a cotação do dólar? Quanto custa uma uma passagem de trem? Quem quer vender um helicóptero? Quem dá mais? Quem dá mais? (*Os ministros entram e sacodem o colega para acordá-lo do estado de choque*).

MINISTRO I (*Dá um tapa*). – Pare com isso!

MINISTRO III (*Dá um tapa*). – Acorde!

MINISTRO IV (*Dá vários tapas*). – Saci, Saci, onde está o Saci Pererê??

(*Ministro II reage e todos perseguem o ministro IV. Depois de se recompor, se concentram na situação e estudam planos para impedir a chegada do reizinho e da rainha*).

MINISTRO I (*Alegre*). – Queridos, nobres, nobríssimos colegas... (*Faz suspense para valorizar*). Eu tenho uma idéia!

MINISTRO II (*Desfazendo*). – Grande coisa. Eu tenho um bilhão delas!!

MINISTRO III (*Debochando*). – Imagina! Eu sim, eu tenho inúmeras delas, belas ideias, a todo hora, todo instante. Elas brotam como flores no orvalho, como pássaros na relva, como... como gentes nas favelas, amarelas!

MINISTRO IV – Eu sim que sei de mim, Serafim! (*Sem entender nada os outros olham repreendendo*).

MINISTRO I (*Arrogante*). – Queridos! (*Os outros desdenham*). Boníssimos, estimados, nobres, nobríssimos...

MINISTRO II – Para com essa lenga-lenga

MINISTRO III – Molenga!

MINISTRO IV – Isso mesmo! Concordo plenamente. Acho até que...

MINISTRO I – Acha nada, imbecil! (*Os outros gritam, xingam, fazem um fuzê. ministro i interrompe irritado*). Afinal, idiotas, vocês querem ou não saber qual é a minha ideia? (*Sem dar chances para a resposta*). Não respondam! Minha brilhante

155laté é a seguinte: que tal se a gente... de repente... assim como quem não quer nada... simplesmente... Pan!

MINISTRO II (*Desmaiando*). – Uaiiiii, meu Deus! Ooohhh!!

MINISTRO III (*Em cima*). – Acorda...

MINISTRO IV (*No clima*). – Vaca velha!

MINISTRO I (*Dando tapas*). – Acorda!

MINISTRO III (*Dando tapas*). – Lesma Lerda!

MINISTRO IV – Isso mesmo, Seu Lacerda!

MINISTRO II (*Acordando*). – Oh céus, que dor, onde estou...

OS OUTROS (*Gritando em cima*). – Acorda!

MINISTRO I – É a última chance. Depois não conto nada da minha maravilhosíssima, genial idéia para impedir a volta do reizinho!

OS OUTROS (*Surpresos*). – Ah, era isso?

MINISTRO I – O que mais poderia ser, oh inteligências supremas??

MINISTRO II (*Lisonjeado*). – Obrigado, Excelência!

MINISTRO III (*Entusiasmado*). – Obrigado, Benemerência!

MINISTRO IV (*Pasmado*). – Obrigado, Vossa Demência!

MINISTRO I (*Bravo*). – Parem, bajuladores! É tudo muito simples. Senão, vejamos (*Fazem uma rodinha e cochicham e a cada instante, um sai e dá um palpite, desfazendo do plano*).

MINISTRO II – Não, não!! Não gostei nenhum pouco dessa história de desviar a estrada para o reino vizinho. Não gostei mesmo! (*Os outros puxam de volta para a rodinha e cochicham mais*).

MINISTRO III – Nada disso! Não, senhores! Como é que vamos seqüestrar o reizinho, explodir a ponte, tocar fogo no trem, entupir o rio, derrubar os aviões...

(*Os outros gritam em cima fazendo sinais para que o ministro III não fale mais para que a platéia não fique sabendo dos planos e puxam-no de volta para o grupo*).

MINISTRO IV – Assim não dá!! (*Pulando*). Não, não e não!

OS TRÊS – O que foi?

MINISTRO IV – Alguém pisou meu pé!

OS TRÊS – Cala a boca, paspalho! (*Puxam de volta para o grupo*).

CENA SEIS

(*Nesse instante o Arauto entra sorrateiramente e com cumplicidade da platéia começa a bisbilhotar o que os ministros estão combinando*).

ARAUTO (*Gritando para surpreender a todos*). – Bonito, hein?!

(*Ministros se assustam correm cada um para um lado. aos poucos vão se refazendo e voltando ao centro do palco e ameaçam bater no arauto. depois de uma breve confusão todos se recompõem*).

MINISTRO I (*Enérgico*). – Outra vez! Nos espiona e interrompe nosso conclave ministerial, seu idiota?

MINISTRO II – Ignóbil!

MINISTRO III – Imbecil!

MINISTRO IV (*Poético*). – O ouro afunda no mar, a areia fica por cima, a ostra nasce do lodo, gerando pérolas finas!...*

OS TRÊS – Cala a boca!

ARAUTO – Baleia de aquário!

OS TRÊS (*Para o Arauto*). – Cala a boca!

MINISTRO III (*Para o Arauto*). – Peixe-boi com pneumonia!

(*Ministros caem na gargalhada*).

ARAUTO (*Chorando*). – Buaá, sniff!!! (*Ofendido*). Eu... (*Soluça*). Eu... Eu... (*Ministro juntos dão um tapa nas costas. arauto desengasga*). Eu só vim avisar que o nosso amado, estimado, inominável Reizinho já está perto, bem pertinho (*Debocha*) rárárará, tralálálá! Ele está chegando (*Fazendo terrorismo*). E... Ela também! (*Grita*). A rainha vem também! A rainha está chegando!

(*Arauto sai perseguido pelos ministros. Que voltam sob o efeito da notícia*).

CENA SETE

MINISTRO I (*Assustado*). – Ela...

MINISTRO II (*Assustado*). – Está...

MINISTRO III (*Assustado*). – Chegando!...

MINISTRO IV (*Que havia acompanhado a seqüência das falas. grita alegre por conseguir formar a frase*). – Ela está Che-gan-do! Ela está chegando! Ôoobbbaaa!!! (*Pulando contente*).

MINISTRO II (*Desmaiando*). – Oh, não!!!

MINISTRO III (*Irritado*). – Ah, não!

MINISTRO IV (*Sem entender*). – Eu, não!

MINISTRO I (*Grita*). – Cala a boca!

(Preocupação geral. Ministro II recupera-se sozinho do desmaio e acompanha os outros que começam a andar num ritual de preocupação. Todos caminham em fila indiana evoluindo de um ritmo lento ao frenético. Só param com o grito do ministro I).

CENA OITO

MINISTRO I – Eu sei!

MINISTRO IV – Eu não sei!

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO I – Energúmeno!

MINISTRO II – Esquálido!

MINISTRO III – Espirro de pata choca!

MINISTRO IV – Tá bom, eu calo! (*Resmunga*). Trio Mocotó!

MINISTRO I – Colegas, o tempo urge!

MINISTRO II – Isso mesmo, o tempo passa!

MINISTRO III – O tempo voa!

(Viram-se para o ministro IV esperando por uma de suas costumeiras estapafúrdias, que não vem).

MINISTRO IV – Voar é para os pássaros, meus caros! É para os pássaros!

(Os três se surpreendem e parabenizam o ministro IV pela resposta inspirada).

Obrigado, senhores, amanhã tem mais!

TODOS – Chega!

MINISTRO I (*Decidido*). – Deixemos de lero-lero e vamos ao que interessa!

MINISTRO II – É preciso fazer alguma coisa urgente!

MINISTRO III – Temos que arregaçar as mangas!

MINISTRO IV – Não, obrigado, eu não gosto de mangas com de pijamas!

(Os três entreolham-se satisfeitos pela resposta idiota, e gritam).

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO IV – Cáin! Cáin! Cáin!

(De súbito o arauto passa correndo assustando a todos e antes que se refaçam ele faz o caminho inverso também numa correria só).

MINISTRO I – E agora, o que foi?

MINISTRO II – Ai meu deus, será que... (*Vai desmaiando e é seguro pelos outros*).

TODOS – Acorda!

MINISTRO IV – Fofão!!

(Ministro II parte para a briga mas é seguro pelos outros).

MINISTRO I – Nobres colegas, o momento não é para brigas!

MINISTRO III – Precisamos nos unir.

MINISTRO IV – Para lutar contra a alta da inflação, contra o preço do sabão, contra o bromato no pão, contra os olhos do sapão, contra a cheia do buzão, contra...

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO II – Zé bobão!

MINISTRO I – Nobres colegas o reizinho está chegando!

MINISTRO II – E a abominável rainha também!

MINISTRO III – Precisamos colocar em prática o Plano B!

MINISTRO IV – Eu concordo! (*Curioso*). Mas qual era o Plano A?

TODOS (*Debocham*). – Acabôôô... Acabou!!

MINISTRO IV – Não gostei! Fajuta mesmo!

MINISTRO I – Nobres colegas precisamos discutir os detalhes.

CENA NOVE

(*Ministros formam nova rodinha. Cochicham. Especulam. Dão palpites. Fazem tudo de forma engraçada*).

MINISTRO I – Muito bem colegas. Já que estamos todos de acordo. E cada um sabe o que tem que fazer, Partamos. Vamos à ação!

MINISTRO II – Vamos à luta!

MINISTRO III – Vamos à Vitória!

MINISTRO IV – Ih, gente, não vai dar não! Eu não trouxe roupa de frio!...

TODOS – Cala a boca!

(*Saem empurrando o ministro IV. Breve silêncio. Muda a luz. Sonoplastia cria clima de mistério*).

CENA DEZ

ARAUTO (*Entra correndo e ao deparar-se com o ambiente tenta entender. Fala com a plateia*). – Minha Nossa Senhora dos palácios destruídos e das florestas desencantadas, o que é isso? Minha gente, o que será que está acontecendo? Cadê os bobões, digo os Ministros safadões? Cadê, cadê, cadê e cadê? Ninguém sabe? Ninguém viu? O gato comeu? O povo sumiu? (*Espia por todos os lados, procura, xereta tudo*). Tem alguma coisa estranha aqui! Muito estranha, estranhíssima! Vocês não acham? Aqueles Ministros não são de dar ponto sem nó! Eles não iriam sumir assim, sem mais nem menos! Há algo de esquisito no ar. Mas eu descobrirei! Eu vou descobrir tudo, tudinho

CENA DOZE

(Ministro IV se contorce todo para se colocar como uma samambaia. Todos se colocam em seus lugares camuflados. Breve silêncio. Logo entra o arauto, desconfiado, procurando desvendar o mistério. Passa perto de cada um dos ministros, mas não os reconhece. Quando está próximo ao ministro IV este vai se desenroscar da pose de samambaia para cumprimentar o Arauto. Os outros percebendo que ele vai estragar tudo, aproveitam para surpreender e prender o arauto que fica dominado).

MINISTRO III – Pronto, prontinho, chefe!

MINISTRO I – Muito bem!

MINISTRO II *(Interrompe)*. – Que chefe, aqui não tem chefe nenhum!

MINISTRO IV *(Ainda tentando se desenroscar)*. – Alguém me ajude!

TODOS – Cala a boca!

ARAUTO – Mosca morta!

MINISTRO I – Muito bem mocinho agora é a sua vez!

MINISTRO II – Agora é que eu quero ver!

MINISTRO III – Agora o bicho vai pegar!

MINISTRO II – Bicho, que bicho, Ooooh! *(Desmaia)*.

MINISTRO I *(Dando tapas)*. – Acorda, seu idiota!

MINISTRO III *(Dando tapas)*. – Acorda, balofo!

MINISTRO II *(Acordando)*. – Oh, onde estou, quem são vocês...

TODOS – Chega!

MINISTRO I *(Para o arauto)*. – Agora, seu palhação, você vai nos dizer tudo!

MINISTRO II – Isso mesmo! Tudo! Todos os detalhes!

MINISTRO III – Não esconda nada!

MINISTRO IV *(Que deixou de ser samambaia)*. – Tintim por tintim!

MINISTRO I – Nós temos informantes nos outros reinos...

MINISTRO II – Espalhamos espiões por todas as estradas...

MINISTRO III – Perguntamos pra todo mundo

MINISTRO IV *(Surpreso)*. – Mandamos até e-mail!

MINISTRO I – E sabe a resposta?

MINISTRO II – Sabe o que todo mundo respondeu?

MINISTRO III – Sabe o que todo mundo disse?

MINISTRO IV – Sabe, sabe??

(Arauto balança a cabeça negativamente).

TODOS – Nada!

MINISTRO IV – Nadica de nada, nada!

MINISTRO I – Nenhuma Notícia!

MINISTRO II – Nenhuma pista!

MINISTRO III – Nenhum sinal!

MINISTRO IV – Nenhum bloco de carnaval!

TODOS – Cala a boca!

ARAUTO (*Disfarçando*). – Mas do que vocês estão falando? Da morte da bezerra?

MINISTRO I – Não!

ARAUTO – Da morte da vaca que não foi pro brejo?

MINISTRO II – Nãã!!

ARAUTO – Da morte do boi brabo?

MINISTRO III – Nããã!!!

ARAUTO – Meu Deus! Da morte de Maria Preá?

MINISTRO IV – Claro que nãããooo! Agora Ignez é morta!

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO I – Não é nada disso, espertinho!

MINISTRO II – O reizinho sumiu!

MINISTRO III – Ninguém sabe, ninguém viu!

MINISTRO IV – E a rainha má também!

ARAUTO (*Fingindo*). – E, como assim? Ele está chegando!

MINISTRO I (*Irritado*). – Chegando nada!

MINISTRO II (*Irritado*). – Como chegando...

MINISTRO III (*Irritado*). – Se ele nem tava vindo!

MINISTRO IV (*Mecânico*). – E a rainha também!

ARAUTO (*Tentando se safar*). – Mas é verdade. Eu sei! Ele tá chegando!

MINISTRO IV (*Mecânico*). – E a rainha também!

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO I – Era tudo mentira!

MINISTRO II – Tudo falácia!

MINISTRO III – Só Migué!

MINISTRO IV (*Sem entender*). – Quem é esse tal de Migué?

MINISTRO II (*Atencioso*). – Migué, é mentira, falácia é mentira. Entendeu?

MINISTRO IV – Ainda não!

MINISTRO II (*Irritado*). – Ah, deixa pra lá!

MINISTRO IV – Tá bom, eu deixo!

MINISTRO I – Pois bem, seu Arauto de meia-tijela, essa sua mentirinha vai lhe custar caro!

MINISTRO II – Muito caro!

MINISTRO III – Caríssimo!

MINISTRO IV (*Sentencia*). – Muito mais caro que um pãozinho francês, feito no Brasil, por portugueses (*Grave*) e com bromato! Ou será brometo?

TODOS – Chega!

MINISTRO I – Vamos. Você nos deve uma explicação!

MINISTRO II – E das boas!

MINISTRO III – Muito, mas muito boa mesmo!!!

MINISTRO IV – Desembucha, pagodeiro!

ARAUTO (*Espalhando-se*). – Calma, eu posso explicar tudo!

MINISTRO I – Estamos esperando!

ARAUTO – É que sabe...

MINISTRO I – Fala logo!

MINISTRO II – Cara de sabiá cagão!

MINISTRO III – Cara de curió do brejo!

MINISTRO IV – Cara de pavão albino e manco!

TODOS – Fala logo!

ARAUTO – Tá bom eu conto!

MINISTRO I – Já tô perdendo a paciência!

MINISTRO IV – Deixa que eu procuro! Cadê, cadê?

TODOS – Para com isso!

MINISTRO I – Fala logo seu Arauto de meia-tigela!

MINISTRO II – E que seja uma história convincente!

MINISTRO IV – Agora, mais um... (*Irritado e confuso*). Quem é esse tal de Vicente? (*Todos lançam um olhar fulminante*).

MINISTRO III – Cala a boca!

MINISTRO IV (*Para o Arauto*). – Já estou cansado disso. (*Grita*). fala logo! Abre o bico! Desembucha!

ARAUTO (*Sonso*). – Tá bom, eu conto. É que... sabe... depois que o reizinho sumiu...

MINISTRO IV (*Interrompendo*). – E a rainha junto!...

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO II – Não interrompa, infeliz!

MINISTRO II – Continua, bobalhão!

ARAUTO (*Se enchendo de coragem*). – Pois bem, vocês querem saber tudo, não é isso?

TODOS – Tudinho!

MINISTRO IV – Tintim por tin Tim, de firin fim fim, de marre subi e descí!

(*Os outros lançam olhar de reprovação. Ministro IV faz sinal de que vai ficar de boca fechada*).

ARAUTO (*Decidido*). – Continuando: Depois que o reizinho sumiu... (*Todos lançam olhar reprovador para o ministro IV que já ia falando. Arauto completa*)... E a rainha junto. Eu estava com muita, mas muita saudade mesmo. Me sentindo sozinho, (*Fazendo dramalhão*) me sentindo desamparado, abandonado, solto no mundo, sem eira nem beira...

MINISTRO IV (*Que ia acompanhando a fala num evoluir, emociona-se*). – Sem ramo de figueira... (*Desaba aos prantos*). ... Buuuuuáááááá!!!! (*Faz choro cômico tradicional dos palhaços*), nem uma bananeira! (*Em tom de dramalhão mechicano*). Nada, nada, ninguém! Nem mesmo um vintém!!

(*A cena deve correr no tom e no tempo certo. os outros gritam em cima antes que a cena caia na caricatura banal e perca a graça*).

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO I (*Para o Arauto*). – Continua, cara de maracujá!

MINISTRO II – Isso mesmo, acaba logo com essa historieta, seu pernetá!!

MINISTRO III (*Sem inspiração*). – Fala, fala, fala, fala!

MINISTRO IV (*Ainda se recompondo e sem muita opção de bordão*). – E já!

ARAUTO (*Rápido*). – Quando o reizinho e a rainha sumiram, eu fiquei muito triste, deprimido, quase que fico doido varrido. (*Outro tom*). E vocês só mandando, só mandando, vomitando ordens! (*Imita o tom de voz e os trejeitos dos ministros*). Arauto, faça isso! Paspalhão, faça aquilo! Cara de cavalo, faça logo mais aquilo! Arautinho, danadinho, dá uma cocadinha, no meu pé, E já!! Vocês só sabem é mandar, (*Revoltado*) mandar, mandar, mandar e mandar. (*Soluçando*). Sem dó... nem piedade! (*Aos prantos*). Eu não agüento mais! Sniiiiiffff!! Buuuuuááá'!!! Sniiiifff!!! Eu quero mamãe! Vovó! Titia! Maria! Por onde andaré Maria Rosa??? (*Recompondo-se*). Chega! Chega, chega e chega!

(Arauto vai empurrando os ministros e foge rapidamente sem dar chance de uma reação deles).

CENA TREZE

MINISTRO I – Então era isso!

MINISTRO II – Era tudo mentira!

MINISTRO III – Quer dizer então que o reizinho não está voltando coisíssima nenhuma. Ele não está voltando!

MINISTRO IV – Nem a rainha vem junto! Não vem mesmo! Pena!

TODOS – Para com isso!

MINISTRO – Coisa irritante!

MINISTRO I – Nobres colegas, eu...

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO III – Ninguém quer mais saber dessas suas ideias idiotas!

MINISTRO I (*Decepcionado*). – Eu... eu... só queria...

MINISTRO II – Não queria nada!

MINISTRO IV – Nem um cafezinho?

MINISTRO I – Está bem, está bem, está bem!

MINISTRO II – E agora, nobres colegas, e agora?

(Lançam olhar reprovador para ministro IV que já ameaçava responder).

MINISTRO III – E agora, acabou a história, cospe na mão e joga fora!

MINISTRO IV – Entro pelo bico do pato e saio pelo olho do sapo, quem souber mais que conte setecentos e vinte e cinco!

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO I – Deixem de palhaçadas! Precisamos pensar. Se o bobalhão do Arauto aprontou toda essa confusão...

MINISTRO II – E nós caímos direitinho...

MINISTRO III – Fez o que fez e se refez!

MINISTRO IV (*Tentando entrar na conversa*). – É, por quê? Por quê? E agora? E agora?

MINISTRO I – Nós precisamos tomar providências!

MINISTRO II – Mas o quê?

MINISTRO III – Fechar todas as fronteiras!

MINISTRO IV – Apagar todas as fogueiras!

MINISTRO III – Armar um montão de barreiras!

MINISTRO II – Plantar mais bananeiras!

MINISTRO I – Para impedir uma visita inesperada!

MINISTRO III – Para evitar uma invasão!

MINISTRO II – Invasão, não! Meu Deus, minhas bananas, (*Surta*). Vão comer todas as minhas bananas, minhas lindas, doces e saborosas bananinhas, nãããooo!!! Ohhhhhh (*Desmaia*).

MINISTRO IV – Bem feito, comilão!

MINISTRO I – Tem mais uma coisinha

MINISTRO III (*Percebendo uma nova trama*). – Que coisinha, nobre colega, que coisinha???

MINISTRO II (*Recompondo-se*). – Fala, logo, mentecapto!

MINISTRO IV (*Sem entender nada*). – Coisinha, coisado?

MINISTRO I (*Cheio de si*). – Ora, nobres colegas, estimados ministros deste reino de faz mas não conta! É tudo muito simples, simplérrimo! Temos que fechar todas as entradas do reino, porque assim o tal reizinho... (*Completa sem dar tempo para o ministro IV que logo faz caretas de desprezo*). ... E a rainha junto, não mais poderão entrar aqui, certo?

MINISTRO II – Certo!

MINISTRO III – Certíssimo!

MINISTRO IV – Não obrigado, eu não fumo!

TODOS – Cala a boca!

MINISTRO IV – Tá certo, tá certíssimo, certiriríssíssimo!!!

MINISTRO I – E temos que espalhar a notícia que por aqui está tudo às mil maravilhas, pois já temos um novo reizinho por aqui!!!

TODOS (*Para o ministro IV*). – E sem rainha junto!!

MINISTRO II – Maravilha!

MINISTRO III – Esplêndido, Essa até parece uma daquelas minhas esplêndidas, maravilhosas e geniais ideias!

MINISTRO IV – Humpf! Até parece!

MINISTRO II – Despeitado!

MINISTRO III – Mas... nós não temos nenhum novo reizinho...

MINISTRO IV – Nós temos??

MINISTRO I – Claro que não! É só pra que aquele fique pensando assim e não volte nunca mais!

MINISTRO IV (*Choroso*). – Nunca mais!

MINISTRO III – Nunca!

MINISTRO IV – Nunca, nunca?

MINISTRO II – Nunquinha!

MINISTRO IV (*Chorando*). – Nuuuunnnca!!!! Buuuááá’!!! (*Aos prantos*). E sem a rainha?

TODOS (*Gritando*). – Sem a rainha!!!

MINISTRO I – Mas, para tudo ficar perfeito, podem arrumar um reizinho só nosso.

MINISTRO II – Mas quem poderia ser um reizinho só nosso?

MINISTRO III – Um reizinho que nós pudéssemos manipular,

MINISTRO IV – Quem, quem?

MINISTRO I – Um reizinho que só fizesse as nossas vontades...

MINISTRO II – Cumprisse as nossas ordens...

MINISTRO IV – Coçasse as nossas costas...

MINISTRO III – Quem, quem?

(*Nesse instante, ministros dão um flagra no Arauto que estava escondido ouvindo a conversa*).

CENACATORZE

MINISTROS – Arauto!!!

ARAUTO (*Esquivando-se desconfiado*). – O quê? Quem, eu? Nada disso! Eu só sei ser Arauto.

(*Nesse momento, Arauto faz um jogo de gato e rato com os ministros, mas acaba fugindo correndo*).

CENA QUINZE

MINISTRO I – E agora?

MINISTRO II (*Olha ameaçador para a plateia, os outros percebem e acompanham*).

– E se, nós sairmos por aí, pra procurar!

MINISTRO III – Por aqui, por ali, por acolá!

MINISTRO I – Acho até uma ideia brilhante, magnífica!

MINISTRO IV – Eu vou junto, eu também quero ir procurar!

MINISTRO I – Nobres colegas, então, vamos procurar um novo reizinho!

MINISTRO II – E vamos logo!

MINISTRO III – E vamos já!

ARAUTO (*Que estava voltando*). – Sendo assim, eu também quero ir.

(*Ministros se entreolham ameaçam impedir, Arauto faz cara de pobrezinho e os ministros acabam concordando*).

MINISTRO IV – Só se for agora!

MINISTRO I – Ministros, Avante!!

(*Os ministros e o arauto saem rumo à plateia para encontrar um novo reizinho. Esolhem alguns adultos ou crianças. De acordo com a participação, levam à cena um por vez, colocam roupa, cetro e coroa e fazem o teste, improvisam de acordo com o desempenho dos “atores” recrutados na plateia. Neste momento, podem surgir várias situações, tais como, por exemplo:*

- 1 – Rejeitam logo o novo reizinho, e então voltam a procurar um novo reizinho;
- 2 – O novo reizinho abdica ou é expulso pelo elenco;
- 3 – A plateia poderá “eleger” um novo rei entre os “atores” que subiram ao palco. Neste caso, o elenco deve ficar atento para comandar a ação sem constrangimentos.
- 4 – Acabam descartando a todos os candidatos a novo rei. E como não encontram nenhum, no final vão continuar procurando. Sem nenhum reizinho, encerram a peça anunciando uma nova busca ou novas ordens no palácio).

Fim

TOILET

(2007)

Charles Melo

PERSONAGENS

ALBERTO – Empresário com um projeto de ascensão socioeconômica.

HELENA – Sua mulher

MARIA APARECIDA– Empregada recém-chegada do interior

MR. ANTONY– Falso escocês cliente de Alberto

CENÁRIO

Sala com imitações:

Móveis Bauhaus

Tapete Persa

Escada Gaudi

Cortina com reprodução de cena do filme “Metropolis” de Fritz Lang

Mesa de centro com reprodução da obra “Fonte” de Marcel Duchamp

Vasos Ming.

CENA I

(Os donos da casa estão entrevistando uma candidata à empregada doméstica).

ALBERTO – Preciso que você seja absolutamente sincera; conhece Bauhaus?

MARIA APARECIDA – Quem?

ALBERTO – Ótimo!...E Monsieur Ming?

MARIA APARECIDA – Conheço não senhor.

ALBERTO – Maravilha!...Gaudi?

HELENA – Alberto! Uma escada?! Já é um pouco demais!

HELENA – Renoir?

MARIA APARECIDA – Não senhora.

HELENA – Que pena! Vai conhecer.

ALBERTO – Fritz Lang?

HELENA – Uma cortina. Alberto? !

ALBERTO – Valiosíssima! Pintada pelo próprio Fritz para ser o outdoor da abertura o filme.

HELENA – Aberto! Outdoor. Alberto!? Francamente, além do mais, estava tentando fazer ioga quando você inventou essa história.

ALBERTO – Helena! Na frente dos outros?

HELENA – Já basta ter que fazer este teatro com todo mundo. Em casa não... Se a menina vai morar conosco...

ALBERTO – Tudo bem. Tudo bem.

MARIA APARECIDA – Dona moça, eu cheguei hoje do interior, vim direto no endereço daqui, eu não conheço nenhuma dessas pessoas, nem nunca ouvi falar.

HELENA – Calma, está tudo bem. Meu marido é um pouco exagerado.

ALBERTO – Exagerado é o preço de todas as obras de artes que estão nesta casa.

HELENA – Que você não pode colocar no seguro porque são todas falsas!

ALBERTO – Inclusive o teu Renoir.

HELENA –... Lógico!... Onde eu teria dinheiro para ter um autêntico Renoir, justo esse que eu mais gosto?

MARIA APARECIDA – *(Com o olhar fixo no mictório ao centro)*. Dona moça! Preciso ir ao banheiro.

HELENA – Vem! Pega tuas coisas que eu vou te mostrar o quarto.

(Sai levando as malas).

CENA II

(Alberto agitado ao telefone. Andando de um lado para o outro. Helena sentada, lendo. Aparecida, ao fundo, anda devagar com um livro na cabeça, exercitando postura).

CENA III

(Alberto do mesmo jeito. Helena e Aparecida fazendo Tai chi chuan).

CENA IV

(Alberto no telefone, agitado. Helena ensinando Aparecida a descer a escada, vestindo um longo e saltos altos).

CENA V

(Alberto do mesmo jeito. Helena sentada lendo. Aparecida desce a escadaria, vestindo o longo e saltos altos, livro na cabeça. Atravessa a cena e senta-se, sem perder o porte).

CENA VI

(Aparecida está só, espanando e dançando, quando esbarra no falso Duchamp na mesinha de centro. Quebre ou não, ela recolhe o mictório para fora da cena. Volta sempre dançando, à Isadora Duncan. Abre as cortinas falso-Metropolis. Dança mais

um pouco. Sai e volta trazendo o quadro de Renoir, que pendura na sala. Helena desce a escada e percebe a claridade e a leveza da sala).

HELENA – O que aconteceu aqui? Está tão suave... Ah! A cortina Metrópolis, finalmente aberta.

MARIA APARECIDA – Se a senhora não gostou, eu fecho de novo.

HELENA – Não! Deixa assim. Está ótimo... Onde está meu marido?

MARIA APARECIDA – Nossa! Já ia me esquecendo. Ele pediu pra senhora encontrar com ele no restaurante.

HELENA – No restaurante?... Faz de conta que eu acordei só depois do almoço. Tá bom?

MARIA APARECIDA – Sim senhora!

HELENA –...Não posso fazer isso... Alberto fica perdido no restaurante francês... Me ajuda a escolher uma roupa.

(As duas sobem a escadaria).

CENA VII

(Aparecida atendendo ao telefone).

MARIA APARECIDA – A dona Helena já saiu... O senhor vem pra casa? Eu não fiz o almoço que já saiu todo mundo... O whisky?... Como é o nome?... Muito gelo?... Tô entendendo sim senhor!... Um pano?... Botar um pano em cima de quê?... Duchamp?... O que é isso?... Aquele negócio do banheiro de homem urinar em pé?... Aquilo que se chama Duchamp?... Tá pode deixar... Tá certo... Até logo. *(Desliga o telefone e sai, conferindo nos dedos).* ... Botar bastante gelo no balde de prata. Pegar o uísque que 170l quarto dele, dentro do armário... Fazer um pratinho com azeitona e pedaços de queijo... Tinha mais uma coisa... Esqueci! É alguma coisa com cueca... Não! Era fralda? Era coisa de homem... Botar papel higiênico no banheiro... Banheiro... O MIJADOR! BOTAR UM PANO EM CIMA DO MIJADOR QUE EU JOGUEI FORA... Esqueci de dizer pra ele... Deve ser por isso que ele mandou eu botar um pano encima. Aquilo bem no meio da sala era muito nojento... Acho que estava ali desde que a última empregada foi embora.

(Toca o telefone).

MARIA APARECIDA – Se eu já botei o pano? O senhor quer mesmo um mijador bem no meio da sala, coberto com o véu de seda da Dona Helena? Um mijador, Seu Alberto?!... Tá certo, o senhor tá mandando.

(Desliga, sobe e volta com uma echarpe de seda, sai por outro lado e volta com objetos não identificáveis cobertos com a echarpe e coloca sobre a mesinha).

CENA VIII

(Na mesma sala; na mesinha, tudo o que foi pedido. Entraram Alberto e um cliente).

ALBERTO – That's my house!

ESCOCÊS – Very nice!

ALBERTO – *(Gestos largos, aponta a escada).* That's a Gaudi!

ESCOCÊS – Really?

ALBERTO – *(Apontando a cortina que está recolhida).* That's by Fritz Lang!

ESCOCÊS – What?

ALBERTO – *(Percebendo que a cortina está recolhida, rapidamente a expõe).* Sorry! *(Gestos largos).* That's a...

ESCOCÊS – Fritz Lang... Metrópolis... yes, i know that.

ALBERTO – But, the best is on the table. *(Gestos largos para a mesinha).* Take off the... Pano, como é que se fala? The... this... *(Apontando o objeto coberto)* is my 1711latofthis my house!

ESCOCÊS – What?... Alright, let me see what fuck is that thing *(Tira o lenço descobrindo o penico de esmalte com florezinhas pintadas, muito velho e gasto).*

ALBERTO – *(Empolgado, gesticulando sem olhar).* Yes, yes!... That is my Duchamp!

ESCOCÊS – *(Rolando de rir).* Are you sure?

ALBERTO – Of course.

(O cliente não para de rir. Blackout antes que Alberto veja o penico).

CENA IX

(Alberto está na sala, bêbado, só de cuecas, toda a sua roupa e sapatos estão com Aparecida que os recolheu e está em pé, parada num canto com as roupas na mão. Alberto sentado, bebendo uísque, o olhar fixo no penico. Entra Helena).

HELENA – *(Entra calma, observa a cena).* Alberto! Você não está tentando seduzir a Maria Aparecida, está?

(Alberto apenas bebe, pausa).

APARECIDA – Dona Helena! Seu Alberto me mandou embora... Só tem barco amanhã... Posso dormir aqui esta noite?

(Alberto levanta-se e procura o Duchamp por todos os cantos).

HELENA – *(Para Alberto).* Sobre me mandar para um restaurante em que você não apareceu!... Quê que você está procurando Alberto?

ALBERTO – Por acaso você não viu o meu Duchamp por aí?

HELENA – Já procurou no banheiro?

(Alberto sai correndo para o banheiro).

APARECIDA – Eu não sabia que ele só conseguia mijar naquilo!

HELENA – Eu estou calma... Muito calma. *(Falando alto).* Do bolo no restaurante, gostaria de dizer que um senhor muito idoso, muito elegante, muitíssimo educado, transformou em um almoço maravilhoso, regado a vinho excelente, assuntos interessantíssimos... Agora, o que está acontecendo nesta casa, me estressa só de tentar entender *(sai lenta, elegante, subindo a escadaria).*

APARECIDA – Posso dormir aqui Dona Helena?

HELENA – Claro, claro!

ALBERTO – *(De fora da cena – grita).* Não está aqui!

CENA X

(No escuro, a voz de Alberto e Helena como se estivessem no quarto, onde Alberto acabou de chegar).

ALBERTO – Resolvido!

HELENA – Me deixa dormir Alberto!

ALBERTO – Claro, agora eu também vou conseguir dormir... Consegui! Yes! Yes!

HELENA – Conseguiu o quê, Alberto?

ALBERTO – Despachei aquela mula pro portinho e pus outro Duchamp igualzinho no lugar.

HELENA – Que mula?

ALBERTO – A empregada.

HELENA – O quê?!... Com licença, vou tomar uma providência.

(Luz. Helena desce as escadas, quebra o novo Duchamp e sobe muito calma. B.O.).

HELENA – Resolvido!

(A campainha toca).

HELENA – Estou com dor de cabeça.

ALBERTO – Pode ser o escocês, meu cliente, com problemas de fuso horário.

HELENA – Seu cliente?

ALBERTO – Da história do penico.

HELENA – Você não o convidou para mostrar o novo Duchamp?!

(Toca novamente).

ALBERTO – Se for um ladrão?

HELENA – Alberto, aproveita que você vai juntar os cacos do Duchamp que eu quebrei e atende a porta. Boa noite.

(Luzes. Alberto desce a escada, esbaforido. Chora copiosamente à volta dos cacos do sanitário, assim, abre a porta e volta aos cacos sem olhar quem entrava).

APARECIDA – Seu Alberto!... Eu me esqueci do pinico... É da minha avó. Se eu voltar para o interior sem ele, é certinho que eu vou ter que voltar no mesmo pé pra buscar o penico dela... Seu Alberto, o senhor tá chorando de novo?!

ALBERTO – Eu convidei o escocês para um “house-dinner” com direito a Duchamp zerado, e brilhando, *(Chora)* quebrado... Quebrado...

APARECIDA – Fica assim não seu Alberto... Olhe, por que o senhor não usa o penico da minha avó?

CENA XI

(Dia Seguinte. Alberto está dormindo só de cuecas, no meio da cena, abraçado com o penico, as roupas espalhadas. Aparecida varrendo os cacos. Helena descendo a escada).

HELENA – Eu já vi essa cena!

APARECIDA – Não senhora, dessa vez não fui eu quem quebrou esse mijador esquisito.

HELENA – Fui eu!

APARECIDA – Mas não é dona Helena? Um penico desse tamanho que só serve pra homem!

HELENA – No meio da sala!

APARECIDA – Mas não é?!

ALBERTO – Sabe o que eu fiz? *(Bêbado, meio sonolento).*

APARECIDA – Mijou, nas plantas do jardim, na escada, dentro da geladeira e até dentro do copo dele ele mijou, misturou com uísque e bebeu dona Helena!

HELENA – Nunca mais me beije Alberto! Bom dia Maria Aparecida!

ALBERTO – Encomendei um caminhão cheio de Duchamps autênticos!

APARECIDA – Dona Helena, acho que isso é problema de rins! Ele tá mijando muito, dormiu agarrado com o penico e ficou chorando para os caquinhos daquele negócio... A senhora já experimentou chá de quebra pedra?

ALBERTO – Vocês duas estão de complô contra mim... Pois vai chegar um caminhão cheio, comprei o lote inteiro.

(Helena olha para Alberto que voltou a dormir).

HELENA – Dormindo até que ele é bonitinho.

APARECIDA – Não é?! Parece artista de novela, mas acordado é brabo, desmemoriado, bêbado e tá com problema nos rins.

HELENA –É... Acordado ele já está quase passando dos limites. O quê que eu faço?

APARECIDA – Vende!

HELENA – O quê?

APARECIDA – Ele me levou daqui ontem dizendo que ia me vender por causa do preço daquela esquisitice.

HELENA – Não liga, ele é meio doido às vezes.

APARECIDA – Toda vez, dona Helena!

HELENA – Você acha?

APARECIDA – Doidinho... Por que a senhora não interna o bichinho?

HELENA – Eu gosto dele.

APARECIDA – Dormindo?!

HELENA – Não é lindo?

CENA XII

(Helena está só, na sala, escrevendo, entra Aparecida).

APARECIDA – Dona Helena!

HELENA – Tudo bem, Aparecida?

APARECIDA – Tá, mas eu queria saber, quê que eu faço para o jantar do escocês.

HELENA – Que escocês?

APARECIDA – Não é o tal do penico daquele dia?

HELENA – O cliente do Alberto?

APARECIDA – Deve ser.

HELENA – Escocês?

APARECIDA – Tenho certeza... Seu Alberto só falava nisso: que ele só trouxe o escocês aqui para mostrar o penico Duchamp.

HELENA – Mas você o viu?

APARECIDA – Vi nada! Seu Alberto me mandou preparar a bebida e sumir, que não queria nem ver a minha cara...

HELENA – O que foi que ele disse?

APARECIDA – Não sei falar inglês.

HELENA – Eu conheci um escocês no restaurante.

APARECIDA – Será o mesmo?

HELENA – As mesas são numeradas, reservadas com antecedência... *(Lembrando-se)* o maitre o conduziu à mesa... A minha... De bêbada porque levei um bolo do meu marido.

APARECIDA – Dona Helena! A senhora traiu seu Alberto?

CENA XIII

(Aparecida atendendo a porta. Entra o escocês).

ESCOCÊS – Hello!

APARECIDA – Nem adianta que eu não sei falar desse jeito... Mas deixa eu dizer, dona Helena saiu, seu Alberto ainda não chegou e eu não terminei a comida, entendeu?

ESCOCÊS – Ofcourse!

APARECIDA – O senhor é que sabe se quer ficar esperando ou não.

ESCOCÊS – Can you repeat, slowly, please!

APARECIDA – Arripite? Tá bom eu arripito. *(Gritando)*. Seu Alberto não chegou e Dona Helena...

ESCOCÊS – Helena!

APARECIDA – Olha! Não 175l dizendo?! O senhor 175l é atrás de dona Helena!

ESCOCÊS – Where'sshe?

APARECIDA – Não adianta ficar alegrinho não que ela gosta é do seu Alberto. Não sei como é que pode, mas gosta.

ESCOCÊS – Where's Helena?

APARECIDA – Saiu! O senhor não ouviu eu dizer?

ESCOCÊS – What?

APARECIDA – *(Faz gestos)*. Saiu, saiu, saiu, o senhor não sabe falar não? Um homem desse tamanho!

ESCOCÊS – Ok, ok, butsheliveshere. That'sinteresting...

APARECIDA – Olha o que o senhor está dizendo aí. Se lembre que sou eu que estou cozinhando o jantar...

ESCOCÊS – Can i wait? Here? *(Gesticula)*.

APARECIDA – O senhor é muito cara de pau, mas a casa não é minha, então fique *(Saindo)*, mas da minha parte não espere nem um cafezinho.

(Luz. O escocês está olhando o quadro).

(Luz. O escocês está olhando o penico).

(Luz. O escocês já impaciente).

ESCOCÊS – Hello! There's anybody here? Hello! Where's that people?... Hello!... I'm going!

(O escocês vai embora. Helena aparece do alto da escada. Alberto aparece vindo do fundo e Aparecida vem da coxia).

APARECIDA – Arre égua! Pensei que esse homem não fosse mais embora!

HELENA – Alberto, você estava aí?!

ALBERTO – Você também disse que ia sair.

HELENA – O convidado era seu!

ALBERTO – Pra ver o Duchamp que você quebrou.

APARECIDA – O jantar está pronto.

ALBERTO – Não estou com fome.

APARECIDA – Não disse que ele estava estranho?

HELENA – Eu estou com fome, Aparecida.

ALBERTO – Quer dizer que um senhor muito idoso que você conheceu no restaurante...

HELENA – Alberto! Você me deixou esperando!

ALBERTO – Perdi a fome. Com licença. *(Sai)*

HELENA – Alberto!

APARECIDA – Ah, dona Helena! A senhora viu? Ele pediu licença... Está ficando menos cavalo, não é?

HELENA – Não aconteceu nada!

APARECIDA – Porque a senhora não deixou, porque aquele tal... Só faltou dormir aqui, esperando a senhora!

HELENA – Esperando Alberto, é cliente dele!

APARECIDA – Duvido dona Helena, eu conheço homem daquele jeito, não precisa nem entender o que ele diz.

HELENA – Perdi a fome.

APARECIDA – A senhora também? Vou fazer um chá de boldo pra vocês dois.

(Helena sobe, Aparecida sai).B.O.

CENA XIV

(No carro, Alberto e o escocês).

ESCOCÊS – *(Com forte sotaque).* Encantadora sua mulher!

ALBERTO – Você acha?

ESCOCÊS – Estou percebendo uma ponta de ciúme?

ALBERTO – Talvez?

ESCOCÊS – Se ela possuir uma irmã, você me apresenta?

ALBERTO – Ela não tem mais parentes.

ESCOCÊS – O marido é você.

ALBERTO – Marido não é bem parente. Parente é mãe: já pensou alguém pedir divórcio de mãe? Pode até processar, mas nunca vai poder chamar de ex-mãe.

ESCOCÊS – Você está pensando em se divorciar? *(Pausa. Alberto freia brusco e olha muito sério para o escocês).*

ALBERTO – Talvez.

ESCOCÊS – Good... Very good.

ALBERTO – Podemos falar de negócios agora?

ESCOCÊS – Casamento é negócio.

ALBERTO – Mas é meu negócio!

ESCOCÊS – Sua negócio?! Interesting!!!

CENA XV

(Em outro carro, Helena e Aparecida, vestidas para festa).

APARECIDA – Quando seu Alberto me olhar desse jeito, toda emperiquitada, com o vestido da senhora... Doidinho daquele jeito... Quer ver como a primeira coisa que ele vai fazer é mijar?!

HELENA – Estou pensando é no tal do Mr. Antony.

APARECIDA – Não vai me dizer que a senhora está gostando daquele “encosto”?

HELENA – Não, Aparecida. Mas o Alberto está pensando isto, e o “tal” não para de me cortejar.

APARECIDA – eu lhe disse que ele era um cara de pau.

HELENA – Estou confiando em você Maria Aparecida!

APARECIDA – Mas nem se preocupe, que eu dou um jeito nele... Mas dona Helena, não foi desse boteco que o seu Alberto voltou reclamando de tudo?

HELENA – Pois é! Não sei como está hoje, mas quando fomos lá, tinha um ator chatíssimo, recitando poesia ou sei lá o quê, a noite toda.

APARECIDA – O seu Alberto quer torrar a paciência do escocês.

CENA XVI

(Na mesa da cantina, Helena faz um sinal para Aparecida e as duas levantam-se e atravessam a cena como se estivessem num desfile).

HELENA – é o melhor momento, aproveite.

APARECIDA – Bem que a senhora disse, tá todo mundo olhando... E eles sabem que nós estamos indo na privada.

HELENA – Agora eles estão sabendo dos nossos vestidos, cabelos, maquiagens e alguns até já descobriram a marca dos nossos sapatos.

APARECIDA – *(Ouvem uns cochichos)*. A senhora escutou?... Uma falou para a outra que estava em dúvida se o seu era “Bretain” ou...

HELENA – O teu é “Bretain”, e o meu é “los toros”... E ninguém diz que esses vestidos têm mais de vinte anos... O que será que os rapazes estão conversando agora?

APARECIDA – Conversando?... Eles estão quase é caindo nos tapas.

HELENA – Negócios!

APARECIDA – A senhora é o negócio, só se for. *(Brinca)*. O seu Alberto vai lhe vender dona Helena! Ô homem doido.

(luz sobre a mesa. Alberto pula sobre a mesa nos colarinhos de Mr. Antony e vão aos tapas para as caixas).

APARECIDA – Eu não disse?! B.O.

CENA XVII

(Na sala da casa, novamente Alberto, com escoriações e curativos, bêbado, só de cueca).

APARECIDA – Seu Alberto, para de beber, o senhor já tomou a garrafa quase toda.

ALBERTO – É whisky legítimo, 18 anos, puro malte escocês.

APARECIDA – Escocês é? Sei... Falando em escocês, dona Helena tá demorando não é?! Ela só ia levar o “tal” para os curativos e depois para o hotel, e até agora.

(Alberto reage com mais depressão e uísque).

APARECIDA – Ô seu Alberto... Me dá uma tristeza ver o senhor desse jeito... O senhor quer o penico da voinha pro senhor ficar olhando? Eu vou buscar, que o senhor sempre melhora olhando pra ele... Fique aí quietinho. *(Sai)*.

ALBERTO – *(Bebe na garrafa)*. Voinha?... voinha?... Avó da Maria Aparecida... Minha mulher no hotel com meu cliente principal... *(Bebe)*. Voinha? Eu já ouvi esse nome... Divórcio e... Falência... O penico, pote, rede, meia-saba, chapéu de palhinha, jumento, voinha...

(Aparecida volta animada).

APARECIDA – Seu Alberto, agora o senhor vai se alegrar. Os mijador que o senhor encomendou chegaram!

ALBERTO – Os meus Duchamps?!... Prefiro o penico da voinha...

APARECIDA – Da voinha?... É mais bonito mesmo!

(Carregadores começam a entrar com as caixas, enquanto transcorre a cena, e vão espalhando pela sala, formando um labirinto em que a platéia só vê do busto para cima de quem estiver em pé no palco).

APARECIDA – *(Para os carregadores)*. Bota por aí, depois o seu Alberto dá um jeito!

ALBERTO – Eu conheço aquele penico!

APARECIDA – O penico da voinha?

(Pausa enquanto as caixas vão tomando conta do palco).

APARECIDA – Senhor Alberto, o senhor está pensando em montar um banheiro público?

ALBERTO – Eu fiz tudo o que tinha que fazer para poder casar com Helena... e até ficar rico eu já tava ficando.

APARECIDA – O senhor gosta mesmo da dona Helena...?

ALBERTO – A neta de dona Helga?!... Chegou da Inglaterra... E eu lá, o “pau para toda obra” da casa... Cheguei menino!

APARECIDA – Eu sei!

ALBERTO – Ah, Helena te contou! *(Bêbado revoltado)* o quê que ela te disse? Que eu não passava de um “boy” da casa. “Little boy”!... eu já tava grande, nem morava mais na casa dela e a velha só me chama de “little boy”.

APARECIDA – E o senhor já gostava de dona Helena?

ALBERTO – Quando ela chegou, passei três dias me escondendo porque me apaixonei na hora que dona Helga gritou: “my child” e eu olhei para ela descendo do taxi.

(As caixas já esconderam Alberto que chora copiosamente).

APARECIDA – Seu Alberto! Bem que a voinha me avisou que o senhor era muito chorão, se eu dissesse para ela que além de chorão o senhor é um bêbado, nem sei o que ela é capaz de fazer!

(As caixas já entupiam a cena. Aparecida passa por cima de algumas coisas enquanto sai de cena).

CENA XVIII

(Mesmo cenário iluminado como em um sonho de Alberto que anda, nu, dentro do labirinto de caixas. O Escocês aparece vestido de super-homem).

ESCOCÊS – *(Com sotaque carregado)*. Pura vaidade!

ALBERTO – Não é verdade!

ESCOCÊS – Tudo aparência!

ALBERTO – Quase tudo!

ESCOCÊS – Tudo mentira!

ALBERTO – Você quer tomar minha mulher!

ESCOCÊS – “Seu” mulher?

ALBERTO – Não é verdade!

ESCOCÊS – Você sabe que nós, eu e miss Helen estudamos juntos... England!... Somos do mesmo mundo.

ALBERTO – Foi ela quem me convenceu que isto é besteira.

ESCOCÊS – Ela não te ama... Digamos que isso é uma espécie de jogo.

ALBERTO – Eu a amo!

ESCOCÊS – Você não merece!

ALBERTO – Ela disse que me amava!

ESCOCÊS – Oh! Cães e gatos, plantas e colares, carros e festas, a tudo se pode dizer “eu amo”.

ALBERTO – Não é assim que eu amo!

ESCOCÊS – Quem te ensinou a vestir paletó, arrumar a gravata?!

ALBERTO – Ela me ama!

ESCOCÊS – Miss Helen foi clara: - Você já passou dos limites “little boy”!

ALBERTO – Não!!!

(Senhor Antony sobe, a luz muda. Alberto está gritando, escondido pelas caixas. Em pleno pesadelo no proscênio, à frente das caixas: Aparecida e Helena).

HELENA – Começo a achar que o Mr. Antony tem razão sobre o Alberto: para ele eu faço parte de um desafio, um pacote social. Em meio a tantas aparências compráveis, ele me comprou, para dar credibilidade.

APARECIDA – Não entendi nada, mas ele gosta da senhora... e o que esse menino já chorou hoje, por causa da senhora e daquele escocês metido...!

HELENA – E sabe por que ele não faz nada? Porque o Antony agora é o maior cliente dele! O dinheiro, Aparecida, só dinheiro!

APARECIDA – E a senhora também gosta dele, vocês já são até casados. Por que que vocês não se entendem?!

HELENA – Não sei, mas olha isso! *(Para as caixas)*... Falsificação para “inglês ver” são importantes, eu não! Só quer que eu faça parte do circo... Sabe quando foi a última vez que ele disse que me amava?... No nosso casamento. Em todo casamento, depois do “eu vos declaro marido e mulher”, vem o beijo, não é?... Entre uma coisa e outra, ele olhou pra mim, lacrimejando e disse “eu te amo”. Eu não aguentei... Beije tanto aquele maluco que o padre interrompeu pra poder fechar a igreja.

APARECIDA – Então, dona Helena?

HELENA – Mas e o que ele fez contigo? Demitiu no meio da noite, expulsou. Mandão, prepotente, o homem do dinheiro, pode maltratar qualquer pessoa. Tudo se compra, vende, falsifica, empenha.

APARECIDA – Me perdi de novo. Mas de ele ter me mandado embora, se lembre de que eu quebrei aquele sanitário, ele tava bêbado, e ainda não se lembra de nada... A voinha disse que era só mostrar o pinico que ele ia se lembrar.

(Toca o telefone).

APARECIDA – Mas olha! Como é que eu vou achar esse telefone?!... Não consigo achar nem o doidinho bêbado do meu irmão!

(Entra no labirinto, no percurso quebra alguns mictórios. Sobrepondo-se ao sobe e desce da cabeça de Aparecida procurando o telefone, um outro sonho de Alberto: noite, ataque aéreo a Londres na Segunda Guerra Mundial. Miniaturas de paraquedistas descem juntos ao bombardeio. Sonoplastia de guerra equilibrado com as falas).

APARECIDA – O Betinho eu já achei. Tá dormindo nuzinho abraçado ao penico... E deve estar sonhando com o escocês, que tá falando daquele jeito... *(atende o telefone)* e isso é hora de ligar pra casa dos outros?!... Quem?... *(Tapa o telefone e fala para Helena)*. falando nisso, o “tal” quer falar com a senhora!

HELENA – Não!

APARECIDA – Não o quê?... *(Helena no proscênio está encolhida chorando baixinho)*. Dona Helena?! *(Volta ao telefone)*. Não!... Sei lá, ela só disse isso... Não! Exatamente... E o senhor para de ficar ligando de madrugada pra casa dos outros... Não entendeu?... Então não entenda que eu não vou “arripiti” coisa nenhuma. E vá dormir que o senhor já levou muita pancada para uma noite só. *(Desliga)*. Ah, dona Helena, se isso fosse comigo, eu mesmo é que já tinha dado uns tabefes naquele sujeito.

(Luzes e sons de guerra aumentam - B.O).

CENA XIX

(A sonoplastia de ataque aéreo deve permanecer enquanto fecha a cortina e troca o cenário para um banheiro bem ao centro. Alberto ainda dormindo e tendo pesadelo. Helena e Aparecida estão assustadas. Foram trancadas no banheiro pelo escocês que entra depois).

APARECIDA – Dona Helena, esse homem é louco mesmo, o que ele quer que eu não entendi?

HELENA – Só espero que não seja o que eu estou pensando.

APARECIDA – E esse chorão que não acorda dessa ressaca!

(Pode-se ouvir além do bombardeio, a louça quebrando).

HELENA – Parece que está quebrando os falsos Duchamps.

APARECIDA – Olha! Nem esse sujeito gosta daquilo... Mas ele tá é procurando alguma coisa!

(Entra Mr. Antony agressivo, falando do outro lado da porta).

ESCOCÊS – Vou direto ao assunto: o que você sabe sobre Sara Klein?!

ALBERTO – *(Dormindo)*. No! No! We're not Jewish... French! No! No!

ESCOCÊS – O que é isso?

HELENA – Meu marido tendo o pesadelo da minha avó...

ESCOCÊS – Não atravessei o Atlântico para brincadeiras... Sara Klein?!

HELENA – Minha bisavó, tetravó, não tenho certeza, por quê?

ESCOCÊS – And then?

HELENA – Era francesa, morava lá e é lógico que eu não a conheci...

ESCOCÊS – E seus pertences, onde estão?

HELENA – Depois de duzentos anos?!... Não tenho a menor idéia.

(Antony bate a porta com raiva e sai de cena. Ouve-se mais louças quebrando).

HELENA – É exatamente o que eu pensei.

APARECIDA – O quê, dona Helena?

HELENA – Não posso dizer...

APARECIDA – *(Faz gesto de silêncio – segredo para dona Helena)*. Betinho! Betinho!

ALBERTO – *(Ainda bêbado)*. Quem é Betinho?... Vó Helga já acordou?

APARECIDA – Vó Helga?

HELENA – Ele chegou na casa da minha avó com cinco anos... Mas não sabia que ele a chamava de avó... Acorda "Little boy".

ALBERTO – Não vó... Já passou... Aqui é Brasil... Não tem guerra não, vó... Acorda!

HELENA – “Little boy”... Escuta bem, que eu só vou dizer novamente depois que você disser o mesmo: eu te amo!

APARECIDA – Oh, dona Helena! Fico feliz pela senhora e meu irmão se gostarem tanto... Se eu fosse chorona como ele, eu já tinha chorado muito.

CENA XX

(Amarrado e amordaçado numa cadeira, Alberto acordando. Aparecida em pé amordaçada e amarrada. Helena andando pelo palco vazio, tentando manter a calma. O escocês tem uma arma).

ESCOCÊS – Então, temos o círculo de amizades de sua parente: banqueiros, alto clero, artistas... certo?

(Alberto tenta se levantar, reage, Aparecida tentando dizer algo).

ESCOCÊS – E vocês, quietos! *(Para Aparecida e Alberto).*

HELENA – Senhor falso escocês, com tanto interesse em minha família, o senhor devia saber que depois da França, minha avó Helga apareceu criança, sozinha na Inglaterra, em plena guerra... Se for dinheiro que você procura, já nesse ponto, a família não tinha mais dinheiro algum,

ESCOCÊS – O Renoir?

HELENA – Que Renoir?

(Aparecida dá um jeito de tirar o esparadrapo da boca de Alberto).

Alberto – Também é falso! Mas que história é essa aqui? O quê que você está fazendo na minha casa com essa arma? Não é homem não? Me desamarra daqui, que lá fora se resolve!

HELENA – Alberto!

ESCOCÊS – Eu vi o Renoir na sala.

ALBERTO – Viu a assinatura?... É um falso honesto, pelo menos não assinou... Mas que merda é essa?!

ESCOCÊS – Exatamente! Renoir sem assinatura, acompanhado da carta dele para sua tetravó.

HELENA – A última vez que eu vi estava na sala, a contragosto de meu marido.

ALBERTO – Vocês estão falando de um Renoir de verdade?

HELENA – Que eu saiba, essa história que ele achou em algum lugar, foi a bisca Sara que inventou, ela mesma pintou aquele quadro e chamou o Renoir para mostrar pra ele e eles riram muito disso... Mas é falso.

ESCOCÊS – A carta é verdadeira!

HELENA – A carta do Renoir para minha bisavó falando sobre o quadro? É de verdade, mas o quadro não!

ESCOCÊS – *(Irritado)*. A carta fala em “nosso quadro sem assinatura”.

HELENA – Era um código. Quando eles queriam falar sobre pessoas acreditando em ouro-de-tolos, falsos ídolos, essas coisas.

ESCOCÊS – *(Muito agressivo para Helena)*. Eu vou ser claro mais uma vez, vagabunda! Onde está o Renoir?

(Alberto levanta-se com a cadeira onde está amarrado e parte para cima de Mr. Antony que o derruba com uma coronhada. As mulheres ficam agitadas e Mr. Antony mais agressivo: coloca a arma na cabeça de Alberto que está desmaiado no chão).

ESCOCÊS – *(Gritando)*. Eu vou ter que matar todo mundo nesta casa?... Onde está o quadro?

HELENA – Eu já disse que não sei. *(Olha Aparecida apavorada no canto)*. Aparecida, onde está o quadro?

(Aparecida que está amordaçada e com as mãos amarradas para trás tenta falar alguma coisa. Mr. Antony retira o esparadrapo da boca dela com violência).

APARECIDA – O quadro? Que quadro?

ESCOCÊS – *(Pegando aparecida pelo pescoço e andando com ela assim pelo palco enquanto fala)*. Você gosta de sangue? De quanto sangue você gosta? Porque vai ter muito sangue por aqui se você não me disser logo onde escondeu esse quadro.

HELENA – Deixa a menina falar. Você a está sufocando.

(Mr. Antony a joga no chão, mas continua lhe apontando a arma, ameaçador, Aparecida demora um pouco tentando se acalmar).

APARECIDA – É aquele quadro que estava na cozinha e eu botei na sala outro dia?

ESCOCÊS – Exatamente, onde está ele?

HELENA – Diga aparecida, por favor, onde está o quadro?

Aparecida – *(Choramingando)*. O Betinho me mandou tirar de lá que não combinava com a decoração e eu fui botar ele no corredor, mas não tinha lugar... Na cozinha, onde ele estava, o Betinho botou aquelas fotinha daquela mulher lourona de saia que levanta...

HELENA – O falso Andy Warhol.

ESCOCÊS – Então, aí o Betinho gritando comigo, eu deixei o quadro a lavanderia enquanto eu achava um lugar bacana pra botar ele, que é tão bonito, e aí...

ESCOCÊS – Und dann? Na! Woist die Tafel?

HELENA – Você está falando alemão? Sabia que não era escocês.

ESCOCÊS – Quem eu sou não interessa, de onde eu sou não interessa (*Puxa novamente Aparecida pelo colarinho e põe o revólver no rosto dela*) onde está o quadro?

APARECIDA – (*Sempre choramingando*). Ô dona Helena me perdoa, mas eu... Estraguei ele.

ESCOCÊS – O que você está dizendo?

APARECIDA – O gato derrubou o vidro de detergente em cima dele, aquele detergente fortão com amoníaco e tudo.

ESCOCÊS – (*Largando Aparecida*). Eu não acredito nisso. Isso não pode estar acontecendo, não pode.

HELENA – Tem certeza Aparecida? O quadro da minha avó? Que eu gostava tanto.

APARECIDA – Tenho dona Helena, porque pra piorar eu fui passar o pano pra tirar o detergente e aí mesmo que borrou tudo.

ESCOCÊS – Você pensa que eu sou idiota, eu vi este filme imbecil do tal Mr. Bean, eu quero ver isso agora mesmo, vá buscar, schnell, rasch, rasch!

(*Aparecida faz que não entende, Mr. Antony ameaça, ela mostra as mãos amarradas, ele a desamarra*).

HELENA – Vá rápido Aparecida, vamos acabar logo com isso que eu tenho que levar o Alberto num hospital.

(*Aparecida vai saindo e Mr. Antony segura seu braço*).

ESCOCÊS – Mais devagar, mocinha.

APARECIDA – Mas não era pra ir depressa?

(*Alberto está acordando e faz um sinal para Helena que disfarçadamente pede que ele fique quieto*).

ESCOCÊS – (*Para Helena*). Você vai ficar quieta, se ainda quiser seu marido e esta imbecil vivos.

(*Sai com Aparecida e assim que saem, Helena desamarra Alberto e o ajuda a se levantar*).

ALBERTO – Filho de uma égua, como é que eu não desconfiei de nada, mas dessa vez ele se deu mal, que o quadro deve estar só uma mancha de coisa nenhuma.

HELENA – Que pena.

ALBERTO – Quer dizer que o quadro era verdadeiro e você nunca me disse.

HELENA – Não era do Renoir coisa nenhuma, foi minha bisa que pintou, mas é muito mais do que isso, e ainda bem que aquele bandido não sabe de nada.

ALBERTO – Depois nós falamos sobre isso, agora temos de pensar em alguma coisa porque esse desgraçado não vai se contentar em sair daqui de mãos abanando. Eu vou fazer de conta que ainda estou desmaiado e amarrado e quando ele estiver distraído, eu pego ele de jeito.

HELENA – é muito perigoso Alberto, ele tem uma arma, lembra.

ALBERTO – É só o que ele tem, que um nanico daqueles, eu boto pra dormir com um cascudo.

HELENA – *(Ouvindo um barulho)*. Eles tão vindo aí, rápido se deita.

(Alberto se deita na mesma posição e logo entram Mr. Antony e Aparecida carregando o quadro e o penico na cabeça).

ESCOCÊS – Olha o que está idiota fez com o Renoir *(Pega o quadro com acessos de fúria)* e agora, alguém me diz como ficamos agora? Achem que eu posso chegar em Berlim sem nada, só está história absurda de gato, detergente e Mr. Bean? Depois de todos esses anos de investigação, de toda essa despesa? Alguém vai ter que pagar por isso.

APARECIDA – *(Tirando o penico da cabeça)*. Eu trouxe o pinico da vizinha pro Betinho se acalmar quando acordar dona Helena. Ele fica olhando o penico assim meio bobão aí vai se acalmando, acalmando.

ESCOCÊS – Cala essa boca estúpida!

APARECIDA – Olha o senhor não fala assim comigo não! Tá pensando que eu sou tuas pareceira pra 1861 falando assim comigo, minha avó me deu educação, sou moça de família...

ESCOCÊS – *(Falando em cima de Aparecida)*. Schweigsam!

APARECIDA – *(Choramingando novamente)*. E para de me xingar com esses nomes aí. Escocês – Verschwiegen!

(Alberto aproveita que Mr. Antony está de costas, gritando com Aparecida e levanta-se para dar o bote no mesmo momento em que Aparecida, por uma reação espontânea, bate em Mr. Antony com o penico. Este cai ao mesmo tempo em que Alberto lhe tira a arma das mãos e lhe dá uma coronhada).

APARECIDA – Agora chega dona Helena, pra mim já chega. O Betinho já até dormiu abraçado com o penico e não lembrou de nada. Então não vai lembrar, eu tenho que voltar pra casa que a voinha está doente e precisa de mim.

ALBERTO – Lembrar de quê?

APARECIDA – Seria do jumento, da meia-sábia, dos potes do corredor, dos pintinhos no terreiro, do poço?... De nada seu Alberto, de nada. Ô dona Helena, eu só sinto mesmo é pelo seu quadro, que era tão bonito, mas não foi culpa minha, eu juro.

HELENA – Não se preocupe Aparecida, realmente esse quadro foi pintado pela minha bisavó e não tinha valor artístico nenhum. (*Confere se Mr. Antony está realmente apagado*). Já o que está por baixo dessa mancha, protegido por uma camada bem grossa de tinta branca...

ALBERTO – Como é? Tem outro quadro embaixo desse?

HELENA – Aí que entra o Renoir. Foi ele que sugeriu pra minha bisavó pintar outro quadro por cima para proteger um...

ALBERTO – Um o quê Helena?

HELENA – Um Rembrandt!

ALBERTO – Um Rembrandt?

APARECIDA – Também não conheço, nem vou ter o prazer que eu já vou indo e vou levar o penico dessa vez. Tu que vá procurar um doutor pra curar essa mijadeira(*Saindo*). E é melhor chamar logo a polícia que o coisa ruim tá pra acordar.

B.O

CENA XXI

(*No escuro, como se estivessem no quarto*).

ALBERTO – Lembrei!

HELENA – Lembrou?

ALBERTO – o penico!

HELENA – Isso mesmo.

ALBERTO – O penico da minha vizinha lá no interior, minha avó de verdade. Eu vim pra cá com cinco anos...

HELENA – E nunca mais voltou, não é?

ALBERTO – Eu tinha me esquecido, juro para você! Mas como é que esse penico foi parar com a Maria Aparecida?

HELENA – Certo, Betinho. A Maria Aparecida é a sua irmã mais nova que ficou lá.

ALBERTO – Minha irmã, e vocês não dizem nada?

HELENA – Foi ela que quis assim, queria conviver com você, te conhecer primeiro e entender por que você nunca mais procurou a sua avó e ela, que é sua única irmã. Sua

vozinha ainda se lembra de você, foi quem mandou o penico pra você lembrar da infância, mas não entendi muito bem por quê.

ALBERTO – É que eu sempre brincava com aquele penico, virava ele de cabeça pra baixo e usava como se fosse um banco, e ele enfeitado assim, a vozinha dizia que era o meu trono e eu era o príncipe do penico florido. E quando perguntavam o meu nome eu sempre dizia: Alberto de tal, príncipe do penico florido... Todo mundo morria de rir... Como é que eu fui esquecer tudo isso?

HELENA – A Aparecida perdeu o barco e ainda está aqui, amanhã você vai poder falar com ela... E agora que você virou gente de novo, só falta dizer aquela frase...

ALBERTO – Eu te amo!!

Fim

O FAROL MARANHENSE

(2018)

Inaldo Lisboa

ÉPOCA: Entre 1807 e 1832, século XIX. (*Entre o nascimento e a morte, com 26 anos incompletos, de José Cândido de Moraes e Silva, O Farol, um dos líderes da Setembrada*).

LOCAL: São Luís, capital da província do Maranhão/ Ribeira do Itapecuru .

PERSONAGENS

JOSÉ CÂNDIDO DE MORAIS E SILVA (entre 22 e 26 anos).

MARIANA EMÍLIA(Esposa) (18 anos).

MARIA DA GLÓRIA(Irmã 16 anos).

MARIA JOSÉ(Irmã mais velha 20 anos).

DR. SOARES DE SOUSA (55 anos).

UM PASSAGEIRO(55 anos).

MUNDICA (45 anos).

MANUEL PEREIRA DA CUNHA (*Amigo em Coimbra. Depois sócio em São Luís*).
25 anos

PEDRO (*Amigo em Coimbra*) 22 anos.

ODORICO MENDES(22 anos).

JOSÉ GONÇALVES TEIXEIRA (*Guarda livro do ex-protetor*) 60 anos.

MANUEL DA COSTA PINTO (*Presidente da Província*) 58 anos.

CONDE ESCARAGNOLE (*Comandante de armas do presidente Costa Pinto*) 57 anos.

ARAÚJO VIANA(*Presidente da Província*) 55 anos.

CLEMENTINO JOSÉ LISBOA (*Comandante de armas do presidente Araújo Viana*).
53 anos

FREDERICO MAGNO DE ABRANCHES (*Companheiro de José Cândido na Setembrada*) 27 anos.

UM TENENTE(30 anos).

ATO ÚNICO

CENA I

(Palco escuro. A luz sobe em resistência. num quarto modesto de uma casa do século XIX em São Luís, maranhão. Vê-se José Cândido, enfermo, deitado numa cama. No seu semblante há muita dor. Ao seu lado estão um médico e as duas irmãs do doente. De repente começa a se agitar e se contorce numa convulsão. O médico sacode a cabeça de forma negativa).

DR. SOARES – Uma vela, uma vela.

(Uma das irmãs pega uma vela. O médico coloca na mão do enfermo. As duas irmãs começam a soluçar).

DR. SOARES *(Grita para fora do quarto).* – Mariana, Mariana, corra aqui.

MARIANA *(Entra no quarto com uma bandeja e uma xícara de chá. Ao ver a cena se dá conta do que está acontecendo).* – José, José! *(Grita).* – Oh, Meu Deus! Joséeeee! Joséeeeeeeee! *(A bandeja e a xícara caem de sua mão e ela, aos prantos, corre para junto da cama).*

(José Cândido solta um suspiro forte e falece. As irmãs e a esposa ficam tentando reanimá-lo. O médico passa a mão no rosto e limpa as lágrimas).

MARIANA – Doutor, faça ele viver, pelo amor de Deus!

DR. SOARES – Nosso querido José nos deixou para sempre, minha senhora. Meninas, o irmão das senhoritas já está nos braços de Deus.

(As três mulheres choram muito e mais alto. Dr Soares caminha para o proscênio).

MANUEL *(Encontrando com dr. Soares).* – Dr. Soares, por que esse semblante tão carregado?

DR. SOARES – O que resta hoje em dia de quem gozou de tamanha estima, consideração e popularidade entre os seus conterrâneos?

MANUEL – Então, José Cândido de Moraes e Silva...

DR. SOARES – Aos vinte seis anos incompletos.

OS DOIS – Aos vinte seis anos incompletos.

CENA II

(De repente entra música. como num quadro de teatro de revista, os personagens que aparecerão nas cenas a seguir entram e cantam em coro).

TODOS *(Cantando).*

Mas quem era esse homem singular
 Tão querido na cidade de São Luís
 Tão falado na província do Maranhão
 E que é hoje para nós como uma lenda?

DR. SOARES (*Falando, mas no ritmo da música*). – Estamos falando de um grande professor e jornalista, José Candido de Moraes e Silva.

TODOS (*Cantando*).

O Farol? Então é ele o Farol
 Representante do verbo fremente
 Vamos rememorar de forma magistral
 A história desse homem e seu jornal
 O Farol Maranhense assim se chamou
 Uma época de luta ele participou
 O Farol, o Farol
 O Farol Maranhense

MANUEL (*Falando, mas no ritmo da música*). – Ele também foi um dos líderes da Setembrada, que aconteceu em setembro de 1831. Aos oito anos de idade mudou-se com a família para São Luís, onde seu pai abriu uma botica.

TODOS (*Repetem a estrofe cantando*).

O Farol? Então é ele o Farol
 Representante do verbo fremente
 Vamos rememorar de forma magistral
 A história desse homem e seu jornal
 O Farol Maranhense assim se chamou
 Uma época de luta ele participou
 O Farol, o Farol
 O Farol Maranhense

(*Eles volteiam pelo palco e trazem José Cândido*).

DR. SOARES (*Também falando no ritmo da música*). – Às sete horas da noite de 21 de setembro de 1807, em uma segunda-feira, nasceu José Cândido de Moraes e Silva, no sítio Juçara, do distrito de Itapecuru-Mirim.

TODOS (*Repetem a estrofe cantando*).

O Farol? Então é ele o Farol
 Representante do verbo fremente

Vamos rememorar de forma magistral

A história desse homem e seu jornal

O Farol Maranhense assim se chamou

Uma época de luta ele participou

O Farol, o Farol

O Farol Maranhense

(Eles volteiam pelo palco e trazem a esposa e as irmãs de José Cândido).

TODOS *(Falam no ritmo da música).*

E quem são essas três senhoras

De jeito tão simples

DR. SOARES *(Fala no ritmo da música).*

São os Faróis.

Digo sua esposa e suas irmãs

TODOS *(Voltam a cantar).*

Sim, lembramos agora

O nome do jornal propagou-se

Perpetuou-se na família

Como as Faróis ficaram conhecidas

Lembramos com emoção

José Cândido de Moraes e Silva

Que ele volte a viver em nossa memória

O Farol, o Farol Maranhense

(Congelam num quadro. luz cai em resistência e sobe em outra cena).

CENA III

(Numa escadaria da Universidade de Coimbra).

JOSÉ CÂNDIDO *(Está sentado num dos degraus).*

(Entram Manuel e Pedro falando alto).

MANUEL *(Dando conta de José Cândido).* – José Cândido, o que fazes aqui, pareces sorumbático.

PEDRO – O que se passa amigo. Desde ontem observei que estás desinteressado das aulas.

MANUEL – Andarás apaixonado?

JOSÉ CÂNDIDO – Decidi voltar para o Brasil.

PEDRO – O quê? Ficaste louco?

MANUEL – Falas sério? Mas o que aconteceu?

JOSÉ CÂNDIDO – Como o que aconteceu. Estão fora da realidade? Depois da Independência do Brasil, estou convicto de que o meu lugar agora é lá. Quero voltar à minha terra, quero voltar ao Maranhão quero participar das coisas que estão acontecendo por lá.

PEDRO (*Com ironia*) – Vais largar tudo para virar um herói? Sim porque lá as coisas não estão bem resolvidas estão pipocando muitos conflitos. O Odorico Mendes disse que o Maranhão resistiu a Independência, os portugueses que lá vivem juram fidelidade a Portugal.

MANUEL – José Cândido tu vais deixar o investimento que teu protetor fez em ti? E a medicina, vais abandonar a faculdade de medicina?

JOSÉ CÂNDIDO – Passei a noite em claro pensando em tudo isso, avaliando. Também conversei muito com Odorico, ele também acha que devo esperar um pouco mais. Mas é como se algo me chamasse de volta ao Maranhão.

MANUEL – Pelo menos espera passar os próximos exames.

PEDRO – Deixa, Manuel, aqui na Universidade de Coimbra sempre há um mergulhado nas saudades da pátria. Daqui a alguns dias isso passa e ele estará tranquilo por aí.

JOSÉ CÂNDIDO – Embarcarei depois de amanhã.

MANUEL – Espere aí, mas assim sou obrigado a concordar com Pedro. Estás mesmo ensandecido.

ODORICO MENDES (*Entrando*) – Ora, ora, não me disseram que haveria uma reunião por cá.

MANUEL – Odorico, o Cândido vai...

ODORICO MENDES – Voltar para o Maranhão.

MANUEL – E tu concordas com isto?

ODORICO MENDES – Disse que não acho uma boa idéia no momento. Mas ele está decido. Talvez tenha uma contribuição a dar por lá. A Independência conta com muitos aliados no Maranhão, mas há também os portugueses que não a aceitam de forma alguma.

JOSÉ CÂNDIDO – Sou muito grato ao comendador Antônio José Meireles, primeiro me mandou para França para estudar, depois achou por bem que eu deveria vir estudar medicina aqui em Coimbra. Sei de todo esforço que fez por mim, não sou um ingrato, mas quero voltar. Quando regressar ao Maranhão me explicarei com ele e vou trabalhar para lhe recompensar todo investimento e toda confiança depositada em mim. Ele ficou

no lugar de meu pai, devo-lhe essa satisfação. Odorico, você, Manuel e Pedro são amigos inesquecíveis. Durante todo esse tempo de estudos aqui na Universidade de Coimbra vocês foram para mim verdadeiros amigos irmãos.

ODORICO MENDES (*Depois de abraçar José Cândido*). – Desde que nos conhecemos eu passei a admirá-lo pelas suas atitudes. Algo me diz que o futuro lhe reserva uma grande história.

MANUEL – Ainda penso que essa decisão é precipitada. Ficava mais um tempo, deixava as coisas acalmarem no Maranhão. As notícias que chegam não são boas. Os portugueses que vivem lá não vão engolir fácil a Independência.

JOSÉ CÂNDIDO – Pois então lutaremos. Lutaremos para o Brasil garantir a sua independência e o Maranhão precisa aderir a ela.

PEDRO – Acho que essa conversa já se alongou mais do que o necessário, poderíamos tomar um vinho para abrir o apetite.

MANUEL – Ou para Cândido esquecer essa história de ir embora.

ODORICO MENDES – Prefiro tomar o vinho para abrir o apetite. Pelo que já conheço de nosso amigo, essa decisão já foi tomada.

JOSÉ CÂNDIDO – Depois de amanhã, 15 de julho de 1823 embarcarei no porto de Lisboa. (*Caminha para o proscênio*).

OS TRÊS AMIGOS – Ele não queria ficar distante do teatro onde se estava representando o drama da reconstrução do seu país.

CENA IV

(*José Cândido chega a São Luís. no porto, olha para a cidade com curiosidade e emoção*).

UM PASSAGEIRO (*Aproximando-se, gesto esnobe*). – Ah, o amigo também está admirado?

JOSÉ CÂNDIDO (*Faz um ar de riso*).

PASSAGEIRO – Aquele é o navio do tal inglês Lord Cochrane. Estão dizendo que está ancorado há pouco tempo aqui no porto com esse pavilhão auriverde a tremular. Ele veio impor a Independência aos maranhenses. Mas os portugueses não vão aceitar essa 194latéia. Vou ser franco com o senhor que me parece um rapaz muito distinto, nesse ponto estou com os conservadores Portugueses, como vamos viver sem o controle da Metrópole. Sou brasileiro nascido aqui, mas não concordo com essas idéias de liberdade que agora andam apregoando por aí. Por certo estão pensando que aqui é a França.

Hum! Francamente! Agora querem fazer uma outra Revolução Francesa aqui. (*Dá uma banana com a mão*). – Olha aqui para esses liberais de merda.

JOSÉ CÂNDIDO – O senhor como brasileiro que é, também deveria lutar pela adesão a Independência. Eu vim para lutar. Quero ver este Maranhão livre e independente.

PASSAGEIRO (*Arregala os olhos*).

JOSÉ CÂNDIDO (*Faz um ar de riso*). – Isso mesmo. Abaixo os conservadores! (*Sai empertigado carregando sua mala*).

PASSAGEIRO (*Possesso*). – Mas que sujeitinho intragável, agora vi. (*Cospe para um lado, com nojo*).

CENA V

(*José Cândido na casa de seu protetor*).

JOSÉ GONÇALVES – Pensei que estavas sabendo. O comendador Meireles foi embora para o Rio de Janeiro. Foi praticamente expulso desde que fez um pronunciamento contra a Independência. Um homem português honrado correndo dessa raça de brasileiros que merece é entrar na chibata. Mas me deixou aqui, tocando os negócios.

JOSÉ CÂNDIDO – Não recebi a carta.

JOSÉ GONÇALVES – Se quiser ficar aqui vai ter que trabalhar e trabalhar muito para ajudar nos negócios e a se sustentar. Certo que ele me recomendou que eu te tratasse como protegido dele até a maior idade, mas tu não eras filho dele e, além do mais, os tempos são outros. Sei que não vai demorar muito para nós portugueses restauramos o domínio desta terra.

JOSÉ CÂNDIDO – Eu não tenho medo de trabalho.

JOSÉ GONÇALVES – Ah que bom ouvir isso! Porque os brasileiros são uns rebeldes, uns ingratos e preguiçosos. (*Joga uma vassoura para José Cândido*). – Pois começa a trabalhar limpando todo o chão da casa comercial. Isso aqui não é a França, nem a Universidade de Coimbra. (*Solta uma gargalhada sarcástica*).

JOSÉ CÂNDIDO (*Retira o paletó, arregança a camisa e a calça, pega a vassoura e começa a fazer a limpeza*).

MUNDICA (*Entrando*). – Vixe, ocê mal chegou e o traste do José Gonçalves já te empurrou pra trabalhar. Esse homem tá uma peste. Agora anda com o rei na barriga desde que o comendador deixou ele tomando conta das coisas. Cruz credo! Não tem pena de ninguém. Ocê sabe? Ele 195l pra matar os caixeiros de tanto trabalhar. De domingo a domingo.

JOSÉ CÂNDIDO – Mas eu dou conta. Estava com saudade desta terra.

MUNDICA – Ah, já sei ocê é o Candinho. Eu lembro quando ocê foi daqui pras Oropa. Era muito mais menor, devia de ter uns onze anos. Era tão pequeno quando o comendador te trouxe para morar aqui. Me deu tanta pena, órfão de pai e mãe e tão cedo e indo viajar pras Oropa pra mode estudar.

JOSÉ CÂNDIDO – Tu és a Mundica?

MUNDICA – Nhô, sou eu sim.

JOSÉ CÂNDIDO – Tu és casada com o Sebastião. Onde ele está?

MUNDICA – Morreu!

JOSÉ CÂNDIDO – Morreu?

MUNDICA – De um trimilique que deu lá nele. Ô siô, morreu!

JOSÉ GONÇALVES(*Voltando*). – Ô Mundica, tu não tens o que fazer, não? E tu rapaz, mal chegou e já estás de prosa. Assim não vai dar certo, vai ter que te arrancar em outro lugar.

MUNDICA (*Sai quase correndo*).

JOSÉ CÂNDIDO – Não se preocupe seu Zé, darei conta do trabalho.

JOSÉ GONÇALVES (*Olha para ele com reprovação. depois anda alguns passos e fala sozinho*). – O que esse desgraçado veio fazer aqui? Era só o que me faltava!

JOSÉ CÂNDIDO (*Lança um rápido olhar para José Gonçalves*).

JOSÉ GONÇALVES – Assim que terminar daí, vai despejar os vasos.

(*Música e mudança de luz determinam mudança de tempo*).

MUNDICA – Fio, eu tenho pena de ocê. Parece que o diabo do seu José Gonçalves quer descarregar os pecados do mundo em ocê, fio.

JOSÉ CÂNDIDO – Cuidado, Mundica. Ele pode aparecer.

MUNDICA – Não se preocupe, não. O peste foi pra fazenda, só volta de tardinha. Eu reservei um decomê pra ocê. Quando acabar daí vai lá na cozinha que vou preparar um prato pra ocê se empanturrar. Sabia que agora ele deu pra sovinar pra ocê até o decomê. Mas não se avexe não eu sempre que puder vou deixar um prato cheio bem guardadinho.

JOSÉ CÂNDIDO – O José Gonçalves anda parecendo um feitor.

MUNDICA – Onde já se viu isso? Ele só não mexe muito comigo porque meu senhor me deixou alforriada. Ocê era praticamente fio do comendador. Agora ele trata como se fosse um escravo. Isturdiadeu ordem pro Benedito que é escravo não fazer um serviço e empurrou tudo pra ocê. Adonde já se viu?

JOSÉ CÂNDIDO – Mundica, estou agüentando tudo isso apenas em consideração ao comendador. Eu devo muito a ele. Ele cuidou de mim e de meus irmãos depois que meus pais morreram.

MUNDICA – E eu não sei? Assim que puder vá a cozinha. (*Sai*).

(*Música e nova mudança de luz determinam mudança de tempo*).

JOSÉ GONÇALVES (*Entrando*). – Venho observando que de uns dias pra cá tu vens fazendo corpo mole ou é impressão minha?

JOSÉ CÂNDIDO – Estou fazendo o meu trabalho como deve ser feito. Mas quero que o senhor entenda que eu não sou escravo, muito menos o seu escravo.

JOSÉ GONÇALVES – Ah, mas agora começou a mostrar as unhas. É brasileiro, é preguiçoso é arrogante, é safado.

JOSÉ CÂNDIDO – Eu nunca faltei o respeito com o senhor. Eu só ainda estou aqui por toda consideração que tenho pelo comendador. Ele tomou de conta de mim quando meus pais se foram.

JOSÉ GONÇALVES – Azar o dele que não sabia o que estava fazendo e deu guarida para um rato.

JOSÉ CÂNDIDO – Seu José Gonçalves, eu exijo respeito com minha pessoa.

JOSÉ GONÇALVES – Respeito coisa nenhuma, brasileiro de merda. Os portugueses vão tomar de conta dessa terra de novo e vocês vão ficar de cara no chão comendo capim como asno.

JOSÉ CÂNDIDO – Essa terra ainda há de ser livre de parasitas igual a ti.

JOSÉ GONÇALVES – Seu moleque! Vou te mostrar como debes respeitar. (*Avança para agredir José Cândido*).

JOSÉ CÂNDIDO (*Defendendo-se*). – Não faça isso, homem! Eu já aguentei muita humilhação.

JOSÉ GONÇALVES – Vou limpar esse chão com o teu focinho. (*Tenta alcançar José Cândido com uma punhada*).

JOSÉ CÂNDIDO: (*Defende-se e o empurra violentamente contra o chão*).

JOSÉ GONÇALVES (*Ainda no chão, berra*). – Fora daqui, fora daqui!

JOSÉ CÂNDIDO – Eu é que não quero mais ficar aqui. Estou livre, livre.

JOSÉ GONÇALVES – Não quero mais te ver nem pintado. Some! Larápio!

JOSÉ CÂNDIDO – Larápio é o senhor! Quer se assenhorar de bens alheios. Não atrapalharei seus planos, tenho outros maiores para dar conta. Sou dono de minha vida e não quero mais viver nesta casa. (*Sai, alterado*).

MUNDICA (*Que de longe observava a cena. Balbucia*) – José Cândido!

CENA VI

(*Mundica encontra José Cândido*).

MUNDICA – Candinho, para donde tu vai, pequeno?

JOSÉ CÂNDIDO – Mundica, não te preocupes comigo, eu dou um jeito.

MUNDICA – Que jeito? Tu não tem ninguém por aqui. E o capeta do José Gonçalves pode mandar de perseguir. Ele é de parte do tnhoso.

JOSÉ CÂNDIDO – Andei pensando esses dias, vou para aonde meu avô.

MUNDICA – Teu avô? Mas adonde ele vive?

JOSÉ CÂNDIDO – Minhas duas irmãs estão com ele. Lá na terra onde eu nasci, lá no sítio Juçara, distrito da vila de Itapecuru-Mirim, fica na beira do rio. Eu me lembro muito de lá. Era tão bom quando eu era pequeno. Somente depois nós viemos morar em São Luís;

MUNDICA – E tu vai como, Candinho?

JOSÉ CÂNDIDO – Vou me arranjar. Mundica, eu já sou um homem. Obrigado por sempre ter cuidado de mim como se fosse minha mãe, que eu perdi cedo. Nunca vou esquecer de tua proteção.

MUNDICA – Deus te abençoe e te guarde. Ogum que é guerreiro também vai 198l contigo.

(*Os dois se abraçam*).

JOSÉ CÂNDIDO – Vai dar certo.

MUNDICA – Sabe de uma coisa que ocê fez que eu gostei foi muito? Deu um soco no coisa ruim do José Gonçalves e jogou o trates no chão. Por essa o miseráve não esperava. Chega tava escumando de raiva.

(*Os dois riem muito e voltam a se abraçar*).

JOSÉ CÂNDIDO – Até um dia!

MUNDICA –Inté.

(*Sai quase correndo e mundica fica dando adeus com a mão*).

CENA VII

(*José Cândido e a irmã, estão na roça*).

MARIA DA GLÓRIA – Zé Cândido, não sei por que você estudou tanto nessas Zoropa.

JOSÉ CÂNDIDO (*Rindo*). – Maria da Glória, já te disse que não é Zoropa. É Europa. A Europa é um grande continente. Com muitos lugares belíssimos. Um dia eu vou levar você e Maria José até lá. Ihh, vou ter que te ensinar muita coisa!

MARIA DA GLÓRIA – Eu esqueci que é essa tal de Europa, mesmo.

JOSÉ CÂNDIDO – Eu estudei na Europa porque eu sempre gostei de aprender muito. Sou curioso, sabia? Eu gosto de saber sobre tudo.

MARIA DA GLÓRIA – E como é aquela fala que você faz?

JOSÉ CÂNDIDO (*Rindo*). – É a língua francesa. Eu aprendi quando estudei na França: *S'ilvousplaît, mademoiseelle! Bonjour monsieur!*

MARIA DA GLÓRIA (*Ri muito*). – Eu nunca que havera de saber falar assim tão complicando.

JOSÉ CÂNDIDO – Ora, a gente aprende. Mana, nós precisamos ter um objetivo na vida.

MARIA DA GLÓRIA – Eu sou da roça, eu sei dizer mesmo é jerimum, carrapicho, essas coisas. (*Ri*).

JOSÉ CÂNDIDO – Não é porque nós somos da roça que temos que ser atrasados. Um dia nós seremos uma nação, livre desses portugueses sanguessugas que só nos exploram. Chega de sermos vilipendiados.

MARIA DA GLÓRIA – Mas será que não vão aparecer outros para nos explorarem?

JOSÉ CÂNDIDO – Se aparecerem nós lutaremos para nos libertar deles. A vida é uma luta constante.

MARIA DA GLÓRIA – Tu és muito cheio de idéia.

JOSÉ CÂNDIDO (*Ri*) – Nesses dois anos que estou aqui, gosto do que faço. Ainda mais agora ajudando nosso vô com o plantio nesse sítio, não queria ser mais um peso para ele, ele já sustentava vocês duas. Mas vou te confessar uma coisa. Eu tenho muita vontade de voltar a escrever, mostrar minhas idéias e, também, ensinar o que aprendi a outras pessoas. Tenho vontade de lutar pela Pátria, de participar das manifestações, de ajudar a fazer essa nação.

MARIA DA GLÓRIA – Eu acho que tu não nasceste para ficar cuidando de plantação.

JOSÉ CÂNDIDO – Tu achas? (*Ri*) – Mas por enquanto estou bem aqui. Agora você vai indo para casa e eu vou mais atrás. É que vou aproveitar para dar um mergulho no rio. Gosto muito de nadar nesse rio Itapecuru.

MARIA DA GLÓRIA – Toma cuidado! Então vou indo ajudar Maria José a terminar de preparar o almoço.

(Maria José entra correndo aos berros).

MARIA JOSÉ – Acudam, acudam pelo amor de Deus.

JOSÉ CÂNDIDO – O que foi, Maria José?

MARIA DA GLÓRIA – Diga, diga mana, o que foi?

MARIA JOSÉ *(Tentando controlar o desespero)*. – Eu acho que o vô morreu!

MARIA DA GLÓRIA – Ó, meu Deus! Isso não está acontecendo. Eu quero ver ele, eu quero ver meu vô, ele não pode ter morrido. *(Sai correndo aos prantos)*.

MARIA JOSÉ – Mana, nosso vô morreu, mana! Meu irmão, o que nós vamos fazer da nossa vida agora? Eu vou atrás de Glória! *(Sai correndo atrás da irmã)*.

JOSÉ CÂNDIDO – Maria José! Maria José, mana!

JOSÉ CÂNDIDO – *(Põe as mãos na cabeça como se tentasse encontrar uma solução)*. – Meu avô foi embora. Parece que mais nada tenho que fazer aqui. Estão me chamando para luta. *(Canta)*:

Estão me chamando para luta
Agora entendo, agora eu entendo
Estava eu aqui fora de meu elemento
Achava-me bem, mas me achava estranho
Estão me chamando para luta
Meus sonhos, minha vida
Preciso voltar para São Luís
Precisa dar um sentido à minha vida
Estão me chamando para luta

CENA VIII

(Numa casa simples em São Luís. Os três irmãos estão em trajes de luto).

JOSÉ CÂNDIDO – Manas, finalmente estamos instalados.

MARIA JOSÉ – Acho tão diferente a vida na cidade. Há muita gente.

MARIA DA GLÓRIA – Ainda sinto falta da vida na roça. São Luís até mete medo com tanta coisa.

JOSÉ CÂNDIDO – Se eu lhes dissesse que perto de uma Paris e de uma Lisboa São Luís é minúscula.

MARIA JOSÉ – Ave Maria! Deus me livre de viver num lugar com tanto povo. Aqui tudo que você faz as pessoas estão sempre olhando. É muita gente falando, faz até barafunda na minha cabeça. Zé Cândido, e agora, como vai ser?

JOSÉ CÂNDIDO – Daqui para frente eu vou cuidar de vocês.

MARIA DA GLÓRIA – Mano, e como tu vais fazer?

JOSÉ CÂNDIDO – Lembram que falei para vocês que eu posso ser professor. Pois é eu vou arrumar um jeito de ensinar o que aprendi. Posso ensinar língua portuguesa, língua francesa e até geografia. Já estive pensando em oferecer meus serviços de ensino particular.

(Após essa fala, José Cândido toma um canto da cena e fica como se estivesse ministrando aulas. as duas irmãs caminham para o proscênio e cantam).

MARIA JOSÉ E MARIA DA GLÓRIA:

Aos dezenove anos de idade
 Nosso irmão José Cândido
 Deixou as distrações fácil da mocidade
 E virou arrimo de família
 Ministrou aulas particulares
 Estabeleceu em casa
 Um modesto internato
 Aos dezenove anos de idade
 José Cândido era nome respeitado
 Como professor na nossa cidade

JOSÉ CÂNDIDO – Manas, meninas, temos visita.

OS TRÊS *(Cantando).*

– Depois do luto vieram as lutas
 Mas a vida foi andando
 Um novo momento
 Foi se descortinando
 Era a hora da luta

CENA IX

(Na mesma casa. todos em volta da mesa. Agora sem os trajes de luto).

JOSÉ CÂNDIDO – Manas, este é Manuel Pereira da Cunha, como falei para vocês, fomos colegas na Universidade de Coimbra e a partir de agora somos sócios. Fundaremos aqui em São Luís o segundo colégio de instrução e de educação desta província. Agora, além das aulas particulares, terei também o meu próprio colégio.

MANUEL – Muito prazer, Manoel ao seu dispor, senhoritas.

MARIA DA GLÓRIA – Muito prazer, Maria da Glória.

MARIA JOSÉ – Muito prazer, Maria José.

MANUEL – José Cândido sempre me falou muito bem de vocês.

JOSÉ CÂNDIDO – Não poderia falar mal, são o que restou de minha família. Vou pegar uma garrafa de vinho para comemarmos e lembrarmos os bons tempos de Coimbra. *(Sai).*

MARIA DA GLÓRIA – Meu irmão já sei que vai ensinar língua portuguesa e língua francesa, e o senhor?

MANUEL – Bom, a minha parte ficará com as exatas, serei professor de aritmética e geometria.

MARIA JOSÉ – Zé Cândido nos disse que és muito bom em cálculos.

MANUEL – Modéstia à parte, dou-me muito bem com eles.

(Ouve-se rumores lá fora).

MARIA JOSÉ – Mas o que será que acontece que essa cidade, hoje, ainda está mais agitada?

MANUEL – É que finalmente o presidente da província Costa Barros foi destituído do cargo. Ele vinha praticando toda a sorte de arbítrios e sem o menor decoro de si e do cargo, vinha realizando atos degradantes e inconcebíveis. Houve nos últimos dias várias manifestações contra ele.

JOSÉ CÂNDIDO *(Voltando com a garrafa de vinho)* – Um déspota! Já foi tarde.

MARIA DA GLÓRIA – Parece que vai ter muita confusão.

MANUEL – Sim, já houve. Muitos pasquins circularam nas noites de São Luís, todos com denúncias gravíssimas. Mas agora que assumiu o vice-presidente Romualdo Antônio Franco de Sá, penso que haverá uma certa calma. Cândido, soubestes do ato do poeta José Pereira da Silva de Barros?

JOSÉ CÂNDIDO – Como não? É só o que se comenta com galhofa em todos os cantos desta cidade.

MARIA DA GLÓRIA – E o que fez o poeta?

JOSÉ CÂNDIDO *(Servindo vinho para ele e para Manuel)*. – Quando o famigerado presidente destituído da governança na província estava embarcando para deixar o Maranhão para os quintos dos infernos, o poeta subiu no alto da muralha da Rampa do Palácio e declamou um soneto improvisado. Pena que quando me avisaram já era tarde, cheguei lá, mas perdi esse momento histórico. Soube que Manuel até decorou. Declama aí para elas, Manuel.

MANOEL *(Rindo e depois, tomando um gole de vinho)*. – Foi muito divertido, mas consegui pegar apenas um trecho. Ele dizia assim: “Vai-te mostro cruel, prole do Averno/ Implacável açoite da virtude...” *(Interrompe-se rindo)*. – Foi o que pude pegar *(Todos riem)*.

MARIA JOSÉ – Nossa senhora, não sei como ele não foi preso.

JOSÉ CÂNDIDO – Muito pelo contrário, foi aplaudidíssimo. E todos que tiveram o prazer de testemunhar não param de comentar. Que pena que eu perdi!

MANUEL – Sabias que até a fama dele aumentou? José Pereira da Silva entrou para história.

JOSÉ CÂNDIDO (*Saboreando um gole de vinho. Sonhador*) – Ando cada vez mais motivado em criar o meu jornal.

MANUEL – Sim há tempos andas com essa idéia.

MARIA DA GLORIA – Um jornal, mano?

JOSÉ CÂNDIDO – Será o primeiro jornal não-oficial do Maranhão.

MANUEL – Mas como vais fazer para publicar?

JOSÉ CÂNDIDO – Vou tentar conseguir que seja impresso na tipografia do governa, afinal é a única existente na província.

MANUEL – Mas será que consegue?

JOSÉ CÂNDIDO – Andei sabendo que o Franco de Sá foi nascido aqui na província e que tem muitos laços de sangue e de interesse com as pessoas daqui. Certamente não vai querer se indispor e virar um novo ditador.

MANUEL – Verdade, já ouvi falar disso também. Conversando com ele, que é um conterrâneo, imagino que vais conseguir fazer a impressão lá.

JOSÉ CÂNDIDO – Não tenho outra opção.

MANUEL – O irmão das senhoritas é um idealista.

JOSÉ CÂNDIDO – Não, não meu caro Manuel, sou um realista. O meu jornal será um jornal diferente, não será como A Minerva nem A Bandurra, que todo mundo sabe que são meros órgãos do partido reacionário. Tudo o que fazem é defender o regime decaído e os portugueses imprudentes que não aceitam a nossa Independência.

MARIA DA GLORIA – Estou encantada! Vou poder ler um jornal feito pelo meu próprio irmão. Eu que não me canso de receber elogios por ele ser um dos professores mais dedicados desta cidade.

MARIA JOSÉ – Vou fazer uma novena para Nossa Senhora. E vamos rezar as duas, mana.

MARIA DA GLÓRIA – Tu fazes a promessa e eu tenho que rezar junto? (*Risos*). – Mas como é por uma boa causa vou rezar junto sim.

JOSÉ CÂNDIDO – Até parece que já vejo meu jornal sendo publicado.

MANUEL – E como será esse jornal?

JOSÉ CÂNDIDO – Será um clarim que fará ressoar em toda a província maranhense os ideais da liberdade. Mesmo já tendo ocorrido a adesão do Maranhão a Independência, os portugueses querem a todo custo retomar o poder. Vamos lutar contra isso.

MARIA DA GLÓRIA – E que nome terá?

JOSÉ CÂNDIDO – Como será o jornal que jogará luz por toda essa escuridão de notícias que só interessam aos poderosos. Tenho pensado muito e cheguei à conclusão de que se chamara *O farol*, o *Farol maranhense*.

MANUEL – Que idéia maravilhosa!

(As irmãs batem palmas).

(Sobe música).

JOSÉ CÂNDIDO *(Caminha para o proscênio e fala no ritmo da música).* – Eis-nos a escrever para o público: conhecemos quão árdua é a tarefa que tomamos, contudo, como amamos sinceramente o nosso país, faremos a ele todo o sacrifício possível, sem importar que sobre nós recaia o rancor de alguém ou o ódio de muitos. Falaremos com aquela franqueza própria a cidadãos livres, sem medo de expormos com coração as nossas opiniões.

CENA X

(Numa rua de São Luís. como numa cena de teatro de revista. À medida que José Cândido for dizendo a sua fala, a música vai subindo e nesta cena, aumenta. Num telão são projetadas imagens dos originais do jornal. Atores passam no palco com o jornal na mão ou lendo o jornal e todos juntam-se a José Cândido).

MANUEL *(Antes do canto entrar).* – E assim, no dia 27 de dezembro de 1827, saiu o primeiro número de *O Farol Maranhense*.

AS IRMÃS *(Já introduzindo o canto).* – A liberdade, dirão todos conosco, é a primeira felicidade da vida. *O Farol Maranhense* está na rua, foi desfraldado o estandarte.

TODOS OS ATORES *(Num canto triunfal).*

O Farol Maranhense está na rua
Foi desfraldado seu estandarte
Vamos exaltar a glória
Desse jornal nosso baluarte
E como disse o imortal
Antônio Henriques Leal
Com espantosa alacridade
Anuncia a alvora da liberdade
Sendo cada número dele
Uma faísca elétrica
Que fazia vibrar de entusiasmo

Viera alistar-se nele
 A ardente mocidade
 E os patriotas de todas as idades
 Os brasileiros da província
 Considerando-se assim
 O poderoso partido que se arreava
 Com um nome certo
 Da própria nacionalidade
 O Farol, o Maranhense está na rua
 Foi desfraldado seu estandarte
 Vamos exaltar a glória
 Desse jornal nosso baluarte

JOSÉ CÂNDIDO (*Num aparte enquanto o coro baixa o canto*).

De circunlóquio eu nada sei
 O caso conto, como o caso foi:
 Na minha frase, da constante lei,
 O ladrão é ladrão, o boi é boi.

TODOS (*Sobem o canto*).

O Farol Maranhense está na rua
 Foi desfraldado seu estandarte
 Vamos exaltar a glória
 Desse jornal nosso baluarte.

(*De repente a luz baixa e a exaltação do canto é contida. passa pela cena um homem em trajes militares*).

CENA XI

(*na casa escola de José Cândido*).

MANUEL – Terminaste a aula?

JOSÉ CÂNDIDO – Sim! E que notícias trazes?

MANUEL – O marechal Manuel da Costa Pinto já assumiu a presidência da província e o conde de Escaragnole é o comandante de armas. Penso que tenha terminado a pacífica interinidade do Romualdo Franco de Sá.

JOSÉ CÂNDIDO – Tu sabes se eles tomaram alguma providência contra o Farol?

MANUEL – Andei sondando, até agora está tudo calmo, mas essa calma demais também assusta, sobretudo depois dessa campanha infame que o pessoal da Minerva e da Bandurranos tem feito.

JOSÉ CÂNDIDO – Inveja, inveja, porque hoje O Farol é o jornal mais comentado da província. Eles defendem velhos preconceitos e idéias absolutistas e não aceitam a liberdade que proclamamos. São aliados dos portugueses. Mas vamos resistir.

MANUEL – Penso que temos que ter prudência nesse momento.

JOSÉ CÂNDIDO – Manuel, O Farol não diminuirá seu foco, mesmo com todas as injúrias e calúnias que nos fazem.

CENA XII

(Manuel da Costa Pinto está em seu gabinete com o Conde de Escaragnole).

COSTA PINTO *(Lendo)*. – “Desenganem-se, pois, os corcundas de uma vez para sempre que jamais largaremos da pena enquanto os brasileiros bem-intencionados nos protegerem...” Que petulância! Escreveram isso ontem. Tu viste o que já escreveram hoje esses infames desse pasquim desordeiro?

ESCARAGNOLE – Não me dou ao trabalho de ler esse *Farol* maldito. Basta o que ouço falar nas ruas de suas notícias inflamadoras de revolução.

COSTA PINTO – Precisamos tomar uma providência mais drástica.

ESCARAGNOLE – Há muito tempo espero por isso, Marechal. Temos que dar um cala boca nesse José Cândido e colocá-lo no lugar dele. Que fique lá com o diabo de suas aulas, ou o mandaremos para as profundezas do inferno.

COSTA PINTO – Calma, precisamos agir, mas com cautela.

ESCARAGNOLE – O senhor já viu que não deu em nada tentar termos lançado aquele manifesto que fizemos juntos conclamando os honrados cidadãos a deixarem de ler O Farol. Pelo contrário, fomos levados ao ridículo. Não deu em nada impedir que o jornal fosse impresso, também foram em vão as tentativas de processar o José Cândido, esse sujeito tem parte com o diabo. Mas o Marechal pede calma e prudência, enquanto o outro lá não tem nenhuma.

COSTA PINTO – Pois quero que ele seja intimado para um interrogatório aqui neste gabinete.

CENA XIII

(na casa escola de José Cândido).

MANUEL – E tu vais?

JOSÉ CÂNDIDO – Fui intimado. E não devo nada a ninguém.

MARIA JOSÉ – Meu irmão, estamos com muito medo. Esses homens são muito poderosos, José Cândido.

MANUEL – Percebo também que a ira deles parte do fato de tu ser apontado como responsável pelo Partido Brasileiro.

MUNDICA *(Entrando)*. – Me adesculpa ir entrando assim, mas é que tão comentando que tu foi intimado pelo presidente, meu fio, o que fizeste?

JOSÉ CÂNDIDO – Podes entrar, Mundica, eles estão me chamando para algumas explicações sobre O Farol, penso eu.

MUNDICA – O coisa ruim do José Gonçalves andou dizendo que tu vai preso. Eu fiquei muito preocupada.

MARIA JOSÉ – Meu Deus!

JOSÉ CÂNDIDO – Não, o presidente só vai conversar comigo.

MANUEL – Será?

CENA XIV

(No gabinete do presidente da província. Durante o diálogo de Costa Pinto e José Cândido, Escaragnole o observa, ameaçador).

JOSÉ CÂNDIDO – Presidente, nada do que o meu jornal escreve é mentira.

COSTA PINTO – Não foi isso que lhe perguntei. O seu jornal está querendo criar um estado de anarquia na nossa província, o senhor é um incendiário, desrespeitoso das instituições, provocador de intrigas. O que queres com isso?

JOSÉ CÂNDIDO – A verdade, somente a verdade.

COSTA PINTO – Cale-se que eu estou falando.

JOSÉ CÂNDIDO – O senhor me fez uma pergunta e eu respondi.

COSTA PINTO – Soube que o senhor abandonou os estudos em Coimbra para ser um anarquista aqui na província.

JOSÉ CÂNDIDO – Se eu deixei os meus estudos em Coimbra, a minha vida pessoal não lhe diz respeito. Mas ressalto que tenho um compromisso com a minha Pátria. Eu vivo aqui do meu trabalho feito honestamente.

COSTA PINTO – Trabalho de agitador, de perturbador da ordem pública, esse é seu único trabalho com esse seu jornaleco infame.

JOSÉ CÂNDIDO – Com todo respeito, mas o senhor está me ofendendo *O Farol* é um jornal respeitado em toda essa província. Aliás, até o momento ainda não entendi o motivo de o senhor ter me chamado aqui,

COSTA PINTO – Vais parar de publicar esse jornaleco.

JOSÉ CÂNDIDO – Presidente, eu não posso fazer isso, tenho um compromisso com meus leitores.

COSTA PINTO (*Dando um murro na mesa*). – Pois estais preso. Preso! Comandante Escaragnole, conduza-a a prisão.

JOSÉ CÂNDIDO – Então é isso!

ESCARAGNOLE(*Que passou o tempo todo remoendo raiva*). – É exatamente isso, estais preso em nome do presidente da província do Maranhão. Vamos, ande!

COSTA PINTO – Quero que leve umas chibatadas.

JOSÉ CÂNDIDO – Presidente, isso é uma arbitrariedade.

ESCARAGNOLE(*Empurra-o violentamente*). – Cale a boca, homem! Siga para prisão.

CENA XV

(*Na casa escola José Cândido*).

MANUEL – Já esgotamos todas as possibilidades de tirá-lo de lá. E fiquei sabendo que o Cândido adoeceu.

MARIA JOSÉ E MARIA DA GLÓRIA (*Começam a chorar*).

MUNDICA (*Entrando*). – O pior é que eles não deixa nós oiar ele. Eu podia até levar uma comida que ele gosta.

MANUEL – Consegui falar com ele duas vezes com muita dificuldade.

CENA XVI

(*No hospital*).

DR. SOARES – Nesses quase cinco meses que estas aqui, essa semana é que te vejo um pouco melhor. Até penso que não ficaste pior por não ter recebido as chibatadas que o presidente queria que te fossem dadas. Eles reconheceram que teus avós foram militares.

JOSÉ CÂNDIDO – Dr. Soares, não tenho palavras para agradecer tudo o que o senhor tem feito por mim. Acho que se não fossem os seus cuidados eu teria morrido. Ah! Como eu quero ficar bom para voltar às minhas atividades.

DR. SOARES – Não pense nisso agora. Primeiro sua saúde. E o que eu fiz é o meu dever como médico. E vou lhe fazer uma confissão. Sou um admirador de *O Farol*. Leio sempre. O senhor é um excelente jornalista, penso até que o senhor e João Lisboa estão no mesmo patamar.

JOSÉ CÂNDIDO – Que satisfação saber disso. Suas palavras também me fazem bem.

DR. SOARES – E quanto à sua família, seu sócio e amigo Manuel, está cuidando de tudo.

JOSÉ CÂNDIDO – Quero um dia poder retribuir tudo o que os amigos têm feito por mim.

DR. SOARES – E por falar em amigo, está aí um outro grande amigo seu, e olhe que grande amigo, veio do Rio de Janeiro somente para ver o senhor. Está lembrando de Odorico Mendes?

JOSÉ CÂNDIDO – Odorico Mendes? Sim claro, peça-o para entrar.

DR. SOARES – Odorico, entre.

ODORICO MENDES – Bom dia, meu caro José Cândido!

JOSÉ CÂNDIDO – Odorico, quanto tempo, que saudade.

ODORICO MENDES – Não vou dizer que é um prazer vê-lo, porque preferia vê-lo com saúde no exercício de tuas atividades, fazendo o que gostas, que é escrever no teu jornal.

JOSÉ CÂNDIDO – Verdade. Nós não nos vimos mais depois de Coimbra. Se não fosse a correspondência que trocamos, praticamente não saberia nada de ti.

DR. SOARES – Bom, vou deixá-los à vontade.

JOSÉ CÂNDIDO – Odorico, o Dr. Soares foi o meu anjo da guarda aqui. Apareceu-me uma enfermidade e estou há muito tempo hospitalizado. Mas continuo preso.

ODORICO MENDES – Dr. Soares, gostaria de que o senhor ficasse, o que tenho a dizer certamente terá o seu incentivo também.

JOSÉ CÂNDIDO – Uma junta de amigos, que interessante.

ODORICO MENDES – José Cândido, andamos muito preocupados contigo. Por isso eu e vários de teus amigos achamos que talvez seja necessário passares uns tempos na Europa.

JOSÉ CÂNDIDO – Odorico, como eu vou deixar...

ODORICO MENDES – Não te preocupes, os seus amigos estão dispostos a ajudá-lo até financeiramente. Tu precisas te afastar por uns tempos daqui. As perseguições ficaram muito intensas e não vão te deixar em paz quando saíres daqui.

JOSÉ CÂNDIDO – Há muito tempo eles não me deixam em paz.

ODORICO MENDES – Agora será bem pior. Tu te tornaste um inimigo declarado. Tu sabes que eu sempre te dei apoio, estamos na luta. Mas agora é hora de recuar e avaliar a estratégia.

DR. SOARES – Sou inteiramente de acordo com o Odorico. Tu precisas te cuidar também.

JOSÉ CÂNDIDO (*Faz cara de desolado e solta um suspiro fundo*).

ODORICO MENDES – Pense, pense. Estou te falando em nome de nossa amizade, sabemos da importância dessa luta, mas precisamos ter os devidos cuidados. Tu sabes que a nossa Constituição até hoje não tem sido levada a sério em todo o território brasileiro e esse Costa Pinto vem agindo com muita truculência, com arbítrio e vaidade. Parece que sai um presidente autoritário e entra outro pior.

DR. SOARES – Sem contar, José Cândido, que eu consegui com muito esforço que a tua situação na prisão não fosse bem pior. Eles queriam te massacrar. O teu estado de saúde ajudou a dar uma trégua.

JOSÉ CÂNDIDO (*Depois de um instante pensando*). – Não sabem como sou grato pela amizade do dois. Mas meu lugar é aqui. Aqui é o meu país. Aqui está a minha família e eu penso que preciso contribuir para que esse estado de coisa seja modificado. Meus amigos me compreendam. Eu quero estar no Brasil, eu carrego em mim o sentido do que é ser brasileiro.

CENA XVII

(*Na casa escola de José Cândido*).

MAUNDICA (*Com uma bandeja e uma xícara de chá*). – Meninas, fiz esse chá de erva cidreira praocês. Ocês tão com os nervos muito agitado.

MARIA JOSÉ – Obrigado, dona Mundica, ainda bem que a senhora tem nos socorrido desde a prisão de Zé Cândido.

MUNDICA – Quero bem o irmão de vocês como se também fosse meu fio. Eu por mim ele não tinha voltado de Itapecuru para cá. Maria da Glória toma um chazinho também, fia.

MARIA DA GLÓRIA – Não quero, dona Mundica, não tenho vontade.

MUNDICA – Vai te acalmar dessa aflição. Toma. Espera, estão batendo na porta. Vou ver quem é. (*Vai até a porta*). – Ah é seu Manuel, bons dias, seu Manuel. Entre!

MANUEL – Senhoritas, tenho uma notícia alvissareira. Ânimo, ânimo. Os boatos eram verdade, o desembargador Cândido José de Araújo Viana assumiu a presidência da província e o abominável Costa Pinto vai para o raio que o parta.

MARIA JOSÉ – Mas o que isso tem a ver com meu irmão?

MANUEL – Tem a ver que estão comentando que ele vai mandar soltar o Cândido.

MARIA DA GLÓRIA – Isso é verdade, seu Manuel?

MANUEL – Não se fala em outra coisa. Esse Costa Pinto tornou a vida na província insuportável. Era espionagem por todo lado, devassa no interior das casas, qualquer reunião numerosa já era motivo para ser suspeita de rebelião. Vivemos um verdadeiro regime de terror. A população já não agüenta mais. O irmão das senhoritas está preso como malfeitor.

MUNDICA – Ai! Chega meu coração tá querendo sair pela boca.

MARIA JOSÉ – Minhas preces estão sendo ouvidas.

MARIA DA GLÓRIA – Há alguma previsão de quando ele será solto?

MANUEL – Ainda não.

CENA XVIII

(Dr. Soares encontra Manuel numa rua de São Luís).

DR. SOARES – Manuel, foi bom ter te encontrado.

MANUEL – Dr. Soares, que bom revê-lo. Então, é verdade que poderão soltar o Cândido a qualquer hora?

DR. SOARES – Quem falou que vão soltá-lo? O homem já está solto. E eu andava a tua procura para irmos buscá-lo e levá-lo para casa.

MANUEL *(Caminha para o proscênio)*. – Povo de São Luís, hoje, 14 de janeiro de 1829, José Cândido de Moraes e Silva teve a sua liberdade restituída.

DR. SOARES *(Também indo para o proscênio)*. – De volta para sua vida normal, logo, José Cândido voltou a publicar o seu jornal.

(Todos os atores, com exemplares de o farol, entram em cena e cantam animados).

O Farol Maranhense está na rua

Foi desfraldado seu estandarte

Vamos exaltar a glória

Desse jornal nosso baluarte

(Baixa a música que os atores estavam cantando e as falas de Manuel e dr. Soares são ditas no ritmo da música).

MANUEL – Dr. Soares, o presidente da província e José Cândido agora até mantém relações de amizade.

DR. SOARES – Quando a esmola é muito grande o santo desconfia.

MANUEL – O Farol tornou-se semioficial, passou inclusive a publicar os atos do governo. A última novidade é que o governador chegou a comprar mil volumes e doou para a biblioteca pública.

DR. SOARES – Quando a esmola é muito grande o santo desconfia.

(Os atores sobem a música com toda empolgação).

O Farol Maranhense está na rua

Foi desfraldado seu estandarte

Vamos exaltar a glória

Desse jornal nosso baluarte

CENA XIX

(na casa escola de José Cândido).

FREDERICO DE ABRANCHES – O certo é que essa revolução de 7 de abril abalou profundamente o Império. Estão pipocando motins por tudo quando é lado. Esses portugueses não se conformam com a Independência. Soubeste do que aconteceu na província do Pará? Tomaram a presidência da província.

MANUEL – Essa rivalidade entre brasileiros e portugueses ainda vai acabar numa grande guerra.

FREDERICO ABRANCHES – Por isso que te digo, José Cândido, tu debes tomar de vez as rédeas do partido brasileiro e vamos reagir contra esses portugueses resistentes, ou daqui a pouco voltaremos a ser colônia de Portugal.

(Enquanto eles continuam conversando, as irmãs conversam em outra parte da casa.)

MARIA JOSÉ – Já foste levar um café para eles? Nem vou lá. Zé Cândido há pouco tempo saiu da cadeia e já vem esse Frederico Abranches encher a cabeça dele dessas ideias de rebelião.

MARIA DA GLÓRIA – Realmente! O Zé devia ficar apenas com a escola e o Farol. Dar aula e escrever no jornal são duas coisas que ele ama.

MARIA JOSÉ – Exatamente. Agora que as coisas estão voltando ao normal. A escola vai indo bem. O Farol também, para que se meter em confusão.

MARIA DA GLÓRIA – Mas tu sabes como é o mano. Ele gosta de estar no meio dessas movimentações. Acho difícil ele não retomar as atividades com o partido dos brasileiros. Mas dessa vez pelo menos ele tem boas relações com o presidente da província.

MARIA JOSÉ – Pelo jeito tenho que continuar as minhas preces. Mas vai levar o café para eles que eu vou ficar na cozinha preparando o almoço. Espero que Zé não convide seu Abranches para almoçar, esse homem come que só um bicho.

(De volta para sala).

JOSÉ CÂNDIDO – Realmente temos que tomar cuidado com o partido do lusitano. Fazes o seguinte, convida todos os nossos partidários para uma reunião hoje à noite. Vamos definir uma ação.

MANUEL – Já será o momento?

FREDERICO ABRANCHES – Tem de ser agora. Estávamos aguardando apenas uma determinação do chefe do partido. Ainda mais agora que contamos com todo apoio do quartel.

MARIA DA GLÓRIA *(Com uma bandeja de café).* – Com licença. Se as mulheres pudessem participar dessas reuniões eu também iria lá dar o meu apoio.

FREDERICO ABRANCHES – Tu, Maria da Glória?

MARIA DA GLÓRIA – Sim, seu Abranches. Eu ou qualquer mulher. Nós também temos cérebro, pensamos.

MANUEL – Cândido, tens uma revolucionária dentro de casa.

JOSÉ CÂNDIDO – Minha irmã tem idéias adiante de seu tempo.

MARIA DA GLÓRIA – Sim, empunho bem uma faca na cozinha, porque não empunharia bem uma arma em um movimento revolucionário.

MANUEL – Estás lendo muito *O Farol*.

JOSÉ CÂNDIDO – Não é à toa que minhas irmãs são conhecidas como os faróis.

CENA XX

(No gabinete do presidente da província, Araújo Viana).

ARAÚJO VIANA – Então eles estão firmes no propósito?

CLEMENTINO LISBOA – Presidente, esse movimento revolucionário endureceu no quartel desde às oito horas desta noite. E muita gente está se deslocando para o Campo de Ourique para engrossar o motim. Juntaram-se civis e militares. E o líder do partido brasileiro é *O Farol*.

ARAÚJO VIANA – Já soube que o Farol está metido nisso. E eu fazendo tudo para mantê-lo sob controle. Bando de irresponsáveis!

CLEMENTINO LISBOA – Disseram que virão aqui no palácio nessa madrugada exigir a pronta execução de medidas extraordinárias que eles julgam de salvação pública. Queria saber quais as suas ordens para resolver a situação. Temos que agir com força.

ARAÚJO VIANA – Ainda não. Mandeï reunir o conselho-geral da província e pedi que fossem lá saber deles quais são as reivindicações. Vejam o que me trouxeram. Leia!

CLEMENTINO LISBOA (*Lendo*). – Que sejam expulsos dos postos militares todos os portugueses da 1ª e da 2ª linha; que saiam da província, como inimigos declarados e ativos da Independência do Brasil e de suas instituições liberais, os religiosos do Convento de Santo Antônio e devem deixar a província dentro de 24 horas. Também devem sair José Carlos Melo e Alvim da freguesia de Itapecuru, Antônio Pinto Ferreira Viana, da de Itapecuru-Mirim, e João Antônio Marques e Fernando Mendes de Almeida, da de Caxias. (*Para de ler*). – Um absurdo!

ARAÚJO VIANA – Nós não aceitamos...

CLEMENTINO LISBOA – Do resto já sei, estão dispostos a sustentar com as armas na mão suas requisições até que sejam completamente atendidos. E como iremos agir?

ARAÚJO VIANA – Decidi que vou atender ao que solicitam.

CENA XXI

(Na casa escola de José Cândido. Ele, muito aplaudido quando chega, várias pessoas o cumprimentam).

JOSÉ CÂNDIDO – Amigos, vencemos! Vencemos! O que nos resta? Levar ao cabo tão glorioso feito. Somos livres, somos brasileiros. Isso tudo graças aos esforços do povo.

MANUEL – Devemos ressaltar também graças a influência benéfica e aos esforços vigilantes de José Cândido.

FREDERICO DE ABRANCHES – Um momento histórico em nossas vidas.

TODOS – Verdade! Salve O farol!

DR. SOARES – Confesso que não resisti esse momento gloriosos e vim também arrebanhado pelas comemorações.

JOSÉ CÂNDIDO – Dr. Soares, o senhor também sempre esteve conosco nessa luta.

MANUEL – Por onde passávamos José Cândido era festejado. Parece que a cidade toda estava na rua. Do Campo do Ourique até aqui o povo estava na rua com o seu grito de vitória.

MARIA JOSÉ – Menos eu e Maria da Glória que ficamos em casa rezando para que tudo ocorresse bem.

(Entre os presentes está Mariana. Há entre José Cândido e ela uma marcante troca de olhares).

JOSÉ CÂNDIDO – Boa noite senhorita.

MANUEL – Cândido, deixa eu te apresentar, esta é dona Mariana Emília da Cunha, sobrinha do Visconde Alcântara.

JOSÉ CÂNDIDO – Muito prazer, senhorita.

MARIANA – Encantada, senhor.

MARIA DA GLÓRIA – Meu irmão, Mariana veio nos visitar. Nós nos conhecemos há pouco numa de suas vindas de Alcântara.

FREDERICO DE ABRANCHES – Penso que o momento pede um bom vinho, afinal nossas gargantas estão secas de tantos gritarmos depois de nossa vitória;

MANUEL – Concordo!

DR. SOARES – Penso que temos muito para celebrar. *(Caminha para o proscênio)* – Depois da repercussão da Setembrada, essa rebelião que teve início no dia 12 de

setembro de 1831, os negócios públicos seguiram sua marcha natural e a corrente revolucionária voltou para o seu leito corrente. E O Farol? O Farol continuava nas ruas.

CENA XXII

(Música. José Cândido e mariana entram vestido de noivos e dançam uma valsa. convidados aplaudem. Mariana joga o buque e Maria da Glória recebe e fica muito emocionada).

CENA XXIII

(Numa casa em São Luís, estão reunidos José Cândido e Abranches. Noite).

FREDERICO DE ABRANCHES – José Cândido, a situação ficou insustentável.

JOSÉ CÂNDIDO – Abranches, precisamos agir, mas com bom senso.

FREDERICO DE ABRANCHES – Como vamos acalmar os patriotas maranhenses. Tu já sabes que a nossa rebelião não deu em nada, fomos traídos pelo presidente da província. Com a mesma rapidez que ele cumpriu nossas requisições, por traz desfez tudo. Precisamos reagir.

JOSÉ CÂNDIDO – Sim precisamos reagir. Precisamos estudar nossa articulação.

FREDERICO DE ABRANCHES – Que estudar articulação, José Cândido, tu sempre foste do ataque. Sabes o que já andam dizendo de ti nos grupos de patriotas? Passaram a te chamar de fraco e vendido ao poder, dizem que tu te vendeste para o presidente a província.

JOSÉ CÂNDIDO – Como podem dizer uma coisa destas. A minha relação com o presidente esfriou totalmente depois de nossa rebelião e, ultimamente, se interrompeu de vez. Nunca traí meus ideais. Tu me conheces, Abranches, todos sabem de minha luta, de minha história.

FREDERICO ABRANCHES – É por isso que te digo, vamos retomar a luta.

JOSÉ CÂNDIDO – Vamos!

CENA XXIV

CLEMENTINO LISBOA – Presidente, eles morderam a isca.

ARAÚJO VIANA – Bom saber que os nossos planos estão indo bem.

CLEMENTINO LISBOA – Hoje pela manhã mandei prender dois oficiais que estiveram envolvidos na Setembrada. Também espalhei gente nossa no partido dos

patriotas para difamarem bastante o Farol. Estamos prontos para o contra-ataque, aguardamos apenas a reação deles.

ARAÚJO VIANA – Certo, desta vez vamos desferrar o vexame que passamos com essa tal Setembrada, que eu nunca engoli. Chegou a hora de dar o troco pelo susto que nos deram com aquele motim estúpido.

(Batem na porta. Entra um oficial).

TENENTE – Presidente e comandante, informarei as novas da tropa. Os populares com os cabeças do movimento estão se dirigindo para o Campo do Ourique. Infelizmente muitos da tropa de linha também aderiam ao movimento.

CLEMENTINO LISBOA – Isso já era esperado.

ARAÚJO VIANA – Sim, continue.

TENENTE – Os revoltosos estão muito irados e com a contribuição da tropa também estão bem armados.

ARAÚJO VIANA – Então chegou a hora. Dê ordem de avançar os 80 granadeiros que vieram de Caxias.

CLEMENTINO LISBOA – A marinhagem também?

ARAÚJO VIANA – Toda a força na rua. Quero o movimento esmagado e os cabeças presos. Sobretudo O Farol.

(Som de toque militar).

CENA XXV

(Numa rua de São Luís numa trincheira).

JOSÉ CÂNDIDO – Manuel, o que fazes aqui?

MANUEL – Dei um jeito de te encontrar para te dizer que o Abranches foi preso.

JOSÉ CÂNDIDO – Penso que fomos traídos, a reação deles foi muito articulada. O Alfredo também foi preso e soube que querem me pegar e pegar o Egídio Launé também.

MANUEL – Exatamente, busca um esconderijo, eles não vão sossegar enquanto não te prenderem.

JOSÉ CÂNDIDO – Manuel, tu sempre foste um grande amigo deste a Universidade de Coimbra, por isso eu te peço: cuida mais uma vez da minha família, vou fugir para Itapecuru-Mirim. Guardem esse segredo. Eu e o Launé acordamos que se algo desse errado, teríamos um plano de fuga.

MANUEL – Foge, foge, ainda há tempo. Não pensas duas vezes. Tens como chegar lá?

JOSÉ CÂNDIDO – Tenho meios sim.

MANUEL – Fica 217latéia217a que guardarei segredo. Mais uma coisa...

JOSÉ CÂNDIDO – Diz, diz logo.

MANUEL – Sei que não é o momento, mas estou apaixonado por tua irmã Maria da Glória. Um dia quero me casar com ela, assim que passar tudo isso.

JOSÉ CÂNDIDO – Vai passar e nós brasileiros seremos vitoriosos. Dou o meu consentimento, mas o casamento vai ter que esperar. Ainda teremos muita luta pela frente

MANUEL – Sim, vamos esperar. Avante, brasileiro!

JOSÉ CÂNDIDO – Avante! (*Sai com cautela*).

CENA XXVI

(*Na casa de Odorico Mendes*).

JOSÉ CÂNDIDO – Não sei como te agradecer mais uma vez. Esses meses todos vivendo como desertor nos matos de Itapecuru-Mirim, passei muitas dificuldades. Também não estou muito bem de saúde, Odorico.

ODORICO MENDES – Descansa, já mandei vir o Dr. Soares. A tua mulher e tuas irmãs já foram avisadas, mas não podem aparecer aqui para não levantar suspeitas. Vamos pensar num jeito de vocês se encontrarem.

JOSÉ CÂNDIDO – Sim. Vamos fazer tudo com segurança. Então, quer dizer que mais uma vez Odorico Mendes está de volta ao Maranhão?

ODORICO MENDES – Por pouco tempo. Talvez até o ano que vem já terei de voltar para o Rio de Janeiro.

JOSÉ CÂNDIDO – Como estão as traduções?

ODORICO MENDES – Se não estivesses no meio desse momento nevrálgico eu iria te mostra uma.

(*Batem na porta*).

ODORICO MENDES – Calma, deve ser o Dr. Soares.(*Abrindo a porta do quarto*). – Dr. Soares, satisfação revê-lo, pena que ultimamente sempre nessas circunstâncias.

DR. SOARES –Verdade, amigo. José Cândido e tu, como estás.

JOSÉ CÂNDIDO – Dr. Soares, que bom ver o senhor aqui, mas nesse momento a minha saúde também me preocupa.

DR. SOARES – Vamos já ver essa situação.

ODORICO MENDES – Eu tive que mentir dizendo que precisava de um médico, para facilitar a sua vinda aqui.

DR. SOARES – Sim o caso não está para brincadeira. Temos que ter muito cuidado com nosso amigo foragido. Araújo Viana e o comandante Clementino Lisboa continuam com as buscas. Cândido, acredito que o Odorico já te contou que tudo não passou de uma cilada armada pelo próprio governo. Colocaram muitos espiões dentro do movimento dos patriotas para obter as informações que queriam e preparar uma emboscada para capturar os líderes. Tanto é que muitos que se diziam integrantes da rebelião tiveram uma prisão de fachada e agora andam solto por aí, na verdade não passavam de espiões traidores.

JOSÉ CÂNDIDO – Araújo Viana agiu como uma serpente.

ODORICO MENDES – Andei sabendo que para eles a tua prisão é uma questão de honra.

DR. SOARES – Sim, é verdade. Sobretudo porque és o dono do Farol e chefe do partido brasileiro. Odorico, agora peço-te licença para examinar o paciente.

ODORICO MENDES – Fique à vontade doutor;

(Música. Num compartimento o médico examina o paciente. No outro Odorico mendes fica pensativo. em seguida, Dr. Soares vai até Odorico.)

ODORICO MENDES – Então, Doutor?

DR. SOARES – O caso inspira muitos cuidados.

ODORICO MENDES – E o que ele tem?

DR. SOARES – Como estamos entre amigos vou te falar. É uma enfermidade crônica, o estreitamento da uretra e ainda para complicar, a grave inflamação está abrindo um abcesso urinário no períneo.

ODORICO MENDES – Que situação, não imaginava a gravidade.

DR. SOARES – Fizeste bem quando o chamaste do Itapecuru para cá. Ele precisa de proteção e de cuidados médicos. Vamos falar com ele.

CENA XXVII

(No mesmo quarto. Noite).

MANUEL – Deixei ficar bem tarde para vir aqui. O Odorico me avisou de tudo. Já sei que o doutor Soares esteve aqui.

JOSÉ CÂNDIDO – Fico preocupado em criar algum problema para Odorico. Além do mais aqui não é um esconderijo seguro, porque Odorico é muito visitado.

MANUEL – Sim, já providenciei a casa da viúva D. Francisca de Araújo Nogueira. Ficarás lá alguns dias até que eu resolva o aluguel da casa que queres. É uma casinha na rua dos Remédios. Como lá fica no arrabalde, certamente não chamará muito atenção.

Escolhi essa casa porque ela possui em uma das paredes, um esconderijo, como se fosse um armário de porta inteira. Tu poderás te esconder lá se a qualquer momento aparecer uma diligência.

JOSÉ CÂNDIDO – Mais uma vez fico-te grato, meu amigo irmão e futuramente cunhado. (*Riso*).

MANUEL – Amanhã mesmo, tarde da noite, faremos a tua mudança. Já combinei tudo com Odorico. Mas antes disso o Dr. Soares vem te ver mais uma vez. Tu sabes que tua situação inspira cuidados.

JOSÉ CÂNDIDO – Manuel, tudo isso vai passar e daqui para frente tudo ficará muito bem. Tudo ficará bem, ouça o que te digo.

(*Sobe música*).

MANUEL (*Caminha para o proscênio*). – Quando davam buscas a casa, o que sucedeu por mais de uma vez, retirava-se José Cândido para o esconderijo. Encolhia-se todo. Em uma das ocasiões foi tão demorada a diligência policial que começou faltar ar ao foragido. Ele ficou quase asfixiado. Ah, tristes e amargurados foram esses dias de forçada reclusão. Homem laborioso e de uma vida ativa, amantíssimo da família, encontrar-se condenado por tão longos meses ao duplo suplício da inércia dos cuidados dos que lhe eram caros e de quem vivia afastado e privado ao mesmo tempo de procurar no trabalho assistência da mulher e das quatro irmãs. E, assim, como disse Antônio Henriques Leal, aos vinte e seis anos incompletos foi riscado do número dos vivos em todo viço da juventude.

(*Manuel e Dr. Soares retomam o final da cena I*).

MANUEL (*Encontrando com Dr. Soares*). – Dr. Soares, por que esse semblante tão carregado?

DR. SOARES – O que resta hoje em dia de quem gozou de tamanha estima, consideração e popularidade entre os seus conterrâneos?

MANUEL – Então, José Cândido de Moraes e Silva.

DR. SOARES – Aos vinte seis anos incompletos.

OS DOIS – Aos vinte e seis anos incompletos.

(*Desce no fundo do palco um telão com o frontispício de o farol. Numa apoteose, como no teatro de revista, todos os atores entram e cantam*).

O Farol Maranhense está na rua
Foi desfraldado seu estandarte
Vamos exaltar a glória
Desse jornal nosso baluarte

E como disse o imortal
Antônio Henriques Leal
Com espantosa alacridade
Anuncia a alvora da liberdade
Sendo cada número dele
Uma faísca elétrica
Que fazia vibrar de entusiasmo
Todos que vieram alistar-se nele
Da ardente mocidade
E os patriotas de todas as idades
Os brasileiros da província
Considerando-se assim
O poderoso partido que se arreava
Com um nome certo
Da própria nacionalidade
O Farol, o *Maranhense* está na rua
Foi desfraldado seu estandarte
Vamos exaltar a glória
Desse jornal nosso baluarte

Fim

ATENAS: MUTUCAS, BOI E BODY⁵

Igor Nascimento e Lauande Aires

ATENAS

ano???

PERSONAGENS

ROSÁRIO– Protagonista. Costureira e bordadeira.

CORO DE MUTUCAS – Antagonista. Mulheres que participam do bumba-meu-boi como ajudantes.

CORIFEU –Regente do coro.

MATEUS OU BODY– Deuteragonista. Adolescente.

PEDRO – Esposo de Rosário, comerciante e padrasto de Body.

CHICO – Palhaço da festa.

VAQUEIROS

(Local da ação: Ilha de Atenas).

Prólogo (Rua).

(Início da manhã. Sobre as palafitas da Vila de Atenas, as Mutucas realizam atividades preparatórias para a grande festa em homenagem aos Santos boieiros).

Coro das Mutucas(Cantam)

Atenas! Atenas! Atenas!
Outrora cidade, agora apenas
Derivailhada, perdida,
Boiante, banida, surrada,
Fétida, pútrida, vencida,
Caída, comida, queimada.

Atenas! Atenas! Atenas!
Outrora cidade, agora apenas
Pendura destros tombados,
Ausente governo, presente disputa
Palácios cercados, suores roubados,

⁵Este espetáculo foi contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2014. Cumpriu temporada regular de estreia em São Luís - MA, na sede da Pequena Companhia de Teatro, entre julho e agosto de 2017. Em 2018 circulou em dez capitais da Amazônia Legal através do Projeto SESC Amazônia das Artes. Pesquisa/Direção/Cenografia/Músicas: Lauande Aires. Elenco: Dênia Correia, Nuno Lilah Lisboa, Lauande Aires. Iluminação: Júlio da Hora. Treinamento de bumba meu boi: Leonel Alves. Assessoria de Preparação Física: Abdomacir Sanches e Edjane Campelo. Técnicos: Iago Aires, Cid Campelo, Edjane Campelo. Assistência de Produção: Lesly Correia e Tereza Nascimento. Figurinos: Tramando Fantasia.

Vigias atentas, somente Mutucas!

Atenas! Atenas! Atenas!
 Outrora cidade, agora apenas
 Carrega, trafega, desliza
 Vacila, Hesita, resvala
 Balança, bordado, batiza
 Justiça, matança, badala.

(Pausa. Estouram fogos de artifício. Celebram).

CORIFEU

Guarnece, guarnece Atenas
 Que o sol no céu já desponta
 Para celebrar o rito
 Do couro que já se apronta
 É fé, batismo e matança
 É promessa e esperança
 De poder pagar a conta.

MUTUCAS

Guarnece, guarnece Atenas!
 Ilha Grande como muitas outras ilhas
 Ilha dividida como muitas outras filhas
 Situada entre estas duas baías que levam nomes dos santos
 E coberta pela barra do manto da encantaria.
 Ilha suspensa, ilha flutuante
 Ladeada pela água que te invade
 Ilha propensa a tornar-se vacilante
 Corpo de muitos corpos
 Cidade de muitas cidades
 Desejos de muitos desejos
 Metade de muitas metades
 Guarnece naquilo que te completa
 E pende tua balança pro lado da escolha certa.

CORIFEU

Guarnece, guarnece Atenas
 Põe teus olhos em guarda
 E vigiai esta fenda
 De ilha a nós consagrada
 Ninguém há de pôr a mão
 No corpo deste torrão
 Pelo preço ou pela espada.

MUTUCAS

Guarnecei atenienses que vivem cá deste lado
 Do flanco ignorado, omitido, recusado
 Flanco conformado do resto a nós reservado

Os deuses já ensinaram: cada um com seu bocado!
 Mas há quem não se conforme com aquilo já destinado
 E o desejo se avoluma como uma grande muralha
 Tentando conter a fúria das águas e ventanias
 Mas o desejo sucumbe com a força das maresias
 Transformando pedra bruta num amontoado de palha.

(Ouve-se o aviso do Alto-falante.)

ALTO-FALANTE

– Moradores de Vila de Atenas
 Apressai-vos para o nosso barracão!
 O vento do novo dia
 Trouxera muitas notícias que a todos interessa
 E todos correm o risco de não pagar a promessa.
 Apressai-vos enquanto o galo ainda canta.
 Preparai-vos e apegai-vos à barra da fé que é santa!

MUTUCA I e II

Que notícias trazem os ventos?
 Rogamos a quem nos valha!

CORIFEU

A notícia indesejada é a primeira que se espalha!

MUTUCAS

Vós, aqui reunidos após ouvir o chamado,
 Lembramos que a reunião tratará de coisa séria.
 Entrar na Vila de Atenas exige alguns cuidados
 Não percamos nosso tempo com algazarra e pilhéria.
 Cuidado por onde pisam que Atenas está suspensa
 É um *stent* colocado numa cidade-artéria
 Que pulsa coagulada perante tanta miséria.
 Entrai em nosso barracão mas ouvis o nosso apelo:
 Desligai vossos aparelhos!
 Escutai o nosso apelo!
 Guardai vossos aparelhos!
 Escutai o nosso apelo!
 Esquecei vossos aparelhos!
 Escutai o nosso apelo!
 Precisamos de vosso corpo por inteiro
 Não queremos vosso corpo repartido
 Quem não tiver corpo e tempo volte agora
 Ou da junta será repellido.
 Entremos pra reunião
 Todos estão guarnecidos.

MUTUCAS

(Cantam enquanto deslocam o cortejo até a parte interna do local da representação.

Vê-se uns amontoados de palafitas).

Guarnece Vila de Atenas
 Sobre a fragilidade
 Das tábuas de palafitas
 Pernas tortas da cidade
 Ocupada e possuída
 Pelos pedaços de flandres
 És a parte esquecida
 Da Atenas Ilha Grande
 Guarnece Vila de Atenas
 Escuta tuas Mutucas
 Te apressa que o tempo urra
 E a vida se faz curta
 Reúne teus operários
 No aconchego do barraco
 Quem fez promessa com o santo
 Sabe o peso do contrato

Guarnece, guarnece agora
 Toda essa ilha de Atenas
 Pra ver que sobre essa lama
 O sonho não se apequena
 Mutuca que te cutuca
 Como vara de ferrão
 Mesmo com esse mau cheiro
 Guarnece teu batalhão.

MUTUCAS

Céus, céus, céus!
 Pedras de encantaria!
 Ombro de nossas dores e assento de nossas alegrias!
 Qual mensagem destas linhas nós devemos decifrar?
 Que nos falta segurança?
 Tudo isso já sabemos!
 Entre a própria vizinhança?
 Tudo isso já sabemos!
 As sobras de esperança viemos te entregar!
 Enviai-nos tua lança e ficaremos à postos
 Na defesa do que é nosso
 E do teu altar!

CORIFEU

Notícia mais que nefastaperscrutamos na tribuna
 Ouvimos e repassamos, rogamos que não nos puna! *(Pausa).*

MUTUCAS

Em dia da grande e esperada festança,
Do rito, batismo e matança
Roubaram da festa todo o mantimento
Arrombaram o grêmio, levaram tudo, tudo!
Até um porco graúdo que fora engordado
Para ser usado como nosso alimento...
Sem a guarnição não há brincadeira
E corre-se o risco de a vila inteira
Ser castigada por tamanha vileza.

CORIFEU

Ninguém sabe, ninguém viu
É o que se comenta
O nosso suor sumiu
Restando-nos a tormenta
O filho que rouba a casa
É injúria não aceita
Já farejamos o rastro
Já temos nossa suspeita!

MUTUCAS

Outro dia vieram homens formados, técnicos,
Colheram números, dados, munidos de ciência,
Topografia e levantamento étnico.
Deram-nos, enfim, a inesperada sentença:
“Essa terra é imprópria, inteiramente irregular!
Invasão, casa não própria, favor se retirar”
Porém, como compensação nos fora dado,
Outro lugar, longe, construído, lugar repensado
Que eles mesmos, os donos, legalizaram.
A Nova Atenas: uma grande construção
No outro lado cidade, longe desse chão.
Será nosso destino mudar pra tão distante?
Escola, polícia, praça... mas quem garante?
Difícil é não desejar aquilo que sempre se pediu.
A notícia da outra morada aqui se difundiu:
“Atenas é estruturada”, dizem os folders de papel,
Mas será concreta toda essa promessa de céu?

CORIFEU

Mas qual desejo motiva um grupo de construtores
A oferecer recompensa a quem julgam invasores?
Que destino é esse? O que Atenas há de ser?

MUTUCAS

Não o sabemos ... E não podemos crer.

CORIFEU

E desde então tudo aqui começou a ruir
 De fora para dentro, de dentro para fora
 É um fino salitre que em surdina devora
 Tudo aquilo que estamos a construir
 O Boi é de promessa, vale lembrar.
 Se não for cumprida, só deus sabe
 Qual será o destino que nos cabe
 Mutucas: quem deve tem que pagar!
 A promessa é a paga pela benção recebida.
 A vila fora outrora destroçada
 E, por graça, erguida, reconstruída.

MUTUCAS

Da última vez a chama nos consumiu ...
 Tábua por tábua, a vila era mastigada ...
 O mar se retraiu e o fogo que surgiu
 Avançou feito sol pleno em madrugada
 E mesmo com as labaredas diminuindo
 A brasa insone ainda nos vigiava, zunindo
 A flama, baforando, olhava-nos, a mugir
 Olhos famintos, prontos a tudo engolir.

CORIFEU

Livrai-nos de reviver tragédia de tal porte!
 Ah! Mais quanta raiva desse bandido!
 Ardem meus olhos em ódio bem forte
 Que seja tão logo encontrado e punido
 Saíamos em busca de novo repasto
 Para recobrir o que foi subtraído
 Quem pouco tem sabe o quando é doído
 Ver ser levado o suor derramado.
(Mutucas saem cantando)

Enquanto não achamos o seu paradeiro
 Pedimos que ajudem com que têm (bis)
 Um trocado, uma joiapra nosso brinquedo
 Doem por favor, dez, trinta ou cem.(bis)
 Atentai, atentai para qualquer suspeito
 Já não confiamos em ninguém. (bis)

(Rosário sai de casa e é abordada pelas Mutucas.)

MUTUCA I

Rosário, tu que vais tão apressada,
 Não ouviste nada do que foi roubado?

ROSÁRIO

Atarefada entre costura e bordado...

Pouco tenho saído, pouco tenho escutado ...

MUTUCA II

Rosário, que borda de noite virada
Nada viste pela janela da casa tua?

ROSÁRIO

Não sou de pôr meus olhos na rua ...
Tenho pressa, e, por favor, me 227lat licença

MUTUCA I

E onde vais tão apressada com tamanha impaciência?

MUTUCA II

Tens um encontro marcado, alguma audiência?

ROSÁRIO

Haja tolerância para tanta impertinência!

MUTUCA I

Desculpe-nos a sentença, mas estamos preocupadas com o nosso futuro e...

MUTUCA II

... Imputa-nos o fardo de estar atenta à tudo e à todos que nos dizem respeito...

ROSÁRIO

E como, sendo tão vigilantes, não cuidaram do barracão e impediram o feito?

MUTUCA I

Tu bem sabes que um olho lasso
Não enxerga um passo
Em sua direção.

MUTUCA II

E o erro crasso
Foi por cansaço
De obrigação.

MUTUCAS I e II

Assemelha-se o nosso caso
Ao teu erro crasso de um olho lasso
Que não viu a cria
Obrigando-se a desterrá-la do outro lado da ilha,

Na casa de uma tia, em outra ocupação.

ROSÁRIO

Mutucas, não ousem atacar minha família! Não lhes dou esse direito!
 Quem de vós julga-se a mais perfeita junção de bondade e tolerância?
 De honestidade e moral?
 Se estamos na mesma vila, sobre estes caibros e ripas,
 Sofremos do mesmo mal!
 Dos mesmos sonhos, desejos, dos mesmos medos.
 Que querem vós, afinal?
 Meu filho fora acusado mas nunca foi comprovado
 Que cometera algum erro
 Que apontaram vossos dedos!
 Se hoje está desterrado, para a sua segurança,
 É para que aguarde a esperança
 De mudar pra outro lugar
 E aqui nunca mais pisar!

MUTUCA I

Desculpe-nos, Rosário, se a pergunta te ofende,
 Mas vê pelo nosso lado e entende.
 Estamos aflitas com tantas ameaças
 Que sobre nós se avolumam com a força da maré alta.
 De um lado aquelas muralhas
 Que agora teimam em nos retirar de nossa margem;
 Do outro, o saque, a rapina e a pilhagem.

MUTUCA II

Disseste que és das nossas mas teus desejos não o são
 Talvez, por isso, não fostes ao nosso grêmio
 És respeitada pelos dons de tuas mãos
 E tua casa dentre todas é o mais valioso prêmio.
 Mas queremos ficar e pagar a promessa, apenas
 Tu queres partir para a Nova Atenas.

ROSÁRIO

O meu destino a mim pertence.

MUTUCA I

Reflita, Rosário, pense. Se removerem os barracos,
 Juntos serão aterrados nossas memórias e crenças
 Nosso altar será deposto!
 Não deixe que lhe convençam
 Não entregue seu destino em mãos da boa aparência!

ROSÁRIO

Não compreendo o brocardo...

MUTUCA II

Vimos, pela janela de nossa casa,
Você de prosa adiantada
Com os homens da empresa Olimpo.

MUTUCA I

Afirmam ser a vila uma invasão
Mas por favor: guarde firmeza
O que dizem é pura enganação...

ROSÁRIO

Ora, quem fala de enganação...
Não foram vocês que bem elegeram
O candidato da ocasião?!
Cadê a fé que vocês depositaram?
Cadê o homem que traria a solução?

MUTUCA II

Não guarde mágoas, Rosário,
Ele parecia um homem de bem.

ROSÁRIO

Esse conto do vigário
Todos conhecemos bem
Toda vez olham com pavor
Todo mundo que quer ser alguém!
Não são de confiar em ninguém,
Exceto se de fora for
Se oferece à brincadeira algum vintém
Elegem do diabo ao pastor!
Se hoje corre-se o risco de uma vila aterrada
Que paguem vós pela escolha de uma promessa errada!

MUTUCA I

Tu crês que um novo lugar mudará também teu filho
Mas ouves o que te digo
O teu braço já não pode
Conter a fúria do Body

ROSÁRIO

Mateus! Mateus é o seu nome,
É o que diz seu registro!

MUTUCA II

No batistério da rua possui o nome de bicho.

ROSÁRIO

Quem fica o dia na rua acaba virando o lixo!

MUTUCA I

Não entendo tua fúria cheia de tanto capricho...

ROSÁRIO

Vós Mutucas, que seguem e servem esse boi, que ficam nas janelas, nas passarelas, de cochicho pelas portas e pelos cantos, são capazes de atribuir maldades e infâmias até mesmo aos nossos santos. Voltem pra vossas casas, cuidem de seus quintais. São suas línguas malditas que têm nos roubado a paz. Entregarei o bordado e prometo: pra nunca mais!

MUTUCA II

Rosário... As poucas luzes com as quais borda e costura gastaram tua visão. O tempo que consumimos nas portas e nas janelas nos permitem perceber que a inocência já era. Ao ver a lista dos “Santos” verás o que nos espera!!!

MUTUCA I e II

Tadeu chamam de “Pantera”
Tomé chamam de “Pavão”
Judas tornou-se “Isca”
Lucas tornou-se “Pezão”
Simão é “Duro-na-Queda”
Tiago agora é “Bujão”

Outro Tiago é “Mãozinha”
Pedro chamam de “Pinote”
André chamam de “Abelhinha”
Bartolomeu de “Garrote”
Filipe chamam “Diabal”
E ele é o principal
Amigo do Mateus, “Body”!

ROSÁRIO

Isso já não ocorre
E o seu único erro-
Tal a esta que se juntara
Nos tempos de desespero-,
Foi juntar-se a quem não devia
E trazer-me desassossego.
Mas atendeu minha ordem
Partiu e mudou de enredo.

MUTUCA I

Partiu e hoje retorna.

MUTUCA II

Foi visto rondando a vila...

MUTUCA I

É o que a rua informa...

MUTUCA II

Onde está, isso eu não sei...

MUTUCA I

Descumpriu tua própria lei!

ROSÁRIO

Boato e mais nada!

Não sei como um dia fui participar desse boi...

Tempo cego de paixão desencontrada

Por um homem que bem rápido se foi ...

MUTUCAS

Não culpes o boi se teu filho franzino

De corpo tão frágil e choro combalido

Tornara-se a fera, o ágil caprino

Que exige demanda de ser combatido

Não quebre a promessa feita, Rosário!

Lembra de quando em penúria estiveste

O couro que enfeita da festa o cenário

É paga que há tempos propuseste!

ROSÁRIO

Sei muito bem do meu compromisso,

Há muito cuido desse serviço

Sem nunca atrasar um dia

Minha promessa será mantida!

Até mais tarde! Cuidem de suas vidas.

Licença que para o outro lado eu ia. (*Sai*)

MUTUCAS

Vai, Rosário, amiga da lida e dos tempos boieiros

Tua cria é resultado dessa tua teimosia

Mesmo avisada pelo curandeiro.

Hoje tens tudo: filho, casa, sucesso...

Mas de penúria é teu tempo regresso,

E foi esta Vila que te estendera os braços.

Tuas mãos abençoadas na arte da bordadura

Não domaram a criatura que te causa choro espesso.
 Não tarda, Rosário, te arrependerá de seus ditos;
 É bem sabido que seu filho é bandido.
 Body: nome de bicho fingido, nome de sombra e do mal
 Por impertinente não nos tome, mas
 Codinome de vagabundo é título grande em jornal
 No texto, o primeiro nome só sai com o sobrenome
 Para identificar o dono infame do apelido marginal.
 É tanto criminoso nesses dias... Muito para pouca pena
 Se presos, logo são soltos, possuem liberdade plena
 Vivem soltos com os apelidos de batismo de Atenas.
 Se ele está pela Vila, não foi pela brincadeira
 Foi pra cumprir seu desejo ou ordem da empreiteira
 Que quer nos passar o laço!
 Vamos indo! Mesmo com tanto percalço
 Mesmo sem comida para nosso batalhão
 Com promessa não pisaremos em falso
 Faremos como reza a grande tradição
 Lá vai! Lá vai! É hora da dança!
 Prepara o mourão: é batismo e matança!
 Lá vai, mas escuta o recado da comunidade:
 Ninguém deve romper contrato com as divindades
 E ninguém há de assinar contrato com as autoridades!

(Casa de Pedro e Rosário. Ele está na quitanda. Ouve-se o som de uma bicicleta sonorizada fazendo publicidade. Rosário passa por ele agitada. Ele segue atrás dela.)

BIKE DE SOM(em off).

Atenas! Atenas! Atenas!
 Grã projeto de habitação
 Moradores de palafitas
 Vocês não mais serão ...
 Muro, grade, proteção
 É isso que é oferecido
 Calçada, rua, quarteirão
 Metro a metro medido
 Atenas! Atenas! Atenas!
 Grã projeto de habitação

PEDRO

Por onde tu andavas, Rosário? Já teve meio mundo de gente a tua procura...

ROSÁRIO

Ele...Alguém já passou por aqui?

PEDRO

Acabei de dizer...Quem tu queres saber?

ROSÁRIO

Desculpe, mas ainda estou agoniada...

PEDRO

Agonia está lá fora desde o raiar do dia, mas quando fui te chamar tu já saías... E pra onde ias?

ROSÁRIO

Na vila ao lado resolver um problema....

PEDRO

Coisa graúda ou pequena?

ROSÁRIO

Uma cliente, uma encomenda... Tu vais passar o dia nesse interrogatório? Vá cuidar da venda que é teu melhor escritório!

PEDRO

Passaram a mão no capado...

ROSÁRIO*(Assustada).*

Em quem?

PEDRO

No porco engordado da tal promessa....

ROSÁRIO

Já me contaram essa conversa...

(Rosário está inquieta entre os afazeres na máquina de costura e observadas na janela).

PEDRO

Já fizeram buscas pelos encruzos do mangue, mas não há um só rastro do ladrão infame. Agora eu quero ver como é que eles vão fazer, se o preferido deles vai aparecer pra socorrer. Bando de ingratos! Tanto que lhes dei, tanto que ajudei em serviço e em fiado, em cachaça e em agrado. Triste desejo de sair candidato! Mas na vida é assim: tudo que vai volta, tudo que sobe desce! Se eu fosse tu nem terminava o bordado. Tempo perdido, desperdiçado. *(Percebe a inquietação de Rosário).* Tu estás me ouvindo, Rosário?

ROSÁRIO

Pedro, me deixe com meus afazeres e cuide dos teus!

PEDRO

Há uns diastu andas muito estranha... Por que não conta logo o que aconteceu?

ROSÁRIO

Contar o quê? Enlouqueceu? Eu não ganho a vida como tu que passa o tempo sentado de conversa em conversa...Meu trabalho exige olho aberto, precisão, pressa...

PEDRO

Conversa... Estás assim desde a visita dos homens da empresa. Confessa que teu olho crescera com aquele monte de promessa?(*Pausa*).

ROSÁRIO

Que dizes?

PEDRO

Chegaram com boa conversa
Fineza e sorriso nos dentes
E vendo-me meio doente
A prosa tornou-se reversa

Puxaram das pastas de couro
As diretrizes do programa
Como sendo a nova flâmula
Um achado ou um tesouro
“Vimos apresentar
As casas de Nova Atenas.
Da sua, importa apenas,
O preçoa indenizar.

Trazemos o benefício
De assentar-se em baldrame
E alavancar-se do mangue
Com o menor dos sacrifícios”.

Disse-lhes: não sou um tolo
Por mim perderam a viagem
E não aceito a grilagem
Com as terras cá desse povo
Prossigam por outro rumo
Saíam da minha quitanda
Não troco esta platibanda
Por nenhum sonho de prumo!

Mas vi, que tu, inquieta de ouvir a conversa, seguiu-os até a casa de Anacleto e ficou de cochicho com aquele mais jovem, de gravata. Depois esquivou-se das minhas perguntas fazendo-se de desavisada mas tentando me convencer. Que queres tu, vender o que é nosso e partir para o sem fim? Tu não tens ouvido a bicicleta rondando-nos as passarelas, lançando-nos os folhetos por entre nossas janelas? Sabes bem o que eles querem, e se pareces não saber, volto a te dizer:

Querem dar prosseguimento
A um projeto de cidade
Que se ergue em qualquer parte

Sem nenhum constrangimento

Árvore vira cimento
 Riacho torna-se asfalto
 Em breve o esquecimento
 E o preço a pagar-se: alto!

E para atingir suas metas
 Observe a estratégia:
 Primeiro esquece-se a terra
 E espera-se o benefício
 Depois, sem nenhum sacrifício,
 Tira-se o proveito dela.
 E de repente, do nada
 O povo vê-se em manejo
 Arrancam-se vilarejos
 Inventam-se documentos
 Em prol do meio ambiente
 Meio mais eficiente
 De efetuar um despejo.

ROSÁRIO

Tu não perdes o costume de ver tudo pela via do fel e do azedume! Pra que tanta desconfiança se nunca que nos chegara um lampejo de esperança? Para onde foram os sonhos e as promessas que arvoravas, os arroubos de liderança, as falácias de protesto? Agora é que se faz hora que tenhas uma atitude. Sou a favor que se mude e que se leve o comércio.

PEDRO

Não seja inocente, Rosário, ninguém bate à nossa porta se não for para um pedido ou alguma troca.

ROSARIO

A troca é mais do que justa: uma casa pela outra e de quebra algum agrado...

PEDRO

Se isso é o que oferecem é porque vale, pelo menos, dez vezes o ofertado. Olhe em volta o que já temos levantado! Achas que é o mesmo que teremos do outro lado? Esse é nosso lugar e sei o quanto foi duro pra ter conquistado!

ROSÁRIO

Teu lugar é no mangue com lixo por baixo e morando trepado?

PEDRO

Cada um com o seu destino!

ROSÁRIO

Que desgraçado destino! Se o teu é ficar por baixo, o meu é estar no cimo! Não creio que fora 236laté dos deuses e santos deixar-nos no nada e isolados!

PEDRO

Pensas que me engana, mas sei o que move a tua ansiedade. Não é pela vida nova ou troca de propriedade. Tu queres novo refúgio para o Body, tua cria, que hoje vive afastado em casa de tua irmã, do outro lado da ilha, por seu envolvimento com a matilha!

ROSÁRIO

E é crime uma mãe querer estar perto dos seus?

PEDRO

Não, quando os seus não fogem de crimes que julgam os vizinhos seus... Deixe-o por onde está e entregue-o nas mãos de Deus.

ROSÁRIO

Queres que eu lave minhas mãos e o deixe no mundo largado sem pai, sem padrasto, sem eira nem beira e refugiado?

PEDRO

Cada um colhe o que planta...

ROSÁRIO

Plantastes ser aleijado?

PEDRO

Adoecei no trabalho e mesmo com dificuldade do trabalho não me esquivo. Já do trabalho teu filho adoece apenas de ouvir o nome. Fale em trabalho e ele some, só come dorme, consome e em troca só traz à porta angústia e prejuízo. Deixe-o lá como está pra seu próprio benefício. Cada um escolhe seus rumos e o meu já foi escolhido: eu não deixo minha casa pelos erros de teu filho.

(Um grupo de Mutucas chama na porta da casa. Rosário enxuga as lágrimas).

MUTUCAS

Rosário, Rosário...

PEDRO

De novo vem as Mutucas!

Querem que entregue o bordado.

MUTUCAS

Rosário, Rosário...

PEDRO

Pra que tanta correria
Se nada foi encontrado?

ROSÁRIO

Deixai que eu atenda
Já que chamam por meu trabalho. *(Pela janela)*.
Eu não disse que quando pronto entregar-lhe-ia o fardo?

MUTUCAS

O fardo que entregaste a vida tem recusado...

ROSÁRIO

Ora, mas de que falam se nada foi enviado?

MUTUCAS

O nosso fardo é teu filho: agora está confirmado...

PEDRO

O que está confirmado? Que filho, que fardo?

MUTUCAS

Não pensem que seja fácil
Acusar quem vimos nascer
A superar a doença
A resistir e correr...
E hoje nos faz temer!
Mas confirmaram que o Body
Antes do amanhecer
Passara numa canoa
Com uma mochila nas costas
E um embrulho na proa
Do tamanho de um porco
Envolto em algum pano.
Sentado ao remo e na popa
Não deu para identificar
Quem era o outro fulano.

PEDRO

Acabou-se o sossego! Maldito! Chegou de volta o castigo!

ROSÁRIO

É mentira! É mentira!

PEDRO

Tu sabias disso, Rosário? É essa tua inquietação?

ROSÁRIO

É claro que é mentira, infâmia lançada! Não apontem seus dedos para nossa casa. Agora caiu a máscara, a farsa! E a notícia que trazem embora me cause asco também confirma a repetir o que sempre disse: Mateus é inocente!

PEDRO

O que te faz ser tão crente?

ROSÁRIO

Não tem como ser diferente se o crime que lhe imputam não pode ser comprovado, se hoje vive afastado e há muito não tem pisado por estes lados... Afastei-me de meu filho pra não vê-lo ameaçado, e porque os saques não foram barrados? Por que continua a pilhagem? Porque não era ele, porque fora injustiçado e enquanto os dedos lhe apontavam, pelas costas agia a malandragem!

MUTUCAS

Compreendo tua dor

Mas ela não é maior do que nosso prejuízo

Escute-me, por favor,

É certo que ele foi visto

ROSÁRIO

Então dê-me o nome do informante....

MUTUCAS

Já não posso fazer isso.

ROSÁRIO

Dizei, eu insisto!

MUTUCAS

Pelo visto, como sempre, desconfia do que é dito. Nada temos a fazer se tu te negas a ver. Mas uma coisa é certa: roubar do santo a oferta é quebrar todas as regras, todas juntas de uma vez. Te pedimos que pague o porco e o que fora levado, e ajunte o caldo que foi derramado.

PEDRO

Quem derramou que ajunte, não temos culpa do caldo.

MUTUCAS

Vocês têm mais condição e são tutores do culpado, responsáveis pelo fato.

ROSÁRIO

Aqui ninguém vai pagar o preço do descalabro!

MUTUCAS

Não viríamos à tua casa
 Se não houvesse certeza
 E a forma que nos recebe
 Causa-nos mais tristeza
 Que o próprio fato ocorrido

Mas uma coisa é certa
 O povo alvoraçado
 Quando pegar o maldito
 Há de cobrar os atrasados
 E pode ser que lhe custe
 Bastante caro o delito.

ROSÁRIO *(Retiradinheiro de uma bolsa e lança sobre as Mutucas).*

Se o que importa é dinheiro
 Com ameaças não venha
 Lanço-te esta quantia
 E compre uma porca preta
 Que assim não faltará carne
 Pra ser jogada da lenha.

PEDRO

Que fazes, estás ensandecida?
 De onde vem esta quantia?

ROSÁRIO

Dos sonhos de uma vida.
 Podem levar o dinheiro
 Podem encher o chiqueiro
 Podem correr no terreiro
 Mas saiam da minha porta
 Seu bando de traiçoeiros!
 Eu e esse quitandeiro
 Iremos pra outro poleiro
 Livrar-nos de gente torta.

MUTUCAS

A necessidade e a urgência
 Nos fazem dobrar os joelhos e juntar o dinheiro lançado.
 Com ele quitaste uma dívida terrena.
 Mas deves, ainda, a conta com o sagrado.
 Está passando da hora, entregue o boi e o bordado!

ROSÁRIO

Dessa dívida, eu prometo,
 Que me livro sem demora
 E dentro de alguns instantes

Hei de entregar-lhe a obra!

(As mutucas saem. Rosário volta para a costura e o bordado).

PEDRO

Rosário! Intempestiva, louca, desvairada, se julga-te com a razão e o Body inocente, então por que fizeste a paga de forma **240latéia240a240nte?**

ROSÁRIO

Pra livrar-me da acusação, livrar-me da chateação, da perturbação. Para livrar-me! Para livrar-me!

PEDRO

Insistes nos mesmos erros. Avanças para o mesmo precipício...

ROSÁRIO

Não me venha com teus juízos! Teu discurso é mais vazio que as garrafas lançadas no leito do rio. Por que não usastes o discurso para defender tua casa?

PEDRO

É o que vivo tentando, mas nisso tu só estraga! Tudo culpa de quem: do teu andarilho!

ROSÁRIO

Não admito que falem de meu filho!

PEDRO

Tu te lamenta,
Mas ele sempre regressa
Sem nada que o impeça
Volta quando bem quer
Sabe que tem porta aberta
Assim que a rua lhe cansa
Rumo de casa ele acerta
Melhor seria se não voltasse.
Eu, homem feito, aos dezesseis,
Já dava jeito em minha vida.
Menino esse, de quase dezoito,
Em casa só põe desgosto!

ROSÁRIO

O problema é esse lugar
Essa terra, esse vilarejo
Afogados na lama e sal
Tal qual
Um monte de caranguejos

PEDRO

Constróis a imagem de Mateus
Como borda a face deste santo ...
Isso aí é canutilho, linha, agulha.
Viva imagem, matéria o é;

No entanto ...
 Depois de pronto, te esquece o fado
 Que isso tudo é pano que foi cortado
 Furado, retorcido, pano desossado...
 Rosário, nem o pique do alfinete afinado,
 Nem o rastro da máquina de costura...
 Hão de cerzir o rasgo daquela criatura
 Há terras em que florescem belos campos e lírios
 Há outras em que só crescem espinhosos e daninhos!

ROSÁRIO(*Mostra-lhe documentos*).

Pois então está aqui, Pedro, se tua terra não combina com minha terra, se é dessa terra que tu gostas, saiba que eu disse “sim”: aceitei a proposta!
 Não 241latéia essa casa! Não quero mais isso!
 Pela brecha da porta a rua entra a torto e direito
 É de muros de tijolo que preciso, chão com piso:
 Lar longe de cá! Onde me tenham mais respeito!

PEDRO

O que fizeste Rosário, o que fizeste?

ROSÁRIO

Tenho o dinheiro na mão

PEDRO

Não podes ter feito isso! Eu não te dei permissão!

ROSÁRIO

Fiz com tua procuração.

PEDRO

Assinei pela doença. Foi uma necessidade!!!

ROSÁRIO

Assinei pelo desejo. Assinei pela vontade!

PEDRO

Mulher estúpida do cão!
 Ora que não nos meteste
 Em grande queda com este
 Contrato mal lido, miséria!
 Não...
 Não pode ser coisa séria ...
 É brincadeira, grande pilhéria
 Por acaso quinze mil é dinheiro
 Pra sair daqui pra outro lugar?!
 Nem para morar em chiqueiro
 Essa quantia de nada vai dar!
 Como ousa, como pode, hein? ...
 Como abusaste da coragem

Hein?! Tens boca então fale,
Mulher, explica, não te cales!

ROSÁRIO

Essa quantia é a compensação
Atenas, nova vila, é o que embasa
Esta minha solitária decisão
O ressarcimento, a indenização
É pouco dinheiro, Pedro, eu bem sei,
Mas é a maior soma que já segurei...
Agora teremos casa como diz a propaganda
Não viverei mais pendurada,
Terei terraço e varanda.

PEDRO

Ingênuas ...

ROSÁRIO

E se da quantia te espantas
Ainda tem o comércio
A quitanda!

PEDRO

Não é coisa alguma. Lá ainda nada tem de construído
Se algo está erguido, ainda assim, nada tem perto
Vende barato, sem nada ter usufruído!
Eu, mais esperto,
Teria bem mais conseguido ...

Vamos para o meio de uma terra vazia sem ninguém
Desconectada de tudo, sem ônibus, sem vintém
Cinquenta mil, no mínimo 242latéia242a, era esse o preço
Mas tu, afobada, nos move a esmo pra ermo endereço
Desgraçada! Desgraçada! Desgraçada!

Todos para fora, procurem outra bancada!
Hoje essa quitanda estará fechada
Entregou-se à confiança e perdeu sua balança.
(Pedro se prepara para sair).

ROSÁRIO

Vais para onde, Pedro?

PEDRO

Vou desfazer, “Desassinar”, “Desrubricar”,
Sei lá, eu vou tratar de te desdizer!
E não volto até cancelar acordo com empresário
Vou desfazer teu erro, maldita Rosário!
(Rosário volta a trabalhar no couro do boi).

ROSÁRIO *(Volta a fazer o bordado. Tempo).*

Prometi há muitos anos

Pela saúde de um filho
 Que enfeitaria estes panos
 Com o brilho dos canutilhos
 E seguiria em cortejo
 Cantando seus estribilhos...
 Mas essa crença já não visita meus ais...
 Deixei de vero que 243latos brincantes...
 Não retornaria jamais às horas d'antes
 À perder instantes em afazeres banais...
 Quando nova ainda me encontrava,
 Vi-me encantada por aquele boiante,
 Que logo de filho me botou gestante.
 Mas o homem infeliz, a quem amava,
 Partiu e foi viver em vida errante! ...
 Deixada em condição humilhante
 Prenhe e perdida eu minguaava ...

Naquele contrato, meu tempo vai embora
 A correr em turvas águas passadas
 Minha vida, esgotada, mal tange o agora
 É tempo naufragado em poça de mágoas... (*Apronta o boi*).
 Agora está feito! A dívida está saldada!
 Amanhã mesmo me mudo!
 Não moro mais em ruas naufragadas!
 Em assinatura hei de enterrar tudo.
 Curvei-me ao contrato, termo e papelada
 Nova Atenas: a minha nova morada!
Ouve um barulho
 Quem está aí? (*Tempo*).
 Quem aí está? (*Tempo. Arma-se com a tesoura*).
 Aparece ladrão imundo e mostrarei com quantos rasgos haverás de voltar. (*Entra o Body assustado e maltrapilho*).

ROSÁRIO

Mateus, filho ingrato, menino ardil
 Empáfia como essa ainda não se viu!
 Aparece aqui de cara lavada, infame,
 Só pra me matar de raiva, de susto
 De angústia, vergonha, e a que custo
 Me aparece agora sem que eu chame?

BODY

Mãe...

ROSÁRIO(*Tranca as portas e janelas*).

Quem é tua mãe? É essa aqui em tua frente?!
 Cala-te! Nem mais um pio, cria insolente!
 Não quero mais o bafo de tuas desculpas
 É com os perdões que eu te concedo
 É com meus perdões que tu, filho, me sepultas
 Não quero ouvir tuas conversas – vão enredo

Não mais te concedo... (Interrompe). Mateus tu me escutas?

BODY

Sim...

ROSÁRIO

Por acaso tu me escutas?

BODY

Sim...

ROSÁRIO

Não, não escuta: pois não mudas de conduta, não muda!
 Filho, o que te move na contramão da vida? O quê?
 Por que diabos fazes com que eu me arraste e me acabe
 E me desmorne costurando, além das roupas, essa ferida
 Essa ferida que a toda hora tu vens e abres... vens e abres sem dó?!...
 Até aqui tenho te defendido, a estender-te as mãos
 A te esconder debaixo de minhas asas, mas em vão
 Pois tu, tu não reconheces... Quanto mais eu faço,
 Quanto mais eu me desfaço, mais tu me esqueces,
 E te cercas de outras conversas, de todo tipo de gente,
 De pessoas que sequer têm por ti o devido apreço
 Não me ouve e está aí, te procuram, te caçam, eis o preço

BODY

Mãe...

ROSÁRIO

Cala-te que ainda não terminei...
 E eu acho que nunca vou terminar
 Talvez por que nunca comecei...
 Talvez porque nunca parei de te ninar...
 Foste minha esperança, meu maior desejo
 Mesmo que outros fossem contra meu ensejo
 Enchendo-me de medos, receios e “poréns”,
 Até os curandeiros diziam que nada ia bem.
 Muitos riscos cercavam minha frágil prenhez,
 Eu quase te perdi, por um triz, no primeiro mês
 E em todos os meses, e no despontar do oitavo
 Tu rebentaste para vida e, do teu choro, o laivo
 Cobriu meus olhos de tenra alegria...

BODY

Sempre essa história...

ROSÁRIO.

Mas logo depois, com passar dos dias
 Esse choro se estendia. Dor, febre, sofrimento
 Gradativamente minavas, em chaga desconhecida,
 E tu choravas, choravas, rouco, em desalento...

O hálito da morte te roubava os ares da vida...
 E na rua ainda deram esse apelido maldito
 Pelo qual ninguém mais tem respeito...
 Não é de se admirar que depois do acontecido
 Do milagre que é estares aí, homem feito
 Não retirem da rua este infeliz apelido...
 Agora me diz: depois de tudo, do sacrifício, da doença
 Dos dedos calejados, de anos inteiros a sangue bordados
 Queres enlamear o desejo e o trabalho que fora consumado?
 Te mandei pra casa da minha irmã pra te livrar.
 Te livrar dessa vila, pra te livrar de ti mesmo,
 Sim, de ti mesmo, pois é o mesmo que daqui partiu
 Que eu vejo na minha frente agora voltar
 Matei-me por tua ausência, ingênua acreditando,
 Que seria isso o melhor pra ti... *(Pausa)*. Eu me matando
 Pra te dar vida nova... Para melhor te servir...
 Mateus, quantas vezes serei obrigada a te parir? ...
 Eu te disse: esta é tua casa nova, é onde vais ficar
 Quando eu der a ordem tu voltas, mas só quando eu mandar
 E tu tinhas de regressar logo a essa vila, para este lugar
 Onde todos te maldizem desde o nascimento
 Onde hostilizam e te acusam sem cabimento
 E sabem o que murmuram, sabe? Que és o ladrão da festa.
 Agora me diz, mesmo que a resposta me seja adversa
 Tem razão, tem fundamento, essa conversa, Mateus?
 Diz a verdade, sem meia volta, sem aresta
 És tu, Mateus, o ladrão da festa? És o tão procurado ladrão?
 Diz, sem demora, responde: é sim ou é não?

BODY

É não, senhora, é não... É perseguição!

ROSÁRIO

Sem mentira, Mateus! Apenas diga, sem demora
 Sopra, confessa, deságua a palavra boca afora
 Com mesmo ímpeto com o qual te tacavas na rua
 Diz pra mim a verdade, somente a verdade, nua e crua
 Grite-as, nem que teus ditos me rasguem a carnadura
 Quero a verdade, apenas a verdade, por mais que seja dura
 Me olha nos olhos, Mateus, bem no fundo, e diz agora: sim ou não?

BODY

Por tudo que é sagrado, é “não” senhora!

ROSÁRIO

Não aceito que me enganes, não depois de tudo...
 De tudo que aprontavas e eu fingia que não via
 Diante de todas as evidências, eu não mais me iludo
 E agora pago pelos teus erros, pago eu tua regalia
 Pode uma coisa dessas?! Pode tamanho absurdo?

Fala Mateus, diz logo, confessa, não te faz de surdo!

BODY

Já disse, senhora, desta culpa não carrego o fardo

ROSÁRIO

E como te viram, vai diz rápido, eu te aguardo...

BODY

Presenciei o ato...

ROSÁRIO

Ai, Deus meu! Agora foi confessado...

Vergonha dos filhos e filhas de bem

Desejo mal visto, desejo avisado

Punhal trespassado no peito de quem

Conformou-se em ter os olhos vedados

BODY

Mãe, escute o que digo, ouça meu relato

ROSÁRIO

Quanto mais eu te dou ouvidos, mais surda eu fico

Era verdade o que diziam as Mutucas em mexerico...

BODY

Disse ter presenciado o ato, mas não participado

A senhora me escuta agora? Eu vi, apenas isso

Não sou bandido, sou testemunha do caso

ROSÁRIO

E o que fazias lá, por acaso?

Por que não tomou rumo de casa?

Por que está no lugar e no tempo errado?

Será isso coincidência ou será desgraça?

BODY

Eu só via... Juro que só via...

ROSÁRIO

Ver, ver, ver ...

Até aqui só vejo o que não quero.

E meus olhos se turvam em pranto

BODY

Sei bem que não sou santo.

No entanto, o tempo passado fora,

Longe e n'outro convívio

Fez-me pensar em meus ínvios

E me trouxera a esta hora

ROSÁRIO

Maldita hora em que o céu desaba sobre nós
Tudo por que Mateus, teimoso, não segue minha voz
E volta, estorvo que é, contra minha vontade
Regressa, o menino, anunciando a tempestade

BODY

Voltei contra teu desejo, mas fiz sem maldade
Alinhei-me, segui passo a passo, teus ditos
Caminhei conforme ditavam teus ritos
Pensei em te dar orgulho apenas uma vez
E fazer algo que te enchesse de orgulho
Por isso, olha, trouxe esse embrulho
Aqui, bata, côfo e careta, pra sair enfeitado
Teu Mateus, de Cazumba, estaria disfarçado!

ROSÁRIO

Mateus... Não é precis....

BODY

Eu sei! Eu sei! A promessa é sua, mãe
Mas só queria demonstrar minha gratidão
Pousar minha cabeça no chão,
Ao pé do mourão, em frente ao altar,
Sem ninguém desconfiar...
Mas quando estava prestes a chegar
Ainda de madrugada, numa canoa
Vi um bando com uma carga na proa
Desconfiei e fui ver do que se tratava
Ancorei e fui ver o que se passava
Despachei quem me fez a empreitada
E antes que chegasse, a rua alvoraçada
Procurava o ladrão e o objeto roubado
Me vi acuado, na hora e no lugar errado
Se me encontrassem, seria eu o acusado
Ouvi os buchichos e a os passos da caçada
Era o meu nome a besta a ser encontrada
Me encolhi, no mangue me camuflei
Maldita hora foi essa em que cheguei!
Maldito retorno...

ROSÁRIO

Sabe Deus, o quanto por isto esperei!
Se for verdade, provaremos sua inocência
Desmentindo toda a maledicência
Desfazendo todo e qualquer boato
Agora diz, quem foi o autor do ato?

BODY

Melhor deixar pra lá

ROSÁRIO

Responde Mateus...

MATEUS

É melhor não falar...

ROSÁRIO

Pelo amor de Deus, não vês onde está metido?

Que é a ti que procuram feito um animal?

E que não fizeste parte do fato ocorrido?

MATEUS

Essa reação é natural e vasta

Repito, sou inocente e isso me basta

O resto do dia ficarei aqui escondido

Quando a noite cair, saio fugido

ROSÁRIO

Não! Não ficarás tresmalhado por crime não cometido!

Apontarás para todos o nome do vil bandido!

BODY

Senhora...

Tem coisas que

Quanto mais remexemos piora!

Não poderei entregar o nome do ladrão

Cada mundo tem sua lei

E nesse, isso não tem perdão

ROSÁRIO

Eu bem sei, bem sei.

Mas aqui em casa não impera a lei da rua

Vais dizer, queira ou não queira, pra tua

Mãe por bem ou por mal

Hão de apagar tudo aquilo que insinuam

E hão de dar um jeito. Hão de limpar tua moral

BODY

Foi gente de dentro. Foi gente de perto.

ROSÁRIO

Bem tu sabes o nome, por certo.

BODY

Foi Pezão!

ROSÁRIO

Como?

BODY

Pezão.
 Aquele que já foi Lucas
 Filho de Dona Lúcia, mutuca
 Ajudado por Pinote e Garrote
 Que o deram fuga no bote

ROSÁRIO

Insulto! Ultraje! Baixeza!
 Pirraça! Despeito! Desonra!
 Opróbrio! Vileza! Torpeza!
 Infâmia! Ofensa! Afronta!

BODY

Acalma-te, se não chamarás atenção...

ROSÁRIO

Chamarei!
 Mas não com estes gritos de fúria e sim pelos fatos.
 Pagar-me-ão cada injúria, esse covil de ratos. (*Rasga o couro do boi*)
 Aqui eu rasgo o contrato
 Já que não posso rasgá-los um a um,
 Peçaço a peçaço
 Já que não posso rasgá-los
 Transfiro a este bordado!
 Vós, Mutucas, ataçaram o cão com vara curta!
 Não vai ter festa! Não vai ter festa!
 Sem o boi não tem Promessa! (*Pausa*)
 Mateus, olhe nos olhos meus e atende o meu apelo:
 Ninguém vai te pôr a mão pelos crimes de terceiros.
 Ninguém mais haverá de te apontar os dedos.
 Agora que percebestes teus descaminhos
 Partiremos ainda hoje pro nosso novo destino.
 Iremos eu e tu apenas
 Iremos pra Nova Atenas.
 Por tudo que é mais sagrado
 Prometes ficar trancado?
 Prometes ficar calado,
 Quietos, fingir-se de mortos,
 Enquanto vou lá no porto
 Encontrar forma segura de nos transportar?
 Atenas: já me cobrastes com juro
 E juro que hás de me pagar!
 E para ter garantias de que tu possas me ouvir
 Vou mas eu levo a chave, pra que não tentes sair! (*Sai*).

BODY – (*Recolhe os destroços e tenta colocar no boi*).

Tivesse eu te ouvido
 Não estaria com medo
 Medo por mim, por ti
 Pelo povo do brinquedo

Tivesse eu aprendido
 A arte do teu bordado
 Recoseria e faria
 Entregar o combinado.
 Aquilo que não nos pertence
 Não deve ser maculado!
 Mas como tanto me falta
 Talento e aprendizado
 Resta-me “desouvir”
 O que me fora implorado.
 Vou correr contra o tempo
 Que já parece findado,
 Voltar à casa da tia
 Que entende do traçado,
 E, antes que anoiteça,
 Voltarei com a cabeça,
 Saia e lombo enfeitado.

PEDRO *(Aparece embriagado e observando por entre as tábuas da parede).*

Se o bom filho à casa torna
 O mau, sempre há de revir
 Ainda mais se se transtorna
 Por não ter 2501'onde fugir
 Mesmo com medo é “malino”
 Desde menino é caprino
 Que de bulir vai balir!

BODY

Pedro!
 Ela rasgou o bordado, preciso que me acuda!
 Abra e eu levarei aos cuidados de quem costura!

PEDRO

Não convidei pra entrar
 Não facilito a saída
 Mentiroso, ardiloso,
 De socapa destruída
 Veio tentar me roubar
 E ainda quer me enganar
 Como fez em toda vida!

BODY

Pedro, me escute, me odeias mas é verdade!

PEDRO

Body, eu bem sei:
 Te odeio porque és maldade!
 Tu enganando de um lado,
 Ela enganando de outro
 No meio da balança: eu, o tolo
 Doente e de idade!
 Tem coisa que não tem como desfazer

Rosário faz o que bem lhe entender
 Este contrato não pode ser revogado
 Tanto que fiz pra hoje ser enganado
 A minha venda foi vendida e minha alma foi partida!
 Tu e tua mãe são a mentira
 Agora, Body, te vira! (*Luz apaga*).
 (*Clima festivo e com batucada. Celebração. Mascarado serve pão e vinho à 251latéia*).

CHICO

Hoje do boi é a festa!
 Nada impede nossa brincadeira.
 Três dias de uma promessa
 Que envolve a vila inteira!
 E, graças ao vosso agrado
 Compramos novo repasto
 Pão e vinho “de primeira”!

Primeiro ele é batizado
 E pela sua formosura
 Não recebe os santos óleos
 Porque não é criatura
 Seu bordado é revelado
 Pelos santos liberado
 Para brincar com fartura!

Segue-se para o terreiro
 Num cortejo reluzente
 Dança bonito e ligeiro
 Para um batalhão contente
 Bumba em sua batucada
 Dia, noite, madrugada
 Fogo, fé, e aguardente!

Eis que chega a despedida
 Com os seus raios glamorosos
 À luz do terceiro dia
 Os olhares são saudosos
 A lágrima se derrama
 São os dias mais pomposos
 São dias em grande flama!
 Logo será erguido o mourão
 Nele o mimoso será amarrado
 O animal temente à execução,
 Correndo foge desesperado
 Dá-se início à perseguição
 Raiado o dia será encontrado
 Ciente que a morte rescende
 A fera ao destino se rende
 Cansada de tanto combate
 Entrega-se a besta ao abate
 Perfurada lhe é a garganta

Seu olhar já não se espanta
 Em ver seu sangue bebido
 Em copo de vinho ungido
 Alma imantada em cachaça
 Carne, couro e carcaça;
 Viram banquete bem farto
 Em cada parte há um parto
 Que se despede em toada!

Vida inteira ao boi doada!
 Viva a todos os Santos, viva!
 Abençoem a data festiva! Viva!
 Eis o final dessa estrada! Viva!

PEDRO (*Ainda mais embriagado*).

Vivam todos os santos
 Que estão tão distraídos em algum canto do céu
 Que na terra não protegem o seu dossel!

CHICO

Não venha fazer chacota com o que o povo acredita!
 Por lá está tudo pronto? Veio trazer a notícia?

PEDRO

Venho dizer a vós
 Que se não tiverem pressa
 Hão de ficar de fato
 Sem pagar essa promessa
 O boi que querem enfeitado
 Acaba de ser levado
 Pra ser vendido depressa

CHICO

Controle tua cachaça, deixe de brincadeira!

PEDRO

É verdade, verdadeira. E o autor foi criado sob a minha cumeeira.

CHICO

Tragédia! Desgraça!
 Parem com esta festa
 Pois é hora da caçada!
 Os céus hão de nos ouvir e trancar as águas do mar
 E ele não vai fugir antes de nos pagar!
 Não vamos deixar um furo
 Iremos revirar tudo
 Cada buraco, cada brecha
 Cada barraco, cada pecha
 Dizei-nos pra onde fora, então....

PEDRO

Seguiu aquela direção.

CHICO

Índios e índias guerreiras,
 Cazumbas, peneiros, vaqueiros,
 Rajados, palhaços, Mioslos
 E as Mutucas do terreiro
 Todos atrás deste pilha
 Vamos varrer esta ilha. *(Saem).*

(A cena acontece em espaço intermediário entre a cena anterior e a rua. Vê-se um círculo no qual estão dispostos 12 garrações de vinho usados, ao chão, como luminárias. Dentro dele o Body cercado por dois vaqueiros que portam varas de ferrão. Eles dançam uma caçada e uma fuga).

VAQUEIRO I

Não devias ter voltado.

VAQUEIRO II

Não devias ter nascido.

VAQUEIRO I

Não devias ter roubado

Um novilho protegido

VAQUEIRO II

Agora estás cercado

E já ficou comprovado

VAQUEIROS I e II

O quanto que és bandido.

BODY

Restam-lhes as provas!

VAQUEIRO I

Trazias as provas nas mãos...

VAQUEIRO II

E basta, agora, a nossa convicção!

BODY

Isso não é justiça: é covardia
 São muitos contra um
 E esse “um” desarmado

VAQUEIRO I

Aqui somos todos um
 E és tu um desalmado

VAQUEIRO II

Do corpo és o tumor
Que deve ser extirpado

VAQUEIROS I e II

Metestes a mão num ser indefeso
O frágil mimoso desfeito e despido
Os santos nos pedem que pagues o preço
Seremos a mão a assinar teu juízo

O corpo do boi maculado
Os santos não querem aceitar
Teu corpo será ofertado
Para que se possa acalmar
E ao conter a fúria do alto
Abranda-se a fúria de cá.

BODY

Não são pessoas de fé? Clamo pela brandura da sentença!

VAQUEIROS I e II

Mas sendo tu como é, de nós não terá clemência.*(Música)*.

BODY

Os olhos dos curiosos não servem para ajudar.

VAQUEIROS

Quem tentar te defender vai parar no teu lugar.

(À medida em que a música avança a luz cai em resistência até o blackout total. Vaqueiros e Body lutam em coreografia. Eles lançam pães-pedras. Rosário tenta juntar o corpo do filho representado por partes de manequim).

Música

Oi corre e pega, corre e pega, empurra
Xinga, esculacha derruba
Esmurra e arrasta no chão

Oi corre e pega, que a minha mão cansada
O melhor é quebrar na paulada
Vizinho me traz o facão.

Oi corre e pega, as mãos já se estendem nas pedras,
Se encolhe o corpo que berra,
Que urra e começa a sangrar

Oi corre e pega, e põe no mourão amarrado
E deixa o joelho quebrado

Pra não pensar em levantar

Oi corre e pega, que o corpo do bicho cansado
Agora vai ser retalhado
Pra nunca se recuperar

Oi corre e pega, que já vem chegando a polícia
Mas como pra ela é justiça
Partiu e nem quis comentar

Oi corre e pega, e cada um traz o seu prato
Vai ser um banquete bem farto
Na frente do santo e do altar

Oi corre e pega, as mãos que consumaram o fato
Se escodem no anonimato
Que a multidão pode dar

Oi corre e pega, do crime que agora foi feito
Não terá nunca um suspeito
Ninguém vai ousar apontar

Oi corre e pega, agora a justiça foi feita
A vida será mais perfeita
Podemos voltar a brincar!
(Luz sobe em resistência. Vemos Rosário abraçada aos pedaços do filho).

ROSÁRIO

Não foi ele! Ele não foi!
Que te fizeram menino?
Que que eu te fiz sem querer?
As mãos que te macularam buscam sossego nas sombras...
A multidão é o refúgio dos amedrontados!
São João! Tu que também fostes decapitado e servido num prato
Não podia ter lançado esta dor sobre essa mãe!
São Mateus! Se fostes mesmo em martírio repartido,
Poderia ter o meu filhote protegido.
Dei a ele o nome teu. Mateus, “presente de Deus”,
Meu maior presente, o mais desejado.
Teve o seu embrulho rasgado, amassado, cuspidos, imolado.
Agora jaz no chão apartado
Corpo e alma separados
Sem espaço geográfico no mundo real
Sem direito a encontrar-se no plano espiritual
Serás pra sempre um apenado
E não será justificado
Pois crime de multidão
Oculta os seus culpados

Meu filho, não posso continuar em frente

Doem-me os pés. Dor me pesa aos ombros
 Teu corpo grande, pesado, ainda fremente
 Esfacelado, desajuntado, é escombro...
 E eu... Eu não mais posso te carregar...
 Mas permaneço ao teu lado, aqui fico...
 Não era intenção, juro, assim te deixar...
 Foi culpa minha! Foi culpa minha!
 Desculpe! Por que praga aos céus eu fui rogar?
 Por quê? ... Por que nesse chão cuspi, por que não te vi,
 Meu filho, por que não vi o couro tu pegar?
 Ah, se tal qual costura, eu bem pudesse...
 Desfazer linha que pro curso da rua desce
 Teria te proibido de seguir inevitável trajeto
 Teria costurado o tempo em um curso correto
 Mas agora eu ... Eu sou ele: morta, bem ao meio
 Partida; e cheia de dor no peito.
 Ah, coração de mãe, comprimido, esmagado
 Ah, meu filho, dói, pela dor, ver-te crucificado!
 E se castigo merecesse, era em mim esse dardo ...
 Por que deixastes, meu Pai? Me perdoa meu Santo padrinho...
 E deixa que eu enterre meu Mateus, meu menininho...
 Pedaco por pedacinho...
 Sabes que não deixarei jamais meu filho amado
 Nem que o fogo me consuma em seu brado
 Pele, carne e osso, a queimar em enorme clarão
 Ficarei aqui... Não me mexo, presa estou ao chão
 Fico ao seu lado, até torna-me pó, até pó eu virar
 E sendo terra, novamente terra, sem mais aflição
 Talvez possa meu filho, meu único filho, novamente gestar

Meus olhos, que agora se abrem
 Enxergam as mais terríveis cenas
 Que me sufocam os desejos
 Perante as forças supremas
 Quer sejam elas celestes
 Quer sejam elas terrenas.

CORIFEU

Atenção, minha assistência
 Por mais essa interferência.
 Vós que foram testemunhas de tanto acontecimento
 Não pensem que aqui se finda e esgota o sofrimento
 Não pensem que só Rosário ou o Body cumpriram penas
 Os santos, enfurecidos, castigaram toda Atenas
(Conduz a 256latéia até a rua).

Venham que ainda dá para ver
 Venham enquanto tem para arder
 Venha e se exponha na rua
 Que o mundo espera resposta tua

Os moradores de Atenas
Logo após a execução
Puseram o boi nas costas
E saíram em batalhão
Como se fosse um álibi
Uma alegação

Ninguém Sabe, ninguém viu
Continuaram com a festa
Mas céus e encantarias
Se recusaram desta
Deram sua sentença
Como se fora funesta

Tudo que sobe desce
É o que diz o ditado
Tudo que vai, volta
É como se conhece
Não há mal que sempre dure
É o que diz o adágio
Mas em Atenas não é o que acontece!

Seres de barro e água
Seres envoltos em lama
Sofreram os sopros de mágoas
Baforados pela chama
Sem que ninguém desse conta
De conter aquele drama.

O mar, ainda recolhido
Não pode conter o fogo
Fogo maldito, castigo,
Acesa fogueira,
De tábua em tábua,
De casa em casa
A vila inteira.

Há quem aponte Pezão
E os outros santos bandidos
Como sendo os responsáveis
Pelo crime cometido
Há quem aponte as Empreiteiras
Como estratégia primeira
Pra ver o povo fugido
Mas a história mais aceita
Pra tudo que aconteceu
Diz que um foguete foi aceso
Subiu e logo desceu
Subiu e desceu radiante
Como se fora empurrado

Devolvido, encomendado
O céu julgou o flagrante
E a chama se espalhou
Tornando-se uma fornalha
De tristeza flamejante

Atônita, a comunidade
Sem saber se era destino,
Acaso ou maldade,
Ardia-se e consumia-se
Em sua humanidade.

Mas, de fato,
Só um ato não se refuta:
Que só restam essas Mutucas
A rastejar pelo mundo
Sobre um corpo moribundo
A lamentar suas culpas.
(*Cantam enquanto partem pelas ruas*).

Dois pesos e duas medidas
Assim tem sido a justiça
Da terra e do céu
E a coisa ainda se complica
Pois só gente desvalida
Senta no banco dos réus
Quem sempre foi um cidadão de bem
Veja bem a sua capacidade
Quem sempre foi uma cidadã de bem
Na linha entre a razão e a crueldade
Não sei qual “deus” lhe deu esse direito
E fez da Atenas ruína da nossa humanidade

Fim

GAROTO PROPAGANDA

Igor Nascimento

ano???

JÂNIO (*Janinho Baby*). Garoto propaganda da Fibrás.

GARCÊS – Assessor de Marketing da Fibrás e mordomo de Jânio.

GENILSON (*Gegê*). Candidato a Garoto Propaganda.

(1)

SUORES

(Apartamento de Jânio. Sala. Jânio e Garcês estão na sala. Na parede várias fotos de Jânio como modelo. Fotos suas ora pensativo, ora sensual provocativo, ora rebelde sem causa. Ele é praticamente um mosaico de personalidades. Um kitsch humano. Jânio anda de lado para o outro do cômodo, apreensivo. Garcês - seu assessor e mordomo – observa, indiferente à agonia de Jânio).

JÂNIO –Garcês, não sei se você está sentindo, mas a temperatura da sala está desregulada.

GARCÊS – Não estou sentindo, Janinho.

JÂNIO – Minha pele está seca. E há momentos, alguns momentos, emque suo muito. A testa, a ponta do nariz, em cima da boca, aqui onde fica o bigode...

GARCÊS – Vou pedir para o pessoal da técnica revisar o sistema de ar-condicionado.

JÂNIO – Não, melhor não! Gente passando de um lado para o outro, não quero isso pra mim. Sabe o que penso? Que este suor tem fundo emocional. Tenho quase certeza – e veja os sinais! – que este suor é manifestação da minha cabeça!

GARCÊS – Nesse caso, estando tudo aí dentro, eu fico de mãos atadas...

JÂNIO – É como se aqui dentro estivesse quente e aí fora estivesse frio... Como acontece com os vidros dos carros quando embaçam... *(Pausa filosófica)*. Será que o vidro embaça quando o lado de fora fica quente e o de dentro fica frio ou é o contrário?...

GARCÊS – No caso dos carros basta ligar o ar-condicionado, direcioná-lo para o vidro, e rápido, como mágica, o vidro desembaça! Vou chamar o pessoal do ar cond...

JÂNIO – Quem sou eu, Garcês, quem sou eu: o ar quente, o ar frio, o vidro embaçado ou o ar-condicionado? *(Pausa reflexiva)*.

GARCÊS – Vou desligar o ar-condicionado!

JÂNIO – Está louco! Com esse calor enorme do lado de fora?! De jeito algum! O que acho... Quer dizer, tenho quase certeza de que estou somatizando algo... Esses suores são psicossomáticos... Li sobre isso outro dia... Sabes o que é?

GARCÊS – Creio, Janinho, que você está se alimentando mal. A alimentação é a base de tudo. Saco vazio não para em pé...

JÂNIO – É isso!

GARCÊS – Então!

JÂNIO – Eu estou de saco cheio! São essas cortinas coloridas, esses tapetes cheios de desenhos, mosaicos etc., essa sala com *spots*, luz, sombra, gesso – é muita informação!

GARCÊS – Tudo foi feito exatamente como você pediu...

JÂNIO – Então troque, ora! Troque por algo mais limpo, mais branco. Branco é paz. *Clean*, paz, tranquilidade. Quero tapetes brancos, cortinas brancas e os *spots*... Deixe os *spots*, eu gosto deles.

GARCÊS – Isso levará um tempo...

JÂNIO – Eu preciso de limpeza. Eu preciso clarear as ideias. Tudo aqui grita aos olhos. Não vê: tudo grita!

GARCÊS – Mais foi você que...

JÂNIO – Que “eu”? Qual “eu”? (*Apontando para os quadros com suas fotos*). Sou “eu” jogador de futebol da copa de 2016? Ou seria meu “eu”, papai Noel, feliz? Ou “eu” abraçado com essa família na hora do jantar? “Eu” sarado radical? “Eu” gordo carismático? Quem “eu” Garcês? Quem?

GARCÊS – Janinho, você é um modelo de várias caras. Seu dom é justamente a transformação...

JÂNIO – Não estou completo... E ao mesmo tempo, estou cheio... Inflado... Nada mais cabe... Nada mais entra...

GARCÊS – Veja o que você tem em relação aos demais! Lá fora tem um monte de gente se encurralando nos terminais, nas paradas de ônibus, nas filas das lotéricas... Você tem todo o conforto do mundo e tempo, inclusive, para ter eventuais crises existenciais. Mas isso passa!

JÂNIO (*Meio atordado*). –É muita pressão...

GARCÊS –Imagine gente indo de um lado para o outro, pra frente e para trás, para sobreviver mais um dia, para dar conta de uma rotina. Gente vivendo como animal, Janinho, e você... Você pode existir!

JÂNIO – Eu... Eu não sinto isso... Eu não sinto nada... Minha vida é um suor sem causa... (*Passando mal*). Garcês... Garcês, você está aí? ... Meus suores... De novo... Na testa... Olhe! Minha vista... Está tudo... Está tudo embaçando...
(*Jânio cai no chão se contorcendo*).

(2)

NOSSA EMPRESA

GARCÊS(*Para plateia*). –Nossa empresa, Fibrás, oferece o que há de melhor no mercado. Padrão de qualidade, sustentabilidade, personificação do produto e padronização do consumo: são nossos quatro pilares. O que queremos? Você com fibra para enfrentar os desafios quotidianos! Você feliz, com sua família, com tempo para estar com os seus e consigo. A vida plena, preenchida com satisfação e com o melhor que há em matéria de carne suína.

(3)

O PRIMEIRO GRITO

(*Jânio está estirado no chão. A sala está diferente. Um ambiente é mais clean, predominantemente branco. Jânio desperta devagar. Ele olha as mãos, os braços. Mexe-os, certificando-se de que as articulações realmente funcionam*).

JÂNIO – Foi... Foi um sonho... Era uma sessão de fotografia. Na minha frente, os equipamentos, as parafernalias, a equipe e Sansão, o fotógrafo. O tema... Não sei muito bem do tema, mas era um jantar. Tinha uma família comigo, um homem, uma mulher, uma criança de três ou quatro anos e outra de mais ou menos dez, já grandinha...
(*Jânio olha para a barriga, para as pernas, como se certificasse de que tudo está no lugar*).

JÂNIO – Eu sei que enquanto eles comiam eu pousava para foto, logo atrás, sorrindo. E... E de repente tudo começou a se... Não sei dizer muito bem... Depois do primeiro *flash* e daquele barulhinho da câmera, meu corpo começou a endurecer. Não conseguia mais mexer os braços, não conseguia mais desfazer o sorriso. Sequer os olhos... Tentava olhar para cima, para baixo, mas é como se tivesse sido prensado, pausado no tempo. Aí meus olhos começaram a secar. As pálpebras não desciam e começaram a arder como se estivesse em carne viva! E eu queria gritar... Queria gritar, mas estava... Estava congelado, achatado, prensado como se fosse feito de papel... Eu sentia o grito... Sentia-o vindo da barriga... Dessa região da barriga... O grito começava aqui, nas tripas. Mas não saía.

(Jânio tenta se levantar, mas não consegue).

JÂNIO (*Para fora, gritando*). –Garcês! Garcês! Garcês!

GARCÊS(*Fora de cena*). Um minuto...

JÂNIO (*Ainda tentando se levantar*).Garcês!!!

(*Garcês entra*).

GARCÊS(*Levantando Jânio do chão*). – Veja a sala, Janinho! Tudo está como você pediu! Parece tudo branco, aliás, tudo é branco;mas,se reparar bem, são várias nuances de branco. É tudo branco, mas tem certo relevo. A gente tentou colocar tudo uniforme, mas ficou parecido com aqueles fundos infinitos de estúdio, só que branco.

JÂNIO – Tenho horror a fundos infinitos... (*Consegue ficar em pé por conta própria*). É tudo uma farsa... É tudo uma lâmina de parede... Um quadrado de papel... Tem coisa mais finita que o fundo infinito?

GARCÊS – O que dá as várias tonalidades de branco são os spots.

JÂNIO – Viu como eu estava certo em não tirar os spots!

GARCÊS –Deu um toque sofisticado.

JÂNIO – Sim, sim...

(*Pausa lacônica*).

JÂNIO – E por que, Garcês, por que eu ainda não me sinto bem? Por que não me sinto mais leve?

GARCÊS –Porque não está comendo direito, Janinho! O corpo frágil pesa mais do que qualquer coisa!

JÂNIO – Talvez precise comer um pouco...

GARCÊS – Vou providenciar algumas carnes e...

JÂNIO – Eu me sinto preso dentro dessas fotos, Garcês...

GARCÊS – Algo que dê fibra e sustância...

JÂNIO – Eu me vi dentro delas... É como se tivesse na parte de dentro do papel.. Imagine você entre o verso da folha e a frente da folha. Pois é: era ali que eu estava! E sabe o que tem entre o verso da folha e a frente da folha.

GARCÊS – Não tenho a menor ideia...

JÂNIO – Entende o que é isso?

GARCÊS – Estou tentando assimilar...

JÂNIO – É outra folha! É como cortar uma peça de presunto, Garcês... Você corta em pequenas fatias, cada vez mais finas, mais finas, mais finas; no fim você só acha o presunto...

GARCÊS – Eu vou pegar algo para você comer...

JÂNIO – Sabe o que falta nessas fotos?

(Garcês faz menção de se retirar).

JÂNIO – A minha pessoa! Cancele a comida, Garcês! Estou sem fome! Preciso me retirar de dentro dessas fotos...

GARCÊS –Janinho, ali é você. Você estava lá. Sansão, a equipe, todo mundo. Você viveu isso!

JÂNIO – Você já viveu como uma foto Garcês? Você já se sentiu como uma foto sente... Você não sabe o que é ter olhos de papel, Garcês. Você não sabe...

GARCÊS –Janinho...

JÂNIO – Então você não sabe! Não sabe! *(Mais alto)*. Não sabe! *(Mais alto)*. Não saaaaaaabe! *(Jânio se engasga)*.

(4)

BRAINSTORMING

(Sala de Jantar).

(Garcês e Jânio).

(O Jantar está servido, mas Jânio não toca na comida. Jânio está em processo criativo para confecção de sua nova identidade).

[...]

JÂNIO – Mostrar para as pessoas meus gostos musicais. Uma seleção de música – o que vibra em mim. As músicas que marcaram minha infância, minha adolescência etc...

GARCÊS –Melhor, não, Janinho. A cidade é ensurdecadora. Imagine a quantidade de sons, vindo de toda sorte de lugar, de movimentos, de engrenagens. Uma miríade de barulho imensa que é comida por mais barulho...

JÂNIO – Podemos por a música alta, bem alta. A ponto de ela atravessar a pessoa...

GARCÊS – Como uma buzina de carro atropela quem a escuta, independente de estar longe ou perto...Desista... Coma, termine de comer...

JÂNIO – Serei DJ!

GARCÊS – O bom suficiente para atravessar toda essa surdez, Janinho? Coma, por favor...

JÂNIO – Vamos contratar mão de obra especializada. Deve ter algo nesse sentido...

GARCÊS – O que, então?

JÂNIO – Um DJ!

GARCÊS – Escute-se... Você está de estômago vazio...

JÂNIO – ... É...

GARCÊS – E então?

JÂNIO – Não é qualquer DJ que me entenderia. Os vultos de minha infância são repletos de ruídos... Berros... Não sei onde um se separa do outro...

GARCÊS (*Veemente, noutro tom*). – Vamos, pense em outra coisa! Pense!

(*Pausa reflexiva*).

JÂNIO – E se eu viesse para mundo para unificar os sons e não para espalhá-los?

GARCÊS – Olhe pela janela e veja as pessoas em seus pedaços de terra. Quer dizer, olhe bem...

JÂNIO – E se eu fosse, de repente, esse grito único, o que todo mundo quer ouvir?

GARCÊS – ... Não são pedaços de terra. São pedaços de nuvens. Cada apartamento está locado em um pedaço de ar. É tudo o que eles têm: uma bolha de ar.

JÂNIO – Se eu promettesse justamente tirá-los dali ou... ou...

GARCÊS – Como se tira alguém de dentro de uma bolha? Elas teriam de cair! De cair feio no chão e o chão é a área comum. É onde todo mundo pisa.

JÂNIO – Vou me candidatar!

GARCÊS – Quê?!

JÂNIO – Vou ser o líder das massas caídas!...

GARCÊS – Ninguém vai se jogar no chão, Jânio, ninguém... O que todo mundo quer é paz. E a paz é algo que está no céu.

JÂNIO – O que falta para o povo...

GARCÊS – Deixe de mão...

JÂNIO – Não posso...

GARCÊS – Esqueça esse negócio, coma!

(*Pausa digestiva*).

JÂNIO – É isso... Observe o tanto de carne que tem aqui em cima. De onde isso vem? Teria esse bife um pé, um braço? Teria esse pedaço de charque uma cabeça? É duro ser a parte de alguma coisa e apenas isso e mais nada... Deve ser horrível não sentir a dor da faca que nos atravessa. Por que se não dói aqui, dói onde?

GARCÊS – E o que você quer ser?

JÂNIO – A dor!

GARCÊS (*Se levantando*). – Pois que seja!

(5)

O INFINITO NÃO TEM FUNDO

(Jânio está estirado no chão. A sala está uniformemente branca e muito iluminada).

JÂNIO *(Para si)*. – Meus olhos...

JÂNIO *(Para fora)*. –Garcês!

JÂNIO *(Para si)*. – Nossa, está frio! Está frio como nunca. Será que... Será hora dos ensaios? Se for para isso não estou disposto!

JÂNIO *(Para fora)*. –Eu não estou disposto!

JÂNIO *(Para si)*. – Como é maçante uma sessão de fotos! Tem horas que me sinto cortado por tantos cliques. É como se cada foto tirasse um pedaço fino de mim, uma fatia do meu tempo... E esse frio? Será que lá fora... Há sol? Faz sol?

JÂNIO *(Para fora)*. –Garcês! Garcês! O sol! Traz o sol!

JÂNIO *(Para si)*. – Eu vou para fora!

(Jânio vai até a porta. A maçaneta é redonda. Suas mãos escorregam, mas não conseguem girá-la. Seus dedos não fazem garras. Suas mãos não produzem atrito. Jânio se cansa).

JÂNIO *(Para si)*. – Estou... Estou sem ar... É essa luz... Mesmo de olhos fechados ela continua, dentro do olho, espalhada no escuro da vista...

JÂNIO *(Para fora)*. – Desliguem a luz, por favor! Ou parem! Parem de olhar e façam alguma coisa!

(Uma saída pequena e estreita surge no fundo da cena. Em contraste com o branco da sala, essa saída parece um buraco).

(Jânio olha, mas não tem forças para se dirigir até lá).

JÂNIO *(Para si)*. –É tão... É tão infinito o ponto... Finalmente um lugar para olhar e dormir...

(6)

O CORTE

(Duas cenas paralelas)

1) Na sala branca, Jânio está, novamente, estirado no chão. Mas, dessa vez, ele está nu. A saída pequena, no fundo da cena, permanece aberta.

2) Na recepção, Garcês entrevista Genilson. Genilson é um rapazote, de mais ou menos, 18 anos, tudo estala aos seus olhos como se brilhasse pela primeira vez.

GARCÊS – Então, você é o...*(Como se olhasse um crachá)*. Ah, está aí, Genilson! Genilson, fique à vontade, viu! ...

GENILSON *(Grunhindo afirmativamente)*. –Oinc!

GARCÊS –Como você deve saber, nossa empresa é conhecida por quatro pilares: padrão de qualidade, sustentabilidade, personificação do produto e padronização do consumo.

GENILSON *(Grunhindo afirmativamente)* –Oinc!

(Jânio acorda com barulho de Garcês e Genilson).

JÂNIO –Garcês?

GARCÊS – O padrão de qualidade está na seleção, na limpeza dos nossos produtos e dos nossos funcionários. Na verdade um é a causa do outro. Se nossos produtos são limpos, nossos funcionários devem ser também. São coisas, Genilson, que os consumidores notam imediatamente...

GENILSON *(Grunhindo afirmativamente)*. –Oinc! Oinc!

GARCÊS – Preocupação com a natureza, com o meio ambiente: o nome disso é sustentabilidade. Nada é desperdiçado em nossa linha de produção. Sabe o que isso gera para cliente: confiança. Consumir o produto de uma empresa que olha para o futuro. Pra quê as pessoas precisam se ocupar com isso? Todo mundo é tão cheio de coisas pra fazer, não é? A única obrigação de nosso cliente é ser feliz.

JÂNIO –Garcês! Garcês!

(Jânio anda no perímetro da sala tentando descobrir de onde vem o barulho).

GARCÊS – A personificação do produto é no que mais investimos. O abate, aqui, é humanizado. Morrer sem sofrer, eu diria até: morrer por prazer. São as máquinas que fazem todo o serviço com o mínimo de contato do homem com o animal. Na verdade, o animal recebe uma carga de gás que o deixa bem relaxado e a morte vem como um clique.

GENILSON *(Grunhindo, admirado)*. – Oinc!

(Jânio se posiciona no centro da sala).

JÂNIO –Garcês! Eu volto! Eu quero trabalhar... Veja! *(Faz poses pra foto)*.Eu ainda tenho o jeito... *(Não consegue sustentar uma pose, desequilibra-se)*. Espere só um pouco... *(Como muito esforço matem uma pose)*.Garcês, eu ainda sei ficar dentro de um flash! Vamos, tira! Tira um pedaço. Tire um pedaço desses que não dói!*(Para plateia)* Oi! Eu sou o Janinho Baby, o garoto Fibrás...
(Jânio cai no chão).

GARCÊS – Padronização do consumo: cada cliente terá direito a mesma textura, ao mesmo sabor, ao mesmo corte. Entende onde você entra? Você é a certeza de um padrão único! É como se você fosse uma unidade de medida, como o metro, o litro, o quilo... É de você que parte essa referência...

GENILSON – Mas...

GARCÊS – Viu como já me entendes? E é isso que separa você dos demais!

JÂNIO –Garc... Gar... Ga... Ga...

(Jânio tenta se levantar, mas não consegue. De quatro, ele começa a rodar o perímetro da sala procurando pela voz de Garcês).

GENILSON - Eu... Eu...

GARCÊS – Venha cá! Venha cá!

(Garcês aponta em direção à sala onde Jânio se encontra).

GARCÊS – Olhe, olhe bem para aquela luz branca... Para além daquilo há um mundo de coisas que podemos oferecer... Tudo novo... Tudo sob medida... E você, Gegê... Posso te chamar assim, Gegê?...

GEGÊ – Pode...

JÂNIO – Ga... Ga... Ga... Ga...

(Jânio não consegue pronunciar o resto da palavra).

JÂNIO *(Grunhindo desesperadamente)*. –Oinc!!! Oinc!!!

(Jânio começa a correr em círculos, a saída pequena, no fundo da cena permanece aberta).

GEGÊ – E esse som?

GARCÊS – Esqueça esse som e imagine você nos *outdoors*, na rua, imagine isso nessa tela branca...

GEGÊ – Sim... Imagino...

GARCÊS – Isso pode ser real... Você quer?

GEGÊ – Eu quero!

(Gegê olha fixamente para as luzes brancas).

(Jânio, desesperado, corre em círculos, se debatendo contra as paredes. Ele tenta falar, mas:).

JÂNIO *(Pedindo socorro)*. –Oinc!!!

(Se debatendo contra as paredes, Jânio, atordoado, acaba entrando na pequena saída aberta no fundo da cena).

(Uma vez lá dentro, seus gritos suínos acabam subitamente).

(7)

A SALA BRANCA

(Gegê entra na sala onde Jânio estava. A saída ainda está aberta).

GEGÊ –Garcês! Garcês!...

(Garcês entra prontamente).

GARCÊS – Pois não!

GEGÊ – Isso aqui... Eu estou achando, não sei, que isso aqui está branco demais!

GARCÊS – Pode deixar, vamos trocar tudo!

(Blackout)

Fim

SOBRE OS AUTORES

MARIANA LUZ (1871)

Nasceu em Itapecuru Mirim, em 10 de dezembro de 1871 e faleceu em 14 de setembro de 1960. Segundo pesquisa de Jucey Santana, o primeiro teatro de Itapecuru Mirim que se tem notícia, foi inaugurado em 21 de junho de 1870.

Mariana Luz ocupou um lugar de destaque no cenário do teatro. Em 1894 ela escreveu “Incêndio”, declamando no Teatro Phoenix, em Caxias, em benefício às vítimas de um terrível incêndio em Codó, ocorrido em 19 de setembro, que destruiu inúmeras casas.(Diário do maranhão, 30.09.1894).

No início do século XX, Mariana Luz notabilizou-se como exímia teatróloga. Suas peças passaram a ser solicitadas por companhias teatrais. Ela montou um grupo teatral que se apresenta em Itapecuru e outras cidades, com músicas, monólogos e muitas comédias, que eram suas favoritas, criticando a atuação da mulher na sociedade, ou a medíocre atuação dos políticos. No dia 31 de junho de 1933, Mariana Luz inaugurou seu próprio teatro com o nome de Santo Antônio, onde encenava peças que traduziam costumes, humor e formação moral de gente campesina, citando algumas: A casa do tio Pedro, Quem tudo quer tudo perde, A herança de Benvinda, Casada desabusada, e Por causa do ouro. Ela participava de todas as etapas de encenação; produzia, dirigia, atuava e dançava. Uma das suas produções mais famosas, “Eu também sou eleitora”, era uma peça cômica, que satirizava a condição da mulher na sociedade, uma vez que só a partir de 1932, adquiriu direito de votar e ser votada. Em 1934 o crítico teatral Luís de Sevilha, faz uma análise do seu perfil, mostrando seu conhecimento na “carpintaria” teatral, sobre a peça “ Miss Semana” que mostrava a mediocridade e trivialismo das moçoilas fúteis, que só pensava em ser “miss” e “miss” daquilo.

JAMIL JORGE (1916)

Jamil Jorge nasceu em São Luís em 1916 e faleceu nesta cidade em 2002. Participou da Associação Maranhense De Artistas Intelectuais (AMAI), fundada por Norberto Fonseca, onde tornou-se secretário, e posteriormente, presidente até o fim de seus dias. Estreou no Teatro Arthur Azevedo em 1924, como ator sob a direção de José Silva na peça Por Causa de um Camafeu de Arthur Azevedo. Escreveu para o Teatro:

Contra o 5º Mandamento; O Coveiro ou o Erro da Integridade; A Prostituta Regenerada; Como se Fabricava um Senador; Um Deputado em Três Dimensões; Feliz Natal Boneca; Eleição Bossa Velha; Cabra Macho; Salomé; Uma Eleição no Inferno; Bebê de Mamadeira; Assalto Malogrado; O Leão e a Bruxa; Cadela Humana; Adão e Eva.

FERNANDO MOREIRA (1930)

FERNANDO OTÁVIO MOREIRA DA CRUZ, ou apenas Fernando Moreira, como ele preferia ser chamado, nasceu em São Luís do Maranhão, em 25 de setembro de 1930 e faleceu em 27 de julho de 1994, no Rio de Janeiro, sendo sepultado em São Luís.

Graduou-se na FACULDADE DE FILOSOFIA DE SÃO LUÍS, atual UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, no curso de Letras, tornando-se algum tempo depois professor deste mesmo curso tendo ocupado todos os cargos inerentes à sua profissão, inclusive chefe do Departamento de Letras durante muitos anos, chegando a ocupar, na Reitoria, durante alguns meses, o cargo de Reitor em substituição ao Cônego José de Ribamar Carvalho,

Publicou vários livros de contos, teatro, ensaios didáticos e escrevia ensaios literários para a Casa Thomas Jefferson Journal, roteiros para televisão, e pertencia à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), Entre suas obras podemos destacar:

Reunião em família – teatro; Tresloucada Mariposa Ateu fogos às Vestes – teatro; Aspectos da Dramaturgia Brasileira Contemporânea – ensaios didáticos.

UBIRATAN PEREIRA TEIXEIRA (1931)

(São Luís, 14 de outubro de 1931 – 15 de junho de 2014), foi um jornalista e escritor brasileiro. Ocupava a cadeira nº 36 da Academia Maranhense de Letras desde 1978. Publicou ao todo 14 livros, dentre eles, *"Pequeno dicionário de*

teatro" e *"Labirinto"*. Também foi cronista semanal do jornal O Estado do Maranhão. Morreu em 15 de junho de 2014, em decorrência de um câncer de estômago.

ALDO LEITE (1941)

Aldo de Jesus Muniz Leite, nasceu em Penalva, Maranhão, em 23 de agosto de 1941. Graduiu-se em Teatro pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (ECA/USP) em 1976; na mesma instituição obtém o grau de Mestre em Teatro, no ano de 1989.

Sua vasta experiência teatral como ator, diretor e autor de numerosas peças teatrais o qualifica como uma das maiores expressões do fazer teatral no Maranhão, reconhecido e respeitado em todo o território nacional pelo trabalho desenvolvido ao longo dos anos.

"Tempo de Espera", sua obra conhecida, além de receber os mais significativos prêmios nacionais dedicados às Artes Cênicas apresentou-se também, sob sua direção e com elenco maranhense, na Europa, especificamente, França, Holanda e Alemanha, constituindo-se em um sucesso de público e crítica.

Recentemente, em 2007, esteve em Coimbra, Portugal, a fim de participar da estreia de "Tempo de Espera" por um grupo teatral português.

Entre sua vasta produção literária destacam-se ainda, entre outras peças, "Aves de Arribação", "O Pleito", "O Castigo do Santo", "A Arca de Noé", "O Chá das Quintas" e "A Rainha da Zona", estas últimas premiadas no Concurso Literário Cidade de São Luís - Categoria Teatro, em 1999 e 2005.

AMÉRICO AZEVEDO NETO (1943)

Nasceu em Coroatá-MA em 29 de outubro de 1943. Filho de Emílio Lobato Azevedo e Maria José Leite Azevedo. Descendente de tradicional família maranhense que muito há contribuído para o enriquecimento de nossas letras, continua com brilhantismo, essa vocação de seus antepassados.

Américo Azevedo Neto, embora seja poeta, cronista, romancista e jornalista, gosta mesmo é de ser chamado Homem do teatro. Não teatrólogo, por achar pernóstico; nem

ator que já foi, nem diretor e coreógrafo, que ainda é, mas Homem de Teatro. Na sua opinião, isso diz tudo.

No final da década de 50, começo dos anos 60 – foi mandado para Recife, onde fez Teatro. Teve, por sinal, como um dos principais professores o famoso Procópio Ferreira.

Por causa do teatro se aproximou do folclore. Na década de 70, buscando uma linguagem teatral que fosse eminentemente maranhense e que, por isso, originalmente. Fosse exportável e apta a concorrer no mercado, achegou-se à cultura popular. Fundou, então, em 1973, o Teatro de Universitários do Maranhão e, nesse mesmo ano, escreveu, coreografou e dirigiu um espetáculo a que chamou de Cazumbá – a ópera boi; uma adaptação do Bumba-Meu-Boi maranhense para o teatro, palco italiano. Um ou dois anos depois, trocou o nome: o Teatro de Universitários passou a ser a Companhia Cazumbá de Teatro e Dança.

TÁCITO FREIRE BORRALHO (1948)

Nascido em Primeira Cruz (MA), no dia 07 de agosto de 1948, vive em São Luís/MA. Doutor em Artes na Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Artes Cênicas da UFMA e Diretor Artístico da COTEATRO.

Tácito Borralho é dramaturgo, ator, diretor de teatro, carnavalesco, arte-educador e bonequeiro. Foi criador e/ou ajudou a criar grupos artísticos culturais no Recife/PE e em São Luís/MA.

Foi fundador e diretor do Grupo Armação do Recife em Recife/PE. Fundou e foi diretor do Teatro de Férias do Maranhão – TEFEMA em São Luís/MA. 1972 foi fundador e presidente do Grupo LABORARTE em São Luís/MA.

Em 1989 fundou e foi presidente da Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO, em São Luís/MA. Em 1992 – Foi idealizador, fundador e diretor do Centro de Artes Cênicas do Maranhão – CACEM, atualmente órgão da Secretaria de Estado da Cultura.

Exerceu ainda as seguintes funções: Presidente da Federação Nacional de Teatro Amador - FENATA; Presidente da Federação de Teatro Amador do Maranhão -

FETEMA; Presidente da Confederação Nacional de Teatro Amador - CONFENATA; Presidente da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB; Presidente do Centro UNIMA BRASIL-CEUB;

Autor dos Textos Teatrais Encenados:

Uma Meia para um Par de Homens (Adulto); O Espantalho e o Mágico (Infantil); João Paneiro (com Josias Sobrinho); O Cavaleiro do Destino (com Josias Sobrinho); A Festa da Clareira Maior (infantil); Era um vez, uma Ilha ou O Chocalho da Cascavel; Conversa pra boi dormir, ou, Quem Pariu Mateus, que Embale; Passos; Uma Incelência por Nosso Senhor; Gibi: o Menino que não Sabia Voar; O Skate Prateado; Viva El Rei, D. Sebastião; O Processo das Formigas; Paixão, segundo nós; Moleque Fujão; Casipet e Seu Papagaio Mágico.

WILSON MARTINS (1951)

Wilson José Martins nasceu em São Luís em 30 de janeiro de 1951, ludovicense, é dramaturgo, ator, diretor e autor dos livros de contos *Semáforo do Tempo*, *Candelabro de Deus* e coautor do ensaio *História da Imprensa Oficial no Maranhão*. Dentre seus textos encenados figuram: *A Encruzilhada*; *Joselito – o palhacinho da alegria*; *Vazio de 7 Palmos* e assina a dramaturgia de *Vela ao Crucificado* e *O pastelão e a torta* (de autor desconhecido).

LIO RIBEIRO (1962)

Lio Ribeiro - (José Carlos Ribeiro Martins) – nascido em 25 de outubro de 1962 é Dramaturgo, Ator e Diretor Teatral. Mestre em Artes (UFMA), graduado em Artes Cênicas (UFMA); graduado em Jornalismo (UFMA); graduado em Filosofia (UFMA). É professor de Teatro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Também foi professor do Centro de Artes Cênicas do Maranhão (CACEM).

Iniciou sua trajetória artística na década de 1980. Em meados da década de 1990 manteve em funcionamento, com recursos próprios, o Teatro Ganzola, instalado em um sobrado da rua do Giz, Praia Grande (centro histórico da capital maranhense

Já recebeu, entre outros, os prêmios Arthur Azevedo (teatro), no XXII Conc. Lit. Art. Cidade de São Luís (1996); Prêmio Antônio Lopes (pesquisa) - 2º lugar. Prêmio Arthur Azevedo (teatro), no XXVIII Conc. Lit. Art. Cidade de São Luís (2002). Com peça “Greve de Sexo”, do grupo Upaon-Açu (CEFET-MA), recebeu o prêmio de Melhor Espetáculo do Festival Maranhense de Teatro (2002).

ANTONIO CHARLES DE MELO PEQUENO (1963)

Nasceu em Presidente Dutra - MA, em 20 de setembro de 1963. Ator, dramaturgo e diretor de teatro e cineasta, graduado em teatro pela UFMA.

Recebeu o Prêmio Arthur Azevedo, Concurso Cidade de São Luís com a peça “Toilet”. Até o momento dirigiu onze peças, duas curtas e uma longa-metragem.

INALDO LISBOA (1964)

Francisco Inaldo Lima Lisboa. Maranhense, nascido em Itapecuru-Mirim, em 22 de julho de 1964. Graduiu-se em Educação Artística, com habilitação em artes cênicas, pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA e em Letras pelo Uniceuma. É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira e Mestre em Ciências, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Desde 2015 é diretor Geral pro tempore do IFMA Campus Itapecuru Mirim.

Entre suas inúmeras obras, destacam-se as peças teatrais Nossa Velha Canção (1996); Babaçu is Business (1999); Moderniscravizando (2006); Os órfãos de Ayrton Sena (2004); Transgênicosornot Transgênicos (2005); Um grito vindo do Rio Itapecuru (1997), É fogo (2009) entre outras. São também de sua autoria as peças Que Espetáculo é Esse? (1987) e O Filme de Ontem (1988). Escreveu ainda Caminhos de Pedra Miúda, a partir de uma pesquisa sobre a história da cidade de Itapecuru-Mirim, texto encenado várias vezes pelo TEIt (Teatro Experimental Itapecuruense), grupo fundado por ele em 1982. É membro fundador da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes (AICLA) e é associado à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT.

LAUANDE AIRES (1979)

Nascido em 1979, hoje com 40 anos, é natural de São Luís, ator, dramaturgo, diretor e compositor. Formado pelo Centro de Artes Cênicas do Maranhão e graduado em Licenciatura em Teatro – UFMA. Atua há 25 anos, dos quais 15 foram destinados aos grupos Xama Teatro e Santa Ignorância Cia de Artes. Foi diretor do Teatro Alcione Nazareth (2007-2009) e um dos organizadores da Semana do Teatro no Maranhão (2007-2011). Entre os seus principais textos destacam-se “O Miolo da Estória” (2010), “A Carroça é Nossa” (2013) e Atenas: mutucas, boi e Body” (2017), todos ainda em repertório e já apresentados em todas as regiões do país através dos projetos Myriam Muniz (2012), Palco Giratório (2013 e 2016) e Projeto Amazônia das Artes (2015 e 2018).

IGOR NASCIMENTO (1987)

Diretor, dramaturgo e roteirista, Igor Nascimento é formado em Letras com Habilitação em Literatura e Língua Francesa, com mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura e, atualmente é doutorando em Artes da Cena no Instituto de Artes da Unicamp com pesquisa que relaciona o drama contemporâneo e a montagem cinematográfica. Dramaturgo, Roteirista e Diretor, assina o texto e a direção das peças: De Assalto (2010), Um Dedo por Um Dente (2011, melhor cenário e melhor ator Prêmio SATED 2011), Dona Derrisão (2013, melhor cenário Prêmio Sated 2013) – todas do grupo PetiteMort, do qual é membro fundador – e também: A Vida Por Fio (2014, Festival Internacional de Home Theatre de Cenas em Casa, no Rio de Janeiro) e As Três Fiandeiras (Prêmio Nascente 2015 [SP], Sesc Amazônia das Artes 2017), em parceria com o grupo Xama Teatro; e Atenas: mutucas, boi e body (Prêmio Miriam Muniz 2015) em coautoria com Lauande Aires (realização dos grupos Santa Ignorância, Pisa Firme e PetiteMort). Em 2018 é contemplado pelo Rumos Itaú Cultural, produzindo e dirigindo nove radio dramas pelo projeto Fôlego Curto-Dramas para ouvir. Os livros publicados são O Assassinato de Charlenne e As Três Estações da Loucura, ambas premiações do Plano Editorial Gonçalves Dias 2009. Em 2015 lança, contemplado pelo edital de Patrocínio do Banco da Amazônia, Caras-Pretas, e em 2017, pela Edital de Literatura da FAPEMA, lança o livro Fôlego Curto com 9 peças curtas escritas entre 2012 e 2016.



São Luís - MA - Brasil
www.edufma.ufma.br





COLETÂNEA TEATRO DO MARANHÃO, além de catalogar o acervo dramático, tem o compromisso de reavivá-lo a cada leitura ou encenação. Os textos escritos para a cena teatral são aqui considerados, sobretudo, como fonte de informações valiosas sobre a época, os costumes e os traços culturais e identitários dos povos que aqui habitam.

Uma das peças de Mariana Luz, escritora itapecuruense, a exemplo da obra do autor marajoara Tenreiro Aranha, que faz parte da edição da coletânea paraense, consta nesta como reconhecimento da sua vida artística e literária ter sido passada em Itapecuru Mirim, e ter despontado como a primeira mulher a empreender na arte da dramaturgia e ter construído seu próprio teatro, no interior do Maranhão. Desde então, quantos dramaturgos existiram, quanto produziram, quanto foi perdido, o que ainda resta? Não importa somente quanto. O que importa é que essa memória não pode ser apagada. As novas gerações têm o dever e o direito de conhecê-la e estudá-la.